

Gêneros e Tipos Textuais

A COMUNICAÇÃO HUMANA: NOÇÕES DE LINGUAGEM E LÍNGUA

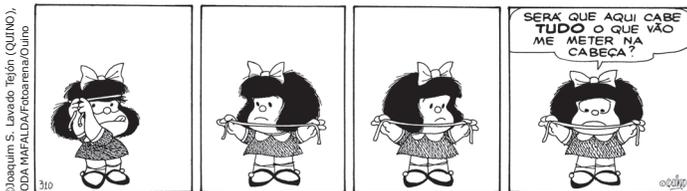


Para que possamos iniciar nossos estudos acerca do texto, seus tipos e gêneros, é necessário que entendamos um pouco o processo de comunicação humana e o uso das linguagens.

A **linguagem** que utilizamos para nos comunicar é produto de uma cultura e, por isso, pode ser transmitida através das gerações; é considerada uma “capacidade humana”, ou seja, um fenômeno pelo qual nos caracterizamos como “seres sociais racionais e reflexivos”. Essa linguagem está presente nos sujeitos como uma expressão dos sentimentos (gestos, olhares, posturas), nas realizações simbólicas determinadas (cores, sinais gráficos, sons, desenhos, imagens) e no uso do verbo (a palavra oral ou escrita).

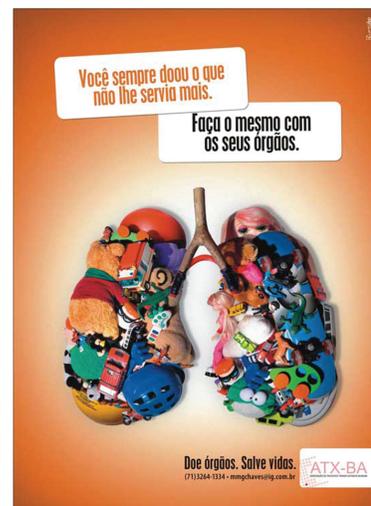
A **língua**, por sua vez, é a forma verbal de linguagem, própria de determinada comunidade e um dos instrumentos de interação sociocomunicativa, já que se vincula diretamente às nossas práticas sociais e aos papéis que ocupamos na sociedade. Ela se materializa por meio de estruturas sintáticas e morfológicas; mas, muito mais que isso, traz consigo raízes históricas e culturais, varia no tempo, no espaço, nas diferenças sociais e se constrói e reconstrói pela ação dos seus falantes.

Muitas vezes, para que o sentido pretendido pelo enunciador, falante de uma língua, seja alcançado, é necessária a combinação das linguagens verbal e não verbal, como é o caso do exemplo a seguir.



Nessa tirinha da Mafalda, personagem criada pelo quadrinista argentino Quino, as linguagens verbal e não verbal se complementam. O leitor cria uma pequena narrativa enquanto “lê” as imagens. Nos três primeiros quadrinhos,

a personagem aparece medindo a própria cabeça e não há nenhuma indicação verbal do que ela esteja fazendo, a imagem é que deve abarcar todos os sentidos. No último quadrinho, em que há presença de linguagem verbal, Mafalda se questiona a respeito da própria capacidade de apreender as informações que serão transmitidas a ela durante a vida. Se esse quadrinho fosse retirado, certamente o leitor teria dificuldade em compreender o sentido pretendido, já que o desfecho e a crítica feita pelo quadrinista sobre o excesso e a superficialidade das informações estão na fala da menina. Essa heterogeneidade linguística é um elemento típico dos quadrinhos, das charges, dos cartuns e da publicidade de maneira geral, como veremos nos exemplos a seguir.



O texto anterior é o anúncio de uma campanha que tem como objetivo conscientizar a população sobre a doação de órgãos. Se no anúncio houvesse apenas o texto escrito, certamente o leitor compreenderia o sentido pretendido pela instituição. Contudo, a imagem de pulmões humanos construídos com roupas e brinquedos usados e descartados causa no interlocutor um impacto muito maior, pois a relação de sentido é construída rapidamente. No Brasil, a doação de órgãos ainda é pequena, devido à existência de tabus que minimizam essa prática. Dessa forma, há, nessa campanha, certo apelo emocional, uma vez que a doação dos órgãos humanos é comparada à de objetos sem uso para alguns, mas que podem ser úteis para outros, tanto que as pessoas já estão habituadas a doá-los. Nesse sentido, está implícito que, após a morte, os órgãos não “servem” mais a quem os possuía e, por isso, podem ser doados.



Texto: "Agora você vê." / "Agora não."

Já o exemplo anterior apresenta uma campanha contra o consumo de álcool por quem dirige, patrocinada por uma marca de automóveis. Para compreender essa propaganda, o leitor precisa mobilizar vários conhecimentos, a fim de construir o significado pretendido. Nela, há a imagem de duas latas de cerveja, que representam os retrovisores de um carro. No primeiro quadro, a lata / retrovisor reflete a imagem de uma bicicleta, que estaria atrás do veículo cujo retrovisor é representado. No segundo, a lata aberta indica que o motorista consumiu a bebida contida ali. Nesse momento, a imagem da bicicleta não aparece mais, indicando que, ao ingerir uma bebida alcoólica, os sentidos do motorista ficam comprometidos e ele passa a não mais enxergar os veículos que transitam ao seu redor, podendo provocar, por isso, algum acidente. No plano verbal, os dizeres "agora você vê" e "agora não" indicam essa alteração causada pela bebida. Tais inferências são acionadas rapidamente e permitem ao leitor apreender o sentido pretendido no texto.



Quando nos comunicamos, fazemo-lo por alguma razão, com algum objetivo, porque temos algo a dizer a alguém e esperamos ser compreendidos. Dessa maneira, para que a comunicação se efetive, é necessário que a mensagem faça sentido, não só para quem a está produzindo, mas também para quem a está recebendo.

Essa ideia de língua como instrumento de interação social pode ser reconhecida na tirinha anterior, em que o garoto Calvin diz para o seu pai que a língua não é fixa e qualquer palavra pode ter qualquer significado, dependendo de quem a usa. Logo, como o pai não entenderá o significado das palavras que ele inventou, não poderão mais se comunicar. Por outro lado, o garoto não sabe que o pai também é detentor de um conhecimento linguístico que ele não compreende (gírias antigas, por exemplo). Isso mostra como a língua é mutável, adaptável, e como a sua apreensão é importante na interação sociocomunicativa.

A flexibilidade da língua, que se adapta às situações comunicativas nas quais ela se realiza, relaciona-se com a função exercida pela linguagem na construção de sentidos no mundo. No poema a seguir, de Manoel de Barros, o tema da atribuição de sentidos pela língua é abordado de maneira poética, por meio de metáforas. Leia-o.

Canção do ver

Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave
O menino pegou um olhar de pássaro –
Contraíu visão fontana.
Por forma que ele enxergava as coisas
por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra.
E tal.
As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era
só abrir a palavra abelha e entrar dentro
dela.
Como se fosse infância da língua.

CANÇÃO DO VER – In: Poesia Completa, de Manoel de Barros,
Leya, São Paulo © by herdeiros de Manoel de Barros.

Nos versos de Manoel de Barros, a língua é utilizada por um menino que, por ter visão de ave, consegue absorver as coisas em sua essência, seus significados primeiros, e, a partir daí, criar seus próprios sentidos de mundo (“Pedra não era ainda a palavra pedra. / [...] Por forma que o menino podia inaugurar. / Podia dar às pedras costumes de flor.”), da mesma forma que Calvin se propõe a fazer na tirinha analisada, porém com objetivos diferentes. Na tirinha, há a intenção de prejudicar a comunicação, ao passo que, no poema, o ato de atribuir novos sentidos às coisas do mundo remete à ideia de “infância da língua”, que retoma exatamente o seu caráter maleável e as diversas possibilidades enunciativas proporcionadas pela linguagem nas infinitas situações sociocomunicativas.

Diante disso, podemos afirmar que a interação social se realiza a partir de um **discurso**, que se concretiza em forma de **texto (oral ou escrito)**, no qual são realizadas várias atividades linguísticas, cognitivas e sociais, que devem estar adequadas ao contexto sócio-histórico-cultural-comunicativo, à posição social dos interlocutores, à formalidade (ou não) da situação, ao meio de circulação e, por fim, à forma que esse texto terá.

Portanto, o texto configura-se como o lugar em que se constitui um jogo interativo, e sua compreensão pode ser vista como uma atividade complexa de construção de sentidos, pois, para sua produção, são ativadas as estruturas linguísticas adequadas, a organização e a forma selecionadas, além dos conhecimentos (do autor e do leitor) construídos, ou reconstruídos, a partir e para o evento comunicativo.

Segundo Ingedore Koch, para que o sentido seja estabelecido nesse jogo comunicativo, algumas peças são fundamentais:

- o **locutor (autor)**, que, diante do que pretende dizer, seleciona as estratégias de organização do texto, direcionando e orientando o seu interlocutor para os caminhos que o levem ao sentido esperado;
- o **texto** propriamente dito, sua composição e forma de organização;
- o **interlocutor (leitor ou ouvinte)**, que, diante das pistas deixadas no texto, dos conhecimentos mobilizados ou adquiridos e do contexto, pode ser capaz de construir os sentidos que concretizam a comunicação.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. [Fragmento]

Diante disso, pode-se afirmar que usar a língua é uma forma de interagir com o outro, de agir socialmente, e isso só acontece por meio de textos.

**O que é língua**

Nessa videoaula, vamos discutir os diferentes conceitos de língua.

SWW1

FATORES DE TEXTUALIDADE

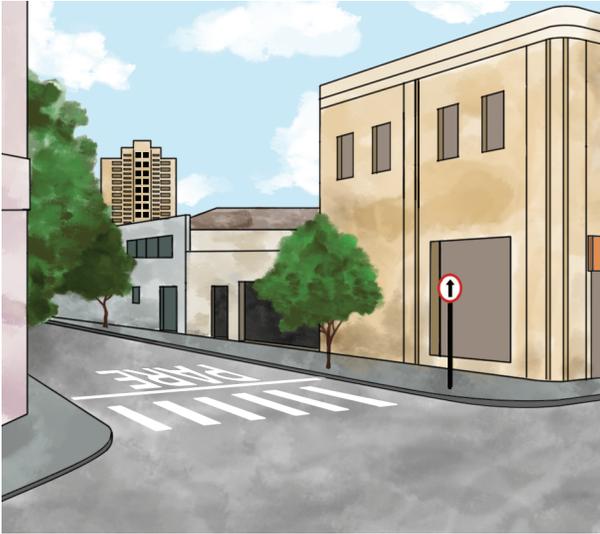
Para que um texto não seja um conjunto aleatório de frases organizadas em uma sequência qualquer, ele deve obedecer a critérios de textualização. Assim, denomina-se **textualidade** o conjunto de características que permitem que o texto seja um texto, e não um amontoado de frases.

Cada texto abrange uma série de recursos, de estratégias, de relações e de princípios para e na sua produção.

De acordo com Koch, um deles é o princípio **interacional**, que, como já vimos, é o diálogo, a reciprocidade comunicativa. O outro princípio é o da **intencionalidade**, ou seja, sempre que falamos ou escrevemos, fazemo-lo para alguém e por algum motivo e esperamos que o outro entenda e aceite o que propomos (**aceitabilidade**). Para que isso aconteça, é necessário que a situação de interação comunicativa seja satisfatória (**situacionalidade**), que o outro tenha as informações prévias ou algum conhecimento que o faça entender a mensagem enviada (**intertextualidade**) e que a mensagem traga informações e acrescente conhecimento ao interlocutor (**informatividade**). É importante também que o que for dito esteja interligado, com elementos que se relacionam de forma compreensível (**princípio da coesão**) e que os sentidos e as ideias sejam claros (**princípio da coerência**).

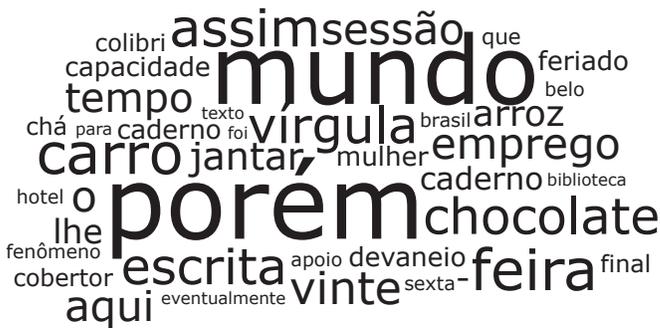
KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016. [Fragmento]

Para exemplificarmos o que foi dito, observemos os exemplos:



A imagem anterior representa a mensagem estabelecida por meio da palavra “Pare”, que, muito mais que um verbo no modo imperativo afirmativo ou uma palavra que signifique “detenha” ou “interrompa”, é um aviso ao motorista de que ele deve fazer uma parada obrigatória por alguns instantes, a fim de observar se algum outro veículo se aproxima ou deixar um pedestre passar. Contudo, seria aceitável esse aviso no chão apenas se não houvesse outra placa com uma seta, indicando a mão única da rua, conforme se vê na imagem.

Nesse caso, o texto está correto, é socialmente compreendido, mas a sua função e seu sentido na situação comunicativa são inadequados, e a sinalização pode provocar acidentes, em vez de preveni-los.



Na imagem anterior, por sua vez, há um amontoado de palavras sem qualquer organização sintática ou semântica que possa fazer sentido. Como um texto não é construído apenas das suas estruturas linguísticas, mas das relações cognitivas, sociais e interacionais mediadas por ele, não podemos, num primeiro momento, classificar esse conjunto de palavras como texto, pois não há o que ser dito, não existe alguém para dizer nem um possível leitor.

Assim, por não ser coeso, coerente e não apresentar bom nível de informatividade, não haverá, também, por parte de possíveis interlocutores, sua aceitabilidade. Contudo, se o contexto no qual esse conjunto fosse veiculado deixasse entrever uma intenção comunicativa (um anúncio publicitário ou a apresentação de palavras-chave acerca de determinado tema em um seminário, por exemplo), ele passaria a ser considerado um texto, pois atenderia ao princípio da intencionalidade.

Em textos de natureza mais artística e criativa, como os literários e os publicitários, é comum a subversão ou a desconstrução de um ou mais fatores de textualidade quando há a intenção de criar possibilidades semânticas e interpretativas que instiguem, ou mesmo desafiem, o interlocutor de um texto. O trecho da crônica a seguir, de Carlos Drummond de Andrade, é exemplificativo desse caráter subversivo dos textos literários. Leia-o.

O que se diz

Que frio! Que vento! Que calor! Que caro! Que absurdo! Que bacana! Que tristeza! Que tarde! Que amor! Que besteira! Que esperança! Que modos! Que noite! Que graça! Que horror! Que doçura! Que novidade! Que susto! Que pão! Que vexame! Que mentira! Que confusão! Que vida! Que talento! Que alívio! Que nada...

Assim, em plena floresta de exclamações, vai se tocando pra frente. Ou para o lado. Ou para trás. Ou não se toca. Parado. Encostado. Sentado. Deitado. De cócoras. Olhando. Sofrendo. Amando. Calculando. Dormindo. Roncando. Pesadelando. Fungando. Bocejando. Perregando. Adiado. Morrendo.

Em redor, não cessam explosões interjetivas. Coitado! Tadinho... Canalha! Cachorro! Pilantra! Dedo-duro! Bandido! Querido! Amoreco! Peste! Boneco! Flor!

E vêm outras vozes breves, no vão do vaivém:

[...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. O que se diz. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *O poder ultrajovem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 99. [Fragmento]

A enumeração aparentemente desordenada de expressões, em cada um dos parágrafos, sem termos que estabeleçam entre elas e o todo relações de sentido, contrariando os princípios da informatividade e da coesão, colabora para a crítica ao esvaziamento dos discursos e à banalização da linguagem.

IMPLÍCITOS TEXTUAIS

Inferência

Quando se pensa em questões de interpretação de textos, que exigem do leitor julgar, por exemplo, as informações atinentes ou não ao texto lido, percebe-se que nem sempre é possível fazer a leitura facilmente. As informações presentes nos textos podem ser categorizadas entre **explícitas** – aquelas colocadas de forma clara e evidente na superfície textual – e **implícitas** – as que não se mostram na superfície, mas que exigem do leitor manobras intelectuais para serem vistas, reveladas. Em casos como este que está a dificuldade de compreensão das questões do Enem e de outros vestibulares. Dada a dificuldade para enxergá-las, será o foco desse capítulo a leitura das informações implícitas.

Ler implícitos textuais dialoga intimamente com a habilidade de inferir. A inferência é um mecanismo de conclusão, de dedução, por meio das pistas textuais, as quais se mostram em elementos linguísticos, no contexto em que o texto foi escrito, no estilo intrínseco ao autor, no gênero textual e na tipologia predominante, entre outros fatores.

Pressupostos e subentendidos

A seguir são apresentados os dois mecanismos principais de implicação, para que sejam analisadas quais são as leituras impossíveis, as possíveis e as eventualmente possíveis em um tecido textual. São dois os implícitos principais: o **pressuposto** e o **subentendido**.

Pressupostos

Os pressupostos são informações presentes no texto reveladas por mecanismos linguísticos, ou seja, há na superfície da escrita elementos que instauram leituras paralelas (muitas vezes as mais importantes), por trás de sua forma. A esses elementos dá-se o nome de marcadores de pressuposição. Por exemplo, ao lermos a frase “Pedro tornou-se triste”, lê-se explicitamente que Pedro é, no momento atual, um sujeito triste e, implicitamente, que Pedro, antes, não era triste. Essa segunda leitura é comprovada no texto pela presença do verbo “tornar-se”, uma vez que não se torna (transforma-se) algo que já se era. Esse verbo instaurou, assim, uma leitura paralela, pressuposta, isto é, comprovada por elementos linguísticos no texto. Advérbios, adjetivos e alguns verbos são marcadores de pressuposição, bem como algumas estruturas sintáticas e alguns mecanismos de pontuação.

Subentendidos

Os subentendidos, por sua vez, não apresentam elementos na superfície do texto. As informações revelam-se por meio de insinuações, isto é, dão a entender, estão mais numa identidade sociocultural. Dizemos, assim, que, enquanto o pressuposto é comprovado pelo texto, o subentendido é uma leitura possível, porém não comprovada.

Este está no plano da responsabilidade do leitor, aquele está na responsabilidade do autor, que deixa as pistas – os marcadores de pressuposição – no texto.

No exemplo anterior – “Pedro tornou-se triste” –, seriam subentendidos todos os fatores sabidos socioculturalmente que mobilizam a tristeza em um sujeito, a saber, a perda de um ente querido, o fim de um relacionamento afetivo, a reprovação em exame de direção, a depender do contexto em que a frase foi enunciada. Por exemplo, imaginemos que essa frase fosse dita na seguinte situação:

- “Maria, meu irmão Pedro tornou-se triste. Ele fez exame de direção ontem. Ele se tornou uma pessoa triste.
- Coitado, Ana, foi reprovado?
- Na verdade, não. **Mas nem** a aprovação o fez feliz; anda triste desde que vovó faleceu.”

Percebemos que nesse diálogo há uma expectativa de leitura inicial que não se sustenta no fim da narrativa. O contexto da primeira fala leva tanto nós leitores quanto a personagem Maria a entender que Pedro teria sido reprovado; há uma forte insinuação para isso. Percebemos, entretanto, que não há marcas linguísticas evidentes que sinalizam a reprovação, não há pressupostos. Tanto é assim que a expectativa é quebrada, já que na verdade a tristeza se relaciona à perda do ente querido, e não à reprovação, a qual nem existiu, pois Pedro foi aprovado. Na última fala, porém, há um pressuposto, o de que era esperado que a aprovação do exame revigorasse a alegria (por meio da superação da tristeza) no sujeito Pedro; a personagem usa a expressão “mas nem”, instaurando esse pressuposto.

Esse tipo de conceito é importante para o leitor diferenciar aquilo que vem do próprio texto, porque está nele marcado, daquilo que vem de fora do texto, porque o leitor precisa, por exemplo, acrescentar informações a partir de um conhecimento de mundo ou observar o contexto e o modo como a informação está sendo transmitida. Analisemos os textos a seguir para firmar o conteúdo.

Texto I



A imagem anterior ilustra bem a ideia de que a comunicação acontece, frequentemente, mais por aquilo que está implícito ou insinuado que por aquilo que está explícito ou na superfície do texto. O autor desse texto define subjetivamente o sentimento amoroso e, por meio do marcador de pressuposição “mesmo quando”, leva-nos a inferir (pressupor, nesse caso) que irritabilidade não é, de fato, um estorvo à prática do amor. A locução “mesmo quando” tem valor concessivo, isto é, suaviza uma contradição: poderíamos esperar que, ao estarmos com raiva, zangados, não nos preocuparíamos com o cuidar do outro; o sentimento amoroso, entretanto, anula essa ideia ao sempre exigir estar atento ao outro. Disso, surge uma insinuação, um subentendido, o de que o amor é talvez um sentimento mais nobre. Essa ideia está subentendida porque não conseguimos atestar ter sido de fato a intenção de quem elaborou o texto. Socioculturalmente, contudo, a leitura, a interpretação, é permitida.

Texto II



APADRINHE. IGUAL AO JOÃO, MILHARES DE CRIANÇAS TAMBÉM PRECISAM DE UM MELHOR AMIGO, SEJA O MELHOR AMIGO DE UMA CRIANÇA.

Nesse texto, temos a inferência por pressuposição e por subentendido. O pressuposto é mostrado na ideia de que João (metonímia para crianças pertencentes a classes pouco abastadas economicamente) tem acesso a bem menos pertences físicos, como comida, e abstratos, como carinho, que o cachorro Leco. O espaço em branco no suporte é marcador do pressuposto, pois, ao compararmos ao espaço destinado ao cão, percebemos que este está cheio de itens. Podemos subentender que há uma crítica social mirada na forma como as pessoas têm tratado seres humanos e animais. Essa crítica é subentendida porque, apesar de ser possível interpretá-la, não temos garantia de ter sido essa a intenção efetiva do autor. Por exemplo, ele pode estar simplesmente querendo mobilizar no leitor o exercício de alteridade em relação às crianças mais pobres, ao insinuar que os animais têm mais coisas que elas.

Uma leitura inadmissível aqui seria a que interpretasse que o autor do texto defende que cachorros não precisam acessar tais bens. Inadmissível porque, no texto que finaliza a campanha – “Apadrinhe. Igual ao João, milhares de crianças também precisam de um melhor amigo. Seja o melhor amigo de uma criança.” –, o advérbio “também” deixa pressupor que as crianças precisam desses pertences, assim como os cães, ou vice-versa. Em outras palavras, o autor não quer retirar os bens dos cães, mas mostrar que são necessários também às crianças. O autor, ainda, ao colocar como melhor amigo qualquer cidadão (e não o cachorro, como é feito no senso comum), leva-nos a inferir (por subentendido) que possibilitar à criança o acesso a bens (inclusão social) é uma atitude amiga, altruísta, por isso digna.

Muitos são os caminhos para a construção eficiente da interpretação de textos. A figuratividade e a implicação estão nos textos independentemente do gênero. Interpretar, obviamente, envolve muitos outros conhecimentos, como já dito. Quando falamos sobre redação, por exemplo, explanamos sobre vários conceitos, como tese, argumentos, coesão, coerência, fatores de textualidade, etc., tudo de maneira a concorrer para uma leitura eficaz de textos. O importante é que o leitor, quando colocado sob o teste de questões, fique atento aos aspectos linguísticos e ao recorte sinalizado pelos enunciados. Quando nos perguntam, por exemplo, sobre inferência, a análise será mais abrangente do que se tivessem nos perguntando especificamente sobre pressuposição. É importante, enfim, estar sempre lendo, sejam jornais com sua multiplicidade de gêneros, sejam as manifestações artísticas – cinema, literatura, música, teatro –, tudo como forma de adquirir amplo repertório para perceber as figuras, os temas, os pressupostos e os subentendidos, bem como o universo interpretativo de informações a que esses conceitos nos conduzem.

OS GÊNEROS TEXTUAIS

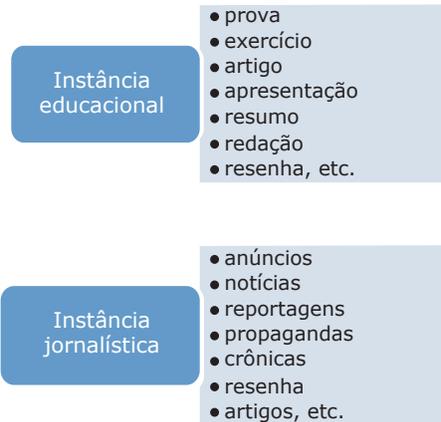
Conforme estudamos até agora, a língua é produto das ações e interações sociais e históricas e materializa-se por meio de textos, os quais nem sempre são os mesmos para cada situação sociocomunicativa. Assim, para cada situação de comunicação, há uma organização textual diferente, tendo em vista a adequação à circunstância de uso, ao propósito comunicativo, ao contexto em que os textos são produzidos. A essas produções verbais, ilimitadas, como são as práticas sociais, e consideradas “relativamente estáveis”, dá-se o nome de **gêneros textuais**.

Na prática, porém, o que são gêneros, como funcionam, por que são “ilimitados” e “relativamente estáveis”?

Já observamos que toda a nossa vida é permeada por eventos comunicativos e que, para cada um deles, há uma intenção, um sujeito a quem nos direcionamos, uma situação na qual nos inserimos e uma maneira com a qual transmitimos a mensagem. Então, sempre que ocorre uma comunicação verbal, oral ou escrita, ela se enquadra em um gênero.

São gêneros textuais orais: a palestra, a aula, o sermão, o discurso político, as reportagens de telejornais, o programa de rádio, as conversas telefônicas e outros que utilizem a forma oral de interação. São gêneros textuais escritos: a carta, um aviso, o relatório, a bula de remédio, a receita médica, o extrato bancário, o mapa, o infográfico, a certidão de nascimento, enfim, uma quantidade ilimitada de possibilidades discursivas.

Os gêneros se constituem pela necessidade da coletividade, são maleáveis, adaptáveis, dinâmicos, situacionais, históricos, e se materializam em instâncias ou domínios discursivos. Veja um exemplo de duas das inúmeras instâncias sociais e os gêneros que nelas são produzidos, que se caracterizam principalmente por seus aspectos sociocomunicativos e funcionais, o que os fazem reconhecidos e nomeados, compreendidos e aceitos na comunidade discursiva.



Como podemos perceber, existem dentro dessas instâncias (ou domínios discursivos) gêneros em comum, como o artigo e a resenha. Eles podem aparecer nas duas, entretanto, possivelmente vão apresentar uma ou outra característica diferente, e já que estarão circulando em outro meio, talvez tenham outro propósito comunicativo ou precisem adequar o estilo de linguagem ao público e à situação. Essa adaptação à situação em que são produzidos é o que faz os gêneros textuais serem “relativamente estáveis”. Mesmo adaptados a outras condições, eles ainda serão reconhecidos e aceitos como um gênero textual determinado. Observe os dois textos a seguir:

Texto I

enviar → apagar ✕ salvar 📁

Para: caio.sousa@mtptecnologias.com.br; sofia.pereira@mtptecnologias.com.br; maria.clara@mtptecnologias.com.br

Cc: sandra.albuquerque@mtptecnologias.com.br; gustavo.vaz@mtptecnologias.com.br

Assunto: Reunião de planejamento primeiro semestre 2018

Prezados analistas,

A reunião marcada para quinta-feira, dia 19/10, foi adiada para a próxima quarta-feira, dia 25/10, pois a Coordenação estará participando de um treinamento para gestores em São Paulo.

Seguem, ainda, novo local e horário:

Sala de Reuniões IV (terceiro andar)

Das 14:00 às 16:00

Atenciosamente,

Fabírcia Borges

Coordenadora de Marketing

MTP Tecnologias

Texto II

enviar → apagar ✕ salvar 📁

Para: marine@provedor.com.br; tati@provedor.com.br; joana@provedor.com.br

Cc:

Assunto: Trabalho de literatura

Anexo: Trabalho_de_literatura_parte_Luana.docx

Meninas! Tudo bem com vcs?

Tô enviando minha parte no trabalho de literatura, tá?

N consegui escrever grandes coisas pq esse livro é complicado demais :p

Mas sei q vcs vao fazer coisas lindas <3 e salvar nossa apresentação q já é quinta :O n se esqueçam!!!

Bjs!

Luh

Os dois textos representam o gênero textual digital / virtual *e-mail*. O que possibilita esse reconhecimento são os atributos próprios desse gênero textual e que o caracterizam: a **forma composicional**, ou seja, a recorrência de estruturas semelhantes, como o endereço dos destinatários, o uso de vocativo e assinatura, a delimitação de um assunto. Contudo, os textos se distanciam quanto ao **estilo**, que é a linguagem adequada à situação de produção, que, no primeiro caso, é formal, por se tratar de um contexto institucional, e, no segundo, é informal e apresenta traços da linguagem comumente utilizada na Internet, como as abreviações, o uso de *emoticons* e a proximidade com o registro oral nos usos de “tô” e do marcador “tá”. Nota-se que a organização textual desempenha a função de modelar o gênero, enquanto o contexto de produção guiará as escolhas relacionadas à linguagem. Por exemplo, os gêneros presentes em documentos públicos, cartoriais, de registros (como os escolares, matrículas, lista de presença, boletins e as certidões) possuem características mais controladas, o que quer dizer que sofrem menos interferência de quem os produz. Outros gêneros, por sua vez, possuem características mais flexíveis (principalmente as de estilo) e podem sofrer interferências do seu autor. Alguns desses gêneros são a crônica, o conto, a piada, o bilhete e o próprio *e-mail*.

Hibridização dos gêneros textuais

Outra propriedade dos gêneros textuais é a sua capacidade de hibridização. Como eles não são puros e sofrem influência do contexto em que são produzidos, do sentido que querem provocar e do seu propósito comunicativo, podem apresentar uma “aparência” diferente daquela esperada. Por isso, muitas vezes, deparamo-nos com alguns textos com a “cara” de outros. Esse novo jeito de apresentar um gênero pode ser relativo ao estilo, à composição ou ao **suporte** (lugar físico – ou virtual, no caso de gêneros digitais – em que os gêneros se encontram).

Um exemplo disso é a “Carta-Poema”, de Manuel Bandeira, em que o poeta, contrariando a composição do gênero adequado ao seu propósito (uma carta, uma solicitação), escreve um poema ao prefeito pedindo vistoria e limpeza do pátio do apartamento em que mora. Observem a escolha das palavras para conseguir desenvolver a temática no estilo formal e respeitoso exigido pela situação comunicativa com o interlocutor em questão.

Carta-Poema

Excelentíssimo Prefeito

Senhor Hildebrando de Góis,

Permiti que, rendido o preito

A que fazeis jus por quem sois,

Um poeta já sexagenário,

Que não tem outra aspiração

Senão viver de seu salário

Na sua limpa solidão,

Peça vistoria e visita

A este pátio para onde dá

O apartamento que ele habita

No Castelo há dois anos já.

[...]

Excelentíssimo Prefeito

Hildebrando Araújo de Góis

A quem humilde rendo preito,

Por serdes vós, senhor, quem sois!

Mandai calçar a via pública

Que, sendo um vasto lagamar,

Faz a vergonha da República

Junto à Avenida Beira-Mar!

BANDEIRA, Manuel. Carta-Poema In: BANDEIRA, Manuel.
Manuel Bandeira: Antologia Poética. Rio de Janeiro:
 Nova Fronteira, 2001. p. 221.

Entretanto, não é só na Literatura que encontramos essa subversão tipológica. Nos gêneros do nosso cotidiano, também ocorre essa constituição híbrida com a intenção de provocar efeitos de humor, de surpresa, de criatividade, ou, ainda, para chamar a atenção do leitor, como no exemplo a seguir.

Sr. Prefeito, junte-se a nós na luta contra a dengue. A sua participação é fundamental.

A dengue é um dos grandes desafios que enfrentamos na área de saúde no Brasil, mas, felizmente, é possível controlá-la. Para isso, é necessário que os governos estaduais e municipais e o governo federal trabalhem juntos. Nesse sentido, a sua atuação como prefeito é fundamental. Organize mutirões, envolvendo líderes comunitários da sua cidade, para lutar contra a dengue. No site www.combatadengue.com.br há todas as informações necessárias para auxiliá-lo, inclusive com materiais para *download* de uso livre. A mobilização social é a chave para o sucesso no combate à dengue.

Secretarias Estaduais
e Municipais de Saúde

SUS 20 ANOS

Ministério
da Saúde

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Divulgação

Esse texto é uma campanha contra a dengue que foi redigida em forma de carta, tendo como remetente o Governo Federal e, como destinatários, prefeitos de cidades brasileiras. Ela apresenta uma linguagem clara e objetiva, como se fosse dirigida a um gestor em especial. Da metade do texto em diante, o tom é mais imperativo, indicando o que deve ser feito e de que forma. Essa campanha é uma maneira de chamar a atenção da população para o fato de que o controle da doença é fator social, de responsabilidade de cada município, e, ainda, de induzir os cidadãos a cobrarem da prefeitura ações efetivas.

OS TIPOS TEXTUAIS

A maioria dos falantes de uma língua, pertencentes a determinado grupo social, sabe como é uma consulta e como será redigida uma receita médica, conhece a estrutura de uma carta, a forma de uma conta de luz, como cumprimentar alguém, iniciar uma conversa ou “contar um caso”. Sendo assim, cada redator ou produtor de um gênero textual, por conhecer sua estrutura básica, sabe utilizá-lo e adaptá-lo – se for necessário. Também para quem recebe esses gêneros, sua estrutura é conhecida e facilmente identificável. Observe o exemplo.



Arquivo Bernoulli. Foto: Isaaciphoto

Por isso que, ao nos depararmos com um texto como o receituário anterior, em que foi utilizada uma linguagem diferente da qual estamos habituados para o gênero “receita médica”, com a presença de elementos não verbais, como as imagens de ícones e de comprimidos, não encontramos dificuldade para identificar rapidamente o gênero. Reconhecemos as estruturas inerentes a ele, como o papel com a logomarca e a identificação do centro de saúde, os medicamentos, as dosagens e os horários em que devem ser tomados, porque esse gênero faz parte do nosso cotidiano. A adaptação feita pelo profissional foi em relação ao estilo, ou seja, à linguagem mais apropriada à situação de produção e ao interlocutor, um idoso que possivelmente teria dificuldades em assimilar e memorizar a quantidade de remédios a serem tomados em diferentes períodos do dia.

Em nossos estudos, verificamos que, para a elaboração de cada um dos gêneros textuais, utilizamos uma forma composicional. Essa estrutura é formada pelos **tipos textuais**, cada gênero pode ser composto por várias **sequências tipológicas**, e, normalmente, há a predominância de uma delas. Em uma carta, por exemplo, podem-se encontrar sequências narrativas, descritivas, expositivas, argumentativas e até injuntivas. Uma notícia, por sua vez, tem uma tipologia predominantemente narrativa, mas pode conter sequências descritivas, expositivas ou argumentativas.

As tipologias, diferentemente dos gêneros textuais, ocorrem em número limitado e são constituídas por marcas linguísticas: escolhas lexicais, aspectos sintáticos, tempos verbais e relações lógicas. Estudaremos cada uma em particular, observando suas características.

Tipo narrativo

Esse tipo de texto tem como característica as sequências que indicam ações e eventos presentes, passados e futuros, privilegiando os verbos no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, que relatam fatos concretizados, o uso de expressões que apresentem decorrência de tempo (o antes, o durante e o depois), assim como a localização dos espaços e ambientes, a referência aos seres (personagens concretos ou abstratos) e a presença de um sujeito do enunciado (narrador).

Estes são os critérios que definem a sequência narrativa: situação inicial, complicação, clímax, resolução, situação final (e moral, no caso da fábula). Para exemplificar esses critérios, analisemos a seguinte crônica escrita por Gregório Duvivier.

Conto de Natal

Gregório Duvivier / FOLHAPRESS

Meus primos já não acreditavam em Papai Noel havia muito tempo. A Barbara, minha irmã mais nova, já não acreditava em Papai Noel havia muito tempo. Eu era o último beato: era pra mim que continuavam a encenação. E que encenação.

Como o Natal era sempre na fazenda, meu avô aparecia em cima de um trenó puxado por uma rena. Era tipo Disney, só que mais real.

Pros meus amigos descrentes, eu dizia: “Vocês só conhecem aquele Papai Noel do *shopping*. É claro que aquele não existe. O que vai lá em casa é especial. Ou você acha que é qualquer velhinho que tem um trenó puxado por uma rena?”.

Já devia ter uns sete anos de idade quando percebi que tinha alguma coisa errada. Peraí. Esse trenó é uma carroça. Essa rena é um jumento. E esse Papai Noel tem os olhos do meu avô, a voz do meu avô e os dois nunca estão no mesmo lugar ao mesmo tempo. A verdade começou a ecoar como num filme: o Papai Noel é o seu avô. O seu avô é o Papai Noel. Luke, *I am your father*. Balbuciei: “Vovô?”. Ele tossiu. Cobriu os olhos. Ô-ôu.

Olhei em volta e vi que todos estavam prendendo o riso, inclusive a minha irmã mais nova. Todos sabiam de tudo. E o pior: todos sabiam que eu não sabia.

Fui correndo pro banheiro e vomitei a ceia de uma vez só. Na boca, o gosto azedo de decepção, desespero e chester com farofa de ameixa.

“Se o Papai Noel não existe, o que é que existe, então? Por que é que a Barbara não me contou que ele não existe? Será que isso quer dizer que sou mais burro que ela?”

Chorei por horas e nunca mais acreditei em nada: Papai Noel, coelhinho da Páscoa, fada do dente, Deus, o Espírito Santo, homeopatia e relacionamento aberto.

Quando via um quadro de Jesus, eu tinha vontade de puxar a barba postiça. Tadinho do vovô, acha que me engana.

Meu primo Santiago (filho dos meus primos) tem três anos de idade. Perguntaram o que é que ele ia pedir ao Papai Noel. Ele disse que não queria nada. Explicaram que o Papai Noel podia conseguir qualquer coisa que ele quisesse. Era só pedir.

Seus olhos brilharam, fascinados com tanto poder. E disse: “Então pede pra ele um empadão”.

E de repente o Natal voltou a fazer sentido. E meu avô, depois de 20 anos de férias, vai voltar a desempenhar seu papel. Acho que meu ceticismo não resiste a uma aparição na carroça, trazendo um empadão.

DUVIVIER, Gregório. Conto de Natal. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduviervier/2013/12/1389265-conto-de-natal.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2017.

A crônica “Conto de Natal” é uma narrativa que tem como situação inicial (em azul) um período da infância do narrador, em que ele ainda acredita em Papai Noel e, nos Natais em família, assistia empolgado ao avô que se fantasiava da personagem, sem que, no entanto, ele soubesse da farsa. A complicação (em vermelho) apresenta o fato que perturba o equilíbrio inicial: o narrador se dá conta de que era o avô que se vestia de Papai Noel, e que essa personagem, realmente, não existia, fato que todos sabiam, exceto ele. A sequência do clímax (em laranja) apresenta os fatos decorrentes da complicação: o narrador passa mal com a ceia devido à decepção, além de questionar a própria inteligência, uma vez que sua irmã mais nova já não acreditava em Papai Noel. A resolução (em verde) diz respeito à solução do conflito, quando o narrador se torna um indivíduo cético, que duvida de todas as coisas. Por fim, a situação final (em roxo): a suspensão da descrença ao ver o primo de três anos pedir ao Papai Noel um empadão.

Tipo descritivo

O texto descritivo é a apresentação das características de um lugar, uma pessoa (suas características físicas e psicológicas), uma situação ou um objeto, em que não há uma progressão temporal. As referências são estáticas e os verbos normalmente estão no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo. Leia os exemplos a seguir, tentando reconhecer neles os elementos da tipologia descritiva.

Exemplo 1:

Clarice Lispector em 2017: o segredo mais popular da literatura brasileira

A biblioteca Clarice Lispector, em São Paulo, é um edifício público de concreto localizado na Lapa, um bairro de classe média relativamente próximo ao centro da cidade. Tem portas amarelas e azuis por fora; por dentro, principalmente pessoas idosas sentadas em meia dúzia de mesas redondas. Quase todo mundo sabe que a tal Lispector que dá o nome ao prédio era alguém importante, embora nem todos consigam identificá-la como a escritora brasileira mais traduzida e aclamada em décadas.

AVENDAÑO, Tom C. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/20/cultura/1505923237_969591.html>. Acesso em: 28 set. 2017. [Fragmento]

Exemplo 2:

Estágio em Marketing Digital

Descrição: Estagiário ficará responsável pela curadoria de conteúdo das redes sociais de uma empresa de automóveis. Desejamos alguém com familiaridade no uso da Internet e das redes sociais Twitter, Facebook e Instagram, espírito criativo e boa escrita para criação de textos também para o blog da empresa. Desejável conhecimento dos programas Photoshop e Illustrator, além do Pacote Office. Boa comunicação, agilidade no cumprimento de prazos e metas, organização e autogerenciamento. Desejável conhecimento em inglês.

Requisitos: Estar cursando entre o 2º e o 6º período dos cursos de Design Gráfico, Jornalismo ou Publicidade e Propaganda. Disponibilidade para trabalhar das 13:00 às 17:00.

Salário: R\$ 800,00 (+ vale transporte)

Os textos anteriores são característicos do tipo descritivo por trazerem um ente descrito (um local, biblioteca Clarice Lispector; e uma pessoa, Estagiário em Marketing Digital) e as características e propriedades desse ente referencial. No exemplo 1, são descritas as características físicas da biblioteca apresentada (feita de concreto, com portas amarelas e azuis, meia dúzia de mesas redondas), a sua localização (bairro da Lapa, em São Paulo) e o perfil dos visitantes do local (principalmente pessoas idosas). No exemplo 2, por sua vez, são apresentadas as características esperadas de um futuro estagiário de uma empresa de automóveis (familiaridade com a Internet e as redes sociais, espírito criativo, boa escrita, conhecimento de programas específicos da área, agilidade, organização, autogerenciamento e conhecimento de inglês); além disso, a própria vaga oferecida é descrita (horário de trabalho, salário e benefícios, função principal – curadoria de conteúdo). Percebe-se que não há, nos textos, nenhuma relação temporal, e, se há, ela está em uma sequência narrativa, como no último período do exemplo 1. Às vezes, essa tipologia pode apresentar também uma sequência relacional, em que se compara o ente referencial com o outro.

Em textos literários, a descrição é comumente utilizada para a contextualização do enredo da obra, os lugares e as personagens que o compõem, além de contribuir para a construção de sentidos na medida em que deixa transparecer questões psicológicas e sociais abordadas pelo autor. No exemplo a seguir, retirado do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, é possível, ainda, por meio da descrição do amanhecer no cortiço, principal cenário da obra, reconhecer características do estilo e da época a que se veicula o texto. Leia-o.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedeceu o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

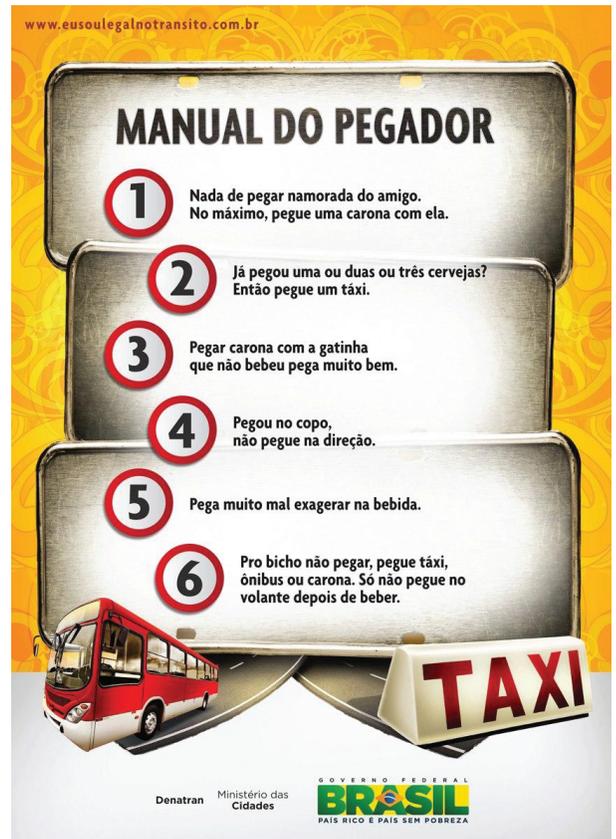
Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2017.

No fragmento, a descrição do amanhecer é feita a partir da personificação do cortiço e dos elementos que o compõem. São utilizados, principalmente, verbos no pretérito, os quais, apesar de indicarem o tempo da narrativa, desenham para o leitor cenas e situações. As características dos elementos que formam o acordar do cortiço apontam, ainda, para as características do estilo de época denominado Naturalismo, que tinha como objetivo a reflexão acerca da vida em sociedade e da constituição do ser humano. Nesse sentido, os autores desse período disseminavam a ideia de determinismo, isto é, as características e o caráter dos indivíduos eram determinados pelo ambiente no qual eles estavam inseridos. No fragmento lido, esses aspectos são identificáveis nas descrições, por exemplo, do sabão com que eram lavadas as roupas, das pedras de “uma palidez grisalha e triste” e dos louros que, como os donos, se cumprimentavam, exemplo da zoomorfização do ser humano, recurso bastante utilizado pelos autores naturalistas.

Tipo injuntivo

No tipo injuntivo, prevalecem as formas verbais imperativas, que estão presentes nos gêneros instrucionais, ou seja, aqueles que indicam como executar uma ação ou seguir determinada norma ou programa. Observe o exemplo.



O texto anterior faz parte de uma campanha educativa do governo para conscientizar a população acerca do uso de bebida alcoólica por quem dirige. O próprio título do anúncio já sugere o tipo textual, “Manual do Pegador”, que, com verbos no imperativo, ensina como “pegar”. O texto brinca com o uso da gíria e a polissemia do verbo, que, no sentido conotativo, quer dizer “ficar”, “paquerar”, mas que, nesse contexto, refere-se às alternativas de transporte para alguém que decidiu beber, mas não deve dirigir.

Tipo dissertativo / expositivo

O tipo dissertativo / expositivo é de natureza temática. Ele explica, analisa, classifica, avalia determinado tema ou assunto, fazendo referência ao mundo por meio de considerações amplas, exemplos comuns, muitas vezes separados do tempo e do espaço. Embora apareçam nele mudanças de situação, não são importantes as relações de posterioridade e anterioridade entre os enunciados, mas as relações lógicas estabelecidas entre eles: causalidade, pertinência, finalidade, etc. Assim, a progressão dos enunciados obedece a uma relação lógica, e não cronológica (como é o caso dos textos narrativos). Por isso, quando há a presença de sequências narrativas ou descritivas em um texto dissertativo, elas ocorrem apenas para ilustrar afirmações gerais ou para esclarecê-las, explicá-las.

O objetivo desse tipo textual é expor definições, ideias e conceitos, fazer com que o leitor / ouvinte tome conhecimento de informações ou interpretações dos fatos, sem necessidade de um forte convencimento.

Por isso, predominam as estratégias de transmissão de um saber já estabelecido ou a explicação de um fenômeno, em geral amparado por dados reais, que são apresentados pelo locutor da forma mais clara possível. Os tempos verbais mais comuns são o presente e o futuro do presente do indicativo, uma vez que, como já foi dito, não há progressão de tempo entre os enunciados e eles transmitem a ideia de atemporalidade, além de exprimirem certeza em relação ao que está sendo exposto. No universo dos gêneros textuais, estão entre aqueles em que predominam os tipos dissertativos (expositivos ou explicativos): os artigos científicos, os ensaios, os relatórios e os infográficos, como o exemplo a seguir.



Nesse infográfico, que trata de acidentes com idosos, há a presença de dados estatísticos – que expõem quão grave é o problema das quedas –, além de explicações das causas desses acidentes e a exposição das consequências.

Em gêneros textuais dessa natureza, e nesse caso especificamente, vale ressaltar que não há a presença de sequências argumentativas, uma vez que a problematização do tema por si só apresenta uma alegação favorável a que se tenha cuidados preventivos com a segurança dos idosos.

Tipo argumentativo

A tipologia argumentativa ocorre no texto cujo objetivo é discutir ideias e mudar um modo de pensar. Um texto argumentativo estrutura-se da seguinte maneira: apresentação de uma **tese** e do **tema** que será discutido, o que ocorre por meio da inserção de **dados ou premissas** que serão utilizados na defesa do **ponto de vista**. A partir daí, **desenvolvem-se os argumentos** relacionados à tese que será defendida. A **conclusão** refere-se à parte em que se chega a uma dedução lógica sobre o que foi discutido, muitas vezes por meio da retomada da abordagem inicial, como forma de “fechar” as ideias desenvolvidas.

Um bom texto argumentativo deve apresentar uma tese clara, facilmente relacionável ao tema abordado; argumentos diversificados para sustentá-la, os quais podem ser fatos quantitativos, dados científicos, premissas ideológicas e / ou universais, desde que não sejam de senso comum. Deve-se, ainda, mostrar ao leitor os efeitos positivos advindos da tese, sendo possível, paralelamente, apresentar pontos contrários a ela, até para desconstruí-los ou negá-los.

Esse tipo textual é organizado no tempo presente, por meio de articuladores textuais que indicam as relações entre os argumentos e as ideias desenvolvidas no texto, as quais podem ser de causa, consequência, finalidade, etc. Como buscam convencer o leitor, os textos argumentativos podem apresentar citações, exemplos, dados, comparações, tudo para fundamentar a argumentação.

O texto a seguir é formado por várias sequências argumentativas. Leia-o analisando as características dessa tipologia e avaliando os modos como elas foram empregadas.

O poder da literatura

José Castello / Agência O Globo

Em um século dominado pelo virtual e pelo instantâneo, que poder resta à literatura? Ao contrário das imagens, que nos jogam para fora e para as superfícies, a literatura nos joga para dentro. Ao contrário da realidade virtual, que é compartilhada e se baseia na interação, a literatura é um ato solitário, nos aprisiona na introspecção. Ao contrário do mundo instantâneo em que vivemos, dominado pelo “tempo real” e pela rapidez, a literatura é lenta, é indiferente às pressões do tempo, ignora o imediato e as circunstâncias.

Vivemos em um mundo dominado pelas respostas enfáticas e poderosas, enquanto a literatura se limita a gaguejar perguntas frágeis e vagas. A literatura, portanto, parece caminhar na contramão do contemporâneo. Enquanto o mundo se expande, se reproduz e acelera, a literatura se contrai, pedindo que paremos para um mergulho “sem resultados” em nosso próprio interior. **Sim: a literatura – no sentido prático – é inútil. Mas ela apenas parece inútil.**

A literatura não serve para nada – é o que se pensa. A indústria editorial tende a reduzi-la a um entretenimento para a beira de piscinas e as salas de espera dos aeroportos.

De outro lado, a universidade – em uma direção oposta, mas igualmente improdutiva – transforma a literatura em uma “especialidade”, destinada apenas ao gozo dos pesquisadores e dos doutores. Vou dizer com todas as letras: são duas formas de matá-la. A primeira, por banalização. A segunda, por um esfriamento que a asfixia. Nos dois casos, a literatura perde sua potência. Tanto quando é vista como “distração”, quanto quando é vista como “objeto de estudos”, **a literatura perde o principal: seu poder de interrogar, interferir e desestabilizar a existência.**

Contudo, desde os gregos, a literatura conserva um poder que não é de mais ninguém. Ela lança o sujeito de volta para dentro de si e o leva a encarar o horror, as crueldades, a imensa instabilidade e o igualmente imenso vazio que carregamos em nosso espírito. Somos seres “normais”, como nos orgulhamos de dizer. Cultivamos nossos hábitos, manias e padrões. Emprestamos um grande valor à repetição e ao Mesmo. Acreditamos que somos donos de nós mesmos!

Mas leia Dostoiévski, leia Kafka, leia Pessoa, leia Clarice – e você verá que rombo se abre em seu espírito. Verá o quanto tudo isso é mentiroso. Vivemos imersos em um grande mar que chamamos de realidade, mas que – a literatura desmascara isso – não passa de ilusão. A “realidade” é apenas um pacto que fazemos entre nós para suportar o “real”. A realidade é norma, é contrato, é repetição, ela é o conhecido e o previsível. O real, ao contrário, é instabilidade, surpresa, desassossego. O real é o estranho.

É nas frestas do real, como uma erva daninha, que a literatura nasce. A literatura não é um divertimento; tampouco é um saber especializado. Ela é um instrumento, precário e sutil, de interrogar a vida. Desloca nossas certezas, transformando-as em incertezas. Em vez de nos oferecer respostas, nos faz novas perguntas – desagradáveis e perturbadoras. Leia *Crime e castigo*, *O castelo*, *o Livro do desassossego*, ou *A paixão segundo GH*. Se você ler para valer, se neles mergulhar como quem se lança em um abismo, e a literatura é um abismo, sairá da leitura transformado e atordoado, sairá um outro homem, ainda que no corpo do mesmo homem.

A literatura é, antes de tudo, uma máquina de transformação. Se você não deseja se modificar; se não pretende correr riscos; se teme as perguntas que não comportam respostas – então, eu aconselho, afaste-se da literatura. A literatura é, sim, perigosa, porque tem o poder de nos desestabilizar e desassossegar. Se você aprecia sua vida banal e rotineira, fuja! Ao contrário, se você sente um grande incômodo com o mundo, se você se incomoda com o tédio das imagens e da repetição, se você deseja se modificar e modificar o pequeno mundo que o cerca, então leia.

A literatura não tem o poder dos mísseis, dos exércitos e das grandes redes de informação. Seu poder é limitado: é subjetivo. Ao lançá-lo para dentro, e não para fora, ela se infiltra, como um veneno, nas pequenas frestas de seu espírito. Mas, nele instalada pelo ato da leitura, que escândalos, que estragos, mas também que descobertas e que surpresas ela pode deflagrar!

Não é preciso ser um especialista para ler uma ficção. Não é preciso ostentar títulos, apresentar currículos, ou credenciais. **A literatura é para todos. Dizendo melhor: é para os corajosos ou, pelo menos, para aqueles que ainda valorizam a coragem.** Se você deseja sair de si e experimentar novas possibilidades do existir, então leia.

Se deseja correr riscos e perder-se um pouco no instável e no precário, leia. Se você acha a vida insuficiente e deseja o inesperado, leia. Este é o pequeno, mas também precioso, poder da literatura.

CASTELLO, José. *O poder da literatura*. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/jose-castello/post/o-poder-da-literatura-444909.html>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

Nos primeiros parágrafos (em azul), o autor transgredir a forma do seu texto, trazendo como estratégia argumentativa a apresentação da tese (em negrito) que aponta para a inutilidade da literatura em um mundo interativo e virtual, cercado pelo movimento. Assim, ele prende a atenção do leitor, que espera encontrar a justificativa – ou uma nova argumentação – que sustente a tese apresentada.

No terceiro parágrafo (em vermelho), o autor começa a apresentar o real motivo da negação da utilidade da literatura. Ele inicia sua contra-argumentação declarando que “a literatura não serve para nada – é o que se pensa”, já deixando clara a intenção de mostrar que essa não é uma verdade. Em seguida, afirma que a indústria editorial e a universidade estão matando a literatura, mas que ela conserva um poder que é só dela: o de lançar o leitor ao seu próprio interior. Trata-se do primeiro argumento a favor (em negrito) do “poder da literatura”, que parte de uma oposição: o esvaziamento de sentido dado à literatura pelo mercado editorial e pelo meio acadêmico frente à sua capacidade de expor o sujeito a vários níveis de si mesmo e do mundo.

Continuando o desenvolvimento do texto (em laranja), e como prova para a argumentação do parágrafo anterior, o autor sugere que se faça uma leitura dos grandes clássicos, pois eles são capazes de uma mostrar que o real é a instabilidade, a surpresa, que abre nossos olhos para um mundo sem uma ilusão ou uma realidade confortavelmente construída. Ao mencionar grandes nomes da literatura, o articulista também imprime força e credibilidade à sua argumentação, uma vez que esses autores são reconhecidamente importantes.

Por fim, para o convencimento acerca do poder da leitura, o articulista, nos dois últimos parágrafos (em verde), conclui o seu texto dizendo que a literatura não é só para os “letrados”, mas para todos, principalmente para os corajosos (em negrito). O texto inteiro é marcado por adjetivos e figuras de linguagem que enriquecem as marcas argumentativas. Ao construir sua argumentação, realizando um movimento contrário ao comumente feito em textos de opinião – apresentando, primeiro, os “defeitos” da literatura, para depois apontá-los como qualidades –, o autor apresenta um texto que se destaca pela criatividade argumentativa, com forte marca de autoria, uma vez que foge do comum.



Tipos e gêneros textuais

Você sabe diferenciar tipo textual e gênero textual? Essa é uma questão que deixa muitos alunos confusos.

A videoaula ao lado trabalha ambos os conceitos e a relação entre eles, mostrando vários exemplos.

BJA3

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFG-GO)

Texto I

O dentista da cozinha

Revista Gula: [...] – Qual é o método de suas pesquisas?

Hervé This: No fundo, trata-se de verificar o que há de falso ou verdadeiro nas afirmações categóricas das receitas. Pegue qualquer livro de receitas e encontrará algo do tipo bata as claras em neve. E lá vou eu. Corno é isso? Por que acontece? É verdade que é necessário bater as claras? E por quê? Preciso responder a essas questões, e, se elas são falsas, empenho-me em tentar mostrar cientificamente que são apenas procedimentos que se repetem por décadas sem necessidade. Essa é a função da gastronomia molecular, testar as receitas e criar outras.

GULA. São Paulo, n. 153, p. 20, jul. 2005 (Adaptação).

Texto II

Ingredientes de um molho maionese

- 3 gemas de ovo
- 1/2 xícara (chá) de azeite
- 1 colher (chá) de mostarda
- 1 colher (sopa) de suco de limão
- 1 colher (sopa) de vinagre
- 1 pitada de sal

WELLS, Patricia. *Cozinha de bistrô*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993. p. 276-277 (Adaptação).

Ingredientes e procedimentos adequados são fundamentais para o sucesso de uma receita culinária, universo a que estão relacionados os textos I e II.

- A) Quanto ao modo de olhar as receitas culinárias, o que distingue a gastronomia molecular da gastronomia tradicional?
- B) Elabore o Modo de fazer do molho maionese, considerando a lista de ingredientes do texto II e o trecho instrucional na fala de Hervé This, no texto I.

02. (Fatec-SP-2018)

Texto I

Inicialmente, nos anos 1960 e 1970, a resiliência esteve associada à definição dada pela Física. No final dos anos 1980, vemos que o termo já estava se ampliando [...] e passava a se apresentar como a capacidade de ser flexível diante da adversidade. Nas últimas décadas, resiliência vem sendo apresentada como uma capacidade de ser flexível ao atribuir novos significados aos fatos e que pode ser desenvolvida em todo ser humano.

Disponível em: <<https://tinyurl.com/y8gkfxqe>>. Acesso em: 09 mar. 2018 (Adaptação).

Texto II

[...] o jeitinho (brasileiro) é sempre uma forma “especial” de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade. Portanto, para que uma determinada situação seja considerada jeito, necessita-se de um acontecimento imprevisto e adverso aos objetivos do indivíduo. Para resolvê-la, é necessária uma maneira especial, isto é, eficiente e rápida, para tratar do “problema”.

BARBOSA, L. *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.

Texto III

Não declarar Imposto de Renda, falsificar carteirinha de estudante ou, simplesmente, furar uma fila. A maior parte da população não considera essas atitudes erradas e as encara como parte do cotidiano. [...] Mas esses atos, conhecidos como o famoso “jeitinho brasileiro”, podem ser mais graves do que parecem e configuram, até mesmo, ato de corrupção. O coordenador em Goiás da campanha do Ministério Público “O que você tem a ver com a corrupção” observa que essas atitudes já foram banalizadas e enraizadas culturalmente. Por isso, a campanha visa mostrar à população que esses pequenos atos, tidos como normais, também são desvios de conduta e devem ser repensados. “O Brasil ainda não sedimentou os princípios básicos da honestidade e o conceito de ética varia. É preciso conscientizar as pessoas de que tudo começa com os pequenos atos e uma coisa leva a outra”, acredita.

Disponível em: <<https://tinyurl.com/ycmrougx>>. Acesso em: 10 abr. 2018 (Adaptação).

A partir dessa coletânea, elabore um texto narrativo ou um texto dissertativo-argumentativo explorando o seguinte tema: **O jeitinho brasileiro é uma forma de resiliência ou falta de honestidade?**

Orientações

Narração – explore adequadamente os elementos desse gênero: fato(s), personagem(ns), tempo e lugar.

Dissertação – selecione, organize e relacione os argumentos, fatos e opiniões para sustentar suas ideias e pontos de vista.

Ao elaborar seu texto:

- Atribua um título para sua redação.
- Não o redija em versos.
- Organize-o em parágrafos.
- Empregue apenas a norma-padrão da Língua Portuguesa.
- Não copie os textos apresentados na coletânea e na prova.
- Utilize apenas caneta de tinta azul ou preta para elaborar a versão definitiva.
- Faça um rascunho antes de passar para a Folha de Redação.

03. (UERJ)

Texto I

Previsões de especialistas

A mídia nos bombardeia diariamente com as previsões de especialistas sobre o futuro. Esses *experts* mais erram do que acertam, mas nem por isso deixamos de recorrer a eles sempre que o horizonte se anuvia. Como explicar o paradoxo?

Uma boa tentativa é o recém-lançado livro do escritor e jornalista Dan Gardner. As passagens mais divertidas do livro são sem dúvida aquelas em que o autor mostra, com exemplos e pesquisas científicas, quão precária é a previsão econômica e política.

Num célebre discurso de 1977, por exemplo, o então presidente dos EUA, Jimmy Carter, ancorado nos conselhos dos principais *experts* do planeta, conclamou os americanos a reduzir drasticamente a dependência de petróleo de sua economia, porque os preços do hidrocarboneto subiriam e jamais voltariam a cair, o que inevitavelmente destruiria o “*american way*”¹. Oito anos depois, as cotações do óleo despencaram e permaneceram baixas pelas duas décadas seguintes.

Alguém pode alegar que Gardner escolhe de propósito alguns exercícios de futurologia que deram errado apenas para ridicularizar a categoria toda. Para refutar essa objeção, vamos conferir algumas abordagens do problema. Em 1984, uma revista britânica pediu a 16 pessoas que fizessem previsões sobre taxas de crescimento, câmbio, inflação e outros dados econômicos. Quatro dos entrevistados eram ex-ministros de finanças; quatro eram presidentes de empresas multinacionais; quatro, estudantes de economia de Oxford; e quatro, lixeiros de Londres. Uma década depois, as predições foram contrastadas com a realidade e classificadas pelos níveis de acerto. Os lixeiros terminaram empatados com os presidentes de corporações em primeiro lugar. Em último, ficaram os ministros – o que ajuda a explicar uma ou outra coisinha sobre governos.

A razão para tantas dificuldades em adivinhar o futuro é de ordem física. Nós nos habituamos a ver a ciência prevendo com enorme precisão fenômenos como eclipses e marés. Só que esses são sistemas lineares ou, pelo menos, sistemas em que dinâmicas impostas pelo caos podem ser desprezadas. E, embora um bom número de fenômenos naturais seja linear, existem muitos que não o são. Quando o homem faz parte da equação, pode-se esquecer da linearidade. Nossos cérebros também trazem de fábrica alguns vieses que tornam nossa espécie presa fácil para adivinhos. Procuramos tão avidamente por padrões que os encontramos até mesmo onde não existem. Temos ainda compulsão por histórias, além de um desejo irrefreável de estar no controle. Assim, alguém que ofereça numa narrativa simples e envolvente a previsão do futuro pode vendê-la facilmente a incautos. Não é por outra razão que oráculos, profecias e augúrios estão presentes em quase todas as religiões.

Como diz Gardner, “vivemos na Idade da Informação, mas nossos cérebros são da Idade da Pedra”. Eles não foram concebidos para processar o papel do acaso, no cerne do conhecimento científico atual. Nós continuamos a tratar as falas dos especialistas como se fossem auspícios² divinos. Como não poderia deixar de ser, frequentemente quebramos a cara.

SCHWARTSMAN, Hélio.
Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>.
Acesso em: 30 jun. 2011 (Adaptação).

¹american way: *estilo americano de vida*

²auspícios: *prelúcios, presságios*

Texto II

Há uma diferença entre esses movimentos de jovens educados nos países do Ocidente, onde, em geral, toda a juventude é fenômeno de minoria, e movimentos similares de jovens em países islâmicos e em outros lugares, nos quais a maioria da população tem entre 25 e 30 anos. Nestes países, portanto, muito mais do que na Europa, os movimentos de jovens são politicamente muito mais massivos e podem ter maior impacto político. O impacto adicional na radicalização dos movimentos de juventude acontece porque os jovens hoje, em período de crise econômica, são desproporcionalmente afetados pelo desemprego e, portanto, estão desproporcionalmente insatisfeitos. Mas não se pode adivinhar que rumos tomarão esses movimentos. Mas eles só, eles pelos seus próprios meios, não são capazes de definir o formato da política nacional e todo o futuro. De qualquer modo, devo dizer que está a fazer-me perguntas enquanto historiador, mas sobre o futuro. Infelizmente, os historiadores sabem tanto sobre o futuro quanto qualquer outra pessoa. Por isso, as minhas previsões não são fundadas em nenhuma especial vocação que eu tenha para prever o futuro.

HOBBSAWN, Eric.
Disponível em: <<http://historica.me>>
(Adaptação).

A fala do historiador Eric Hobsbawn também apresenta uma reflexão sobre o futuro e suas possibilidades, relacionando o tema à ação da juventude, tradicionalmente considerada o futuro próximo das sociedades.

A partir da leitura dos textos e de suas elaborações pessoais sobre o tema, redija um texto argumentativo em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, em que discuta a seguinte questão:

É possível, para a juventude de hoje, alterar o futuro?

Utilize o registro padrão da língua e atribua um título ao seu texto.

04. (PUC Rio) As formas de família que se apresentam na sociedade atualmente sofreram inúmeras modificações ao longo da história da humanidade e, do mesmo modo, sua agência vem se transformando ao longo do tempo. Produza um texto dissertativo-argumentativo – com cerca de 25 linhas e título sugestivo –, mostrando como você percebe a família na relação com seus membros e com a sociedade.

A seleção de fragmentos de textos a seguir tem por objetivo ajudá-lo a desenvolver suas próprias ideias acerca do assunto. Alguns desses podem ser reproduzidos, em parte, na sua redação, mas em forma de discurso indireto ou de paráfrase, com as devidas fontes mencionadas na redação. Não assine.

Texto I

A família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. In: ALTHOFF, C. R. ELSÉN; NITSCHKE, R. G. (Org.). *Pesquisando a família: olhares contemporâneos*. Florianópolis: Papa-livro. p. 91-106.

Texto II

Uma das inovações do Censo Demográfico 2010 se refere à criação de um conjunto de 19 categorias de parentesco para classificar os moradores das unidades domésticas em relação ao responsável, o que possibilita configurar um perfil das formas de organização no seu interior. [...]

Trabalhar com categorias de parentesco mais detalhadas apresenta inúmeras vantagens para a compreensão das mudanças que vêm ocorrendo nas formas de organização das unidades domésticas.

A desagregação da categoria filho em três alternativas (filho do responsável e do cônjuge, filho somente do responsável e filho somente cônjuge / enteado) permite observar o fenômeno da reconstituição das famílias que vêm crescendo em função do crescimento contínuo dos divórcios e recasamentos. A desagregação da categoria pais / sogros possibilita, por outro lado, saber se o parentesco com a pessoa responsável se dá por consanguinidade ou afinidade, e a desagregação neto / bisneto permite captar a convivência de pelo menos três gerações em uma mesma unidade doméstica. Essas informações representam um avanço no conhecimento da formação das unidades domésticas.

Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/indicadores_sociais_municipais.pdf>.

Texto III

Preciso me concentrar. É essencial. Por quê? Ora, que pergunta! Família é prato difícil de preparar. São muitos ingredientes. Reunir todos é um problema – principalmente no Natal e no Ano Novo. Pouco importa a qualidade da panela, fazer uma família exige coragem, devoção, paciência. Não é para qualquer um. Os truques, os segredos, o imprevisível. Às vezes, dá até vontade de desistir. Preferimos o desconforto do estômago vazio. Vêm a preguiça, a conhecida falta de imaginação sobre o que se vai comer e aquele fastio. Mas a vida – azeitona verde no palito – sempre arruma um jeito de nos entusiasmar e abrir o apetite. O tempo põe a mesa, determina o número de cadeiras e os lugares. Súbito, feito milagre, a família está servida. Fulana sai a mais inteligente de todas. Beltrano veio no ponto, é o mais brincalhão e comunicativo, unanimidade. Sicrano – quem diria? – solou, endureceu, murchou antes do tempo. Este, o mais gordo e generoso, farto, abundante. Aquele o que surpreendeu e foi morar longe. Ela, a mais apaixonada. A outra, a mais consistente.

[...]

O pior é que ainda tem gente que acredita na receita da família perfeita. Bobagem. Tudo ilusão. Não existe “Família à Oswaldo Aranha”, “Família à Rossini”, “Família à Belle Meunière” ou “Família ao Molho Pardo” – em que o sangue é fundamental para o preparo da iguaria. Família é afinidade, é “à Moda da Casa” e cada casa gosta de preparar a família a seu jeito.

[...]

Há famílias, por exemplo, que levam muito tempo para serem preparadas. Fica aquela receita cheia de recomendações de se fazer assim ou assado – uma chatice! Outras, ao contrário, se fazem de repente, de uma hora para a outra, por pura atração física incontrolável – quase sempre de noite. Você acorda de manhã, feliz da vida, e quando vai ver já está com a família feita. Por isso é bom saber a hora certa de abaixar o fogo. Já vi famílias inteiras abortadas por causa de fogo alto. Enfim, receita de família não se copia, se inventa...

AZEVEDO, Francisco. *O arroz de palma*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 11-13.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: As questões de **01** a **03** tomam por base a seguinte passagem de um romance de Autran Dourado (1926-2012).

A gente Honório Cota

Quando o coronel João Capistrano Honório Cota mandou erguer o sobrado, tinha pouco mais de trinta anos. Mas já era homem sério de velho, reservado, cumpridor. Cuidava muito dos trajes, da sua aparência medida. O jaquetão de casimira inglesa, o colete de linho atravessado pela grossa corrente de ouro do relógio;

a calça é que era como a de todos na cidade – de brim, a não ser em certas ocasiões (batizado, morte, casamento – então era parelho mesmo, por igual), mas sempre muito bem passada, o vinco perfeito. Dava gosto ver:

O passo vagaroso de quem não tem pressa – o mundo podia esperar por ele, o peito magro estufado, os gestos lentos, a voz pausada e grave, descia a rua da Igreja cumprimentando cerimoniosamente, nobremente, os que por ele passavam ou os que chegavam na janela muitas vezes só para vê-lo passar.

Desde longe a gente adivinhava ele vindo: alto, magro, descarnado, como uma ave pernalta de grande porte. Sendo assim tão descomunal, podia ser desajeitado: não era, dava sempre a impressão de uma grande e ponderada figura. Não jogava as pernas para os lados nem as trazia abertas, esticava-as feito medisse os passos, quebrando os joelhos em reto.

Quando montado, indo para a sua Fazenda da Pedra Menina, no cavalo branco ajazado de couro trabalhado e prata, aí então sim era a grande, imponente figura, que enchia as vistas. Parecia um daqueles cavaleiros antigos, fugidos do Amadis de Gaula ou do Palmeirim, quando iam para a guerra armados cavaleiros.

ÓPERA dos mortos. 1970.

01.
LAER

(Unesp–2015) No primeiro parágrafo, com a frase “então era parelho mesmo, por igual”, o narrador faz referência ao fato de o coronel

- A) vestir em certos eventos sociais a calça também de casimira.
- B) ser par para qualquer desafio que lhe fizessem.
- C) usar também em certas ocasiões o jaquetão de brim.
- D) usar roupas iguais às de todos na cidade.
- E) demonstrar sua humildade por meio das roupas.

02.
T68X

(Unesp–2015) No terceiro parágrafo, a comparação do coronel com uma ave pernalta representa

- A) um recurso expressivo para ilustrar sua aparência e sua presença física.
- B) uma figura de retórica sem grande significado descritivo.
- C) uma imagem visual de seu temperamento amável, mas perigoso.
- D) uma imagem que busca representar sua impressionante beleza.
- E) um modo de chamar atenção para o ambiente rústico em que vivia.

03.

(Unesp–2015) Em seu conjunto, a descrição do coronel sugere uma figura que

- A) exhibe um temperamento tímido e fechado.
- B) manifesta desprezo por tudo à sua volta.
- C) demonstra humildade em tudo o que fazia.
- D) revela nos gestos e comportamento segurança e poder.
- E) inspira certo receio aos habitantes da cidade.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de 04 a 07.

Cinema

Entre os meios de comunicação que padronizam o comportamento de milhões, e são por isso chamados de massa, o cinema é o mais antigo, entre nós. A imprensa o antecedeu, certamente, mas o problema cronológico não é o essencial no caso. Exigindo a alfabetização, a imprensa, ainda que exercendo enorme influência, não teve, particularmente no passado, característica de meio de comunicação de massa. A antecedência do cinema, assim, parece ser indiscutível. E cinema pode ser apresentado, e deve, sob o aspecto cultural e sob o aspecto econômico, material. Nos dois, fomos, por longos decênios, aqui, protagonistas de papel passivo: consumimos influências culturais estranhas, sofremos de sua penetração e domínio, ao mesmo passo que constituímos mercado consumidor de proporções crescentes para a produção estrangeira de filmes. [...]

Há que pensar, também, na deformação cultural: há mais de meio século, o cinema norte-americano trabalha o espírito de massas brasileiras apresentando o seu *way of life*, isto é, o *cowboy*, o *gangster*, a violência desenfreada, e as suas glórias, os seus mitos, os seus heróis – a sua cultura, em suma. Que isso tenha sido assim, e continue a ser assim, constitui, por si só, anomalia indiscutível, das mais graves e profundas a que foi já submetida a cultura, em qualquer época, em qualquer país; mas que, além disso, essa gigantesca deformação tenha sido financiada pelas próprias vítimas – como se aos condenados coubesse pagar o serviço dos carrascos – constitui um dos problemas da singular época histórica em que vivemos. A deformação se apresenta com dimensões tão extraordinárias e com duração tão longa que chegou ao cúmulo de ganhar foros de naturalidade, como se o contrário é que fosse absurdo.

Por longos e longos decênios, foram familiares aos brasileiros padrões de comportamento inteiramente diversos dos aqui vigentes, e hábitos, e normas, e regras. Por longos e longos decênios, nossas crianças adoraram heróis estrangeiros, sentiram-se fascinadas por seus feitos, incorporaram impressões e sentimentos deles derivados à sua cultura. Por longos e longos decênios, as massas brasileiras aprenderam histórias norte-americanas, cultuando feitos norte-americanos, adotando posições norte-americanas. E, por tudo isso, há longos e longos decênios, vêm pagando, e pagando caro [...]. Nossos jovens assimilam padrões culturais de uma civilização em crise, angustiada entre o sexo e a violência. Esse tem sido o papel de descaracterização cultural que o cinema norte-americano vem desenvolvendo, há mais de meio século, no Brasil. Não há talvez, em toda a história, exemplo tão gigantesco de alienação cultural.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 15. ed. 1988. p. 79-80; 91-92 (Adaptação).

- 04.** (UECE) Marque a alternativa que contém a ideia mais enfatizada por Néelson Werneck Sodré e expressa com mais detalhes no texto.
- A) O meio de comunicação de massa mais antigo no Brasil é o cinema.
- B) O Brasil foi um grande mercado consumidor de filmes estrangeiros.
- C) O cinema norte-americano nos impôs sua cultura, descaracterizando a nossa.
- D) O Brasil é o maior exemplo de descaracterização e alienação cultural.
- 05.** (UECE) Atente ao que se diz sobre “alienação cultural” (linha 50) de acordo com o raciocínio seguido pelo enunciador, no contexto específico do texto em análise. A alienação cultural pressupõe
- I. duas sociedades: uma que desempenha um papel ativo (a que aliena) e outra que desempenha um papel passivo (a que não reage e se deixa alienar).
- II. uma sociedade que se afasta de sua real natureza, de seus valores e assimila a natureza e os valores de outra sociedade.
- III. uma indiferença aos problemas políticos e sociais de uma sociedade, em decorrência de uma decepção com os governantes.
- Está correto o que se diz em
- A) II e III apenas. C) I e II apenas.
- B) I e III apenas. D) I, II e III.
- 06.** (UECE) As seguintes expressões destacadas do texto são marcas de autoria: “Que isso tenha sido assim, e continue a ser assim, constitui, por si só, anomalia indiscutível, das mais graves e profundas a que foi já submetida a cultura, em qualquer época, em qualquer país” (linhas 22-25); “Nossos jovens assimilam padrões culturais de uma civilização em crise, angustiada entre o sexo e a violência.” (linhas 45-46); “Não há talvez, em toda a história, exemplo tão gigantesco de alienação cultural.” (linhas 49-50)
- Essas marcas caracterizam o enunciador como
- A) um cientista racional, frio e altamente criterioso, que não revela seu ponto de vista.
- B) um pesquisador irônico e sarcástico, mas também minucioso, que expõe claramente sua posição política.
- C) um estudioso imparcial, que discute os dados de uma pesquisa, sem expor ou sugerir suas preferências.
- D) um estudioso apaixonado pelo tema, que toma partido e se expõe, sendo, de certa forma, tendencioso.
- 07.** (UECE) Observe que, no último parágrafo, o enunciador repete a expressão “Por longos e longos decênios”. Emprega-a três vezes no início de períodos seguidos e uma quarta vez no meio de outro período. Essa insistente repetição só não pode ser considerada um recurso para enfatizar
- A) o longo tempo durante o qual o Brasil recebeu e assimilou influências estrangeiras.
- B) a intensidade com que se deu a influência cultural estrangeira no Brasil.
- C) a rejeição dos brasileiros aos produtos nacionais.
- D) a falta de reação dos brasileiros à imposição de uma cultura estrangeira à cultura local.

SEÇÃO ENEM



- 01.** (Enem-2017) A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito e não mais como escrava. Mas essa regalia súbita foi efêmera. Meus irmãos, nos frequentes deslizes que adulteravam este novo relacionamento, eram dardejados pelo olhar severo de Emilie; eles nunca suportaram de bom grado que uma índia passasse a comer na mesa da sala, usando os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios o mesmo cristal dos copos e a mesma porcelana das xícaras de café. Uma espécie de asco e repulsa tingia-lhes o rosto, já não comiam com a mesma saciedade e recusavam-se a elogiar os pastéis de picadinho de carneiro, os folheados de nata e tâmara, e o arroz com amêndoas, dourado, exalando um cheiro de cebola tostada. Aquela mulher, sentada e muda, com o rosto rasteado de rugas, era capaz de tirar o sabor e o odor dos alimentos e de suprimir a voz e o gesto como se o seu silêncio ou a sua presença que era só silêncio impedisse o outro de viver.

HATOUM, M. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

Ao apresentar uma situação de tensão em família, o narrador destila, nesse fragmento, uma percepção das relações humanas e sociais demarcada pelo

- A) predomínio dos estigmas de classe e de raça sobre a intimidade da convivência.
- B) discurso da manutenção de uma ética doméstica contra a subversão dos valores.
- C) desejo de superação do passado de escassez em prol do presente de abundância.
- D) sentimento de insubordinação à autoridade representada pela matriarca da família.
- E) rancor com a ingratidão e a hipocrisia geradas pelas mudanças nas regras da casa.

- 02.** (Enem-2015)

Exm^o Sr. Governador:

Trago a V. Exa. um resumo dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928.

[...]

ADMINISTRAÇÃO

Relativamente à quantia orçada, os telegramas custaram pouco. De ordinário vai para eles dinheiro considerável. Não há vereda aberta pelos matutos que prefeitura do interior não ponha no arame, proclamando que a coisa foi feita por ela; comunicam-se as datas históricas ao Governo do Estado, que não precisa disso; todos os acontecimentos políticos são badalados. Porque se derrubou a Bastilha – um telegrama; porque se deitou pedra na rua – um telegrama; porque o deputado F. esticou a canela – um telegrama.

Palmeira dos Índios, 10 de janeiro de 1929.

GRACILIANO RAMOS

RAMOS, G. *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Martins Fontes, 1962.

O relatório traz a assinatura de Graciliano Ramos, na época, prefeito de Palmeira dos Índios, e é destinado ao governo do estado de Alagoas. De natureza oficial, o texto chama a atenção por contrariar a norma prevista para esse gênero, pois o autor

- A) emprega sinais de pontuação em excesso.
- B) recorre a termos e expressões em desuso no português.
- C) apresenta-se na primeira pessoa do singular, para conotar intimidade com o destinatário.
- D) privilegia o uso de termos técnicos, para demonstrar conhecimento especializado.
- E) expressa-se em linguagem mais subjetiva, com forte carga emocional.

03. (Enem)

O exercício da crônica

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

MORAES, V. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

Predomina nesse texto a função da linguagem que se constitui

- A) nas diferenças entre o cronista e o ficcionista.
- B) nos elementos que servem de inspiração ao cronista.
- C) nos assuntos que podem ser tratados em uma crônica.
- D) no papel da vida do cronista no processo de escrita da crônica.
- E) nas dificuldades de se escrever uma crônica por meio de uma crônica.

04. (Enem)

A diva

Vamos ao teatro, Maria José?
Quem me dera,
desmanchei em rosca quinze kilos de farinha,
tôu podre. Outro dia a gente vamos.

Falou meio triste, culpada,
e um pouco alegre por recusar com orgulho.
TEATRO! Disse no espelho.
TEATRO! Mais alto, desgrenhada.
TEATRO! E os cacós voaram
sem nenhum aplauso.
Perfeita.

PRADO, A. *Oráculos de maio*. São Paulo: Siciliano, 1999.

Os diferentes gêneros textuais desempenham funções sociais diversas, reconhecidas pelo leitor com base em suas características específicas, bem como na situação comunicativa em que ele é produzido. Assim, o texto "A diva"

- A) narra um fato real vivido por Maria José.
- B) surpreende o leitor pelo seu efeito poético.
- C) relata uma experiência teatral profissional.
- D) descreve uma ação típica de uma mulher sonhadora.
- E) defende um ponto de vista relativo ao exercício teatral.

05. (Enem)

Texto I

É evidente que a vitamina D é importante – mas como obtê-la? Realmente, a vitamina D pode ser produzida naturalmente pela exposição à luz do sol, mas ela também existe em alguns alimentos comuns. Entretanto, como fonte dessa vitamina, certos alimentos são melhores do que outros. Alguns possuem uma quantidade significativa de vitamina D, naturalmente, e são alimentos que talvez você não queira exagerar: manteiga, nata, gema de ovo e fígado.

Disponível em: <<http://saude.hsw.uol.com.br>>.
Acesso em: 31 jul. 2012.

Texto II

Todos nós sabemos que a vitamina D (colecalférol) é crucial para sua saúde. Mas a vitamina D é realmente uma vitamina? Está presente nas comidas que os humanos normalmente consomem? Embora exista em algum percentual na gordura do peixe, a vitamina D não está em nossas dietas, a não ser que os humanos artificialmente incrementem um produto alimentar, como o leite enriquecido com vitamina D. A natureza planejou que você a produzisse em sua pele, e não a colocasse direto em sua boca.

Então, seria a vitamina D realmente uma vitamina?

Disponível em: <www.umaoutravisao.com.br>.
Acesso em: 31 jul. 2012.

Frequentemente circulam na mídia textos de divulgação científica que apresentam informações divergentes sobre um mesmo tema. Comparando os dois textos, constata-se que o texto II contrapõe-se ao I quando

- A) comprova cientificamente que a vitamina D não é uma vitamina.
- B) demonstra a verdadeira importância da vitamina D para a saúde.
- C) enfatiza que a vitamina D é mais comumente produzida pelo corpo que absorvida por meio de alimentos.
- D) afirma que a vitamina D existe na gordura dos peixes e no leite, não em seus derivados.
- E) levanta a possibilidade de o corpo humano produzir artificialmente a vitamina D.

06. (Enem) Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. [...]

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. [...]

BRASIL. Lei n. 8 069, de 13 de julho de 1990.

Estatuto da criança e do adolescente.

Disponível em: <www.planalto.gov.br>. [Fragmento]

Para cumprir sua função social, o *Estatuto da criança e do adolescente* apresenta características próprias desse gênero quanto ao uso da língua e quanto à composição textual. Entre essas características, destaca-se o emprego de

- A) repetição vocabular para facilitar o entendimento.
- B) palavras e construções que evitem ambiguidade.
- C) expressões informais para apresentar os direitos.
- D) frases na ordem direta para apresentar as informações mais relevantes.
- E) exemplificações que auxiliem a compreensão dos conceitos formulados.

07.

Texto I

"[...] é perceptível a necessidade da preservação da documentação armazenada nos arquivos, uma vez que os documentos públicos podem e devem ser acessíveis à sociedade. Porém, observa-se que, da produção do documento pelos organismos públicos até o acesso à informação propriamente dito, é imprescindível a intervenção do Estado no que se refere à organização e salvaguarda, para, posteriormente, tornar o acervo acessível. Desta forma, neste país, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 estabelece em seu Art. 23 que:

É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: [...] III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos; [...] (BRASIL, 1988, p. 18).

A Lei 8 159, de 08 de janeiro de 1991, a qual dispõe sobre os arquivos públicos e privados, promulga que: "É dever do Poder Público a gestão documental e a proteção especial a documentos de arquivos, como instrumento de apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação." (BRASIL, 1991, p. 1). Consequentemente, o artigo citado evidencia a responsabilidade do Estado, atualmente, no que se refere à importância dada a proteção do Patrimônio documental do País, cabendo à administração pública proporcionar a preservação deste bem público." [...]

KONRAD, Gláucia; MELO, Franciele. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação.

Informação & Informação, Londrina, v. 20, n. 1, p. 26-42, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/18705/pdf_43>.

Acesso em: 10 set. 2018.

Texto II

"O Museu Nacional teve menos visitantes em 2017 do que o número de brasileiros que visitou o Museu do Louvre no mesmo ano.

O Museu Nacional registrou 192 mil visitantes em 2017, segundo informou a assessoria de imprensa da instituição à BBC News Brasil.

No mesmo período, 289 mil brasileiros passaram pelo Louvre, em Paris, na França, uma das principais instituições de arte do mundo, segundo registros do próprio museu.

O número de brasileiros que visitaram o museu francês é 50,5% superior à visitação total da instituição brasileira.

O Louvre teve um aumento de 82% do número de visitantes do Brasil no ano passado em relação a 2016. Foi o segundo maior crescimento de público de um determinado país – os russos lideram com 92%."

BARIFOUSE, Rafael. Em 2017, mais brasileiros foram ao Louvre, em Paris, do que ao Museu Nacional.

BBC News Brasil, São Paulo, 3 set. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45402234>>.

Acesso em: 10 set. 2018. [Fragmento]

- 03. Para atender a essa proposta de redação, deve-se refletir sobre o potencial dos jovens contemporâneos de alterar o futuro. Deve-se, assim, posicionar-se em relação a esse potencial e expor sua opinião em uma tese clara, bem como apresentar argumentos consistentes que a sustentem. Caso se acredite que a juventude de hoje é capaz de alterar o futuro, pode-se utilizar a estratégia da exemplificação para sustentar sua opinião. É possível citar, por exemplo, alguns movimentos recentemente ocorridos no mundo islâmico contra regimes totalitários, como a oposição popular aos ditadores do Egito, da Líbia e da Síria – e, nesse caso, como o texto motivador informa que as populações de países árabes é composta, em sua maioria, por jovens, pode-se inferir que tais movimentos foram feitos principalmente por jovens. É possível, também, fazer referências históricas que corroborem a ideia de que a juventude pode alterar o futuro, citando, por exemplo, o movimento das Diretas Já!, ocorrido no início da década de 1980 no Brasil, o qual foi essencial para a restauração da democracia no país. Se optar-se por defender a ideia de que a juventude não tem potencial para alterar o futuro, pode-se alegar que os jovens apenas propagam valores vigentes nas sociedades em que vivem e que, portanto, suas ações não são capazes de provocar mudanças significativas no futuro. Pode-se, também, discutir algumas características comumente atribuídas aos jovens de hoje, como o conformismo, a alienação e o consumismo, a fim de mostrar que elas comprometem o potencial revolucionário dessa geração. É possível, ainda, apoiando-se nas informações do texto II, afirmar que a juventude, no mundo ocidental, é minoria e que, devido a isso, não é capaz de mudar significativamente o *status quo*. Essas são apenas algumas sugestões e há outros argumentos que permitem sustentar ambos os posicionamentos e que podem ser citados no texto. Vale observar que, independentemente do ponto de vista e dos argumentos que escolher, deve-se compor um texto coeso e coerente e redigi-lo em linguagem padrão.
- 04. Para atender a essa proposta, deve-se compor um texto em que se apresente sua percepção sobre a família com base em dois aspectos: das relações entre seus membros e das relações entre a família e a sociedade. Uma boa forma de problematizar a abordagem é demonstrar que, hoje, muitas famílias têm composição diferente da composição da família tradicional, estruturada em torno de uma figura feminina e outra masculina, que assume o papel de provedor. As famílias hodiernas apresentam inúmeras estruturas distintas: têm apenas um dos cônjuges ou cônjuges que, vindos de outras uniões, passam a conviver com enteados de seus parceiros ou, ainda, cônjuges do mesmo sexo; são sustentadas pelo casal ou apenas pela mulher ou por filhos e enteados; agregam outros membros, como pais de cônjuges, etc. Isso sugere que as relações familiares, hoje, estabelecem-se mais por afinidade, e não simplesmente por obediência a valores morais e religiosos rígidos. Além disso, pode-se dizer que a modificação na estrutura tradicional das famílias também alterou as relações de poder entre seus membros, relativizando a posição

central que o homem ocupava e abrindo mais espaço para o diálogo entre seus componentes. Desse modo, é possível relacionar essa mudança com o contexto social, uma vez que ela é, simultaneamente, fruto de outras modificações sociais, como a emancipação feminina, e impulsionadora de novas mudanças, como o número cada vez maior de filhos em idade adulta que não abandonam a casa dos pais. Essas são apenas algumas sugestões de abordagem, de modo que se pode apresentar outra concepção sobre a família, bem como desenvolver outros aspectos relacionados a esse assunto, desde que sejam coerentes com a realidade. O texto composto deve ser bem organizado, coeso e redigido de acordo com as regras da norma-padrão da Língua Portuguesa.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
○ 02. A
○ 03. D
○ 04. C
○ 05. C
○ 06. D
○ 07. C

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
○ 02. E
○ 03. E
○ 04. B
○ 05. C
○ 06. B
○ 07. A proposta de redação segue o modelo de avaliação do Enem e solicita que se aponte a importância da conservação do passado para o futuro do país. A coletânea apresentada indica algumas possibilidades que poderão ser exploradas na elaboração do texto. É possível utilizar algumas dessas ideias para compor a redação. É necessário que sejam apresentadas propostas efetivas de conservação do passado, dando destaque àquelas que envolvam a participação de toda a sociedade. Vale lembrar que os argumentos devem estar organizados em um texto coeso, coerente e adequado à norma-padrão.



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

0 Texto Dissertativo-argumentativo

Textos de natureza dissertativo-argumentativa são muito comuns no cotidiano. As **reportagens**, escritas ou faladas, os **artigos** publicados em jornais e revistas, os **editoriais**, algumas **cartas**, como a argumentativa e a do leitor, são gêneros cujas características discursivas e formais predominantes coincidem com as do tipo dissertativo-argumentativo. A produção desse tipo de texto é, também, a mais comumente solicitada na escola e nas provas para ingresso em instituições de nível superior de todo o país. Algumas vezes, solicita-se que se produza um gênero específico; outras, apenas um texto de opinião sobre certo tema. O Enem, por sua vez, solicita a produção de um texto dissertativo-argumentativo em sua proposta de redação.

Quando se estudam tipos e gêneros textuais, o tipo dissertativo é, às vezes, apresentado separadamente do tipo argumentativo. Teoricamente, o que os diferencia é o fato de este ser opinativo, e aquele, expositivo. Na prática, entretanto, os tipos textuais não se manifestam isoladamente. Um gênero textual, como um artigo de opinião, mistura características desses dois tipos textuais e, muitas vezes, até de outros. Sendo assim, sua estrutura pode ter variações. Neste módulo, você vai aprender um pouco mais detalhadamente os modos de estruturar textos dissertativo-argumentativos.

Produzir um bom texto dessa natureza requer algum trabalho. Por se tratar de um discurso que opera com ideias abstratas, conceitos, convenções, ele exige que seu produtor tenha a capacidade de analisar o tema, de formar uma opinião, de selecionar argumentos que sustentem essa opinião e de apresentar tudo isso organizadamente. A leitura desse todo organizado deve possibilitar ao leitor compreender o raciocínio proposto pelo autor.

Desse modo, é muito difícil que alguém seja capaz de compor um bom texto dessa natureza sem antes **planejar** o que vai escrever. Pode-se dizer que a redação propriamente dita é apenas a última etapa – e nem por isso menos importante – de um processo que se inicia, em casos de vestibulares, com a leitura do enunciado da proposta. É o enunciado que define – às vezes, apenas parcialmente – o objetivo do texto a ser produzido.

No caso da redação de um texto dissertativo-argumentativo para um exame como o Enem ou outro vestibular, é importante que, além do enunciado, faça-se uma leitura atenta dos chamados “textos motivadores”, os quais normalmente acompanham essa proposta. Esses textos geralmente apresentam aspectos ou abordagens diferentes do mesmo assunto, como dados estatísticos, opiniões divergentes, relatos, enfim, elementos que podem esclarecer o enfoque do tema, nortear o caminho a ser adotado por quem escreve ou trazer contribuições para a escrita.

COMPOSIÇÃO DO TEXTO DISSERTATIVO- -ARGUMENTATIVO



Como dito anteriormente, considera-se que um texto é dissertativo-argumentativo quando apresenta, de maneira lógica, um tema e as ideias e opiniões acerca desse tema, com vistas a modificar uma crença (visão de mundo) ou um comportamento.

Essa tipologia apresenta a seguinte sequência, já esperada pelo leitor, que facilita a compreensão das ideias a serem discutidas:

- **Introdução** – momento em que o tema a ser discutido é proposto e a tese é contextualizada.
- **Desenvolvimento** – parte em que há uma problematização das ideias referentes ao tema, com a abordagem dos pontos de vista e dos questionamentos, na tentativa de esclarecer e afirmar a proposição ou tese.
- **Conclusão** – reafirmação das ideias debatidas e, em casos de vestibulares, sugestão de uma intervenção para o problema, nova proposição a ser refletida.

Para construir essa estrutura, é necessário selecionar as informações a serem utilizadas, a fim de provar e sustentar os argumentos do que se defende, pois elas é que serão a base dessa fundamentação. Além disso, para qualquer texto opinativo, não só é importante a escolha cuidadosa das informações, como também é preciso relacioná-las e organizá-las para que possam conduzir e fortalecer a argumentação textual.

Observe, a seguir, como o autor desenvolveu seu texto, cujo tema era “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”.

Entender para combater a intolerância religiosa no Brasil

- (1) *Agressões físicas a pessoas nas saídas dos cultos, agressões verbais na internet contra aqueles que não professam a mesma crença, discriminações por causa da escolha religiosa. Todas essas ações são comuns, mas não aceitáveis em um país que se diz laico, em que há a liberdade de fé. **Diante de tanta violência, há que se afirmar que existe, sim, uma grande e perturbadora intolerância religiosa no Brasil e que as medidas na luta contra esse problema ainda são deficientes. Diante disso, é preciso entender as suas verdadeiras causas para tentar solucionar essa questão.***

- (2) **Inicialmente, pode-se atribuir uma das causas desse problema a questões socioculturais.** Durante o processo de formação do Estado brasileiro, a presença dos povos indígenas e a vinda dos escravos africanos para esse território gerou uma série de discriminações e intolerâncias religiosas e culturais, advindas das ideologias que tratavam da superioridade da raça branca e da religião católica, próprias dos portugueses colonizadores. Tais ideologias estão presentes até hoje, **exemplo disso** são os dados que indicam ser os adeptos de religiões de matrizes africanas as maiores vítimas dessa intolerância. Nessa perspectiva, **percebe-se** que esse preconceito religioso é uma herança do período colonial da nossa história, no qual as atitudes discriminatórias impediam a expressão da fé e da cultura desses povos.
- (3) **Outro fator que confirma a existência dessa situação são as atuais questões políticas e administrativas,** uma vez que **não há uma punição efetiva** para ações que manifestem discriminação religiosa. Quando esses atos acontecem e não são punidos, **abrem-se precedentes para que novas ações ocorram,** e o combate a elas fica, dessa forma, minimizado e banalizado. **Tal situação** intensifica-se ainda mais quando o Estado, em nome de sua **insuficiente** laicidade, permite a existência de uma “bancada evangélica” no Congresso Nacional, que interfere na aprovação de leis e decisões políticas, com **atitudes arbitrárias, desrespeitosas e, algumas vezes, violentas.** A omissão do Estado nos assuntos religiosos coloca em dúvida o direito à liberdade religiosa, impresso no Art. 5º da Constituição Brasileira, mas que não é encontrado nas ruas, nos meios de comunicação e nem nas instâncias políticas e administrativas do nosso país. Isso só evidencia ainda mais as falhas que permeiam as ações contra a intolerância religiosa no Brasil.
- (4) *Diante disso, pode-se afirmar que existem muitos obstáculos a serem superados nos caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil. Assim, uma das alternativas para tentar combatê-la seria uma ação efetiva por parte do Governo Federal, que consistiria em realizar uma campanha de cunho informativo, imparcial (como deve ser o Estado laico), de amplo alcance, em parceria com agências publicitárias e utilizando o poder das mídias sociais na Internet e meios de comunicação (televisão, rádio, anúncios inseridos em revistas e jornais), com a finalidade de apresentar à população as características de cada religião e esclarecer a realidade de cada uma. Ao promover a desmistificação de ideias preestabelecidas e preconceituosas, seria fomentado o respeito e a tolerância entre as pessoas de crenças diferentes, mostrando que todas possuem o seu espaço na sociedade e podem conviver em paz.*

intolerância religiosa (nas ruas, na Internet). Ele afirma que as medidas para combater esse tipo de intolerância são deficientes e que, para solucionar essas questões, é necessário, primeiramente, entendê-las. Também na introdução, a autora **propõe elencar** as causas desse fenômeno.

Desenvolvimento

Primeiro argumento: questões históricas e culturais

No segundo parágrafo, são abordadas as questões socioculturais, que dizem respeito à persistência de discriminações e atos de intolerância contra as religiões afro-brasileiras e indígenas, os quais são reflexos de preconceitos do período de formação da sociedade brasileira, essencialmente branca e católica.

Segundo argumento: questões políticas e administrativas

O terceiro parágrafo é dedicado a apresentar as questões políticas e administrativas (como são chamadas pela autora) que provocam a intolerância religiosa, as quais dizem respeito às circunstâncias de discriminação religiosa, que são minimizadas pela atuação ineficaz da laicidade do Estado, da qual é exemplo a presença de uma bancada religiosa no poder público.

Conclusão – Retomada e proposta de intervenção

No quarto e último parágrafo, a autora reafirma a presença de obstáculos no combate à intolerância religiosa no Brasil e propõe uma solução (que é razoavelmente executável), apresentando as ações, os agentes, a forma / local de execução e o alvo dessas ações, e ainda detalhando os efeitos da proposta. Essa solução é típica da redação cobrada pelo Enem, nem sempre outros vestibulares vão exigir que se proponha uma intervenção. Entretanto, se ela for bem alinhada às ideias desenvolvidas no texto, não há problema em formulá-la.

Esse é um texto exemplar de dissertação em que o autor introduz o tema ilustrando-o com cenas descritivas e, em seguida, apresenta uma linha de raciocínio coerente com o que propõe desde o início (entender as causas do problema da intolerância religiosa). A redação apresenta informatividade e configura autoria ao extrapolar os textos motivadores, trazer o artigo 5º da Constituição brasileira, que trata da liberdade de crença, e analisar criticamente o contexto atual em relação ao passado.

A autora também seleciona um vocabulário (destacado no texto) que contribui para a força argumentativa, como o uso de advérbios e expressões que enfatizam o pensamento desenvolvido e a posição assumida. A escolha do título, “Entender para combater a intolerância religiosa”, que antecipa claramente o assunto, também está bem alinhada com o que foi discutido ao longo do texto.

Diante dessa análise, é possível observar que, para ser bem estruturado, um texto do tipo dissertativo-argumentativo deve ter um objetivo claro, uma tese definida e ser desenvolvido com base em um raciocínio que possa ser facilmente reconstruído pelo leitor. Por isso, nos módulos seguintes, você vai estudar a fundo como se dá a estruturação desse tipo textual; os modos de construir um texto coerente e coeso; quais são os recursos argumentativos disponíveis e como utilizá-los em favor de uma argumentação consistente.

Introdução – Apresentação do tema e como será conduzida a argumentação

No primeiro parágrafo, o autor, com a finalidade de **introduzir o tema e contextualizá-lo**, apresenta a ideia por meio de cenas cotidianas em que se reconhece



O texto dissertativo-argumentativo

Assista à videoaula e saiba mais sobre o texto dissertativo-argumentativo.

6P89

O TEXTO DISSERTATIVO- -ARGUMENTATIVO NO ENEM E NOS VESTIBULARES



O Enem, assim como a maioria dos vestibulares de faculdades e universidades do Brasil, cobra dos seus participantes a redação de um texto, comumente uma dissertação de caráter argumentativo, na qual se espera que o candidato, visando sustentar um ponto de vista sobre o tema proposto ou sugerido, demonstre capacidade de mobilizar conhecimentos e opiniões; argumentar de forma coerente e pertinente; articular eficazmente as partes do texto; e expressar-se de modo claro, correto e apropriado à situação.

A proposta de redação do Enem, no entanto, tem como especificidade a exigência de elaboração de uma proposta de intervenção social relacionada ao tema discutido no texto. Essa proposta de intervenção deve estar bem articulada com a tese desenvolvida, apresentando sugestões específicas e viáveis do ponto de vista prático, além de respeitar a diversidade e os direitos humanos.

Como o Enem tornou-se o exame de maior prestígio e alcance do país, sendo aceito como forma de ingresso a cursos superiores até por universidades no exterior, você estudará quais são as cinco competências avaliadas por esse exame. A boa preparação para a redação do Enem resultará em uma boa preparação para a redação de qualquer outro vestibular, uma vez que a avaliação de todos eles leva em conta as habilidades contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação, elaborados e divulgados pelo MEC.

Competências avaliadas

O desempenho dos candidatos do Enem na redação é avaliado conforme as competências listadas a seguir, as quais devem ser observadas durante o planejamento do texto. Reconhecer e compreender tais competências é importante para perceber em que ponto a redação produzida está de acordo com as exigências avaliativas desse exame, guiando, dessa forma, uma produção mais cuidadosa e consciente. Conforme discutido no módulo, a produção de um texto dissertativo-argumentativo requer a observação à organização das ideias apresentadas tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo da tese desenvolvida.

Competência 1	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.
Competência 2	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
Competência 3	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
Competência 4	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
Competência 5	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

BRASIL. MEC; INEP; DAEB. *Redação no Enem 2017 – Cartilha do participante*. Brasília-DF: [s.n.], 2017. p. 8. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2017/manual_de_redacao_do_enem_2017.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Dentro dessas cinco competências, o candidato pode ser pontuado em seis níveis, que vão de 0 a 5 (na competência 2, que se refere ao tema e ao tipo textual, zero corresponde à desclassificação da redação). Observe, a seguir, a que se refere, especificamente, cada uma dessas competências.

Competência 1. Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa

Essa competência relaciona-se à capacidade do candidato de distinguir a modalidade escrita da oral, bem como o registro formal do informal da Língua Portuguesa. O candidato precisa também estar atento ao modo como apresenta as informações por meio da elaboração de frases completas, que expliquem suas ideias de modo claro, evitando a ambiguidade. As regras de pontuação também são importantes de serem observadas, uma vez que concorrem para a coerência, a organização e a fluidez do texto, além de funcionarem como recurso expressivo.

Espera-se ainda que o participante, ao longo do seu percurso pela educação básica, tenha desenvolvido capacidade linguística necessária para utilizar a norma-padrão da língua em um texto escrito, como é o caso da redação do Enem, sem que utilize expressões e estruturas típicas da linguagem oral. Assim, o emprego de gírias (“tipo assim”, “véi”, “valeu”), de expressões ou reduções típicas da escrita na Internet (“vc”, “pq”, “vlw”), de palavras reduzidas (“tá”, “pra”) e de expressões típicas da oralidade (“então tá”, “entendeu?”) confere informalidade ao texto, ao passo que o emprego de vocabulário preciso e variado atribui ao texto mais formalidade.

Além disso, alguns requisitos básicos relativos à norma-padrão devem ser atendidos:

- concordância nominal e verbal;
- regência nominal e verbal;
- pontuação;
- flexão de nomes e verbos;

- colocação de pronomes oblíquos (átomos e tônicos);
- grafia das palavras (acentuação gráfica, emprego de letras maiúsculas e minúsculas e uso do hífen);
- divisão silábica na mudança de linha (translineação).

Níveis de desempenho

200 pontos	Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizarem reincidência.
160 pontos	Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.
120 pontos	Demonstra domínio mediano da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita.
80 pontos	Demonstra domínio insuficiente da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, com muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
40 pontos	Demonstra domínio precário da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, de forma sistemática, com diversificados e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
0 ponto	Demonstra desconhecimento da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.

BRASIL. MEC; INEP; DAEB. *Redação no Enem 2017 – Cartilha do participante*. Brasília-DF: [s.n.], 2017. p. 14.
Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2017/manual_de_redacao_do_enem_2017.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Competência 2. Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa

Nesse aspecto avaliativo, é exigida do candidato a compreensão efetiva do enunciado da proposta, bem como uma leitura atenta dos textos motivadores. O candidato precisa, portanto, estar ciente da exigência da elaboração de um texto dissertativo-argumentativo, além de compreender exatamente o que esse tipo textual requer.

Sendo assim, é necessário que ele saiba que, em um texto dissertativo-argumentativo, deve expor e defender uma tese, posicionando-se em relação ao tema proposto. Os argumentos, no entanto, precisam ser originais, claros e coerentes; para isso, é importante que o candidato evite prender-se às ideias expostas nos textos motivadores, desenvolvendo argumentos originais e criativos, além de não os copiar ou limitar-se a parafraseá-los.

De modo geral, é necessário organizar as ideias em uma estrutura consistente e coerente, de fácil entendimento para o interlocutor. A coerência também deve existir entre a introdução e a conclusão do texto, que precisam estar afinadas com a tese elaborada.

Por fim, é necessário sempre manter-se dentro do tema proposto, não se afastando do foco da argumentação. A utilização de informações e conhecimentos de várias áreas demonstra que o candidato está atualizado com o que ocorre ao seu redor, além de ter subsídios para a construção de uma argumentação mais original.

Nessa competência, o candidato deve, ainda, ser muito atencioso, pois ele é duplamente avaliado: no tema e na estrutura textual. Dessa forma, se abordar o assunto de modo mais geral, sem aprofundamento, deixando de discutir o tema proposto, ele pode ter sua nota diminuída por **tangenciar** o tema, assim como se apenas expor as ideias, sem apresentar uma tese, um ponto de vista a ser defendido.

Para desenvolver o texto, o candidato pode recorrer a algumas estratégias argumentativas, que serão aprofundadas em módulos posteriores:

- exemplos;
- dados estatísticos, pesquisas, fatos comprováveis;
- citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto;
- pequenas narrativas ilustrativas;
- alusões históricas;
- comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos.

Uma tese bem fundamentada, boas estratégias argumentativas e estrutura textual adequada podem ser observadas no texto a seguir, sobre o tema do Enem de 2015: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”.

*Desde as eras mais remotas, ao longo da formação das civilizações, as mulheres têm sido vítimas de violência pelos homens. **A supremacia masculina inferioriza, maltrata e desonra o sexo feminino, fato que até hoje permanece, de forma mais ou menos acentuada na maioria das culturas ocidentais e orientais.** Essa violência pode ser implícita, com uma cultura que permite e aceita ações que de alguma forma cerceia a vida das mulheres, **ou pode ser explícita, como no caso do Brasil.***

No nosso país, desde a colonização, a mulher tem tido um papel secundário na sociedade. Esse processo de inferiorização da mulher chegou ao Brasil com os portugueses, que trouxeram sua cultura patriarcal e falocêntrica impondo padrões de conduta e de comportamento que, se desobedecidos, mereciam a punição da agressão, da desmoralização, da humilhação e até da morte. Entretanto, até os dias atuais, essas regras implícitas de comportamento ainda resistem e permeiam a cabeça de homens – e até mesmo de mulheres – que julgam e condenam aquelas que fogem ao padrão da mulher “bela, recatada e do lar”, explicitando, assim, uma das formas de violência contra o sexo feminino.

Além disso, por serem recentes as conquistas femininas, como as relacionadas ao direito ao voto, que ocorreu apenas na década de 1930, e à liberdade sexual, com o surgimento da pílula anticoncepcional na década de 1960, **até hoje persistem os preconceitos com relação a mulher em cargos políticos, executivos, científicos e naqueles considerados "pesados" e, por isso, exclusivamente masculinos**, como, por exemplo, na siderurgia, construção civil, mineração e transporte, como se não fosse possível que elas ocupassem essas funções. Ainda no que diz respeito ao trabalho, por mais que se lute, **permanecem até hoje discrepâncias relacionadas à empregabilidade e ao salário**, principalmente se a mulher for casada e tiver filhos.

Outra forma explícita de violência é aquela que diz respeito às agressões físicas, em que o agressor, seja ele companheiro, marido, namorado ou amante, independente do grau de proximidade, se aproveita do argumento de que "estava defendendo sua honra", ou que "a mulher não tinha uma postura adequada" e a agride, de forma bruta e cruel, ocasionando muitas vezes a morte, ou o enclausuramento, em que as mulheres se refugiam por medo dos seus parceiros. Antigamente, esse tipo de agressão, na maioria das vezes doméstica, **era tratado com sigilo pela família e sempre a vítima era dada como culpada, no entanto, na atualidade, esse quadro já se mostra diferente e providências mais efetivas têm sido adotadas para conter essa violência**.

O surgimento de órgãos defensores como o Disque 180, delegacias especializadas na defesa da mulher e, acima de tudo, a Lei Maria da Penha, que protege a vítima e agiliza a punição ao agressor, são medidas que têm dado resultado. Mas os índices estatísticos da violência contra a mulher ainda são muito altos e alarmantes. Por isso, é preciso que o Estado aplique punições mais efetivas, com a detenção do agressor, combinada com a proteção à vítima durante os trâmites do julgamento, de forma que ela não tenha receio de denunciar e levar o caso até o final. Assim, sentindo-se protegida certamente ela conseguirá refazer sua vida longe de violência.

Esse texto defende o ponto de vista de que as mulheres sempre foram agredidas e inferiorizadas e que, no Brasil, há violência tanto "explícita" como "implícita", que teve início com a colonização e com a cultura trazida pelos portugueses, os quais tratavam as mulheres com humilhação e com regras de comportamento rígidos.

Em seguida, embora reconheça avanços em fatos como a conquista do direito ao voto e o surgimento da pílula anticoncepcional, o autor apresenta o primeiro argumento, que é a violência no trabalho, em que a mulher sofre preconceitos e tem condições diferentes das masculinas. Outro argumento diz respeito às agressões físicas, que antigamente ficavam só no sigilo do lar, mas que agora são tratadas com medidas mais firmes.

Por fim, conclui apresentando o cenário atual de violência e propõe punições mais rígidas para os agressores e medidas mais protetivas para as vítimas.

Por trazer informatividade e um repertório sociocultural produtivo, organizado e articulado com consistência, o texto configura autoria, o que faz com que ele seja avaliado no nível cinco dessa competência.

Níveis de desempenho

200 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente , a partir de um repertório sociocultural produtivo , e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo .
160 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo , com proposição, argumentação e conclusão.
120 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo , com proposição, argumentação e conclusão.
80 pontos	Desenvolve o tema recorrendo à cópia de trechos dos textos motivadores ou apresenta domínio insuficiente do texto dissertativo-argumentativo , não atendendo à estrutura com proposição, argumentação e conclusão.
40 pontos	Apresenta o assunto, tangenciando o tema , ou demonstra domínio precário do texto dissertativo-argumentativo , com traços constantes de outros tipos textuais .
0 ponto	Fuga ao tema / não atendimento à estrutura dissertativo-argumentativa . Nestes casos, a redação recebe nota zero e é anulada.

BRASIL. MEC; INEP; DAEB. *Redação no Enem 2017 – Cartilha do participante*. Brasília-DF: [s.n.], 2017. p. 19. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2017/manual_de_redacao_do_enem_2017.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Competência 3. Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista

Essa competência trata do modo como o candidato apresenta sua tese e as ideias que vão sustentar sua argumentação em relação ao ponto de vista a ser defendido. Também avalia a compreensão e a possibilidade de construção de sentidos pelo leitor por meio das ideias apresentadas no e pelo texto. Dessa forma, são avaliadas na produção: a precisão vocabular; a progressão temática do desenvolvimento do tema, revelando o **planejamento** da redação e o **encadeamento** lógico das ideias; e, por fim, a adequação entre o conteúdo do texto e o mundo real. No próximo módulo, serão mais aprofundadas as questões relativas à coerência, à progressão e à manutenção temática.

Como exemplo da seleção, organização e relação entre as ideias apresentadas no texto, leia a redação a seguir, cujo tema proposto também foi o do Enem de 2015.

Muitos eventos importantes marcaram a história do nosso país, mas em relação à mulher e seus direitos, o marco maior aconteceu no dia 24 de fevereiro de 1932, no governo de Getúlio Vargas. Depois de muitos anos de reivindicações e luta, nesse dia foi assegurado às mulheres o direito de votar e serem eleitas para cargos no executivo e legislativo. Entretanto esse foi apenas um passo no longo percurso que a mulher precisou – e ainda precisa – percorrer todos os dias para ser respeitada e ter garantidos seus direitos como cidadã, pois, até hoje, com tanto avanço científico e tecnológico, por trás de uma camada de civilidade ainda existe uma parcela considerável da população brasileira com pensamentos e atitudes machistas, fato facilmente comprovado pelos índices altíssimos de violência contra a mulher.

Ao compararmos a situação de violência contra a mulher no Brasil a outros países do mundo, a qual indigna pela brutalidade dos atos, verificamos que o nível de violência aqui não fica muito distante deles. Basta verificar o quadro como o que foi apresentado no Mapa da Violência de 2012, apresentando o aumento de 230% na quantidade de mulheres vítimas de assassinato em 30 anos (entre 1980 e 2010), além do número alarmante de mulheres que pedem ajuda todos os dias à polícia, por sofrerem agressões dos próprios companheiros.

Apesar de haver dados estatísticos apresentando um quadro atual preocupante da violência física, esse é um problema de raízes sócio-históricas. No Brasil dos séculos passados, a mulher era violentada todos os dias ao ser tratada como um ser inferior, que devia servir ao marido, cuidar unicamente da casa e dos filhos, sem direito a uma educação que não fosse ligada às prendas do lar. A maioria não sabia ler e escrever e tampouco poderiam envolver-se em assuntos que não "eram para mulher". Foi preciso que mulheres fortes e determinadas como Nízia Floresta, escritora e educadora e Bertha Lutz, responsável direta pela conquista do direito ao voto feminino, reconhecidas entre as primeiras feministas do Brasil, lutassem para que hoje as mulheres possam ter o direito de estudar, trabalhar e ser reconhecidas como parte integrante da sociedade.

Entretanto, todo esse percurso, toda essa luta de tantas mulheres por direitos torna-se sem sentido ao se permitir que a violência esteja presente nos lares, nos escritórios, nas ruas, nos locais de lazer, em forma de agressões físicas, de assédios, de desrespeito, de violações físicas, morais e psicológicas. Ao se consentir que a mulher seja julgada pela roupa que veste, pelo batom que usa; ao se permitir que ela precise trabalhar o dobro para receber metade do salário de um homem; ao se ignorar tantas formas de abusos sem que haja punição para isso. Infelizmente, a sociedade ainda corrobora, ainda que de forma velada, com a permanência dessas formas de violência.

Contudo, apesar do quadro pungente que ainda somos obrigados a constatar, muitas ações já estão sendo feitas para, pelo menos, avançar na minimização da violência contra a mulher, e a implantação da Lei Maria da Penha foi uma delas. Mas ainda é necessário mais. Muitas vezes as mulheres continuam em relacionamentos violentos e abusivos por não ter para onde ir e nem como sustentar elas mesmas e seus filhos. Assim, o governo federal, em conjunto com o Estado e a Prefeitura poderia construir mais centros de acolhimento a essas mulheres que sofrem agressão, como forma de executar as medidas protetivas, dando-lhes segurança e trabalho, para que possam refazer suas vidas dignamente. Seria muito bom que não fosse necessário esse tipo de intervenção, mas enquanto houver violência, que haja pelo menos uma maneira de se libertar dela.

O autor da redação demonstra um excelente domínio do tipo dissertativo-argumentativo, pois seu texto mostra-se bem organizado, com introdução, desenvolvimento e conclusão. Ele apresenta, no primeiro parágrafo, uma informação referente à História do Brasil (a instituição do voto feminino no governo de Getúlio Vargas, na década de 1930), elemento que denota repertório sociocultural produtivo e introduz o tema, que é desenvolvido por meio de argumentação consistente, articulada ao ponto de vista defendido.

A tese defendida é a de que, apesar da obtenção de um avanço na situação da mulher no Brasil, o machismo e as ocorrências de ações agressivas contra mulheres ainda persistem e devem ser combatidos. Para a argumentação, o autor apresenta os dados estatísticos da violência contra a mulher, os componentes sócio-históricos da inferiorização e um repertório sociocultural produtivo e autoral ao mencionar mulheres feministas como Nízia Floresta e Bertha Lutz. Ele também apresenta outras formas de violência na atualidade, como o assédio e as agressões psicológicas, inclusive no âmbito do trabalho. Por fim, conclui trazendo uma proposta bem alinhada à argumentação desenvolvida. Há, nesse texto, coerência tanto na tese defendida, em relação à argumentação, quanto em um argumento em relação a outro.

Esse pode ser considerado um texto do nível cinco nessa competência.

Níveis de desempenho

200 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria , em defesa de um ponto de vista.
160 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria , em defesa de um ponto de vista.
120 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados , em defesa de um ponto de vista.
80 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores , em defesa de um ponto de vista.
40 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista .
0 ponto	Apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista .

BRASIL. MEC; INEP; DAEB. *Redação no Enem 2017* – Cartilha do participante. Brasília-DF: [s.n.], 2017. p. 21. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2017/manual_de_redacao_do_enem_2017.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Competência 4. Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação

Essa competência exige do candidato o conhecimento dos recursos linguísticos utilizados na construção de um texto. Nesse sentido, deve-se atentar para a estruturação lógica e formal entre as partes do texto, em que frases, orações e parágrafos estabeleçam relação entre si, de modo a dar um sequenciamento ao texto e a tornar as ideias interdependentes, ligadas umas às outras.

O encadeamento de ideias, do ponto de vista linguístico, deve ser feito por meio da utilização de preposições, conjunções, advérbios e locuções adverbiais. É importante, ainda, utilizar os diversos mecanismos de referência, evitando a repetição de termos e atentando para a forma correta de retomar palavras ou ideias anteriormente apresentadas.

Tanto a competência 3 quanto a 4 avaliam a composição textual. No entanto, a 3 avalia aspectos mais relacionados à estrutura profunda do texto, isto é, à **coerência**; já a 4 avalia aspectos mais relacionados à estrutura superficial do texto, isto é, à **coesão**. No módulo A03 deste volume, apresentam-se, de modo mais detalhado, a coerência e a coesão.

Para demonstrar a boa utilização dos recursos coesivos e mecanismos de referência na coesão textual, apresentamos a redação sobre o tema do Enem de 2013: "Os efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil".

A Lei 11 705, aprovada no ano de 2008, surgiu como uma solução para os **desastres no trânsito** que se tornaram comuns no território brasileiro. Antes de 2008, **a situação** estava crítica e, apesar das evidentes melhoras em relação à conscientização da população, ainda continua sendo foco de preocupação. Diante desse quadro, a aprovação da chamada **Lei Seca** aconteceu rodeada de polêmicas.

Primeiramente, não se pode negar a importância **dessa lei** para o atual cenário nacional. A história daquele vizinho ou conhecido que pegou o volante depois de beber e sofreu um acidente transformou-se em rotina. O problema é quando a combinação da desejada bebida alcoólica com a direção causa a morte, muitas vezes não somente **daquele** que se propôs a conduzir um veículo estando alcoolizado. **Logo**, o surgimento da **Lei Seca** veio com o objetivo de diminuir a frequência **dessas tragédias**. **Porém**, alcançar resultados satisfatórios não depende apenas da boa intenção de uma legislação.

Esse problema possui uma origem histórico-cultural, **pois**, como não havia punições graves para quem dirigisse alcoolizado, esse comportamento tornou-se, para muitos, um **hábito**. **Esse fato** pode propiciar uma idealização de que os acidentes causados pela **combinação álcool e direção** são raros, **o que** nos leva à discussão de que é essencial uma campanha de conscientização adjunta à aplicação da lei, **assim como** ocorre na educação ambiental, **em que** as pessoas precisam entender a importância de não se cortar uma árvore, **pois**, se elas o fizerem, serão penalizadas.

Na implantação da **Lei Seca**, a maioria das contraposições veio dos comerciantes de bebidas, **que** argumentaram uma possível perda nas vendas, **já que** com **essa lei** as pessoas poderiam optar por consumir **bebidas alcoólicas** em seus próprios domicílios, deixando de comprar os acompanhamentos oferecidos e até ingerindo menos pela influência do meio. **Quanto a isso**, vale lembrar a existência de táxis, ônibus e outros meios de transportes, com pessoas capacitadas para dirigir, que podem permitir aos **indivíduos** frequentarem lugares em que se consome **álcool** sem a necessidade de dirigir depois. Basta que o comerciante seja astuto, faça parcerias com "moto-taxis", "vans", ou motoristas, para que possam transportar o **seu cliente** com segurança, e ofereçam a **ele** esse serviço.

Nessa perspectiva, são perceptíveis os impactos positivos **dessa legislação** em nosso cotidiano.

Porém, também é visível alguns problemas relacionados à falta de investimento público em uma conscientização extra. **Precisamos desestigmatizar o costume de beber e dirigir** presente em nossa sociedade, **mas precisamos fazê-lo** de forma efetiva e não somente provisória, como ocorre em casos de alguns motoristas que são penalizados com a lei, mas que não são sensibilizados a mudar de **atitude**, podendo, assim, repetir a **ação**.

O texto apresenta uma boa paragrafação, períodos bem desenvolvidos e estruturados, com a presença de orações intercaladas e explicativas, e um repertório bastante diversificado de recursos coesivos **referenciais** (referência ao que já foi ou que ainda será dito) e **sequenciais** (que dão sequência às ideias do texto e que podem ser internos ou externos).

Essa redação é um exemplo típico do nível cinco dessa competência, pois o texto é fluente, o aluno articula bem as ideias e utiliza os recursos coesivos com propriedade, como as retomadas referenciais do primeiro parágrafo: "desastres no trânsito" e "a situação", "Lei 11 705" e "Lei Seca".

No segundo parágrafo, ele introduz sua argumentação utilizando o advérbio "primeiramente" (suscitando a ideia de que haverá pelo menos um segundo lado da questão). Ele explica isso dentro do próprio parágrafo, ao trazer a conjunção "logo" para esclarecer o seu argumento.

No terceiro parágrafo, os conectivos (marcados no texto) são utilizados como recursos sequenciais, e as retomadas do tema por "esse problema" e "esse fato" sugerem uma escolha proposital das substituições que enriquecem o texto.

O quarto parágrafo também apresenta boa articulação e continuidade interna, com o uso de expressões como "quanto a isso" para retomar e continuar com a argumentação.

O quinto parágrafo é iniciado com uma expressão articuladora que indica a síntese do que foi dito, "nessa perspectiva", e continua com outras substituições, mantendo a coesão e a articulação interna dos períodos.

Níveis de desempenho

200 pontos	Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
160 pontos	Articula as partes do texto com poucas inadequações e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
120 pontos	Articula as partes do texto de forma mediana, com inadequações, e apresenta repertório pouco diversificado de recursos coesivos.
80 pontos	Articula as partes do texto de forma insuficiente, com muitas inadequações, e apresenta repertório limitado de recursos coesivos.
40 pontos	Articula as partes do texto de forma precária.
0 ponto	Não articula as informações.

BRASIL. MEC; INEP; DAEB. *Redação no Enem 2017* – Cartilha do participante. Brasília-DF: [s.n.], 2017. p. 24. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2017/manual_de_redacao_do_enem_2017.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Competência 5. Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos

A proposta de intervenção social solicitada na redação do Enem deve estar apoiada na tese defendida e nos argumentos utilizados. É necessário que a proposta seja detalhada, específica e coerente com a realidade, ou seja, deve ser plausível, apresentar uma execução viável e demonstrar o conhecimento de mundo do candidato sobre questões de ordem social, política e cultural. O texto da proposta deve respeitar os direitos humanos, bem como a diversidade, a cidadania e a liberdade. Além disso, deve ser articulado em mais de um período para que a ideia não se apresente de modo confuso.

Para ser considerada completa, a proposta deve apresentar: a **ação interventiva** (o que deve ser feito), o **agente** (quem executa a ação), o **modo** ou o **meio em que essa ação será executada** (por meio de que ou quem? Como?), a **finalidade da ação** (o que ela vai provocar, quais são / serão as consequências dessa ação?) e o **detalhamento** (a explicação da ação, sua justificativa).

Alguns participantes acham que expressões como “é preciso conscientizar”, “devemos lutar”, “é preciso ficar atento” são formas de proposta, entretanto essas assertivas ficam somente no campo das ideias, pois não há a proposição de uma ação efetiva e específica. Por isso, deve-se evitar esse tipo de colocação como proposta de intervenção.

Outros candidatos, por sua vez, acreditam que várias ações irão enriquecer sua proposta. Entretanto, se nenhuma delas for devidamente desenvolvida, mesmo que sejam exequíveis, a proposta estará inadequada. Igualmente, se ela não estiver alinhada com a discussão desenvolvida no texto, também não será bem avaliada. Assim, é preferível que se faça uma boa proposta de intervenção, com todos os elementos já mencionados, do que várias ações incompletas.

Como exemplo de proposta que contém todos os elementos necessários para ficar no nível cinco dessa competência, apresentamos o trecho de uma redação sobre o tema do Enem de 2016: “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”.

Diante da discussão apresentada, fica clara a necessidade de se combater a intolerância religiosa no Brasil. Para isso, o Ministério da Educação, em conjunto com os governos estaduais e municipais [agentes], deveria desenvolver ações nas escolas, como aulas de sociologia, filosofia ou religião [ação], que abordassem o tema com imparcialidade [meio / modo], de maneira a expor e esclarecer informações sobre cada vertente religiosa [finalidade]. Dessa forma, o aluno poderia desenvolver um pensamento crítico, que não fosse baseado no senso comum, mas no conhecimento histórico-social adquirido nessas aulas [detalhamento da ação]. É somente por meio da educação e do conhecimento acerca da importância da religião (em suas mais diversas manifestações) que se pode construir uma sociedade igualitária, que respeite as crenças e consiga vencer os preconceitos.

Como é possível visualizar, foi elaborada apenas uma proposta na qual o autor do texto:

- nomeia os agentes (“o Ministério da Educação, em parceria com os governos estaduais e municipais”);
- especifica a ação (“aulas de sociologia, filosofia ou religião”);
- aponta os meios (abordagem do “tema com imparcialidade”);
- apresenta as finalidades (“expor e esclarecer informações”, estimulando o respeito às diferentes vertentes religiosas);
- assinala os detalhamentos (“desenvolver um pensamento crítico”).

Diante da análise, verifica-se que é produtivo, ao organizar as ideias do texto, perguntar-se: qual seria a maneira de solucionar essa questão? Quem poderia fazer isso e de que forma? Qual seria o objetivo dessa ação? Assim, certamente, você conseguirá elaborar uma proposta que também seja exemplar.

Níveis de desempenho

200 pontos 4 elementos + detalhamento	Elabora muito bem proposta de intervenção, detalhada , relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
160 pontos 4 elementos	Elabora bem proposta de intervenção , relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
120 pontos 3 elementos	Elabora de forma mediana proposta de intervenção , relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
80 pontos 2 elementos	Elabora de forma insuficiente proposta de intervenção, relacionada ao tema ou não articulada à discussão desenvolvida no texto.
40 pontos 1 elemento	Apresenta proposta de intervenção vaga, precária ou relacionada apenas ao assunto.
0 ponto	 Não apresenta proposta de intervenção ou apresenta proposta não relacionada ao tema ou ao assunto.

BRASIL. MEC; INEP; DAEB. *Redação no Enem 2017 – Cartilha do participante*. Brasília-DF: [s.n.], 2017. p. 25. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2017/manual_de_redacao_do_enem_2017.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (IFBA–2018)

Texto I

Acordo ortográfico da Língua Portuguesa

Muito se falou e se fala sobre a nova reforma na Língua Portuguesa. Alguns são a favor, mas pelo que se vê, a maioria é contra. Há uma crise pessoal diante da mudança ortográfica: como vou escrever e ler de forma diferente? Como vou aprender algo que já tenho como certo e que agora está errado? Como vou ensinar os meus filhos a falar se a pronúncia está diferente?

Alguns desses pensamentos sobre o acordo ortográfico estão equivocados, principalmente o da última pergunta! É importante saber que o modo como as palavras são pronunciadas continua da mesma maneira, bem como o vocabulário e a sintaxe (a organização dos termos na oração).

A reforma ortográfica era para entrar em vigor desde 1990, no entanto, somente três países tinham assinado o protocolo modificativo do acordo ortográfico: Brasil, Cabo Verde e Portugal. De acordo com o Ministério da Educação, o acordo ortográfico visa simplificar e aprimorar a língua em todos os países da comunidade lusitana. Além disso, o governo poderá reforçar acordos de cooperação entre os países que falam português, como ampliar o acordo de ensino com o Timor Leste, por exemplo. Todo processo de mudança exige adaptação e há fatores positivos e negativos.

VILARINHO. Sabrina. *Acordo ortográfico da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/acordo-ortografico/acordo-ortografico--língua-portuguesa-1.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Texto II



Disponível em: <<http://professoracurtiaulaparticular.blogspot.com.br/2013/06/dicas-e-charges.html>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Considerando os textos I e II, assim como os seus próprios conhecimentos sobre a temática, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre **Vantagens e desvantagens do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**. Não se esqueça de apresentar proposta de intervenção em conformidade com os Direitos Humanos.

02. (PUCPR–2018) Com base na leitura dos fragmentos que compõem a coletânea de textos motivadores e em suas reflexões sobre o tema, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da Língua Portuguesa, apresentando seu ponto de vista sobre:

A (im)possibilidade de redução da violência no Brasil e do alcance de soluções favoráveis para a sociedade cultivar os valores da paz.

Texto I

Estudo realizado, em 2016, pelo Instituto para a Economia e a Paz, mostra que países com baixos níveis de corrupção, livre acesso à informação e melhor distribuição de renda e recursos conseguem vencer a violência. O Brasil amarga um 105º lugar entre os 163 países pesquisados. Os crimes interpessoais e de organizações pesam nas contas do país que enfrenta deterioração das instituições e se afundou na crise decorrente da corrupção generalizada.

GAZETA DO POVO. Edição semanal de 10 a 16 de junho de 2017. p. 28.

Texto II

A história da humanidade é uma história de lutas de guerras. Temos uma cultura de violência herdada de nossos antepassados. Mas a história de humanidade também é a história de homens e mulheres que mostraram, através de uma vivência pessoal, ser possível desenvolver uma Cultura de Paz. Os chamados pacifistas vivenciaram a solidariedade, e mostraram como as lutas individuais e de grupos podem gerar a paz. Muitos dizem que eles são seres especiais, porque ousaram propor e sonhar com um mundo sem violência. Eles nos mostraram caminhos e modos de vida que podem nos levar a Cultura de Paz.

Disponível em: <<http://www.londrinapazeando.org.br/index.php/apresentacao>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

Texto III

Caetano Veloso, poeticamente, revela: “Enquanto os homens exercem seus podres poderes. Morrer e matar de fome, de raiva e de sede, são tantas vezes gestos naturais.” (Podres poderes)

Texto IV

[...] A cidadania para poucos, a pobreza, a falta de uma cultura de respeito aos direitos humanos, a discriminação racial e o racismo, a inacessibilidade, a justiça, o machismo e as práticas inadequadas de segurança pública resultam em índices de violência extremamente elevados.

Historicamente, as enormes desigualdades sociais, econômicas e culturais expressam uma das características mais marcantes do país. Em anos recentes, percebe-se um crescimento da consciência da sociedade e do governo quanto à necessidade de reverter-se essa condição, criando-se mecanismos de participação e controle social, programas, projetos e ações que indicam um movimento de transformações positivas.

Apesar de possuir grande número de pessoas pobres, o Brasil não é um país pobre, mas precisa superar um quadro de injustiça social e desigualdade.

Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/social-transformations/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Texto V

Na Constituição da UNESCO (1948) há um trecho que postula: “Assim como as guerras nascem nas mentes humanas, é nas mentes humanas que devem ser erguidas as defesas da paz.”

- 03.** (UFTM-MG) Leia os textos a seguir para elaborar sua redação, que deverá atender à norma-padrão da Língua Portuguesa.

Texto I

A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda.

QUINTANA, Mario. *Na volta da esquina*.

Texto II

Culturalmente, temos negado nosso direito de pouco fazer. Produzir sem cessar é o estereótipo vigente, atrelado às leis do trabalho. E à felicidade. Mas até essa ideia encontrou resistência. O pensador francês Paul Lafargue, por exemplo, pregou o “direito à preguiça” como uma luta verdadeiramente libertária. Já o teórico Jean Baudrillard defendia a escolha pelo ócio: “Não mudarei, qualquer que seja o curso dos acontecimentos. Detesto a atividade agitada dos meus concidadãos, a iniciativa, a responsabilidade social. São valores exógenos, urbanos, pretensiosos. São qualidades industriais. A preguiça é uma energia natural”.

Disponível em: <www.estadao.com.br>.

Acesso em: 23 jan. 2010 (Adaptação).

Texto III

Aquele que é mestre na arte de viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo livre, entre a sua mente e o seu corpo, entre a sua educação e a sua recreação, entre o seu amor e a sua religião. Distingue uma coisa da outra com dificuldade. Almeja, simplesmente, a excelência em qualquer coisa que faça, deixando aos demais a tarefa de decidir se está trabalhando ou se divertindo. Ele acredita que está sempre fazendo as duas coisas ao mesmo tempo.

MASI, Domenico de. *O ócio criativo*.

Texto IV

Sem trabalho eu não sou nada

Não tenho dignidade

Não sinto o meu valor

Não tenho identidade

[...]

RUSSO, Renato. Música de trabalho.

Disponível em: <www.legiao.org>.

Em uma cultura em que tanto se exalta o trabalho, como forma de vencer na vida e de se realizar, e, ao mesmo tempo em que milhões e milhões de pessoas não conseguem o emprego que tanto desejam, paradoxalmente se vê o tempo livre aumentar. Com base na leitura dos textos, elabore um texto dissertativo sobre o tema:

**Trabalho e tempo livre:
é possível conciliar essas realidades?**

04. (UERJ)**Ciência na educação popular**

Há uma dimensão ética da divulgação científica na qual eu gostaria de me deter: a circulação das ideias e dos resultados de pesquisas é fundamental para avaliar o seu impacto social e cultural, como também para recuperar, por meio do livre debate e confronto de ideias, os vínculos e valores culturais que a descoberta do novo, muitas vezes, rompe ou fere. Nesse sentido, a divulgação não é apenas página de literatura, mas exercício de reflexão sobre os impactos sociais e culturais de nossas descobertas.

Os limites das manipulações com seres humanos têm dimensões técnicas e éticas que transcendem os estreitos corredores dos hospitais, dos institutos de pesquisa ou até mesmo dos respeitáveis conselhos de bioética. Informar essa discussão, de modo que os valores novos possam ser pensados e os antigos respeitados, é arte complexa de múltiplas dimensões humanas, científicas e culturais.

Acredito que esse aspecto da divulgação da ciência, uma vez que o público leigo – insisto – também deve ser alcançado, é responsabilidade do cientista e, a meu ver, deveria ser item do financiamento público da própria pesquisa. Dificilmente podemos imaginar que fundos privados, provenientes de empresas interessadas na comercialização dos produtos das pesquisas, investiriam recursos para promover a livre discussão sobre as repercussões éticas das inovações ou descobertas por eles financiadas.

CANDOTTI, Ennio.

Disponível em: <www.casadaciencia.ufrj.br> (Adaptação).

No texto anterior, o autor trata da necessidade de divulgar ideias e resultados de pesquisas como forma de democratizar, na sociedade, o debate acerca de valores culturais e sociais, de vantagens e de problemas que envolvem todas as pesquisas científicas e seu uso posterior na vida do cidadão comum.

Elabore um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, no qual discuta a necessidade de que a sociedade conheça e debata as motivações, interesses e usos das pesquisas científicas. Utilize a norma-padrão da língua e atribua um título à sua redação.

**EXERCÍCIOS
PROPOSTOS**

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **01** a **03**.

O poder criativo da imperfeição

- Já escrevi sobre como nossas teorias científicas sobre o mundo são aproximações de uma realidade que podemos compreender apenas em parte. Nossos instrumentos de pesquisa, que tanto ampliam nossa visão de mundo, têm necessariamente limites de precisão. Não há dúvida de que Galileu, com seu telescópio, viu mais longe do que todos antes dele. Também não há dúvida de que hoje vemos muito mais longe do que Galileu poderia ter sonhado em 1610. E certamente, em cem anos, nossa visão cósmica terá sido ampliada de forma imprevisível.
- 5
- 10

No avanço do conhecimento científico, vemos um conceito que tem um papel essencial: simetria. Já desde os tempos de Platão, há a noção de que existe uma linguagem secreta da natureza, uma matemática por trás da ordem que observamos.

Platão – e, com ele, muitos matemáticos até hoje – acreditava que os conceitos matemáticos existiam em uma espécie de dimensão paralela, acessível apenas através da razão. Nesse caso, os teoremas da matemática (como o famoso Teorema de Pitágoras) existem como verdades absolutas, que a mente humana, ao menos as mais aptas, pode ocasionalmente descobrir. Para os platônicos, a matemática é uma descoberta, e não uma invenção humana.

Ao menos no que diz respeito às forças que agem nas partículas fundamentais da matéria, a busca por uma teoria final da natureza é a encarnação moderna do sonho platônico de um código secreto da natureza. As teorias de unificação, como são chamadas, visam justamente a isso, formular todas as forças como manifestações de uma única, com sua simetria abrangendo as demais.

Culturalmente, é difícil não traçar uma linha entre as fés monoteístas e a busca por uma unidade da natureza nas ciências. Esse sonho, porém, é impossível de ser realizado.

Primeiro, porque nossas teorias são sempre temporárias, passíveis de ajustes e revisões futuras. Não existe uma teoria que possamos dizer final, pois nossas explicações mudam de acordo com o conhecimento acumulado que temos das coisas. Um século atrás, um elétron era algo muito diferente do que é hoje. Em cem anos, será algo muito diferente outra vez. Não podemos saber se as forças que conhecemos hoje são as únicas que existem.

Segundo, porque nossas teorias e as simetrias que detectamos nos padrões regulares da natureza são em geral aproximações. Não existe uma perfeição no mundo, apenas em nossas mentes. De fato, quando analisamos com calma as “unificações” da física, vemos que são aproximações que funcionam apenas dentro de certas condições.

O que encontramos são assimetrias, imperfeições que surgem desde as descrições das propriedades da matéria até as das moléculas que determinam a vida, as proteínas e os ácidos nucleicos (RNA e DNA). Por trás da riqueza que vemos nas formas materiais, encontramos a força criativa das imperfeições.

GLEISER, Marcelo. *Folha de S.Paulo*, 25 ago. 2013 (Adaptação).

01. (UERJ–2018) Marcelo Gleiser sustenta que a ciência descreve a realidade por meio de uma série de aproximações.

Desse modo, ele recusa a compreensão de que o objetivo da ciência seja estabelecer

- A) cálculos complexos.
- B) certezas imutáveis.
- C) observações subjetivas.
- D) propostas interpretativas.

02. (UERJ–2018) Marcelo Gleiser expõe em seu texto argumentos que se contrapõem à ideia de simetria como verdade absoluta na ciência.

Um desses argumentos é identificado em:

- A) Nossos instrumentos de pesquisa, que tanto ampliam nossa visão de mundo, (l. 3-4)
- B) há a noção de que existe uma linguagem secreta da natureza, (l. 14-15)
- C) a matemática é uma descoberta, e não uma invenção humana. (l. 23-24)
- D) nossas explicações mudam de acordo com o conhecimento acumulado (l. 38-40)

03. (UERJ–2018) Ao longo do texto, são mencionadas teorias que partem do princípio da unificação das forças da natureza.

Em relação a essas teorias, Marcelo Gleiser apresenta, no último parágrafo, uma atitude de

- A) indiferença.
- B) concordância.
- C) neutralidade.
- D) discordância.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **04** e **05**.

O mundo como pode ser: uma outra globalização

Podemos pensar na construção de um outro mundo a partir de uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir uma globalização perversa. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico.

Considerando o que atualmente se verifica no plano empírico, podemos, em primeiro lugar, reconhecer um certo número de fatos novos indicativos da emergência de uma nova história. O primeiro desses fenômenos é a enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes. A isso se acrescenta, graças ao progresso da informação, a “mistura” de filosofia, em detrimento do racionalismo europeu. Um outro dado de nossa era, indicativo da possibilidade de mudanças, é a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que permite um ainda maior dinamismo àquela mistura entre pessoas e filosofias.

As massas, de que falava Ortega y Gasset na primeira metade do século (*A rebelião das massas*, 1937), ganham uma nova qualidade em virtude de sua aglomeração exponencial e de sua diversificação. Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. Junte-se a esses fatos a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança.

É sobre tais alicerces que se edifica o discurso da escassez, afinal descoberta pelas massas. A população, aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra, constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual.

No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada pessoa. De tal modo, em mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 13. ed. São Paulo: Record, 2006. p. 20-21 (Adaptação).

04. (UEG-GO-2018) O segundo parágrafo é construído a partir da enumeração de uma série de fatos sociais que, segundo o autor, indicam possibilidade de emergência de uma nova história. Esses fatos são:

- A) racionalismo filosófico; globalização socioeconômica; popularização da tecnologia; recrudescimento das políticas e práticas nacionalistas e xenófobas.
- B) precarização da vida urbana como consequência da alta demografia; retração e baixa qualidade dos serviços públicos essenciais; miscigenação étnica.
- C) aumento dos fluxos migratórios; diversificação de teorias filosóficas na educação básica; empobrecimento contínuo das periferias urbanas; cultura do consumo.
- D) hibridismo étnico-cultural; mescla filosófica; concentração e diversificação demográfica em pequenos espaços urbanos; apropriação das tecnologias por parte da cultura popular.
- E) convergência das mídias; expansão do uso das redes sociais na vida cotidiana; segregação dos espaços urbanos por meio da expansão dos condomínios; elitismo político.

05. (UEG-GO-2018) O processo argumentativo do texto é construído a partir do seguinte procedimento:

- A) são expostas, de forma detalhada, duas consequências econômicas de um determinado modelo de organização de produção.
- B) relata-se o conjunto de ações desenvolvidas por uma instituição pública como fundamento e justificativa de um projeto de lei.
- C) elabora-se um quadro comparativo, no qual se apresentam a aproximação e os contrastes de dois tipos de pesquisa social.
- D) faz-se a explanação dos dados de um relatório técnico-científico de uma pesquisa desenvolvida por dois cientistas sociais.
- E) são apresentadas, de forma paralela, duas dimensões teórico-conceituais como argumentos em defesa de uma tese.

06. (Unicamp-SP-2016) No livro *Veneno Remédio – o futebol e o Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14), o músico, compositor e ensaísta José Miguel Wisnik afirma que o futebol se tornou uma espécie de “língua geral”, válida para todos, que põe “em contato as populações de todos os continentes”. Leia a seguir dois trechos em que o autor explora essa analogia:

[...] Nada nos impede de dizer que os lances criativos mais surpreendentes não dispensam a prosa corrente do “arroz-com-feijão” do jogo, necessário a toda partida. Ou de constatar, na literatura como no futebol, que a “prosa” pode ser bela, íntegra, articulada e fluente, ou burocrática e anódina, e a ‘poesia’, imprevista, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem nervo e sem alvo.

[...] o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos, e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo. A sua narratividade aberta às diferenças terá relação, muito possivelmente, com o fato de ter se tornado o esporte mais jogado no mundo, como um modelo racional e universalmente acessível que fosse guiado por uma ampla margem de diversidade interna, capaz de absorver e expressar culturas.

- A) O autor vê o futebol como formas de “prosa” e de “poesia”. Embora ambas as formas sejam consideradas necessárias, cada uma tem um lado negativo. Indique-os.
- B) Apresente dois argumentos por meio dos quais o autor justifica sua afirmação de que o futebol é uma espécie de “língua geral”.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2017)

A nova história do Brasil

Grande parte da história que os brasileiros conhecem hoje, aquela que ainda está na maioria dos livros didáticos, foi criada entre 1960 e 1980. Era um tempo mais tenso do que é hoje. A Guerra Fria dividia os países, os governantes e os intelectuais entre comunistas e capitalistas. Se no governo dominavam os capitalistas, nas universidades predominavam as ideias e os métodos de Karl Marx, o pai do comunismo científico. Mas o tempo passou. Aos poucos, os pesquisadores ficaram um pouco mais longe das ideologias e passaram a tirar conclusões sem tanto medo de aderir a um ou outro lado da política.

A visão clássica do Brasil colonial nasceu com o intelectual paulista Caio Prado Júnior em 1933. No livro *Evolução política do Brasil*, ele afirma que a sociedade brasileira era simples e desigual. Tudo girava em torno do latifúndio, que deixava só a miséria por aqui. Até que, na década de 1990, historiadores descobriram dados que não batiam com a teoria. Registros dos portos do Rio de Janeiro e de Salvador mostravam que, em épocas de crise na Europa, quando os preços do açúcar e algodão desabavam pelo mundo, no Brasil eles mudavam pouco. Esses dados sugerem que havia um bom mercado consumidor no Brasil.

NARLOCH, L. *Superinteressante*, n. 6, 2014 (Adaptação).

O autor do texto "A nova história do Brasil" apresenta uma posição crítica sobre as narrativas históricas. Essa posição se fundamenta no argumento de que

- A) os livros didáticos devem ser reformulados regularmente.
- B) os novos dados podem reconstruir as narrativas da história brasileira.
- C) o distanciamento ideológico deve estar presente nos livros de história.
- D) a narrativa da história brasileira está organizada entre antes e depois de 1933.
- E) a história brasileira está dividida entre os grupos que a narram, comunistas e capitalistas.

02. (Enem-2017) Entre as crianças brasileiras, 30% apresentam sobrepeso e 15% delas já são obesas. A má alimentação começa cedo: 56% dos bebês com menos de um ano de idade no Brasil consomem refrigerantes. Dados como esses ganham rosto no documentário *Muito além do peso* (2012), de Esteia Renner: o filme mostra como a alta ingestão de açúcar, pais desinformados e a publicidade voltada para o público infantil criam uma geração de crianças com problemas como colesterol alto e diabetes tipo 2. O documentário pode servir como ponto de partida para abordar a questão com professores e pais.

OBESIDADE infantil. *Revista Escola Pública*, n. 31. fev./mar. 2013.

Analisando os procedimentos argumentativos empregados, verifica-se que o texto tem como propósito

- A) apresentar dados estatísticos do Brasil sobre a obesidade infantil.
- B) fazer propaganda de material informativo sobre a obesidade infantil.
- C) justificar a necessidade de se discutir o problema da obesidade infantil.
- D) destacar a ingestão de açúcar como a principal causa da obesidade infantil.
- E) alertar para a contribuição da mídia no aumento da obesidade infantil no Brasil.

03. (Enem-2016) Centro das atenções em um planeta cada vez mais interconectado, a Floresta Amazônica expõe inúmeros dilemas. Um dos mais candentes diz respeito à madeira e sua exploração econômica, uma saga que envolve os muitos desafios para a conservação dos recursos naturais às gerações futuras.

Com o olhar jornalístico, crítico e ao mesmo tempo didático, adentramos a Amazônia em busca de histórias e sutilezas que os dados nem sempre revelam. Lapidamos estatísticas e estudos científicos para construir uma síntese útil a quem direciona esforços para conservar a floresta, seja no setor público, seja no setor privado, seja na sociedade civil.

Guiada como uma reportagem, rica em informações ilustradas, a obra *Madeira de ponta a ponta* revela a diversidade de fraudes na cadeia de produção, transporte e comercialização da madeira, bem como as iniciativas de boas práticas que se disseminam e trazem esperança rumo a um modelo de convivência entre desenvolvimento e manutenção da floresta.

VILLELLA, M.; SPINK, P. In: ADEODATO, S. et al. *Madeira de ponta a ponta: o caminho desde a floresta até o consumo*. São Paulo: FGV RAE, 2011 (Adaptação).

A fim de alcançar seus objetivos comunicativos, os autores escreveram esse texto para

- A) apresentar informações e comentários sobre o livro.
- B) noticiar as descobertas científicas oriundas da pesquisa.
- C) defender as práticas sustentáveis de manejo da madeira.
- D) ensinar formas de combate à exploração ilegal de madeira.
- E) demonstrar a importância de parcerias para a realização da pesquisa.

04. (Enem-2015)

Rede social pode prever desempenho profissional, diz pesquisa

Pense duas vezes antes de postar qualquer item em seu perfil nas redes sociais. O conselho, repetido à exaustão por consultores de carreira por aí, acaba de ganhar um *status*, digamos, mais científico. De acordo com resultados da pesquisa, uma rápida análise do perfil nas redes sociais pode prever o desempenho profissional do candidato a uma oportunidade de emprego.

Para chegar a essa conclusão, uma equipe de pesquisadores da Northern Illinois University, University of Evansville e Auburn University pediu a um professor universitário e dois alunos para analisarem perfis de um grupo de universitários.

Após checar fotos, postagens, número de amigos e interesses por 10 minutos, o trio considerou itens como consciência, afabilidade, extroversão, estabilidade emocional e receptividade. Seis meses depois, as impressões do grupo foram comparadas com a análise de desempenho feita pelos chefes dos jovens que tiveram seus perfis analisados. Os pesquisadores encontraram uma forte correlação entre as características descritas a partir dos dados da rede e o comportamento dos universitários no ambiente de trabalho.

Disponível em: <<http://exame.abril.com.br>>.
Acesso em: 29 fev. 2012 (Adaptação).

As redes sociais são espaços de comunicação e interação *on-line* que possibilitam o conhecimento de aspectos da privacidade de seus usuários. Segundo o texto, no mundo do trabalho, esse conhecimento permite

- identificar a capacidade física atribuída ao candidato.
- certificar a competência profissional do candidato.
- controlar o comportamento virtual e real do candidato.
- avaliar informações pessoais e comportamentais sobre o candidato.
- aferir a capacidade intelectual do candidato na resolução de problemas.

05. (Enem)

Censura moralista

Há tempos que a leitura está em pauta. E, diz-se, em crise. Comenta-se esta crise, por exemplo, apontando a precariedade das práticas de leitura, lamentando a falta de familiaridade dos jovens com livros, reclamando da falta de bibliotecas em tantos municípios, do preço dos livros em livrarias, num nunca acabar de problemas e de carências. Mas, de um tempo para cá, pesquisas acadêmicas vêm dizendo que talvez não seja exatamente assim, que brasileiros leem, sim, só que leem livros que as pesquisas tradicionais não levam em conta. E, também de um tempo para cá, políticas educacionais têm tomado a peito investir em livros e em leitura.

LAJOLO, M. Disponível em: <www.estadao.com.br>.
Acesso em: 02 dez. 2013. [Fragmento]

Os falantes, nos textos que produzem, sejam orais ou escritos, posicionam-se frente a assuntos que geram consenso ou despertam polêmica.

No texto, a autora

- ressalta a importância de os professores incentivarem os jovens às práticas de leitura.
- critica pesquisas tradicionais que atribuem a falta de leitura à precariedade de bibliotecas.
- rebate a ideia de que as políticas educacionais são eficazes no combate à crise de leitura.
- questiona a existência de uma crise de leitura com base nos dados de pesquisas acadêmicas.
- atribui a crise da leitura à falta de incentivos e ao desinteresse dos jovens por livros de qualidade.

06. (Enem)

O Conar existe para coibir os exageros na propaganda. ~~E ele é 100% eficiente nesta missão.~~



Propaganda boa é propaganda responsável.

Nós adoraríamos dizer que somos perfeitos. Que somos infalíveis. Que não cometemos nem mesmo o menor deslize. E só não falamos isso por um pequeno detalhe: seria uma mentira. Aliás, em vez de usar a palavra "mentira", como acabamos de fazer, poderíamos optar por um eufemismo. "Meia-verdade", por exemplo, seria um termo muito menos agressivo. Mas nós não usamos esta palavra simplesmente porque não acreditamos que exista uma "meia-verdade". Para o Conar, Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária, existem a verdade e a mentira. Existem a honestidade e a desonestidade. Absolutamente nada no meio. O Conar nasceu há 29 anos (viu só? não arredondamos para 30) com a missão de zelar pela ética na publicidade. Não fazemos isso porque somos bonzinhos (gostaríamos de dizer isso, mas, mais uma vez, seria mentira). Fazemos isso porque é a única forma da propaganda ter o máximo de credibilidade. E, cá entre nós, para que serviria a propaganda se o consumidor não acreditasse nela? Qualquer pessoa que se sinta enganada por uma peça publicitária pode fazer uma reclamação ao Conar. Ele analisa cuidadosamente todas as denúncias e, quando é o caso, aplica a punição.

VEJA. São Paulo: Abril, ed. 2 120, ano 42, n. 27, 08 jul. 2009.

Considerando autoria e a seleção lexical desse texto, bem como os argumentos nele mobilizados, constata-se que o objetivo do autor do texto é

- informar os consumidores em geral sobre a atuação do Conar.
- conscientizar publicitários do compromisso ético ao elaborar suas peças publicitárias.
- alertar chefes de família, para que eles fiscalizem o conteúdo das propagandas veiculadas pela mídia.
- chamar a atenção de empresários e anunciantes em geral para suas responsabilidades ao contratarem publicitários sem ética.
- chamar a atenção de empresas para os efeitos nocivos que elas podem causar à sociedade, se compactuarem com propagandas enganosas.

07.

Texto I

O Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) teve 53,4% de ausentes. Ao todo, 1.695.607 pessoas estavam inscritas, mas somente 906.123 compareceram para fazer as provas.

[...]

O que é o Encceja

[...] certificado de conclusão do ensino médio e fundamental para pessoas que não tiveram oportunidade de concluir seus estudos [...].

Quem pode participar

Jovens e adultos com no mínimo 15 anos completos na data de realização da prova, para o ensino fundamental, e jovens e adultos com no mínimo 18 anos completos na data de realização do exame, para o ensino médio.”

ENCCEJA nacional teve 53,4% de ausentes... G1.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/08/06/encceja-nacional-teve-534-de-ausentes-gabarito-esta-previsto-para-ser-divulgado-neste-mes.shtml>>.

Acesso em: 14 set. 2018.

Texto II

[...]

“Primeiramente, é preciso superar a ideia de que basta boa vontade para ensinar jovens, adultos e idosos, concepção esta que se difundiu junto com as práticas de voluntariado disseminadas pelas campanhas de alfabetização (que até o presente não exigem habilitação para a docência).

Contrariando o que mostram as pesquisas, as diretrizes nacionais para as licenciaturas não exigem que a EJA seja abordada nos currículos da formação inicial dos pedagogos ou professores especialistas. Estudos recentes mostram que há IES públicas e privadas que incluem ao menos uma disciplina obrigatória ou eletiva no currículo da Pedagogia, mas elas não são a maioria, e não há qualquer registro de que o tema seja abordado nas demais licenciaturas. A experiência mais sistemática de formação de docentes para a EJA de que eu tenho notícia são os cursos de especialização promovidos pelos Institutos Federais no âmbito do PROEJA.

[...]

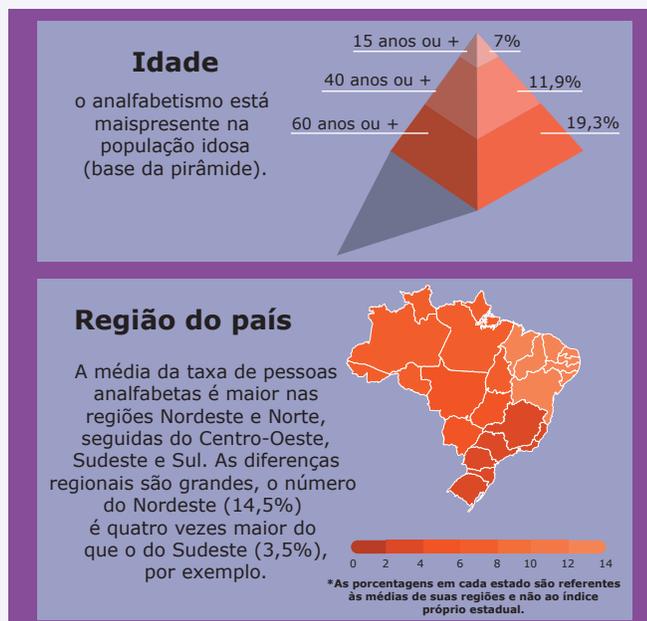
A formação específica é rara também porque não há um mercado de trabalho estruturado para a EJA, é raro que existam concursos públicos e cargos específicos. A docência na EJA é quase sempre exercida como complementação da jornada do docente em período noturno, o que resulta grande rotatividade e desperdício dos esforços de formação realizados pelas redes de ensino ou pelos próprios professores.

A meu ver, deveria haver menção específica à inclusão da EJA na formação docente nas diretrizes para os cursos de Licenciatura; os concursos públicos de seleção de docentes deveriam incluir conteúdos sobre EJA; e aqueles docentes com alguma especialização e experiência acumulada deveriam ser mais valorizados na atribuição de aulas da modalidade”.

PIERRO, Maria Clara. *Entrevista com Maria Clara de Pierro (USP) | Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. 2017. Entrevista concedida a Anped. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/entrevista-com-maria-clara-de-pierro-usp-educacao-de-jovens-e-adultos-eja>>. Acesso em: 14 set. 2018.

Texto III

Analfabetismo no Brasil



IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017.

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da Língua Portuguesa sobre o tema: **A importância e os desafios da educação de jovens e adultos**. Apresente proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. Nessa proposta, deve-se analisar e tomar como base a visão ponderada sobre a reforma ortográfica apresentada no texto I e a crítica evidenciada no texto II (charge). Além disso, é preciso pensar também em outros aspectos para a construção da argumentação. Algumas possibilidades de aspectos positivos são: intercâmbio cultural e científico entre os países lusófonos; divulgação do idioma e da literatura portuguesa; entre outros. Algumas possibilidades de aspectos negativos são: as pessoas têm de aprender as novas regras; surgimento de dúvidas; entre outros. Vale lembrar que o texto deve ser organizado de modo coeso, coerente e adequado à norma-padrão da Língua Portuguesa.
- 02. Os textos de apoio dessa proposta apresentam informações relevantes sobre o tema. O primeiro trata da relação entre violência e nível de corrupção, livre acesso à informação e distribuição de renda.

O segundo trata da história da humanidade não como uma história permeada só de guerras, mas também de uma cultura de paz. O terceiro trata do poder sendo a causa para situações como matar e morrer de fome. O quarto contém dados que mostram a desigualdade social nas origens da violência no Brasil. O quinto, assim como o segundo, aponta que os homens também desenvolvem as defesas da paz. Com base nessas ideias, é possível delimitar um posicionamento para a produção do texto dissertativo-argumentativo. Vale lembrar que o texto deve ser organizado de modo coeso, coerente e adequado à norma-padrão da Língua Portuguesa.

03. Para atender a essa proposta, deve-se elaborar um texto dissertativo em que se apresente um ponto de vista acerca da questão proposta. Pode-se, assim, defender tanto a possibilidade quanto a impossibilidade de conciliar trabalho e tempo livre, desde que se apresente argumentos para sustentar o posicionamento. Caso se defenda o primeiro posicionamento, pode-se fundamentá-lo com base em ideias presentes nos textos I e III, os quais valorizam o ócio ao ressaltarem seu potencial criativo. Pode-se, por exemplo, citar exemplos de profissionais que ganham dinheiro com atividades de que gostam e que, normalmente, são consideradas lazer, como jogar *videogame* profissionalmente, conduzir passeios turísticos, tocar como DJ em baladas, escrever romances e poesia, entre outras atividades ligadas à arte e ao entretenimento. Caso se defenda que não é possível conciliar trabalho e tempo livre, pode-se fundamentar nas ideias que iniciam o texto II e que chamam atenção para a supervalorização do trabalho, atrelado, na atualidade, às ideias de sucesso, realização e felicidade. Nesse sentido, vale colocar em foco conceitos bastante valorizados no mundo dos negócios, como os de competitividade e eficiência, ressaltando a sobrecarga física e emocional a que se submetem os indivíduos que se propõem a efetivá-los em seu cotidiano profissional. Essas são apenas algumas sugestões de abordagem e, portanto, pode-se fundamentar em outros dados e argumentos, desde que estes sejam pertinentes. O texto elaborado deve ser coeso, coerente e redigido em acordo com as regras da língua culta formal.
04. Para atender a essa proposta, deve-se redigir um texto dissertativo-argumentativo a respeito da necessidade de que a sociedade em geral, e não somente os cientistas, tenha acesso às pesquisas científicas, seja em relação aos seus resultados, motivações ou usos. Como se trata de um texto argumentativo, deve-se, necessariamente, apresentar dados, opiniões e raciocínios que corroborem com o ponto de vista que se desejar apresentar.

A questão pede explicitamente que se discuta essa necessidade, sendo, portanto, possível que se defenda a noção de que é ou de que não é realmente necessário que a sociedade tenha contato mais profundo com as pesquisas científicas produzidas. Caso se deseje defender a necessidade de a sociedade entrar em contato com os estudos feitos no meio científico, pode-se, por exemplo, apresentar a consequência de que, possuindo esse conhecimento, a sociedade estará cada vez mais consciente da realidade em que vive, podendo atuar proativamente diante do mundo. Ao contrário, caso se deseje defender que não há essa necessidade, pode-se mencionar o fato de que o universo científico – e, portanto, as pesquisas científicas – é muito amplo, de forma que muitos temas pesquisados não tangenciam a vida cotidiana das pessoas, deixando de ser imediatamente importante que elas saibam o que está sendo estudado.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

01. B
02. D
03. D
04. D
05. E
- 06.
- A) Para o autor, a prosa, como o futebol, pode ser “burocrática e anódina”, com regras rígidas e desnecessárias. A poesia, por sua vez, também pode ser simples “firula retórica sem nervo e sem alvo”, isto é, uma ação que não alcança um objetivo.
- B) O autor compara o futebol a uma “língua geral” por ser um esporte que faz uso de diversas formas de narrar, de diversas sintaxes, e é capaz de absorver e expressar culturas diversas nessa espécie de língua de todos.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

01. B
02. C
03. A
04. D
05. D
06. A
07. A proposta de redação segue o modelo de avaliação do Enem e solicita que se aponte a importância e os desafios da educação de jovens e adultos. A coletânea apresentada indica algumas possibilidades que poderão ser exploradas na elaboração do texto. É possível utilizar algumas dessas ideias para compor a redação. É necessário que sejam apresentadas propostas efetivas sobre a educação de jovens e adultos, dando destaque àquelas que envolvam a participação de toda a sociedade. Vale lembrar que os argumentos devem estar organizados em um texto coeso, coerente e adequado à norma-padrão.



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Coerência e Coesão

COERÊNCIA

Conforme estudamos no primeiro módulo deste volume, no processo de interação verbal, incidem alguns fatores que atuam em conjunto na construção dos sentidos do texto. Um deles é a coerência textual, que se relaciona a aspectos cognitivos, lógicos e pragmáticos e depende tanto da ligação entre as ideias internamente apresentadas no texto quanto da compatibilidade entre essas ideias e a realidade.

A coerência não é, portanto, uma qualidade estritamente linguística, tampouco está presa a preceitos gramaticais. Ela ultrapassa isso, pois está relacionada aos sentidos e efeitos pretendidos, razão pela qual escolhemos o que e como dizer o que queremos.

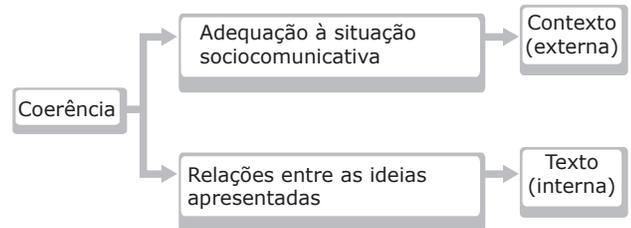
Contudo, essa propriedade tem a sua face linguística, já que o texto, em sua materialidade, depende também da organização das palavras, do encadeamento lógico entre elas, além de apresentar uma organização definida. Porém, tudo está a serviço do sentido que será construído em uma situação de interação verbal, do que se pretende dizer e de como se pretende interagir com o interlocutor.

Sendo assim, não existe uma coerência isolada, pura. Ela é dependente de cada situação comunicacional, dos sujeitos envolvidos e das suas intenções ao se comunicarem.

COERÊNCIA EXTERNA E COERÊNCIA INTERNA

Como afirmam Ingedore Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia, a coerência deve ser entendida como uma premissa de interpretabilidade do texto, ligada tanto à adequação deste à situação sociocomunicativa em que é utilizado quanto à capacidade e / ou à predisposição do leitor de apreender o sentido do conteúdo apresentado.

Desse modo, ao se produzir um texto, é preciso considerar dois aspectos. Deve-se cuidar para que ele seja pertinente ao contexto sociocomunicativo e para que haja um nexos entre as ideias nele apresentadas.



Coerência externa

Você já sabe que os textos são classificados em tipos e gêneros textuais. A tipologia textual considera o texto principalmente a partir de seus aspectos estruturais, embora não deixe de vincular cada tipo à função geral que cumpre.

O estudo dos gêneros textuais prioriza a função sociocomunicativa específica de cada texto. Desde que o foco da análise linguística foi deslocado para a função social do texto, a coerência externa, antes entendida como a compatibilidade entre o texto e a realidade circundante, teve seu conceito ampliado e passou a ser pensada em relação aos diversos gêneros textuais existentes. Por isso, ao se verificar a coerência externa de um texto, é preciso considerar principalmente as particularidades do gênero a que ele pertence.

Diante disso, percebe-se que, para cada caso de participação em uma prática comunicativa, o leitor mobiliza diferentes conhecimentos para analisar a coerência do texto. Isso ocorre quando ele avalia os mais variados gêneros textuais, como uma notícia, um conto, um artigo de opinião, um artigo científico, um texto religioso, uma descrição de um crime, uma receita culinária.

Em exames vestibulares, por exemplo, para se produzir um texto, deve-se considerar o contexto definido na proposta. Muitas vezes o enunciado determina que o produtor simule um determinado perfil e redija um texto coerente com esse perfil.

Assim, quando se fala em coerência externa, não se deve entendê-la apenas como a compatibilidade entre o texto e a realidade empírica. Deve-se, além disso, considerar as particularidades de cada texto e de cada situação sociocomunicativa, conforme pode-se constatar pelo exemplo a seguir.



O texto do anúncio é um exemplo em que há a falta intencional de coerência externa. Nesse caso, percebe-se a incoerência do texto “Publicidade não funciona” veiculado em um *outdoor*, suporte característico de textos publicitários. Reconhece-se, no entanto, que essa falta de coerência externa com o contexto sociocomunicativo provavelmente foi utilizada como recurso persuasivo por uma empresa que estava divulgando seus serviços. A suposta incoerência funcionou como uma estratégia persuasiva, em que se pretendia chamar a atenção do interlocutor por meio da curiosidade. No entanto, quando não intencional, a incoerência externa configura um erro. Observe a introdução da redação a seguir, em que o aluno deveria se posicionar em relação às cotas raciais em universidades.

A evolução da vida humana, de acordo com os conceitos de Darwin, mostra que está longe de existir equilíbrio entre as sociedades e não haverá harmonia entre as diferentes etnias. Atualmente a questão da diversidade social vem à tona e leva as pessoas a pensarem sobre a igualdade entre as etnias que deve ser buscada pelas sociedades.

Identificam-se, no trecho anterior, duas incoerências: 1) a afirmação de que a evolução comprova a não possibilidade de equilíbrio e harmonia entre as etnias e sociedades, o que está incorreto, pois esse conceito, estabelecido por Darwin, mas não criado por ele, não trata de questões sociais e antropológicas e não deve ser usado por esse viés, visto que a evolução apenas ocorre na natureza; 2) a afirmação seguinte de que as sociedades devem buscar a igualdade, que contraria o posicionamento anterior de que o equilíbrio entre os povos não é possível. A segunda ocorrência trata, ainda, de um caso de incoerência interna, que se realiza no nível intratextual. Observe no tópico seguinte.

Coerência interna

A coerência intratextual estabelece-se a partir das relações entre as ideias em um texto e está fundada em quatro princípios: repetição, relação, progressão e não contradição.

Cada um deles será desenvolvido a partir da análise de redações de alunos do Ensino Médio, os quais foram instruídos a produzi-las com temas novos ou que já foram abordados em exames do Enem de anos anteriores.

Repetição: Em um texto, é necessário retomar constantemente ideias já mencionadas para que o leitor consiga compreender o sentido em que se desenvolve o raciocínio. Esse princípio está intimamente ligado aos mecanismos de coesão textual (que serão estudados mais adiante no módulo).

Entretanto, muitas vezes, o redator de um texto não sabe como fazer essas retomadas, por desconhecer as estruturas necessárias ou não saber utilizá-las corretamente. O resultado é um texto com lacunas de sentido entre as ideias, ou então cansativo. Observe o exemplo a seguir:

A Internet tem sido cada vez mais utilizada, justamente por ser um recurso acessível para muitas pessoas. Ela é muito útil para a maior parte das tarefas cotidianas, mas também pode ser uma grande vilã para quem não sabe aproveitá-la com bom senso.

Desde que foi criada, a Internet objetiva mais praticidade em diversas situações, sobretudo na comunicação. Através dela, pessoas de diferentes países conseguem manter contato, sendo assim, ela é um bom recurso.

No entanto, se não for bem utilizada, a Internet pode causar vários problemas. Muitas pessoas, por exemplo, perdem boa parte de seu tempo nas redes sociais, tornando-se dependentes dessa realidade virtual.

Sabendo dos benefícios e prejuízos que a Internet e as redes sociais causam, é preciso utilizá-las corretamente, com equilíbrio, tornando-as uma ferramenta de auxílio e / ou lazer e não uma vilã.

Na produção textual, vários são os elementos que devem ser mobilizados pelo redator para transmitir ao leitor os sentidos desejados de maneira clara. Entre esses elementos, estão os **conhecimentos de mundo** e o **acervo lexical** acumulado. No caso do exemplo anterior, pode-se dizer que os conhecimentos semânticos e morfológicos do autor, além do vocabulário e dos mecanismos de coesão, tornaram as repetições coerentes.

Relação: Ao escrever um texto, não se pode apenas enumerar ideias sobre um mesmo tema; deve-se relacioná-las de modo que componham uma linha de raciocínio, ou seja, as ideias apresentadas devem guardar relações lógicas e semânticas umas com as outras, caso contrário, não haveria um texto, e sim um amontoado de frases soltas.

O exemplo a seguir é uma redação de aluno do Ensino Médio sobre o tema “O jeitinho brasileiro é uma forma de corrupção?”. Leia-o observando como as ideias apresentadas pelo autor se relacionam no interior do texto.

A corrupção na política brasileira é um tema muito discutido pela mídia na atualidade, pois trata-se de uma ação danosa para a sociedade. **As pessoas pagam seus impostos para que haja melhoria em seus direitos e não para que sejam usados em benefícios particulares dos políticos.** Se esse dinheiro fosse empregado devidamente, as coisas funcionariam melhor e, talvez, nem seriam necessários tantos impostos assim.

Embora seja fácil identificar esse modo de corrupção "em larga escala", é responsabilidade também da sociedade agir para reverter essa situação. É visto que **até em pequenas coisas dá-se um "jeitinho brasileiro", que nada mais é que uma forma de querer levar vantagem em tudo, uma corrupção "em menor escala".** São exemplos disso: furar filas, não respeitar as sinalizações de trânsito, não se submeter às regras, etc.

Quando uma pessoa se vê diante de uma situação em que está sendo prejudicada e / ou não está sendo beneficiada como gostaria, ela tende a dar um "jeitinho" para que isso mude. No caso de **furar filas**, por exemplo, quem o faz normalmente pensa ser o seu tempo o mais importante, sem se preocupar com o do outro; ao **não respeitar uma placa de "proibido estacionar"**, a pessoa ignora completamente a necessidade de fluidez daquela via e considera seu conforto como prioridade; em suma, no momento em que **se descumpra alguma das diversas regras sociais**, com o "jeitinho brasileiro", há corrupção.

Fazer esse exercício de **repensar as próprias atitudes a fim de analisar se há algum tipo de desonestidade** viabiliza uma nova maneira de mudança social. Afinal, o futuro da política é exatamente a sociedade de hoje.

No exemplo apresentado, o aluno inicia o texto dentro do assunto cobrado na proposta, afirmando que a corrupção é uma ação danosa para a sociedade"; em seguida, ele fala a respeito dos impostos pagos pelos cidadãos, mas consumidos pela corrupção. Depois afirma que as pessoas também são, de certa forma, corruptas, ao, por exemplo, furar filas, etc., desenvolvendo essa ideia, que é justamente o tema da redação.

No terceiro parágrafo, o autor desenvolve os exemplos, relacionando-os às ideias que vinha discutindo. No último parágrafo, ele menciona necessidade de repensar os próprios atos, articulando-a de maneira lógica, com as demais ideias apresentadas e, principalmente, com o tema da corrupção.

Percebe-se que os trechos marcados no texto exemplificam ideias cuja relação de sentido está clara. Para que essas relações fossem estabelecidas de modo lógico e coerente,

foi necessário o desenvolvimento das ideias (progressão do tema, assunto do próximo tópico) e a utilização de elementos que as interligassem umas com as outras – os mecanismos de coesão abordados a seguir –, o que contribuiu, ainda, para os efeitos de sentido pretendidos pelo autor e também para o embasamento de sua argumentação.

Progressão: Embora a repetição seja um princípio importante para manter a coerência e a coesão de um texto, o uso exaustivo da mesma ideia não é aconselhável. Devem-se acrescentar, progressivamente, novas ideias e informações que deem continuidade às que já foram apresentadas e tragam informatividade à produção. Mais adiante serão apresentados os modos pelos quais é possível organizar a progressão das ideias em um texto. Por ora, leia a redação a seguir, cujo tema é "Viver em rede no século XXI: entre o público e o privado".

Vivemos, de alguma forma, em rede. Estamos 24 horas **conectados**. Passamos boa parte do tempo em nossos **smartphones**, seja em casa, no trabalho, na rua, na escola, enfim, estamos constantemente com nossos **celulares, tablets e computadores**.

Essa **conectividade** pode ser muito benéfica se pensarmos que temos, em nossas mãos, a **oportunidade de manter contato com as pessoas, ler notícias, pesquisar assuntos, compartilhar informações**, entre outros. Diante disso, porém, a questão é: será que estamos utilizando esse **recurso** de **maneira adequada**?

A título de curiosidade, temos que **78% dos usuários de internet estão em alguma das várias redes sociais**. Com base nisso, vemos diariamente o seguinte problema: **algumas pessoas estão confundindo o que pode e o que não pode ser publicado**. Mesmo que a linha entre o **público e o privado** seja tênue para alguns, uma regrinha básica é: **coisas que não são ditas para todos não devem ser ditas em uma rede social**.

Precisamos manter um limite entre **o que deve ser guardado para nós mesmos e o que pode ser publicado**. Por exemplo, se estamos chateados com alguém por determinado motivo, não é adequado que essa situação seja exposta em uma rede social; ao contrário, o ideal é que saibamos resolver as pendências particulares justamente no âmbito particular. Em contrapartida, se lemos uma notícia incrível sobre nossa série favorita, não há problema algum em compartilhá-la em nossas redes.

Por mais que a **Internet** nos proporcione uma série de **benefícios**, precisamos atentar para esses detalhes de **exposição desnecessária de nós mesmos**. Quanto mais filtrarmos o que "postamos", mais resguardada nossa vida privada estará.

Essa redação exemplifica bem como fica estruturado um texto em que há progressão das ideias. Nela, reconhece-se a elaboração de uma tese (1º e 2º parágrafos), “Vivemos, de alguma forma, em rede [...]. Diante disso, porém, a questão é: será que estamos utilizando esse recurso de maneira adequada?”, a qual é desenvolvida, pois há novas informações ou dados que conduzam à progressão do assunto discutido. O autor faz algumas afirmações em relação ao problema levantado, como em “algumas pessoas estão confundindo o que pode e o que não pode ser publicado”, e as detalha. Trata-se, enfim, de um texto que possui informatividade.

Não contradição: As ideias apresentadas em um texto não podem se contradizer, ou seja, não se pode fazer uma afirmação e, em seguida, afirmar algo em sentido oposto.

O exemplo a seguir ilustra como não a contradição entre as ideias pode viabilizar a coerência textual.

Acredita-se que o acesso à rede é essencial para evolução e melhoria de vida das pessoas do século XXI. Ao acessarmos a rede estamos expostos ao conhecimento, porém, há a alienação ao meio em qual estamos inseridos, calúnias e danos morais.

A proposta governamental, aprovada pela ONU é encarada como uma forma bem conveniente para integração de pessoas, como também a igualdade de acesso à informação, tornando a expansão da rede a espaços públicos um ato beneficente a todos, igualando a forma de conhecimento e informação de indivíduos.

A privatização da rede a quem detém a possibilidade de acesso, faz com que se torne desigual a construção de ideias e a atualização de acontecimentos a quem não tem possível acesso, afetando ainda aos impossibilitados o acesso a oportunidades de crescimento, estudos e empregos, pois não tem acesso a essas disponibilidades, impedindo também a integração social dos indivíduos a outros internautas.

No entanto, não é garantida a disponibilidade de acesso aprovada pela ONU e ela não trará a igualdade dos conhecimentos e informação a todos, tornando mais difícil a equiparação nas disputas de emprego e estudos a todos os indivíduos.

Nessa redação, o estudante não consegue fazer uma relação entre suas próprias ideias. Nela, ele utiliza o argumento de que a proposta da ONU de considerar o acesso à Internet um direito fundamental do ser humano (informação do texto motivador) é boa e vai trazer mais oportunidades para quem não tem acesso. Entretanto, na conclusão, ele considera que não há garantia desse acesso e que isso não trará igualdade de oportunidades.

Conforme será abordado adiante, a coesão “trabalha” em função da coerência, no sentido de que é ela que interliga todas as palavras, frases e parágrafos. Como o texto anterior tem muitos problemas coesivos, a conexão entre as ideias ficou prejudicada. Talvez, se o aluno tivesse mais propriedade no uso de articuladores textuais e quanto ao sentido que eles provocam, ele conseguisse fazer com que suas ideias fossem mais claras e, conseqüentemente, fizessem mais sentido. Por isso, o leitor sente dificuldade em entender mais nitidamente a tese defendida.

INCOERÊNCIA EM TEXTOS DE NATUREZA DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVA



Você estudou que textos dissertativo-argumentativos cumprem a função de informar e / ou convencer e que, para isso, devem oferecer informações consistentes e bem fundamentadas, além de apresentá-las de modo organizado para que o leitor possa compreender o raciocínio desenvolvido. Nesse caso, a coerência externa precisa ser entendida como a compatibilidade entre o que se afirma no texto e a realidade, assim como o nexos entre as ideias deve ser facilmente apreendido pelo receptor. A linguagem, por sua vez, deve estar de acordo com a norma-padrão. A seguir, apresentamos um texto com diversos tipos de incoerência.

Leia-o, atentando para as observações que o acompanham.

As influências da Internet sobre os jovens e adolescentes

Há, hoje, muitos teóricos defendendo a tese de que a Internet é responsável por “jovens superficiais”. Fatos comprovam o contrário do que afirmam, pois nunca se viu desenvolvimento tão grande como na medicina e na educação **(1)**. Ainda na gestação são realizadas intervenções em bebês para curar problemas de coração **(2)**. E isso é possível através das tecnologias criadas por jovens nas escolas ou nas escolas de ensino médio **(3)**. E estes mesmos jovens proporcionam educação a distância a outras crianças em locais longínquos da Amazônia **(4)**. A tecnologia sendo usada como ferramenta que rompe barreiras **(5)**.

Há outros teóricos que afirmam o contrário e dizem que a Internet é ferramenta importantíssima na formação das habilidades cognitivas dos jovens, mas que produz “perda de memória” **(6)**. Isso necessariamente não é verdade. O mundo aliou-se às novas tecnologias justamente para que os cérebros fossem explorados como nunca foram antes **(7)**. Pesquisas provam que pessoas da 3ª idade melhoram sua capacidade de guardar informações, utilizando jogos ou apenas explorando as facilidades da Internet **(8)**.

Assim, podemos perceber que as teses apresentadas são positivas, como negativas, porém os jovens as transformam em benefício para o desenvolvimento da humanidade **(9)**.

- O fato de existir atualmente um grande desenvolvimento na medicina e na educação não “comprova” que a Internet não é responsável por jovens superficiais.
NÃO HÁ RELAÇÃO ENTRE AS IDEIAS.
- O fato de que bebês podem ser operados antes de nascerem é um exemplo da evolução da tecnologia aplicada à medicina, mas não se relaciona com a Internet nem com o uso que os jovens fazem dela.
NÃO HÁ RELAÇÃO ENTRE AS IDEIAS.
- Não são os jovens que, em “escolas” ou em “escolas de ensino médio”, desenvolvem tecnologia capaz de salvar a vida de bebês ainda em gestação.
O QUE SE AFIRMA NO TEXTO É INCOMPATÍVEL COM A REALIDADE.
- Não são os jovens que proporcionam educação a distância, e esta não ocorre apenas em locais longínquos da Amazônia.
O QUE SE AFIRMA NO TEXTO É INCOMPATÍVEL COM A REALIDADE.
- O fato de a Internet “romper barreiras” não tem relação direta com o uso que os jovens necessariamente fazem dela; em outras palavras, mesmo que ela seja um poderoso instrumento de informação e comunicação, terá pouco valor se não for bem aproveitada.
NÃO HÁ RELAÇÃO ENTRE A CONCLUSÃO DESSE PARÁGRAFO E O TEMA A SER DESENVOLVIDO.
- Não há contradição entre o que afirmam estes teóricos e os citados no primeiro parágrafo, pois o fato de a Internet poder desempenhar um importante papel no desenvolvimento cognitivo dos jovens não implica que estes a usem de forma proveitosa, de modo a se tornarem menos superficiais.
NÃO HÁ RELAÇÃO ENTRE AS IDEIAS.
- “O mundo” não desenvolveu tecnologias apenas para explorar “cérebros”; além disso, a suposta “exploração de cérebros” não garante que a memória dos jovens não se torne dependente de extensões eletrônicas.
O QUE SE AFIRMA NO TEXTO É INCOMPATÍVEL COM A REALIDADE E NÃO HÁ RELAÇÃO ENTRE ESSA IDEIA E A QUE FOI ANTERIORMENTE APRESENTADA.
- Se o texto trata do desenvolvimento cognitivo dos jovens, a menção a “pessoas da terceira idade” é pouco adequada, a menos que o raciocínio tivesse sido mais bem desenvolvido (seria possível dizer, por exemplo, que, se a Internet auxilia a memória de idosos, poderia auxiliar, também, a dos jovens).
NÃO HÁ RELAÇÃO EXPLÍCITA ENTRE ESSA IDEIA E O TEMA DO TEXTO.

- Os jovens não “transformam” as teses apresentadas (avaliação de teóricos relacionada à influência da Internet sobre os jovens) a fim de “desenvolverem a humanidade”; além disso, as ideias apresentadas nesse parágrafo não podem ser concluídas a partir daquilo que se desenvolveu no texto.
AS IDEIAS DESENVOLVIDAS NO TEXTO NÃO CONDUZEM O LEITOR A ESSA CONCLUSÃO.

COESÃO

[...] o uso dos mecanismos coesivos tem por função facilitar a interpretação do texto e a construção da coerência pelos usuários. Por essa razão, seu uso inadequado pode dificultar a compreensão do texto: visto possuírem, por convenção, funções bem específicas, eles não podem ser usados sem respeito a tais convenções. Se isto acontecer, isto é, se seu emprego estiver em desacordo com sua função, o texto parecerá destituído de sequencialidade, o que dificultará a sua compreensão e, portanto, a construção da coerência pelo leitor / ouvinte.

Ingedore Villaça Koch

A coesão textual implica valer-se de processos linguístico-semânticos que asseguram a continuidade temática em uma produção textual e exige do escritor o domínio dos recursos coesivos disponibilizados pela língua para o exercício dessa tarefa. A coesão permite o texto caminhar à frente sem perder de vista o que está atrás, num processo de acréscimos mesclados a retomadas. Escrever um texto coeso, que garante a manutenção por meio de uma progressão lógica de ideias, significa fazer uso diversificado desses expedientes coesivos, ou seja, em um texto bem redigido, espera-se do escritor a exploração da coesão textual, que ocorre dentro de frases, entre frases e entre parágrafos.

Para começar o estudo, observe atentamente os exemplos a seguir.



Nessa tirinha, podemos notar o uso da coesão textual. A palavra “barco” foi utilizada no primeiro quadrinho e repetida no segundo; já no terceiro, foi utilizado o pronome “ele”, para substituí-la. Esses mecanismos dão continuidade e unidade de sentido à tirinha, além de permitirem a relação entre os quadrinhos.



Divulgação

Podemos notar o uso da coesão textual nessa propaganda do Ministério da Cultura também. A palavra “mais” foi utilizada quatro vezes, e isso não foi feito de modo aleatório, mas sim para intensificar o sentido pretendido pelo texto: mostrar que, por meio da leitura, as pessoas têm acesso a muito mais possibilidades de experiências.



Divulgação

Nessa campanha do Ministério da Saúde, em “Identificou. Tratou. Curou.”, também podemos identificar um mecanismo de coesão textual. O uso de todos os verbos no pretérito perfeito do indicativo demonstra o objetivo da campanha, que é conscientizar as pessoas sobre a importância do autocuidado em relação à hanseníase, principalmente sobre o fato de essa doença ter cura caso haja a identificação e o tratamento.



Divulgação

Um mecanismo de coesão textual também está presente nessa campanha do governo do estado de São Paulo. Podemos observar que o pronome “isso” está retomando a frase “Não use celular ao volante”, demonstrando que tal hábito pode causar um acidente até fatal. Esses mecanismos são muito importantes para que produza no leitor um entendimento “rápido” da ideia central da imagem.



Divulgação

Nessa campanha do Ministério da Justiça, no mesmo campo semântico, a palavra “imigração”, com sentido mais amplo, relaciona-se às palavras “angolano” e “ganês”, ambas com sentido mais específico. A coesão encontra-se justamente nessa relação de sentido entre essas palavras, o que contribui para que o objetivo do texto seja alcançado: demonstrar que todos nós temos ascendência de outras nacionalidades.



Divulgação

Nessa campanha da Secretaria de Políticas para as Mulheres, podemos observar que o “por isso” é um articulador explicativo, um mecanismo de coesão textual, inclusive, indispensável para a função sociocomunicativa do texto, que é explicar o motivo de o 180 existir: para ouvir as mulheres vítimas de violência.

Com base nesses exemplos, já podemos perceber que a coesão é fundamental para a produção textual de diversos gêneros. Ela contribui para a relação entre as ideias apresentadas e permite a unidade do texto. A seguir, veremos detalhadamente quais são os mecanismos de coesão textual.

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL



A coesão está intimamente ligada à coerência textual. De acordo com Irandé Antunes, “a coesão está em função da coerência, no sentido de que as palavras, os períodos, os parágrafos, tudo, qualquer segmento se interliga no texto para que ele faça sentido, se torne interpretável” (2005, p. 177). Então, para garantir a coesão textual, devem ser observados determinados princípios, como a estruturação dos períodos e dos parágrafos.

Um parágrafo é uma unidade textual formada por uma ideia principal à qual se ligam ideias secundárias. Essa estrutura é formada por períodos que podem ser mais ou menos complexos, dependendo do tipo textual e da intenção do autor.

No caso do texto dissertativo-argumentativo, essa estruturação é mais complexa, tendo em vista que o autor expõe e desenvolve uma ideia com o objetivo de convencer o interlocutor. As relações estabelecidas entre as ideias e os argumentos em tal tipo de texto podem ser de comparação, causa-consequência, contradição, exemplificação, conclusão, entre outras possibilidades.

Assim, deve haver uma boa articulação entre os períodos, que formam os parágrafos, e destes entre si, promovendo o nexo, ou seja, a continuidade entre as ideias e sentidos, que se expressa, geralmente, pelas relações de **reiteração**, **associação** e **conexão**. Essas relações se dão por meio de vários **procedimentos**, os quais, por sua vez, se desdobram em distintos **recursos**, conforme apresentados a seguir.

Reiteração

No processo de coesão por **reiteração**, os elementos que compõem um texto vão sendo retomados em um movimento de “voltar atrás”, de forma que nada fique sem uma referência ou descontextualizado. As referências a pessoas, coisas, lugares e fatos são introduzidas e, depois, retomadas, à medida que o texto progride. Portanto, as informações são adequadamente reiteradas, confirmadas.

São procedimentos de reiteração a **repetição**, em que se utilizam os recursos da paráfrase, do paralelismo e da repetição de unidades lexicais e gramaticais, e a **substituição**, em que se utilizam as retomadas por pronomes, advérbios, sinônimos, hiperônimos e elipses.

Repetição

A repetição pode aparecer também em outros gêneros textuais.

PARALELISMO:
Eu posso trocar
Eu posso lavar
Eu posso mudar

REPETIÇÃO:
Eu posso trocar
Eu posso lavar
Eu posso mudar

Paralelismo / Repetição

No texto publicitário, foram utilizados dois recursos coesivos: a **repetição** e o **paralelismo**. Como é uma propaganda de prevenção ao câncer de mama, ao repetir “eu posso”, o homem reafirma uma ideia de parceria, ajuda e companheirismo. O paralelismo está nas formas verbais no presente do indicativo, indicando uma ação regular, que tem validade permanente: posso lavar, trocar, mudar.

No trecho do texto “Em nome dos filhos”, a seguir, o autor utilizou o “porque” como recurso para enumerar os motivos pelos quais se nomeia um filho, além de dar continuidade e enfatizar a ideia que pretendia construir. Leia:

Em nome dos filhos

*É difícil nomear algo. Pior ainda quando se trata de nomear uma pessoa. E complica ainda mais se for uma pessoa com quem você vai conviver a vida toda. Mais difícil do que dar nome aos bois é dar nome aos filhos. Já imaginou, seu rebento querido, no auge da rebeldia, se virar para você e soltar a clássica frase, “eu não pedi pra nascer”, acrescida de um “muito menos ter essa m**** de nome”?*

*Gerar um outro ser e, ainda por cima, criar uma alcunha para ele, é brincar de deus. Mas a grande maioria não aprendeu com o Homem-Aranha, que “grandes poderes trazem grandes responsabilidades”. Então, as pessoas saem por aí desferindo nomes no impulso, ao bel-prazer, sem pensar no futuro do cidadão que o ostentará por toda uma vida. Apenas nomeiam, **porque acham que soa bem, porque viram o nome na TV, porque é o nome do pai misturado com o da mãe ou, simplesmente, porque SIM.***

AMÂNCIO, Luiz Fernando. Disponível em:
<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=4367&titulo=Em_nome_dos_filhos>. [Fragmento]

Paráfrase

A **paráfrase**, por sua vez, refere-se ao procedimento de dizer com as próprias palavras o que já foi dito ou o que o outro disse. É uma forma de reformulação de uma ideia para além da mera repetição, em que se destaca a criatividade do produtor do texto. Normalmente, para esclarecer, resumir ou aprofundar o que foi dito, utilizam-se expressões como “quer dizer” e “ou seja”; já para se referir a discursos de outros, geralmente utilizam-se as expressões “de acordo com”, “nas palavras de”, “segundo”, como é possível perceber nos fragmentos de redações a seguir:

- **Texto I**

De acordo com o pensamento de Immanuel Kant, de que é a educação que constrói o homem, para que a sociedade seja menos intolerante é preciso conhecimento e pensamento crítico, e isso só pode ser encontrado na educação. Mas não qualquer educação. Ela precisa ter qualidade, precisa ter investimentos na formação continuada dos professores, precisa existir em um ambiente que promova discussões, debates, interações. É assim que se formam cidadãos capazes de viver em sociedade e conviver com as diferenças e idiossincrasias dos seus semelhantes.

- **Texto II**

*A intolerância religiosa tem seu fundamento em um período da nossa história em que a liberdade daqueles considerados “animais” ou “selvagens” era cerceada de todas as maneiras, **ou seja**, mesmo que eles tivessem um passado (e eles tinham), mesmo que tivessem uma cultura, ritos e religiões (e eles tinham várias), não poderiam desejá-las, cultuá-las nem sequer se lembrar delas. Era quase uma morte em vida.*

Substituição

O léxico, vocabulário, é a marca linguística construtora desse procedimento coesivo. Aqui, a manutenção de ideia explora a substituição de termos e expressões, não mais pela referência, mas pela identidade semântica, isto é, uma palavra vai ocupar o lugar de outra porque elas guardam entre si uma intimidade semântica. A palavra “água”, ao ser retomada pela expressão “recurso natural”, teve sua presença de sentido no texto pela substituição de uma expressão do mesmo campo semântico; evidenciou-se, assim, a coesão lexical. Pode-se destacar nesse expediente a sinonímia, a nominalização, a hiperonímia, a hiponímia e a elipse.

Sinonímia

Esse recurso envolve a substituição de uma palavra pela outra porque apresentam o mesmo significado global. Observe o exemplo a seguir:

Os alunos do ensino médio de todo o Brasil estão ansiosos com a notícia de que, em 2020, o Enem assumirá novo formato. O governo federal prometeu divulgar, ainda este ano, o novo formato como forma de acalmar os discentes.

Nesse texto, a palavra “discentes” retoma a palavra “alunos” por sinonímia, pois essas palavras guardam o mesmo significado; evita-se com isso a repetição desnecessária de termos.

Nominalização

A nominalização implica substituir a classe de palavras, isto é, retoma-se um verbo por um substantivo correspondente, ou um substantivo por adjetivo correspondente; uma classe retoma a anterior, de forma a perseverar o significado original.

O discurso do presidente deixou a população preocupada na última noite. Ao discursar sobre a política de combate às drogas, o político deixou transparecer a fragilidade de seu governo e a inviabilidade das últimas decisões tomadas.

Nesse parágrafo, o substantivo “discurso” foi recuperado e, portanto, teve a ideia preservada pelo verbo “discursar”.

Hiperonímia e hiponímia

Esse procedimento coesivo realiza-se por um processo de substituição em que uma palavra de sentido mais amplo retoma uma de sentido mais específico – relação de hiperonímia – ou em que um verbete de significado mais específico recupera um de significação mais abrangente – relação de hiponímia.

Orquídeas, violetas e lírios gradam entre si suas inquestionáveis belezas. Essas flores exigem cuidados especiais em seu cultivo, como quantidades muito específicas de água, de luz solar, tempo de abrigo em sombras. A inobservância dessas exigências pode causar a morte das plantas.

No texto anterior, “orquídeas, violetas e lírios” são as palavras mais específicas (hipônimos) e são retomadas pelas palavras mais abrangentes “flores” e “plantas” (hiperônimos). É importante perceber também que “flores”, a ser recuperado por “plantas”, é um hipônimo – por ser mais específico nesse contexto comparativo.

Elipse

A elipse vale-se da omissão de um termo já expresso anteriormente e facilmente recuperado no contexto.

A mãe gosta de ficar em casa durante o domingo; o pai, de sair para passear com as crianças.

Nesse exemplo, o verbo “gosta” não é reescrito na sequência na frase, mas sua ideia é recuperada pela marcação da elipse com “vírgula” depois do sujeito “pai”.

Como é possível observar, a substituição é um tipo de retomada que garante muitas possibilidades de correspondências, constrói a tessitura e a continuidade textual, da qual decorrem a **unidade** e a **progressão temática**, que correspondem diretamente à relação de **associação**, condição que deve marcar toda atividade linguística relevante, seja ela oral ou escrita.

Associação e conexão

A associação se dá por meio da **seleção lexical**, em que há o cuidado com a escolha de palavras pertencentes ao mesmo campo semântico, que deve referir-se continuamente aos temas tratados no texto. Já a conexão é realizada nas **relações sintático-semânticas** estabelecidas entre os termos, as orações, os períodos e os parágrafos de um texto. O principal recurso de conexão é o uso de conectivos (preposições, conjunções, advérbios e respectivas locuções).

Para ilustrar os elementos de coesão referentes à associação e à conexão, faça uma leitura atenta do artigo de opinião a seguir, em que o médico e escritor Drauzio Varella faz uma análise da desigualdade judiciária para com os presos pobres e sem condição de defesa justa. O ambiente carcerário é um local já conhecido do médico, que trabalha há anos em penitenciárias e convive com essa realidade bem de perto.

Desigualdade judiciária

Site Drauzio Varella

Já vivi o suficiente para aprender que a **igualdade** entre **seres humanos** só é atingida depois da morte, em qualquer parte do mundo. Nos países desenvolvidos, **no entanto**, existe preocupação do **aparato judiciário** em **aplicar as leis** com mais rigor e **punir os que as infringem, de modo a** transmitir aos cidadãos a sensação de que condições sociais privilegiadas **não lhes garante a impunidade**.

No Brasil, **o emaranhado de leis, jurisprudências e recursos cabíveis** à aplicação delas asseguram, aos bons escritórios de advocacia, a possibilidade de manter **criminosos longe das grades** por muitos anos – ou para sempre. Por despreparo técnico, não vou discutir as incoerências de nosso **Código Penal** antiquado. **Nem** pretendo falar do péssimo exemplo dado à população por **servidores públicos ladrões, corrompidos** por uma **elite empresarial de marginais sem escrúpulos**, que lhes dão gorjetas em troca de **contratos bilionários, superfaturados**. Vou me ater a um universo que me é mais familiar: **o das prisões**.

Domingo passado, o *Fantástico* apresentou o caso de um **traficante preso** com **120 quilos de maconha**. **As imagens iniciais** mostravam os pacotes com a **droga** e uma centena de **balas enormes**, que imagino serem de **fuzil**. **Em seguida**, aparecia a mãe do rapaz (por acaso, uma **desembargadora**) indo buscar o filho na porta da **cadeia**, com o **alvará de soltura** expedido por um colega de trabalho. A justificativa dada ao repórter pelo desembargador e pelo advogado de defesa foi a mesma: o réu seria transferido para uma clínica por ser portador de uma enfermidade denominada **transtorno borderline, patologia de diagnóstico incerto**, fonte de discussões e desacordos entre os psiquiatras.

No dia seguinte, dei uma aula sobre saúde para cerca de 200 mulheres presas na **Penitenciária Feminina da Capital**, em Santana, na Zona Norte. **No final**, quando me coloquei à disposição para as perguntas, uma senhora que aparentava 50 anos ficou em pé:

– Fui **presa** em **flagrante** na portaria de uma cadeia, em Guarulhos, levando para o meu marido **55 gramas de cocaína**. Eu sofro de depressão crônica, me trato no Hospital das Clínicas, tomo remédio tarja preta e já tentei me matar duas vezes. E o filho dessa desembargadora? Cento e vinte quilos, fora as balas, doutor!

Em meu lugar, o que você responderia, leitor?

Já abordei nesta coluna o caso dessas mulheres que levam droga para o interior das cadeias. Algumas são **traficantes profissionais**, **mas** outras não o fazem por dinheiro; acondicionam **cocaína e maconha** em invólucros impermeáveis, introduzidos na vagina para atender a solicitações de maridos, namorados e familiares que as chantageiam com súplicas de ajuda, para não morrer nas **mãos de assassinos impiedosos**.

Eventualmente surpreendidas pelas encarregadas de revistá-las, são encaminhadas para **lavar o flagrante** na **delegacia** mais próxima, de onde serão transferidas para a **Penitenciária** à espera do **juízo**. Essas **mulheres** costumam ter **vários filhos**. Na Penitenciária, já atendi uma **avó** aos 28 anos e uma mulher de 40 que tem dois **bisnetos**, “por enquanto”, **conforme** assegura. Ao ir para a delegacia, a mãe deixa em casa três ou quatro **crianças** na **agonia da espera**, até que um parente ou vizinho apareça para levá-los.

Como é pequena a probabilidade de que **alguém possa cuidar** de tantas crianças, uma vai para a casa de um vizinho, outra para a da avó, outra vai morar com a tia no interior. Na **falta de acolhimento**, ficarão sob a guarda do **Conselho Tutelar**. Qual será o futuro dos filhos? O que a sociedade ganha com essas prisões? Que impacto tem, na economia do tráfico, a quantidade de droga que cabe numa vagina?

Você não pode imaginar, caro leitor, a **revolta** das mulheres na **Penitenciária**, quando foi **libertada** a esposa do ex-governador do Rio de Janeiro, com a justificativa de ser mãe de um **menino de catorze e outro de doze anos carentes de cuidados maternos**. Como explicar que elas não têm **direito à lei** da qual se valeu essa senhora, cujo marido roubou muitos milhões a mais do que a somatória de todos os furtos e assaltos praticados pelas 2 200 prisioneiras da cadeia?

VARELLA, Drauzio. *Desigualdade judiciária*. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/drauzio/desigualdade-judiciaria/>>. Acesso em: 04 out. 2017.

Nesse texto, além de elementos de reiteração, é fácil identificar a teia semântica construída por meio de relações textuais de associação e conexão estabelecidas pelo autor para criar as imagens pretendidas, construir os sentidos e argumentar a favor do seu ponto de vista.

Em relação à associação semântica dos sentidos, é ela que constitui a coesão lexical do texto, ou seja, a unidade temática proveniente da aproximação e da semelhança entre as palavras. No artigo “Desigualdade judiciária”, o autor constrói essa unidade a partir do título, que, de certa forma, antecipa o que será tratado no texto: a questão da desigualdade judiciária, com o recorte para o sistema prisional, contexto já conhecido do médico.

Por meio da escolha de unidades do léxico como substantivos, adjetivos e verbos, é construída uma cadeia, em que as palavras vão se inserindo para formar o núcleo temático do texto. Observe, em verde, as escolhas feitas pelo autor para introduzir o tema e contextualizá-lo, apontando as incoerências do código penal brasileiro e a corrupção do país. Todas essas palavras e expressões referem-se ao universo da lei, do judiciário. Com base nelas, o leitor vai construindo uma imagem da situação apresentada pelo autor, que, por meio dos adjetivos, vai também desenvolvendo sua opinião.

Em seguida, na sequência narrativa em que constrói seu primeiro argumento, o autor aborda a injustiça da prisão e soltura de um traficante filho de uma desembargadora, comparando-o a homens e mulheres pobres presos por tráfico (às vezes para consumo próprio e em quantidade mínima) e sem perspectiva de libertação. Para isso, as escolhas lexicais, em azul, recaem sobre palavras do universo criminal e penitenciário.

No segundo argumento, sobre a injustiça no universo prisional feminino, é aludido o caso da mulher de um ex-governador do Rio de Janeiro que foi libertada “para cuidar dos filhos”, comparando-o ao de outras que cometeram delitos menores, mas cujos filhos pequenos são levados para custódia de parentes, amigos ou do Estado, visto que suas penas não são alteradas por terem de cuidar deles. Para essa construção argumentativa, o autor, além de utilizar palavras do campo semântico do encarceramento, em laranja, utiliza também as ligadas à maternidade.

São essas escolhas, aliadas ao sentido que se quer dar a elas dentro do texto, que constituem a organização temática do gênero. Cada escolha é de ordem sociocognitiva, ou seja, relaciona-se aos sentidos e propósitos compartilhados pelos falantes em determinados contextos sociocomunicativos.

A conexão, por sua vez, é construída por articuladores (conjunções, advérbios, locuções adverbiais) que unem o “arranjo temático” do texto de forma a construir sua teia sintático-semântica. Esses elementos coesivos constroem a coesão interna dos parágrafos e também a relação entre eles. A seguir, será analisado como esses elementos foram utilizados no artigo de Drauzio Varella.

1º parágrafo – Há dois conectivos. A conjunção de valor adversativo “no entanto”, que foi usada para comparar duas ideias diferentes: a de que não existe justiça no mundo e a de que os países desenvolvidos se preocupam mais em aplicar as leis e punir com rigor; e a locução prepositiva “de modo a”, que tem valor consecutivo e, no texto, exprime o sentido de justiça dado aos cidadãos dos países em que há rigor na aplicação da lei, levando-os a entender que melhores condições socioeconômicas não é sinônimo de impunidade.

2º parágrafo – Há a presença da conjunção “nem”, que indica negação e, no texto, é utilizada pelo autor para indicar temas que não serão tratados em seu texto (no caso, a incoerência do código penal brasileiro e a corrupção no poder público).

3º parágrafo – O autor faz a passagem de tempo na sequência narrativa por meio das expressões “As imagens iniciais” e “Em seguida”, construindo a cena enunciativa que deu origem ao primeiro argumento.

4º parágrafo – O mesmo processo temporal é construído nesse parágrafo, iniciando com a locução adverbial “no dia seguinte” e, em seguida, por “no final”, que introduz uma explicação do autor acerca do que ocorreu após o término da aula que dava para mulheres presas.

7º parágrafo – A conjunção adversativa “mas” é utilizada para contrapor a figura da mulher traficante profissional daquela que leva drogas para cadeias por pedido de maridos ou familiares.

8º parágrafo – O advérbio “eventualmente” inicia o parágrafo, indicando o sentido de possibilidade, suposição. Depois, o autor utiliza “conforme” para indicar conformidade e acordo.

CLASSIFICAÇÃO

Podemos classificar a coesão textual e seus mecanismos em três modalidades: **referencial**, **sequencial** e **recorrencial**. A primeira é responsável pelas remissões de palavras, expressões e ideias dentro do próprio texto; a segunda, pela progressão e ligação dessas ideias; e a terceira, pela articulação de uma informação nova.

Coesão referencial

Esse expediente articula partes de um texto, mantendo-lhe a continuidade temática, por meio de processos de substituições, em que o termo substituinte assume o significado do termo que substitui. São os pronomes os protagonistas desse mecanismo, pois eles vão assumir o significado do termo a que se referirem; disso a nomenclatura “coesão referencial”. O pronome “ele”, por exemplo, pode referir-se a uma pessoa, a um objeto, a um sentimento; o contexto vai conferir-lhe o significado. Observe:

*Um novo estudo publicado no periódico Acta Dermato-Venereology advertiu que talvez \emptyset estejamos recebendo menos proteção do **filtro solar** do que \emptyset imaginamos. Não porque **ele** não funcione, mas, sim, porque \emptyset aplicamos de maneira errada.*

FILTRO solar não protege se aplicado da forma errada.

Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/filtro-solar-nao-protege-se-aplicado-da-forma-errada/>>.

Acesso em: 04 out. 2018.

Coesão sequencial e recorrencial

No processo sequencial, a escrita vale-se de conectores que juntam partes do texto, num processo de colagem, em que inexistem substituições, mas apenas uniões. Para isso, acionam-se as conjunções e as preposições. As primeiras conectam frases, orações, períodos e parágrafos; as segundas juntam palavras e termos. No processo recorrencial, há articulação de uma informação nova para a progressão textual.

Para que você também possa construir essa teia coesiva nos textos que produzir, segue aqui uma lista de conectivos, agrupados pelo sentido, a qual deve ser consultada sempre que necessário, pois a escolha inadequada desses conectivos pode ocasionar a deturpação do sentido do texto.

Adição, continuação: além disso, demais, ademais, outrossim, ainda mais, por outro lado, também, e, nem, não só... mas também, não só... como também, não apenas... como também, não só... bem como, com, ou (quando não for excludente).

Causa e consequência, explicação: por consequência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito, tão (tanto, tamanho)... que, porque, porquanto, pois, já que, uma vez que, visto que, como (= porque), portanto, logo, que (= porque).

Certeza, ênfase: decerto, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, negativamente, com toda a certeza.

Condição, hipótese: se, caso, eventualmente.

Contraste, oposição, restrição, ressalva: pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, porém, entretanto, no entanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, só que, ao passo que.

Dúvida: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe, é provável, não é certo, se é que.

Ideias alternativas: ou, ou... ou, quer... quer, ora... ora.

Ilustração, esclarecimento: por exemplo, só para ilustrar, só para exemplificar, isto é, quer dizer, em outras palavras, a saber, ou seja, aliás.

Lugar, proximidade, distância: perto de, próximo a ou de, junto a ou de, dentro, fora, mais adiante, aqui, além, acolá, lá, ali, este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo, ante, a.

Prioridade, relevância: em primeiro lugar, antes de mais nada, antes de tudo, em princípio, primeiramente, acima de tudo, precipuamente, principalmente, primordialmente, sobretudo, *a priori*, *a posteriori*.

Propósito, intenção, finalidade: com o fim de, a fim de, com o propósito de, com a finalidade de, com o intuito de, para que, a fim de que, para.

Resumo, recapitulação, conclusão: em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, desse modo, logo, pois (entre vírgulas), assim sendo.

Semelhança, comparação, conformidade: igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, em conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, como se, bem como.

Surpresa, imprevisto: inesperadamente, de súbito, subitamente, de repente, imprevistamente, surpreendentemente.

Tempo (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade): então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, no momento em que, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo, nesse hiato, enquanto, quando, antes que, depois que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, já, mal, nem bem.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.



Fatores de textualidade

Essa videoaula trata dos fatores que possibilitam a textualidade, ou seja, as características que um texto deve ter para ser eficiente e cumprir seu objetivo de comunicação.

ZMWT

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

Instrução: Leia o texto e responda às questões **01** e **02**.

Deda, meu amigo, estou aqui. Podes me ouvir? Já faz algum tempo que não conversamos. Poderíamos arrancar a malvada saudade de nosso peito, o que achas então? Teu rosto está envelhecido. Tua carne, envilecida. Teu corpo treme. Tuas débeis mãos fremem. O que terá acontecido contigo, meu velho? Ah, já não és mais bravo e guerreiro, moço e vigoroso: és, sim, pó espectral. Logo te ajuntarás ao barro da terra. Logo a terra abrirá a fecunda e profunda boca para te tragar. Oleiro. Logo, meu velho. Logo. Lembras-te que eras tão bom na pontaria, que não erravas uma formiga na mira da tua espingarda, que ficavas a escorar-te em qualquer pilastra por onde pousavas e passavas, em varandas de casebres e casas grandes? Lembras-te, meu velho, que eras tão bom na composição de versos, nos improvisos de belos repentões? Tuas pernas já não suportam o peso de teu corpo, mesmo que tu queiras: magro, seco feito imbaúba. Triste é sofrer. O tempo passou devagar, voraz, amigo. O tempo não espera que o acompanhem. Segue sozinho os caminhos da vida e vai a todos os lugares e direções: atalhos.

LOURENÇO, Rosival. *Pelos engenhos*.
Maceió: Edufal, 2011. p. 12.

- 01.** (IFAL-2018) Considerando as relações de coerência e coesão, bem como as relações sintáticas de concordância do português, assinale a alternativa que apresenta uma afirmação errada quanto ao trecho a que se refere.
- A) “Já faz algum tempo que não conversamos” / se o sujeito do primeiro verbo fosse plural, a forma verbal deveria permanecer no singular, de acordo com o português culto.
- B) “Tuas débeis mãos fremem” / as concordâncias nominal e verbal obedecem à norma-padrão do português escrito.
- C) “eras tão bom na composição de versos, nos improvisos de belos repentões” / os adjetivos concordam adequadamente com os nomes a que se ligam, observando-se o padrão da Língua Portuguesa.
- D) “Segue sozinho os caminhos da vida e vai a todos os lugares e direções” / os dois verbos não estão adequados na sua flexão número-pessoal, pois deveriam flexionar-se na segunda pessoa do singular.
- E) “Tuas pernas já não suportam o peso de teu corpo, mesmo que tu queiras” / no português padrão, o último verbo não deve ser flexionado na terceira pessoa do singular, embora isso seja aceito em situação de coloquialidade.
- 02.** (IFAL-2018) Na frase “Tuas **débeis** mãos fremem” poder-se-ia substituir o vocábulo em negrito por uma palavra que lhe fosse sinônima. Indique-a.
- A) malucas
B) fracas
C) trêmulas
D) finas
E) doentes

- 03.** (UEMA–2015) O poema a seguir foi extraído da obra “Alguma Poesia”, de Carlos Drummond de Andrade, em que o autor põe em evidência a desconstrução da imagem de um ícone natalino. Leia-o para responder às questões propostas.

Papai Noel às Avestas

A Afonso Atinos (sobrinho)

Papai Noel entrou pela porta dos fundos.
 (no Brasil as chaminés não são praticáveis),
 entrou cauteloso que nem marido depois da farra.
 Tateando na escuridão torceu o comutador
 e a eletricidade bateu nas coisas resignadas,
 coisas que continuavam coisas no mistério do Natal.
 Papai Noel explorou a cozinha com olhos espertos,
 achou um queijo e comeu.
 Depois tirou do bolso um cigarro que não quis acender
 Teve medo, talvez de pegar fogo nas barbas postiças
 (no Brasil os Papais-noéis são todos de cara raspada)
 e avançou pelo corredor branco de luar.
 Aquele quarto é o das crianças.
 Papai entrou compenetrado.
 Os meninos dormiam sonhando outros natais muito
 mais lindos
 mas os sapatos deles estavam cheinhos de brinquedos
 soldados mulheres elefantes navios
 e um presidente de república de celuloide.
 Papai Noel agachou-se e recolheu tudo
 no interminável lenço vermelho de alcobaça. Fez a trouxa
 e deu o nó, mas apertou tanto
 que lá dentro mulheres elefantes soldados presidente
 brigavam por
 causa do aperto.
 Os pequenos continuavam dormindo.
 Longe um galo comunicou o nascimento de Cristo.
 Papai Noel voltou de manso para a cozinha,
 apagou a luz, saiu pela porta dos fundos.
 Na horta, o luar de Natal abençoava os legumes.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*.
 São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Leia os versos a seguir, extraídos do poema “Papai Noel às Avestas”, de Carlos Drummond de Andrade.
 “Papai Noel explorou a cozinha com olhos espertos,
 achou um queijo e comeu.
 Depois tirou do bolso um cigarro que não quis acender.
 Teve medo, talvez de pegar fogo nas barbas postiças”
 A coesão sintático-semântica no texto garante a compreensão das ideias nele apresentadas. Considerando as relações de sentido no poema, identifique o termo retomado pelo pronome **que**. Explique sua resposta, com base na leitura e na compreensão dos versos.

- 04.** (FGV-SP) Leia o texto.

Glória Pires retorna ao Brasil após três anos na França na pele de uma personagem vingativa na novela “Insensato Coração”, fazendo lembrar seus melhores momentos na TV como vilã.

BEM-ESTAR. *Diário da Região*, 23 jan. 2011.

Observe que o texto apresenta uma ambiguidade.

- A) Explique em que consiste essa ambiguidade, esclarecendo os dois sentidos que esse texto sugere.
 B) Aponte dois recursos linguísticos necessários para que a ambiguidade seja desfeita. Reescreva o texto, empregando esses recursos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **01** a **03**.

Ciência e Hollywood

- Infelizmente, é verdade: explosões não fazem barulho algum no espaço. Não me lembro de um só filme que tenha retratado isso direito. Pode ser que existam alguns, mas se existirem não fizeram muito sucesso. Sempre vemos explosões gigantescas, estrondos fantásticos. Para existir ruído é necessário um meio material que transporte as perturbações que chamamos de ondas sonoras. Na ausência de atmosfera, ou água, ou outro meio, as perturbações não têm onde se propagar. Para um produtor de cinema, a questão não passa pela ciência. Pelo menos não como prioridade. Seu interesse é tornar o filme emocionante, e explosões têm justamente este papel; roubar o som de uma grande espaçonave explodindo torna a cena bem sem graça.
- Recentemente, o debate sobre as liberdades científicas tomadas pelo cinema tem aquecido. O sucesso do filme *O dia depois de amanhã* (*The day after tomorrow*), faturando mais de meio bilhão de dólares, e seu cenário de uma idade do gelo ocorrendo em uma semana, em vez de décadas ou, melhor ainda, centenas de anos, levantaram as sobrancelhas de cientistas mais rígidos que veem as distorções com desdém e esbugalharam os olhos dos espectadores (a maioria) que pouco ligam se a ciência está certa ou errada. Afinal, cinema é diversão.
- Até recentemente, defendia a posição mais rígida, que filmes devem tentar ao máximo ser fiéis à ciência que retratam. Claro, isso sempre é bom. Mas não acredito mais que seja absolutamente necessário. Existe uma diferença crucial entre um filme comercial e um documentário científico. Óbvio, documentários devem retratar fielmente a ciência, educando e divertindo a população, mas filmes não têm necessariamente um compromisso pedagógico. As pessoas não vão ao cinema para serem educadas, ao menos como via de regra.
- Claro, filmes históricos ou mesmo aqueles fiéis à ciência têm enorme valor cultural. Outros educam as emoções através da ficção. Mas, se existirem exageros, eles não deverão ser criticados como tal. Fantasmas não existem, mas filmes de terror sim. Pode-se argumentar que, no caso de filmes que versam sobre temas científicos, as pessoas vão ao cinema esperando uma ciência crível.

45 Isso pode ser verdade, mas elas não deveriam basear suas conclusões no que diz o filme. No mínimo, o cinema pode servir como mecanismo de alerta para questões científicas importantes: o aquecimento global, a inteligência artificial, a engenharia genética, as guerras nucleares, os riscos espaciais como cometas ou asteroides etc. Mas o conteúdo não deve ser levado ao pé da letra. A arte distorce para persuadir. E o cinema moderno, com efeitos especiais absolutamente espetaculares, distorce com enorme facilidade e poder de persuasão.

50 O que os cientistas podem fazer, e isso está virando moda nas universidades norte-americanas, é usar filmes nas salas de aula para educar seus alunos sobre o que é cientificamente correto e o que é absurdo. Ou seja, usar o cinema como ferramenta pedagógica. Os alunos certamente prestarão muita atenção, muito mais do que em uma aula convencional. Com isso, será possível educar a população para que, no futuro, um número cada vez maior de pessoas possa discernir o real do imaginário.

GLEISER, Marcelo.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br> (Adaptação).

01. (UERJ) Na construção argumentativa, uma estratégia comum é aquela em que se reconhecem dados ou fatos contrários ao ponto de vista defendido, para, em seguida, negá-los ou reduzir sua importância. O fragmento do texto que exemplifica essa estratégia é:
- A) Infelizmente, é verdade: explosões não fazem barulho algum no espaço. (l. 1-2)
- B) Pode ser que existam alguns, mas se existirem não fizeram muito sucesso. (l. 3-4)
- C) Para um produtor de cinema, a questão não passa pela ciência. (l. 9-11)
- D) Mas o conteúdo não deve ser levado ao pé da letra. (l. 48)
02. (UERJ) Ao longo do texto, o autor procura evitar generalizações, admitindo, após algumas conclusões, a possibilidade de exceções. Essa atitude do autor está exemplificada em:
- A) Sempre vemos explosões gigantescas, estrondos fantásticos. (l. 4-5)
- B) Recentemente, o debate sobre as liberdades científicas tomadas pelo cinema tem aquecido. (l. 15-16)
- C) Óbvio, documentários devem retratar fielmente a ciência, educando e divertindo a população, (l. 30-32)
- D) As pessoas não vão ao cinema para serem educadas, ao menos como via de regra. (l. 33-34)
03. (UERJ) "Mas, se existirem exageros, eles não deverão ser criticados como tal." (l. 37-38) Essa afirmação, embora pareça contraditória, sugere um elemento fundamental para a compreensão do ponto de vista do autor. O fragmento que melhor sintetiza o ponto de vista expresso pela frase citada é:
- A) Até recentemente, defendia a posição mais rígida, (l. 25)
- B) Filmes históricos ou mesmo aqueles fiéis à ciência têm enorme valor cultural. (l. 35-36)
- C) A arte distorce para persuadir. (l. 49)
- D) Os alunos certamente prestarão muita atenção, (l. 56-57)

Instrução: Leia, com atenção, o texto a seguir, pois as questões 04 e 05 referem-se a ele.

Vivendo e...

5 Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido que se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, quanto mais jogá-la com a precisão que tinha quando era garoto. [...]

10 Juntando-se as duas mãos de um determinado jeito, com os polegares para dentro, e assoprando pelo buraquinho, tirava-se um silvo bonito que inclusive variava de tom conforme o posicionamento das mãos. Hoje não sei mais que jeito é esse. Eu sabia a fórmula de fazer cola caseira. Algo envolvendo farinha e água e muita confusão na cozinha, de onde éramos expulsos sob ameaças.

15 Hoje não sei mais. A gente começava a contar depois de ver um relâmpago e o número a que chegasse quando ouvia a trovoadas, multiplicado por outro número, dava a distância exata do relâmpago. Não me lembro mais dos números. [...]

20 Lembro o orgulho com que consegui, pela primeira vez, cuspir corretamente pelo espaço adequado entre os dentes de cima e a ponta da língua de modo que o cuspe ganhasse distância e pudesse ser mirado. Com prática, conseguia-se controlar a trajetória elíptica da cusparada com uma mínima margem de erro. Era puro instinto. Hoje o mesmo feito requereria complicados cálculos de balística, e eu provavelmente só acertaria a frente da minha camisa. Outra habilidade perdida.

25 Na verdade, deve-se revisar aquela antiga frase. É vivendo e _____. Não falo daquelas coisas que deixamos de fazer porque não temos mais as condições físicas e a coragem de antigamente, como subir em bonde andando – mesmo porque não há mais bondes andando. Falo da sabedoria desperdiçada, das artes que nos abandonaram. Algumas até úteis. Quem nunca desejou ainda ter o cuspe certo de garoto para acertar em algum alvo contemporâneo, bem no olho, e depois sair correndo? Eu já.

VERISSIMO, Luis F.

Comédias para se ler na escola.

04. (FUVEST-SP) A palavra que o cronista omite no título, substituindo-a por reticências, ele a emprega no último parágrafo, na posição marcada com pontilhado. Tendo em vista o contexto, conclui-se que se trata da palavra
- A) desanimando. D) brincando.
- B) crescendo. E) desaprendendo.
- C) inventando.
05. (FUVEST-SP) Um dos contrastes entre passado e presente que caracterizam o desenvolvimento do texto manifesta-se na oposição entre as seguintes expressões:
- A) "precisão" (l. 4) / "fórmula" (l. 10).
- B) "muita confusão" (l. 12) / "distância exata" (l. 17).
- C) "trajetória elíptica" (l. 23) / "mínima margem de erro" (l. 24).
- D) "puro instinto" (l. 24) / "complicados cálculos" (l. 25).
- E) "habilidade perdida" (l. 27) / "artes que nos abandonaram" (l. 33-34).

06. (FUVEST-SP) A civilização “pós-moderna” culminou em um progresso inegável, que não foi percebido antecipadamente, em sua inteireza. Ao mesmo tempo, sob o “mau uso” da ciência, da tecnologia e da capacidade de invenção nos precipitou na miséria moral inexorável. Os que condenam a ciência, a tecnologia e a invenção criativa por essa miséria ignoram os desafios que explodiram com o capitalismo monopolista de sua terceira fase.

5 Em páginas secas premonitórias, E. Mandel apontara tais riscos. O “livre jogo de mercado” (que não é e nunca foi “livre”) rasgou o ventre das vítimas: milhões de seres humanos nos países ricos e uma carrada maior de milhões nos pobres. O centro acabou fabricando a sua periferia intrínseca e apossou-se, como não sucedeu nem sob o regime colonial direto, das outras periferias externas, que abrangem quase todo o “resto do mundo”.

FERNANDES, Florestan.
Folha de S. Paulo, 27 dez. 1993.

No trecho “nos precipitou na miséria moral inexorável” (l. 5-6), a palavra sublinhada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- A) inelutável. D) inominável.
B) inexequível. E) impensável.
C) inolvidável.

07. (IFAL-2018)
QBXW



Sobre o anúncio publicitário, o mecanismo usado linguisticamente na seguinte passagem: “LEVE UMA DE BROTINHO BANANA!” está inserido no plano da

- A) coesão referencial pelo uso de elipse.
B) coesão sequencial pelo uso de conectores.
C) coesão referencial pelo uso de pronomes.
D) coesão referencial pelo uso de sinonímia.
E) coesão sequencial pelo emprego de pontuação.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2016)

Pérolas absolutas

Há, no seio de uma ostra, um movimento – ainda que imperceptível. Qualquer coisa imiscuiu-se pela fissura uma partícula qualquer, diminuta e invisível. Venceu as paredes lacradas, que se fecham como a boca que tem medo de deixar escapar um segredo. Venceu. E agora penetra o núcleo da ostra, contaminando-lhe a própria substância. A ostra reage, imediatamente. E começa a secretar o nácar. É um mecanismo de defesa, uma tentativa de purificação contra a partícula invasora. Com uma paciência de fundo de mar, a ostra profanada continua seu trabalho incansável, secretando por anos a fio o nácar que aos poucos se vai solidificando. É dessa solidificação que nascem as pérolas.

As pérolas são, assim, o resultado de uma contaminação. A arte por vezes também. A arte é quase sempre a transformação da dor. [...] Escrever é preciso. É preciso continuar secretando o nácar, formar a pérola que talvez seja imperfeita, que talvez jamais seja encontrada e viva para sempre encerrada no fundo do mar. Talvez estas, as pérolas esquecidas, jamais achadas, as pérolas intocadas e por isso absolutas em si mesmas, guardem em si uma parcela faiscante da eternidade.

SEIXAS, H. *Uma ilha chamada livro*.
Rio de Janeiro: Record, 2009. [Fragmento]

Considerando os aspectos estéticos e semânticos presentes no texto, a imagem da pérola configura uma percepção que

- A) reforça o valor do sofrimento e do esquecimento para o processo criativo.
B) ilustra o conflito entre a procura do novo e a rejeição ao elemento exótico.
C) concebe a criação literária como trabalho progressivo e de autoconhecimento.
D) expressa a ideia de atividade poética como experiência anônima e involuntária.
E) destaca o efeito introspectivo gerado pelo contato com o inusitado e com o desconhecido.

02. (Enem-2015)

Por que as formigas não morrem quando postas em forno de micro-ondas?

As micro-ondas são ondas eletromagnéticas com frequência muito alta. Elas causam vibração nas moléculas de água, e é isso que aquece a comida. Se o prato estiver seco, sua temperatura não se altera. Da mesma maneira, se as formigas tiverem pouca água em seu corpo, podem sair incólumes. Já um ser humano não se sairia tão bem quanto esses insetos dentro de um forno de micro-ondas superdimensionado: a água que compõe 70% do seu corpo aqueceria. Micro-ondas de baixa intensidade, porém, estão por toda a parte, oriundas da telefonia celular, mas não há comprovação de que causem problemas para a população humana.

OKUNO, E. Disponível em: <<http://revistaspesquisa.fapesp.br>>.
Acesso em: 11 dez. 2013.

Os textos constroem-se com recursos linguísticos que materializam diferentes propósitos comunicativos. Ao responder à pergunta que dá título ao texto, o autor tem como objetivo principal

- A) defender o ponto de vista de que as ondas eletromagnéticas são inofensivas.
- B) divulgar resultados de recentes pesquisas científicas para a sociedade.
- C) apresentar informações acerca das ondas eletromagnéticas e de seu uso.
- D) alertar o leitor sobre os riscos de usar as micro-ondas em seu dia a dia.
- E) apontar diferenças fisiológicas entre formigas e seres humanos.

- 03.** (Enem) Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu de Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano *influenza* e o francês *grippe*. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava “influência dos astros sobre os homens”. O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”. Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

RODRIGUES, S. Sobre palavras. *Veja*, São Paulo, 30 nov. 2011.

Para se entender o trecho como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída predominantemente pela retomada de um termo por outro e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

- A) “[...] a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas.”
- B) “Partiu de Itália em 1743 a epidemia de gripe [...]”.
- C) “O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava ‘influência dos astros sobre os homens’.”
- D) “O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* [...]”.
- E) “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.”

- 04.** (Enem) Cultivar um estilo de vida saudável é extremamente importante para diminuir o risco de infarto, mas também de problemas como morte súbita e derrame. Significa que manter uma alimentação saudável e praticar atividade física regularmente já reduz, por si só, as chances de desenvolver vários problemas. Além disso, é importante para o controle da pressão arterial, dos níveis de colesterol e de glicose no sangue. Também ajuda a diminuir o estresse e aumentar a capacidade física, fatores que, somados, reduzem as chances de infarto. Exercitar-se, nesses casos, com acompanhamento médico e moderação, é altamente recomendável.

ATALIA, M. Nossa vida. *Época*, 23 mar. 2009.

As ideias veiculadas no texto se organizam estabelecendo relações que atuam na construção do sentido. A esse respeito, identifica-se, no fragmento, que

- A) a expressão “Além disso” marca uma sequenciação de ideias.
- B) o conectivo “mas também” inicia a oração que exprime ideia de contraste.
- C) o termo “como”, em “como morte súbita e derrame”, introduz uma generalização.
- D) o termo “Também” exprime uma justificativa.
- E) o termo “fatores” retoma coesivamente “níveis de colesterol e de glicose no sangue”.

05.

Texto I

“Encontre seu pai aqui.” O inscrito chama atenção ao lado do balcão de informações do Poupatempo de Itaquera em São Paulo. O anúncio é parte da divulgação do serviço gratuito de “reconhecimento e investigação de paternidade”, que pode ser encontrado em todas as unidades do órgão estadual. O objetivo? Reverter os altos índices de abandono paterno e registros “incompletos”.

Segundo dados colhidos pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 2015, o Brasil ganhou mais de 1 milhão de famílias compostas por mãe solo, em um período de dez anos. Só no estado de São Paulo, há 750 mil pessoas, de 0 a 30 anos, sem o nome do pai no registro, de acordo com dados do governo estadual.

“O abandono paterno precisa ser olhada com mais atenção”, diz o promotor de Justiça Maximiliano Roberto Ernesto Fuhrer, da Promotoria de São Bernardo do Campo. ‘Vivemos uma epidemia social’. Ele foi responsável por criar o serviço, em 2005, na época, oferecido apenas em escolas públicas do ABC”.

Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/04/10/vivemos-uma-epidemia-social-de-abandono-paterno-diz-promotor.htm>>.

Texto II

“Os prejuízos vão muito além do nome que não consta na certidão. O abandono material acarreta sérias consequências na subsistência da criança, que depende só da mãe para ser provida. No entanto, a longo prazo, o abandono afetivo acarreta traumas que jamais serão mensurados, já que a ausência paterna pode trazer inúmeros danos psicológicos”, ressalta Thaís Perico, advogada especializada em assessoria para mulheres e sócia do escritório Lima Perico Sociedade de Advogadas, de São Paulo.

Realmente, as consequências desse ato irresponsável se refletem na vida do pequeno, prejudicando-o de diversas maneiras [...]. ‘Desde o útero, a criança já escuta e discrimina a voz dos pais devido à diferença de tonalidade. Portanto, o vínculo do bebê com a figura paterna se inicia ainda na vida intrauterina’, afirma a psicóloga Isis Pupo.”

Disponível em: <<https://bebe.abril.com.br/familia/abandono-paterno-relatos/>>.

Texto III



Dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) com base no senso escolar de 2011.

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da Língua Portuguesa sobre o tema: **O abandono paterno no Brasil**. Apresente proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

GABARITO

Aprendizagem

Meu aproveitamento

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. B
- 03. O pronome “que” se refere ao termo “cigarro”. Trata-se de um pronome relativo que representa um nome já mencionado anteriormente e com o qual se relaciona. Introduz uma oração subordinada adjetiva.
- 04.
 - A) A ambiguidade está na possibilidade de entender que
 1. a atriz retorna ao Brasil após viver três anos na França na pele de uma personagem vingativa na novela “Insensato Coração” (portanto, ela interpretou a personagem na França);
 2. após viver na França por três anos, a atriz retorna ao Brasil na pele de uma personagem vingativa na novela “Insensato Coração” (portanto, ela interpreta a personagem no Brasil).
 - B) Para desfazer a ambiguidade, é preciso alterar a ordem das palavras na frase e empregar vírgula para isolar a informação referente à estada da atriz na França (o adjunto adverbial de tempo).

“Após três anos na França, Glória Pires retorna ao Brasil na pele de uma personagem vingativa [,] na novela ‘Insensato Coração’, fazendo lembrar seus melhores momentos na TV como vilã.”

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. B
- 02. D
- 03. C
- 04. E
- 05. D
- 06. A
- 07. A

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. C
- 03. E
- 04. A
- 05. A proposta de redação pede que se discursse sobre o abandono paterno no Brasil. Na redação, deve-se ser capaz de introduzir o tema do assunto de maneira clara e objetiva, desenvolvendo-o com uma proposta argumentativa por meio de raciocínios claros e diretos. Um dos mecanismos de auxílio ao raciocínio e à argumentação apresentada é a inserção de exemplos, para que o leitor seja capaz de acompanhar devidamente os passos e as etapas do processo de desenvolvimento do texto.

Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Figuras de Linguagem e Figuras Sonoras

LITERATURA: PARA QUÊ?

A literatura propicia ao ser humano o desenvolvimento das habilidades de ler e fazer inferências, do raciocínio e da cognição, colaborando para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de apreensão de outros conteúdos. Segundo Benedito Antunes, professor da Unesp, em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, “Literatura não é importante porque cai no vestibular, mas cai no vestibular porque é importante. Ela melhora a sensibilidade, a compreensão do mundo. Habilita o leitor a ter uma percepção do meio social, histórico e até pessoal muito mais complexa do que sem essa experiência de linguagem”.

A literatura é uma das várias formas de arte existentes no mundo. Ela dialoga com a época e o contexto em que é produzida e também com o futuro e o passado. Todo autor é influenciado pela época em que vive e pelo meio em que se insere, seja familiar, cultural, social ou político, e, por isso, imprime certa ideologia em suas composições, ou seja, o escritor possui função social definida. Já pensou nisso?

Uma das funções da educação formal é aparelhar o indivíduo para que ele se constitua cidadão e autônomo. Ser autônomo significa conhecer a si mesmo, ter uma visão crítica do que o cerca e agir no mundo tomando decisões e atitudes. “‘Torne-se quem você é’, murmura-me a literatura” – essa frase, retirada do livro *Literatura para quê?*, de Antoine Compagnon, importante professor francês, instiga-nos a buscar a nossa própria identidade, por meio da leitura, seja prosa ou poesia. Ainda na fala desse autor, “[...] ele [o romance moderno] não ilustra um sistema, mas inventa uma reflexão indissociável da ficção, visando menos enunciar verdades que introduzir em nossas certezas a dúvida, a ambiguidade e a interrogação”. Ou seja, é necessário refletir antes de admitir como certa uma informação, uma opinião ou um fato. Só se é autônomo exercitando-se o pensamento, lendo romances ou poesia, sabendo um pouco da vida nos séculos passados, como ela era em momentos distintos da História. O olhar para o passado nos faz refletir sobre o presente e sobre quem somos, e assim nos ajuda a nos tornar sujeitos.

Uma das formas de se constituir sujeito é conhecer os clássicos da literatura, pois se costuma dizer que a “boa literatura” dura para sempre. Além do prazer estético com o texto, leitor e escritor reconstróem a realidade, num diálogo intrínseco entre ambos e entre épocas e culturas.

Ezra Pound, poeta nascido nos Estados Unidos, afirmou que a “grande” [ou boa] literatura é a linguagem impregnada de significado no mais alto grau. Já o italiano Ítalo Calvino nos afirma que um clássico literário é aquele que nunca termina de dizer algo.

O estudo da literatura, a arte da palavra

A matéria-prima da literatura é a linguagem, representada pela letra e pela palavra. O artista explora a palavra em sua totalidade, por meio do sentido, do som, da forma e das combinações, ou seja, de seu potencial de significação. Por isso a literatura é considerada a “arte da palavra”. Por sua vez, o leitor possui importante papel nessa espécie de “jogo”, ou “pacto”, que se estabelece entre ele e o autor. Ao ser enlaçado por determinada obra, o leitor reconstrói os sentidos do texto original, refazendo, de certa forma, o percurso do autor, convocando sua própria experiência no entendimento e na fruição.

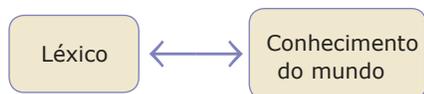
O objeto de estudo da literatura são os textos literários de um país ou época. Esses textos refletem a realidade, mas não necessariamente precisam ser fiéis a ela. Como transfiguração do real, a literatura recria uma nova realidade, um mundo diferente, que traduz a compreensão e o julgamento do poeta, provocando a reflexão do leitor.

Ao estudar a literatura, que compreende seus textos e a história literária, é necessário partir de certos conceitos, considerações e princípios estéticos. Seja em prosa ou em verso, o estudo da literatura abarca o estudo da forma do texto, seu sentido e o diálogo com o tempo, com outros textos, outras ideologias e outras obras de arte.

Como em toda área do conhecimento, parâmetros foram estabelecidos para estudar a literatura. Para isso, é essencial compreender alguns conceitos, como conotação / denotação, intertextualidade, gêneros literários, dentre outros que vamos explorar no decorrer dos módulos da Coleção 6V referentes à literatura. Ler e comparar textos, obras de arte, recriações; estabelecer diálogos entre a literatura e manifestações artísticas variadas, tais como as artes plásticas, o teatro, o cinema, os vídeos; relacionar os textos literários ao contexto de produção e recepção; e compreender os signos e os sentidos são algumas das estratégias que utilizaremos no decorrer desse aprendizado.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras e seu potencial de significação (**polissemia**), justamente pelo constante uso, estão sujeitos a alterações decorrentes não só das mudanças e inovações que ocorrem em nosso grupo social como também da subjetividade e percepção de cada um de nós, usuários da língua. Em relação a isso, o **léxico** é um estoque de significação a que recorreremos constantemente.



Perceber se no texto há denotação e / ou conotação é necessário para evitar uma leitura ingênua, desavisada. Isso porque, em uma escrita ou em uma fala, o enunciador pode intencionalmente dizer algo exatamente o contrário do que escreveu; se o leitor não perceber essas “intenções”, a comunicação não se estabelece ou pode, ainda, gerar conflitos.

A **denotação** se revela quando o uso da linguagem é feito de maneira comum, usual, com a significação básica das palavras, sem dialogar com a criatividade; enquanto a **conotação** envolve uma linguagem empregada de maneira incomum, com significações que vão além, em diálogo com a simbologia, com apego à criatividade. A primeira é empregada quando queremos comunicar objetivamente, com o cuidado de evitar ruídos comunicativos entre autor e leitor (enciclopédias, notícias, bulas de remédio, leis, etc.); a segunda, por sua vez, é usada quando visamos explorar a forma, a mensagem, os duplos sentidos, os efeitos de estilo (poema, charges, propagandas, etc.), como é comum ver em textos de natureza literária.

Por mais que haja a separação desses conceitos, há uma convivência de um no outro. Para entender essa lógica, é preciso recorrer a outros dois conceitos: o de **texto figurativo** e o de **texto temático**.

TEXTO FIGURATIVO E TEXTO TEMÁTICO

O texto figurativo tem íntima ligação com a linguagem conotativa, por ser ele composto de elementos de natureza concreta, que simbolizam, representam. Os símbolos que esse tecido traz nos conduzem a ideias abstratas, a que chamamos **temas**. Por outro lado, o texto temático é aquele que diz de maneira objetiva, não usa figuras para explorar assuntos, temas; trabalha com elementos de natureza abstrata.

O que seriam **elementos concretos** então? Tudo aquilo que funcionar, no contexto, como elemento que traz em seu interior, em sua referência, um assunto.

Por exemplo, no ditado popular “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, temos um texto figurativo: o enunciado se constrói todo por elementos concretos – água, mole, pedra, duro, bater, furar – organizados de maneira a nos conduzir ao tema da persistência. Não se diz nesse ditado objetivamente “sejamos persistentes”, essa ideia, esse tema, revela-se no interior dos elementos concretos, simbólicos. Outro exemplo pode ser de uma narrativa em que o narrador conta que a personagem deu um grito ao abrir a porta do quarto e ver um sapo na cama; esse “grito” é um elemento concreto, figurativo, pois, nesse contexto, conduz ao tema ou do medo, ou do susto, ou da histeria.

Os **elementos abstratos**, por sua vez, funcionam, no texto, para conceituar, apresentar fatos, noções de modo mais evidente que os elementos concretos. Por exemplo, em “Conhecimento: sm. 1. Ato de conhecer algo pela razão, pela experiência ou pela informação recebida”, os elementos linguísticos estão conceituando “conhecimento”.

Ter a ciência desses conceitos e procurar enxergá-los nos textos, inegavelmente, dá ao leitor maior maturidade para compreender, para interpretar. Sabe-se, por exemplo, que, num texto predominantemente figurativo, a postura dos leitores será mais investigativa, no sentido de perceber por detrás das figuras o conteúdo que elas acionam.

Observe isso em prática nos textos a seguir.

Vulcões

Tudo é frio e gelado. O gume dum punhal
 Não tem a lividez sinistra da montanha
 Quando a noite a inunda dum manto sem igual
 De neve branca e fria onde o luar se banha.
 No entanto que fogo, que lavas, a montanha
 Oculta no seu seio de lividez fatal!
 Tudo é quente lá dentro... e que paixão tamanha
 A fria neve envolve em seu vestido ideal!
 No gelo da indiferença ocultam-se as paixões
 Como no gelo frio do cume da montanha
 Se oculta a lava quente do seio dos vulcões...
 Assim quando eu te falo alegre, friamente,
 Sem um tremor de voz, mal sabes tu que estranha
 Paixão palpita e ruge em mim doida e fremente!

ESPANCA, Florbela. *A mensagem das violetas*.

Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000094.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Nesse poema de Florbela Espanca, vemos conviver diferentes recursos estéticos, como as rimas, metáforas, símiles e outras figuras de linguagem, as quais, pelo percurso da conotação e da figuratividade, camuflam a temática do universo de sujeitos que deixam de se mostrar, que, de certa maneira, reprimem seus sentimentos interiores. Observe como se chega a esse tema.

O texto elenca uma série de elementos concretos que vão se transformando em abstrações, em temas. Vulcões, gelado, gume, punhal, montanha, noite, fria, neve, vestido, gelo, cume, alegre, tudo são exemplos do percurso figurativo presente no texto. Pode-se observar que o poema se resume a duas figuras centrais: o frio e o quente. Tematicamente, essas duas figuras criam a categoria tímica (oposição) do exterior *versus* o interior, ou seja, os versos querem, na verdade, cantar o tema de como o sujeito se mostra e de como ele é de fato, uma espécie de aparência e essência. Percebe-se uma recorrência de contradições: o título “vulcões” recupera a ideia de calor, de quentura, porém, os quatro primeiros versos trazem a temática do frio. Parece haver um conflito intencionalmente criado pelo eu lírico. É o conflito vivido por ele mesmo, o conflito de mostrar ser um sujeito e de esconder sua essência: lava, vulcão. Esse eu poemático tem sua lava, sua paixão, recoberta pela montanha e pela neve que cobre a montanha. Ele se compara ao vulcão que tem a lava quente escondida no interior da montanha fria, encoberta de neve “Como no gelo frio do cume da montanha / Se oculta a lava quente do seio dos vulcões...”. Mas o que seria, então, tematicamente essa montanha fria? O próprio poema deixa-a evidente: é a indiferença sentida pelo eu lírico. Este parece viver uma relação opressora afetivamente, em que se é tratado com frieza, e isso o impede de ser o vulcão, liberar a paixão que tem internamente. Os três últimos versos comprovam essa leitura:

“Assim quando eu te falo alegre, friamente,
Sem um tremor de voz, mal sabes tu que estranha
Paixão palpita e rugem em mim doida e fremente!”

Esses versos deixam claro aquilo que já foi apresentado, o eu lírico se revela como um sujeito frio, despido de sentimentos, mas na verdade é um sujeito apaixonado, quente, prestes a entrar em erupção. Resumidamente, é possível dizer que pode tratar-se, por exemplo, de uma relação conjugal em que a mulher se percebe oprimida pelo homem, num contexto pretérito em que à mulher era vetado manifestar prazer no momento da relação sexual. Percebe-se que esse sentimento de indiferença parece acentuar-se ou manifestar-se à noite (“Quando a noite a inunda dum manto sem igual / De neve branca e fria onde o luar se banha.”), quando se deitam à cama. Nesse momento, o eu poemático (ela, a figura feminina, a montanha com o vulcão escondido) se mostra alegre, contudo fria para o “tu” (“mal sabes tu”) com quem dialoga, com quem convive. Ela assume, entretanto, que “Paixão palpita e rugem em mim doida e fremente!” Fica claro então que o texto é predominantemente figurativo e de que suas figuras vão revelando os temas do interior *versus* o exterior, da opressão *versus* a liberdade.

Nessa breve análise, não restam dúvidas de que a conotação, a figuratividade e a denotação atuam de maneira complementar. Encadeiam-se e formam o enredo, a mensagem, o discurso do texto. A primeira confere à segunda um estilo que acentua a temática da segunda. Acentua no sentido de provocar no leitor sensações talvez impossíveis se o texto falasse secamente, objetivamente.

Essas figuras não se limitam ao poema ou à poesia, elas estão em muitos outros gêneros textuais, ora mais discreta, ora mais explicitamente reveladas.

Observe agora esta ilustração:



Nessa ilustração, “Tubarões”, do artista polonês Pawel Kuczynski, há um discurso veiculado. Sua leitura exige-nos conhecimentos prévios de mundo. Podemos notar, a princípio, várias “barbatanas” ao redor da boia sobre a qual um garoto lê um livro, e uma “barbatana” maior no canto inferior direito da imagem, representando os tubarões, ou seja, sinais de perigo. Essa ideia é uma crítica social à tecnologia digital, expondo-a como “perigosa” àqueles que tentam se concentrar em outra atividade, como a leitura. O discurso veiculado expõe o desafio de se manter focado em algo enquanto se tem por perto um *smathphone* e suas notificações rondando-nos frequentemente.

Portanto, podemos afirmar que se trata de um texto não verbal figurativo cuja linguagem é predominantemente conotativa, composta de elementos simbólicos que sugerem reflexão sobre o comportamento humano nos dias de hoje.

PRINCIPAIS FIGURAS DE LINGUAGEM



As figuras de linguagem são recursos estilísticos que proporcionam aos textos um caráter de literariedade, em oposição à literalidade tão comum nos textos informativos, jornalísticos e ensaísticos. Os textos literários são marcados pelo forte emprego de figuras de linguagem nos planos sintático, morfológico, semântico e sonoro da língua. A linguagem mais convencional, que prioriza a função referencial, preocupa-se em transmitir uma informação, relatar um fato de modo objetivo, instruir o leitor sobre alguma questão social, política, econômica ou científica, por isso, ela emprega as palavras no sentido denotativo. Já a linguagem literária não possui necessariamente uma finalidade objetiva, o que lhe proporciona maior liberdade criativa para empregar os vocábulos de modo lúdico e polissêmico, o que, por sua vez, possibilita aos leitores construir inúmeras interpretações. Para que você consiga perceber a riqueza dos textos literários, é importante ter consciência desses exercícios estéticos explorados pelos autores. Vejamos, então, as principais figuras de linguagem e os efeitos obtidos pelo seu uso. Lembre-se de que mais importante que identificar as figuras é saber o porquê de seu emprego.

Metáfora

A metáfora é a comparação implícita entre dois elementos, com base em uma relação de semelhança e proximidade. É a figura de linguagem mais significativa nas produções literárias. É ela que permite aos textos inúmeras possibilidades de leitura, ampliando, assim, o não dito, as entrelinhas, os significados que não foram escritos, mas apenas evocados, sugeridos. As palavras metafóricas suspendem o significado cristalizado dos vocábulos na língua, ou seja, extrapolam o sentido denotativo dos termos, a compreensão convencional das palavras como elas se encontram no dicionário. A metáfora promove, desse modo, uma ruptura e um desvio com o padrão, instituindo para um único significante vários significados.

Observe, no fragmento a seguir, como Arnaldo Antunes estruturou o seu poema "Cultura" por meio de imagens lúdicas e metafóricas, criando definições insuspeitadas para os termos que "conceitua" de forma descontraída e inusitada:

Cultura

O girino é o peixinho do sapo.
O silêncio é o começo do papo.
O bigode é a antena do gato.
O cavalo é pasto do carrapato.
[...]

O desejo é o começo do corpo.

Engordar é a tarefa do porco.

[...]

O potrinho é o bezerro da égua.

A batalha é o começo da trégua.

Papagaio é um dragão miniatura.

Bactérias num meio é cultura.

ANTUNES, Arnaldo. Cultura. In: ____.
As coisas. São Paulo: Iluminuras, 1992.

No poema, observe que a definição, proposta pelo verbo "ser", estrutura-se com base na comparação entre os elementos. Girino não é peixe, mas, como é o estado inicial do sapo, é comparado ao peixinho, que seria o estado inicial do peixe.

Comparação ou símile

Essa figura de linguagem é um tipo de metáfora realizada de modo mais nítido, pois a relação de similaridade entre os termos aparece construída por alguns elementos conectivos, tais como: **igual a, tal qual, da mesma forma que, semelhante a, parecido com, que nem, como, também**, entre tantos outros. É importante perceber que a diferença entre a metáfora e o símile é justamente o emprego de tais conectivos. Veja como as metáforas de Mario Quintana se transformarão em comparação, caso sejam acrescidas de conectivos:

- *A mentira é (semelhante) a uma verdade que se esqueceu de acontecer.* (Mario Quintana)
- *Canibalismo (pode ser visto como uma) maneira exagerada de apreciar o seu semelhante.* (Mario Quintana)

Alegoria

É uma imagem que já está consagrada pela cultura ou então uma representação metafórica que se repete ao longo de um texto. Por exemplo, a alegoria da morte é "desenhada" no imaginário ocidental como uma figura macabra segurando a foice, ou então pela imagem de uma caveira, ou ainda por animais que indicam agouro, como a coruja, o corvo, o urubu, etc.; a alegoria da justiça é uma mulher de olhos vendados (representação da imparcialidade), segurando uma balança para poder "pesar" e julgar uma causa; a alegoria do amor é retratada por um coração flechado (alusão ao Amor na forma de Cupido), assim como a imagem de um casal feliz é retratada alegoricamente pela cena dos "pombinhos que se amam".



A escultura *A justiça*, de Alfredo Ceschiatti, localizada em frente ao Supremo Tribunal Federal, em Brasília, reproduz a alegoria da Justiça. Nessa obra, a justiça é representada com a espada no colo e os olhos vendados, não apresentando a balança, que simbolizaria a ponderação.

Catacrese

É o emprego de uma certa expressão metafórica, com um caráter mais coloquial, que ficou consagrado na língua para denominar algo concreto. São exemplos de catacrese as seguintes expressões: pé da mesa, asa da xícara, braço do rio, cabeça de alfinete, céu da boca, batata da perna, orelha do livro, pé de página, maçã do rosto, embarcar no trem, tomar um ônibus, dente de alho, boca do estômago, etc.

Na seguinte música, os autores empregaram simultaneamente a catacrese e a metáfora de modo lúdico e criativo. Tente identificá-las e diferenciá-las:

Falou e disse

Lourival do Santos / Tião Carreiro / Piraci

Gavião da minha foice
 Não pega pinto
 Também a mão de pilão
 Não joga peteca
 O cabo da minha enxada
 Não tem divisa
 As meninas dos meus olhos
 Não têm boneca

A bala do meu revólver
 Não tem açúcar
 No cano da carabina

Não vai torneira
 A porca do parafuso
 Nunca deu cria
 [...]

 A língua da fechadura
 Não faz fofoca
 Pra fazer este pagode
 Não foi brinquedo
 Eu me virei do avesso
 E não sou pipoca

SANTOS, Lourival dos; CARREIRO, Tião; PIRACI. Falou e disse. Intérprete: Tião Carreiro e Pardino. In: CARREIRO, Tião; PARDINHO. *Abrindo caminho*. São Paulo: Chantecler, 1971. Lado 2, faixa 2.

Metonímia

Consiste na utilização de um termo por outro, tendo como sustentação um raciocínio de prolongamento de sentido. É a figura que representa a **parte** pelo **todo**. As relações metonímicas podem ser de:

Parte / Todo

- O bonde passa cheio de **pernas...** (pessoas)
- **As velas** do Mucuripe vão sair para pescar. (barcos / pescadores)

Marca / Produto

Devido ao poder emblemático da mídia, é comum a utilização de uma marca em vez do nome do produto. São exemplos disso: Toddy / Nescau (em vez de achocolatado em pó), Maizena (no lugar de amido de milho), Chicletes (como termo para denominar goma de mascar), Cotonete (para se referir a hastes com algodão nas extremidades), etc.

Artista / Obra

- Sou alucinado por **Guimarães Rosa**, mas leio mais **Drummond**.
- Estava em dúvida se ouviria **Caetano Veloso** ou se veria um **Fellini**.

Continente / Conteúdo

- Ele comeu **três pratos de feijoada** e bebeu **dois engradados de cerveja**.

Nas artes plásticas, a metonímia também é extremamente empregada, principalmente nas obras de vanguarda do início do século XX, que retrataram o estilhamento do mundo pelas guerras, como se verifica em *Guernica*, de Picasso.



PICASSO, Pablo. *Guernica*. 1937. Óleo sobre tela, 350 x 782 cm. Museu Rainha Sofia, Madri.

Os pictogramas são também uma forma de metonímia, pois compactam o signo (significante / significado) em um desenho, uma forma gráfica sem muitos detalhes, a fim de captar a atenção do observador com o mínimo de esforço e com o mínimo de tempo despendido para compreender o que ele significa. Outros exemplos são os signos do zodíaco, os desenhos das placas de trânsito, entre outros. Observe ao seu redor e, certamente, irá descobrir várias metonímias.



©iStock.com / kryslanawrocti

Antonomásia

É uma espécie de metonímia, pois, em vez de se empregar o nome da pessoa, utiliza-se de uma expressão que possa identificá-la.

Exemplos:

- Comemorou-se em 2006 o centenário do voo do 14 Bis, criado pelo **pai da aviação**. (= Santos Dumont)
- O **Boca do Inferno** foi um dos mais agressivos poetas do barroco. (= Gregório de Matos)
- O **poeta dos escravos** é o autor de *Espumas Flutuantes*. (= Castro Alves).

Perífrase

Consiste na substituição de um nome curto por uma expressão mais longa que o caracterize. É muito semelhante à antonomásia, mas, enquanto esta diz respeito às expressões que permitem identificar os nomes próprios, a perífrase – ou circunlóquio – envolve as expressões que caracterizam também os nomes comuns.

Exemplos:

- O **rei da selva** (= leão)
- A **cidade luz** (= Paris)
- A **última flor do Lácio** (= Língua Portuguesa)

Hipérbole

Ocorre quando se emprega uma expressão exagerada para traduzir uma ideia. Na maioria das vezes, isso se dá porque o autor ou falante quer impressionar, comover ou “chocar” seu interlocutor.

Exemplo:

- *Por você eu dançaria tango no teto*
Eu limparia os trilhos do metrô
Eu iria a pé do Rio a Salvador

FREJAT, R.; BARROS, M.; CECÍLIA, M. S. Por você.
Intérprete: Frejat. In: FREJAT, R. *Frejat ao vivo*. Sony Music.
2012. CD, faixa 9.

Eufemismo

O eufemismo é empregado para abrandar uma informação, evitando a utilização de termos que possam agredir ou assustar o receptor da mensagem.

Exemplos:

- No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra **fazer festinha**, Macunaíma punha a mão nas **graças** dela, cunhatã se afastava. (Mario de Andrade) (Seduzir / seios, genitália)
- Eu os vi **daquele jeito, como vieram ao mundo**. (nus)
- Você **faltou com a verdade**. (Você mentiu.)

Antítese

Emprego de termos antagônicos para reforçar a ideia de oposição.

Exemplo:

Nasce o sol e não dura mais que um dia

Depois da **luz** se segue a **noite escura**

Em tristes sombras **morre** a formosura,

Em contínuas **tristezas**, a **alegria** (Gregório de Matos)

Paradoxo ou oxímoro

Expressão absurda que pode ser gerada por imagens antitéticas inconcebíveis. O paradoxo consiste na possibilidade da realização simultânea dos opostos.

Leia a seguir trechos de poema escrito por Fernando Pessoa, que utilizava com frequência o paradoxo em seus versos.

1)

Na ribeira deste rio

Ou na ribeira daquele

Passam meus dias a fio.

Nada me impede, me impele,

Me dá calor ou dá frio.

Vou vendo o que o rio faz

Quando o rio não faz nada.

Vejo os rastros que ele traz,

Numa sequência arrastada,

Do que ficou para trás.

2)

Ah, ser os outros! Se eu pudesse

Sem outros ser!

Enquanto o harmônio* minha alma enchesse

De o não saber.

*Harmônio: instrumento de teclas

3)

Em meus momentos escuros

Em que em mim não há ninguém,

E tudo é névoas e muros

Quanto a vida dá ou tem

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. São Paulo: Companhia José Aguilar Editora, 1974. p. 174, 176-177. [Fragmento]

Observe o paradoxo contido nestes versos: "Vou vendo o que o rio faz / Quando o rio não faz nada". Tente identificar essa figura de linguagem nos outros excertos.

Como exemplo de intertextualidade, aprecie a adaptação de Dori Caymmi, importante cantor e compositor da música brasileira, para o poema do exemplo 1. Assista ao vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZsK-6itsY54>.

Prosopopeia

Atribuição, a seres inanimados, de capacidade dos seres animados, ou atribuição de características humanas a animais e coisas, por isso é também chamada de **personificação**. Os textos de literatura infantil e as fábulas empregam frequentemente essa figura de linguagem, o que garante o caráter fantástico e lúdico a tais produções literárias.

Exemplos:

- *As casas espiam os homens / que correm atrás de mulheres.* (Carlos Drummond de Andrade)
- *Rios magros obrigados a trabalhar* (Raul Bopp)

Pleonasma

Também recebe o nome de redundância, pois se repete a mesma ideia com palavras similares. O pleonasma pode ser um recurso estilístico que poeticamente é explorado pelo autor, ou pode ser considerado um vício de linguagem quando é pronunciado equivocadamente em algumas situações coloquiais da fala. Veja exemplos dos dois casos:

Exemplos:

- **Me sorri um sorriso pontual.** (Chico Buarque)
- *Quero converter-**vos** a **vós**.* (Padre Antônio Vieira)
- **Amanheci minha aurora.** (Guimarães Rosa)
- Como exemplos de pleonasmos viciosos, podem-se citar as expressões: subir para cima, hemorragia de sangue, narcisismo egocêntrico, estabelecer um elo de ligação, repetir de novo, monopólio exclusivo, novo lançamento, principal protagonista, latifundiário de muitas terras, encarar de frente, etc.

Sinestesia

Fusão de sensações, confluência dos sentidos (audição, tato, visão, paladar, olfato). Essa figura de linguagem foi marcadamente utilizada pelos escritores do Simbolismo, no final do século XIX, e pelos neossimbolistas da Segunda Fase do Modernismo brasileiro.

Exemplos:

- *Um ser pertence à música infinita das Esferas, pertence à **luz sonora** das estrelas do Azul [...]* (Cruz e Sousa)
- *Estou **vendo** aquele **caminho** / **cheiroso da madrugada**.* (Cecília Meireles)
- *Ela estava usando um **perfume doce**.*
- *O delírio do verbo estava no começo, lá / onde a criança diz: **Eu escuto a cor dos passarinhos**.* (Manoel de Barros)

Ironia

Expressão de sentido inverso que é reconhecida por uma entonação sarcástica ao se pronunciar a ideia. É a afirmação de algo diferente do que se deseja comunicar. A ironia é um modo debochado, paródico e satírico de ridicularizar ou insultar alguém, um contexto político ou alguma obra de arte. É uma forma crítica utilizada por meio do humor, por isso é tão utilizada nas revistas em quadrinhos. Veja como ela aparece na seguinte tirinha:



Um dos autores brasileiros que melhor explorou a ironia foi Machado de Assis, principalmente em suas obras de caráter mais realista. Tente identificar a ironia no trecho seguinte, retirado do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

- “Marcela [...] era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. [...] Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo; teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pôde resistir à evidência, o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. [...] Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos”.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. [Fragmento]

Gradação

É a apresentação de uma série de ideias em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax).

Exemplos:

- *Amor é assim – o rato que sai dum buraquinho: é um **ratação**, é um **tigre leão!*** (Guimarães Rosa)
- *O trigo **nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se.*** (Padre Antônio Vieira)
- *Eu era **pobre. Era subalterno. Era nada.*** (Monteiro Lobato)

Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos de uma oração, por isso é chamado também de **inversão**.

Exemplos:

- *De outras sei que se mostram menos frias / Amando menos do que amar parece* (Olavo Bilac). Ordem direta: Sei de outras que se mostram menos frias amando menos do que parece amar.
- *Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico o brado retumbante.* (Osório Duque-Estrada). Ordem direta: As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

O hipérbato foi extremamente empregado por escritores mais retóricos e maneiristas, por isso teve, no Barroco, uma grande repercussão. Veja como ele aparece no seguinte soneto de Gregório de Matos:

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa:
Com a sua língua ao nobre o vil decepta:
O Velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa:
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa;

A flor baixa se inculca por Tulipa;
Bengala hoje na mão, ontem garlopa:
Mais isento se mostra, o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa,
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

MATOS, Gregório de. Contemplando nas cousas do mundo desde o seu retiro, lhe atira com o seu apage, como quem a nada escapou da tormenta. In _____. *Poemas escolhidos*. Org. de José Miguel Wisnik. São Paulo: Ed. Cultrix, 1984. p. 42.

Apóstrofe

É uma interpelação da voz poética às divindades, pessoas, ou coisas personificadas. A apóstrofe traduz uma sensação de súplica e lamentação.

Veja o emprego dessa figura no seguinte fragmento do poema "Vozes d'África", de Castro Alves:

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes

Embuçado nos céus? (Castro Alves)

Silepse

É uma figura sintática que privilegia a concordância com a ideia e não com as palavras escritas. Há silepse de:

Gênero

- **Vossa Excelência** parece **magado**.
- Conheci **uma criança**... mimos e castigos pouco podiam com **ele**. (Almeida Garrett)

Número

- – **E o povo** de Maravalha? Perguntava ele aos canoieiros.
- – **Estão** em São Miguel. (José Lins do Rego)

Pessoa

- Dizem que **os cariocas somos** pouco dados aos jardins públicos. (Machado de Assis)

Elipse

Omissão de algum termo na frase.

Exemplos:

- *Veio sem pinturas, um vestido leve, sandálias coloridas.* (Rubem Braga)

Elipse do conectivo **com**, que aparece subentendido: *Veio sem pinturas, **com** um vestido leve, **com** sandálias coloridas.*

- *No mar, tanta tormenta e tanto dano.* (Luís Vaz de Camões)

Elipse do verbo **haver**, antes dos advérbios "tanta" e "tanto".

Zeugma

Omissão de algum vocábulo já mencionado anteriormente.

Exemplo:

- *Nossos bosques têm mais vida, / Nossa vida mais amores.* (Gonçalves Dias)

Zeugma do vocábulo **tem** no segundo verso, que já havia aparecido no primeiro.

Assíndeto

É a omissão das conjunções ou conectivos. Por isso se encontra nas orações assindéticas, nas quais os elementos têm uma autonomia e um valor equivalente, sem qualquer ideia de superioridade ou subordinação.

Exemplos:

- *A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos.* (Machado de Assis)
- *Eu tinha a fama, a palavra, a carreira política...* (Joaquim Nabuco)

Polissíndeto

Como o próprio nome já indica, é o emprego de vários conectivos, que aparecem reiteradamente no texto.

- *O quinhão que me coube é humilde, pior do que isto: nulo. **Nem** glória, **nem** amores, **nem** santidade, **nem** heroísmo.* (Otto Lara Resende)
- *Vão chegando as burguesinhas pobres, **e** as crianças das burguesinhas ricas, **e** as mulheres do povo **e** as lavadeiras da redondeza.* (Manuel Bandeira)

FIGURAS SONORAS

Além das figuras apresentadas, temos as figuras sonoras, que dizem respeito ao sentido e ao ritmo dos textos.

Para que você possa perceber isso, vejamos algumas figuras sonoras vinculadas ao sentido de suas produções:

Rima

É a figura mais frequentemente utilizada na poesia. Uma rima é construída a partir de uma similaridade sonora presente no final ou no interior dos versos.

Quanto à sonoridade, elas são denominadas:

- **Rimas consoante e toante:** a rima consoante é a que apresenta semelhanças sonoras mais amplas, que abrangem consoantes e vogais (ex.: **arvoredo**, **azedo**, **dedo**, **crescente**, **decadente**, **adolescente**). Por sua vez, a rima toante é a que só apresenta semelhança na vogal tônica, sem que as outras consoantes ou vogais coincidam (ex.: **pedra**, **velho**, **pranto**, **estanho**).
- **Rimas ricas e pobres:** definidas pelos critérios gramaticais e sonoros, rimas ricas pertencem a palavras de classes gramaticais diferentes (ex.: **pomar** e **apanhar** – substantivo e verbo; **mente** e **docemente** – substantivo e advérbio). Rimadas pobres pertencem a palavras de mesma classe gramatical (ex.: **docemente** e **alegremente**, ambas advérbios). Pelo critério fônico, rimas pobres possuem mesmos sons a partir da vogal tônica (ex.: **vida** e **descida**, idênticas a partir do **i** tônico); rimas ricas apresentam semelhança sonora antes mesmo da vogal tônica (ex.: **firmamento** e **tormento** – antes da tônica **e**, a consoante **m** já aparecia enriquecendo a rima).

Já no que diz respeito ao local em que elas se encontram na composição do poema, as rimas são denominadas a partir dos esquemas em que se enquadram.

Veja alguns casos:

- **Esquema de rimas:**
 - Rimas emparelhadas, paralelas ou geminadas AABB:** ocorrem quando a rima se encontra em dois versos unidos, como o próprio nome já indica, formando um **par**.
 - Rimas intercaladas ou interpoladas A – – A:** nesse caso, a rima se dá com os versos extremos da estrofe. Observe como, na primeira estrofe deste clássico soneto de Vinicius de Moraes, o autor empregou as rimas **interpoladas (A – – A)** e **emparelhadas (– B B –)**:

De tudo, ao meu amor serei atento (A)
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto (B)
Que mesmo em face do maior encanto (B)
Dele se encante mais meu pensamento. (A)
 - Alternadas, entrecruzadas, entrelaçadas ABAB:** nesse caso, as rimas estão alternadamente dispostas na estrofe, como neste exemplo de Paulo Leminski:

[...]

vida que me venta (A)
sina que me brisa (B)
só te inventa (A)
quem te precisa (B)

LEMINSKI, Paulo. *La vie en close*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Alguns escritores condenam a rima, principalmente pelo fato de muitos poetas a utilizarem de modo excessivo, previsível e despropositado, apenas como mero recurso sonoro, sem uma relevância maior para o texto. Os poetas modernistas são um bom exemplo dessa crítica.

Aliteração

Repetição de sons consonantais, empregados geralmente como um simples jogo lúdico com as palavras (caso das brincadeiras de trava-língua), ou como um recurso estético para reiterar o sentido do que está sendo retratado pelo texto.

**Vozes veladas, veludosas vozes,
 Volúpias dos violões, vozes veladas,
 Vagam nos velhos vórtices velozes
 Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.**

Você deve ter percebido, nesses versos de Cruz e Sousa, como a recorrência das consoantes **v, z, l, d e s** sugeriu o ambiente fugidio, diáfano, etéreo, sinestésico e musical, típico do Simbolismo, ao retratar a confusão de vozes voando pelo ar, levadas pelo vento.

Assonância

Repetição de fonemas vocálicos. Veja como exemplo o trecho da letra da música “Clara”, de Caetano Veloso:

quando **a** manhã madrugava
 calma
 alta
 clara
 Clara morria de amor
 [...]
 a moça chamada Clara
 água
 alma
 lava
 alva cambraia...

Observe que Caetano Veloso não empregou a assonância sem ter uma intencionalidade. Como o tema retrata o amor platônico e puro da moça, o compositor explorou, propositadamente, a vogal **a** para traduzir o sentimento casto dela. Tudo no poema é perpassado pela pureza simbolizada pelo **a**, desde o nome próprio (*Clara*), até o ambiente (*manhã, calma, alta, clara*) e a atividade praticada por ela (*lavar a alva cambraia* em águas também claras).

Repare também neste trecho da composição de Djavan, “Linha do Equador”.

Essa desmesura de paixão

É loucura do coração

Minha Foz do Iguaçu

Polo sul, meu azul

Luz do sentimento nu

A repetição do fonema vocálico /u/ remete à exacerbação, supremo sentimento de paixão, que vai além daquilo que o eu lírico pode suportar.

Anáfora

É a repetição de uma mesma palavra ou expressão utilizada para traduzir uma ideia de rotina, mesmice, circularidade, ou reiterar a importância de algo. Observe a presença anafórica de “É brando” e “Assim fosse” nos versos de Fernando Pessoa.

É brando o dia, brando o vento.

É brando o sol e brando o céu.

Assim fosse meu pensamento!

Assim fosse eu, assim fosse eu!

PESSOA, Fernando. *Poesias*. 15. ed. Lisboa: Ática, 1995. p. 154. [Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor].

Onomatopeia

Expressão que procura reproduzir o som das coisas ou dos animais. A onomatopeia aparece com frequência em quadrinhos, na literatura infantil e na música. A intencionalidade dela é ilustrar, sonoramente, algum acontecimento que esteja sendo descrito no texto, o que propicia maior verossimilhança ao relato. A onomatopeia pode ser simplesmente um ruído expresso por um termo (como *toc-toc*, *tum-tum-tum*, *tic-tac*, *ram-rem*, *zzzzzz*, *Bumba!*, *atchim!*, *trrrriiiiiimmm!*) ou pode aparecer no próprio ritmo do poema para sugerir um movimento, como é o caso do clássico “Trem de ferro”, de Manuel Bandeira.

Trem de ferro

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

[...]

A

Ôo...

Foge, bicho

Foge, povo

Passa ponte

Passa poste

Passa pasto

Passa boi

Passa boiada

Passa galho

De ingazeira

Debruçada

No riacho

Que vontade

De cantar!

[...]

BANDEIRA, Manuel. Trem de ferro. In: _____. *Estrela da vida inteira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, [1900?]. 447 p.

Paronomásia

Emprego de palavras parônimas, ou seja, que possuem sons parecidos, mas significados diferentes. São parecidas com os **trocadilhos**, embora não tenham o caráter debochado e malicioso deles. Palavras como “embolada”, “bolada”, “balada” e “bola” e “rebola” são termos parônimos utilizados por Zeca Baleiro em sua composição “Vô imbolá”.

Vô imbolá

imbola vô imbolá

eu quero ver rebola bola

você diz que dá na bola

na bola você não dá

Ao conhecer um pouco mais sobre esses recursos sonoros em um poema, esperamos que você tenha conseguido perceber que a musicalidade em um texto pode ser não só um recurso atrativo, mas um elemento estilístico utilizado conscientemente pelo autor para intensificar o sentido de seu texto. Assim, o estrato fônico pode reiterar os aspectos semânticos do poema, o que torna a obra muito mais enriquecedora e criativa. Nesses casos, o som e o sentido estão extremamente próximos, cabe ao leitor conseguir fazer as associações entre eles.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFU-MG-2015)

Visão 1944

Carlos Drummond de Andrade

Meus olhos são pequenos para ver
a massa de silêncio concentrada
por sobre a onda severa, piso oceânico
esperando a passagem dos soldados.

Meus olhos são pequenos para ver
o general com seu capote cinza
escolhendo no mapa uma cidade
que amanhã será pó e pus no arame.

Meus olhos são pequenos para ver
o corpo pegajento das mulheres
que foram lindas, beijo cancelado
na produção de tanques e granadas.

Meus olhos são pequenos para ver
a distância da casa na Alemanha
a uma ponte na Rússia,
onde retratos, cartas, dedos de pé boiam em sangue.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p. 163-164.

- A) Construa um texto explicando por que o título do poema pode ser considerado uma figura de linguagem denominada alusão.
- B) Elabore um texto explicando a antítese apresentada pelo poeta na penúltima estrofe, ao referir-se à condição feminina, contrapondo as expressões "beijo cancelado" *versus* "produção de tanques e granadas".

02. (FGV)

Não comerei da alface a verde pétala
Nem da cenoura as hóstias desbotadas
Deixarei as pastagens às manadas
E a quem mais aprover fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas
Talvez pouco elegantes para um poeta
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta
Que acredita no cromo das saladas.

Não nasci ruminante como os bois
Nem como os coelhos, roedor; nasci
Onívoro*; deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati**
E eu morrerei, feliz, do coração
De ter vivido sem comer em vão.

MORAES, Vinicius de. *Livro de sonetos*.
São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

**onívoro*: que se alimenta tanto de matéria vegetal como animal.

***parati*: aguardente de cana, cachaça.

Indique duas figuras de linguagem, uma de natureza sintática e outra, semântica, utilizadas pelo autor nos dois primeiros versos. Que efeitos de sentido elas produzem, tendo em vista seus referentes e o contexto em que elas ocorrem?

03. (UFOP-MG) Leia os seguintes poemas de João Cabral de Melo Neto:

O mar e o canavial

O que o mar sim aprende do canavial:

a elocução horizontal de seu verso:

a geórgica de cordel, ininterrupta,
narrada em voz e silêncio paralelos.

O que o mar não aprende do canavial:

a veemência passional da preamar;

a mão de pilão das ondas na areia,
moída e miúda, pilada do que pilar.

O que o canavial sim aprende do mar:

o avançar em linha rasteira da onda;

o espriar-se minucioso, de líquido,
alagando cova a cova onde se alonga.

O que o canavial não aprende do mar:

o desmedido do derramar-se da cana;

o comedimento do latifúndio do mar,
que menos lastradamente se derrama.

O canavial e o mar

O que o mar sim ensina ao canavial:

o avançar em linha rasteira da onda;

o espriar-se minucioso, de líquido,

alagando cova a cova onde se alonga.

O que o canavial sim ensina ao mar:

a elocução horizontal de seu verso;

a geórgica de cordel, ininterrupta,
narrada em voz e silêncio paralelos.

O que o mar não ensina ao canavial:

a veemência passional da preamar;

a mão de pilão das ondas na areia,
moída e miúda, pilada do que pilar.

O que o canavial não ensina ao mar:

o desmedido do derramar-se da cana;

o comedimento do latifúndio do mar,
que menos lastradamente se derrama.

MELO NETO, J. C. *A educação pela pedra*.
Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008. p. 201, 211.

Explique o tipo de organização que une e distingue, ao mesmo tempo, os poemas "O mar e o canavial" e "O canavial e o mar".

03. (UERJ)

A palavra

Tanto que tenho falado, tanto que tenho escrito – como não imaginar que, sem querer, feri alguém? Às vezes sinto, numa pessoa que acabo de conhecer, uma hostilidade surda, ou uma reticência de mágoas. Imprudente ofício é este, de viver em voz alta.

[...]

BRAGA, Rubem. *Pequena antologia do Braga*. Org. de Domicio Proença Filho. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Imprudente ofício é este, de viver em voz alta.

O ofício a que Rubem Braga se refere é o seu próprio, o de escritor. Para caracterizá-lo, além do adjetivo “imprudente”, ele recorre a uma metáfora: “viver em voz alta”.

O sentido dessa metáfora, relativa ao ofício de escrever, pode ser entendido como

- A) superar conceitos antigos.
- B) prestar atenção aos leitores.
- C) criticar prováveis interlocutores.
- D) tornar públicos seus pensamentos.

04. (PUC Minas)

Língua

Caetano Veloso

Gosto de sentir a minha língua roçar
 A língua de Luís de Camões
 Gosto de ser e de estar
 E quero me dedicar
 A criar confusões de prosódia
 E uma profusão de paródias
 Que encurtem dores
 E furtem cores como camaleões
 Gosto do Pessoa na pessoa
 Da rosa no Rosa
 E sei que a poesia está para a prosa
 Assim como o amor está para a amizade
 E quem há de negar que esta lhe é superior?
 E deixe os Portugais morrerem à míngua
 “Minha pátria é minha língua”
 Fala Mangueira!
 Fala!
 Flor do Lácio Sambódromo
 Lusamérica latim em pó
 O que quer
 O que pode
 Esta língua?
 [...]

A língua é minha pátria
 E eu não tenho pátria, tenho mátria
 E quero fráttria
 [...]

Aula de português

Carlos Drummond de Andrade

A linguagem
 na ponta da língua,
 tão fácil de falar
 e de entender.
 A linguagem
 na superfície estrelada de letras,
 sabe lá o que ela quer dizer?
 Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
 e vai desmatando
 o amazonas de minha ignorância.
 Figuras de gramática, esquipáticas,
 atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.
 Já esqueci a língua em que comia,
 em que pedia para ir lá fora,
 em que levava e dava pontapé,
 a língua, breve língua entrecortada
 do namoro com a prima.
 O português são dois; o outro, mistério.

Leia as considerações acerca do emprego da palavra “língua” nos trechos em exame:

“Gosto de sentir a minha língua roçar
 A língua de Luís de Camões”

“A linguagem
 na ponta da língua
 tão fácil de falar
 e de entender.”

É incorreto afirmar que

- A) em ambos os trechos, a palavra em análise é polissêmica, por evocar mais de um sentido.
- B) em ambos os trechos, a palavra em análise sugere uma significação tanto denotativa como conotativa, por isso provoca uma ambiguidade.
- C) nos versos de Drummond, a expressão “na ponta da língua” é uma metonímia, cujo sentido é explicado nos versos que a seguem.
- D) nos versos de Caetano Veloso, os verbos “sentir” e “roçar” contribuem para que a palavra “língua” encarne uma carga polissêmica.

Instrução: Leia a tirinha a seguir para responder às questões de **05** a **07**.



FOLHA DE S.PAULO, 15 jun. 2013.

- 05.** (UERJ–2016) As ausências da moldura e da imagem são recursos gráficos que contribuem para o sentido do texto. A relação entre esses recursos gráficos e a mensagem contida no terceiro quadrinho possui um sentido de
- ironia.
 - reforço.
 - negação.
 - contradição.
- 06.** (UERJ–2016) No último quadrinho, formula-se uma analogia moral, quando se sugere que não é possível ver tudo o que acontece à frente dos olhos. A partir dessa analogia, pode-se chegar à seguinte conclusão:
- A verdade absoluta não existe.
 - A existência não tem explicação.
 - O homem não é o centro do mundo.
 - O curso da vida não pode ser mudado.
- 07.** (UERJ–2016) O personagem presente no último quadrinho é um ácaro, um ser microscópico. Suas falas têm relação direta com seu tamanho. No contexto, é possível compreender a imagem do personagem como uma metonímia. Essa metonímia representa algo que se define como
- invisível.
 - expressivo.
 - inexistente.
 - contraditório.
- 08.** (Unicamp-SP–2016) Leia o poema “Mar português”, de Fernando Pessoa.

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/fpesso03.html>>.

- No poema, a apóstrofe, uma figura de linguagem, indica que o enunciador
- convoca o mar a refletir sobre a história das navegações portuguesas.
 - apresenta o mar como responsável pelo sofrimento do povo português.
 - revela ao mar sua crítica às ações portuguesas no período das navegações.
 - projeta no mar sua tristeza com as consequências das conquistas de Portugal.

09. (UNIFESP)
VEX7

O nada que é

Um canalial tem a extensão
ante a qual todo metro é vão.

Tem o escancarado do mar
que existe para desafiar

que números e seus afins
possam prendê-lo nos seus sins.

Ante um canalial a medida
métrica é de todo esquecida,

porque embora todo povoado
povoa-o o pleno anonimato

que dá esse efeito singular:

de um nada prenhe como o mar.

NETO, João Cabral de Melo. *Museu de tudo e depois*. 1988.

Ao comparar o canalial ao mar, a imagem construída pelo eu lírico formaliza-se em

- A) uma assimetria entre a ideia de nada e a de anonimato.
- B) uma descontinuidade entre a ideia de mar e a de canalial.
- C) uma contradição entre a ideia de extensão e a de canalial.
- D) um paradoxo entre a ideia de nada e a de imensidão.
- E) um eufemismo entre a ideia de metro e a de medida.

10. (FUVEST-SP) Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra no último "Quarto de Badulaques". Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em "varreção" – do verbo "varrer". De fato, tratava-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário [...]. O certo é "varrição", e não "varreção". Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim, porque nunca os ouvi falar de "varrição". E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário [...]. Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala "varreção", quando não "barreção". O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

ALVES, Rubem. Disponível em: <<http://rubemalves.uol.com.br/quartodebadulaques>>.

Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

Considerada no contexto, essa frase indica, em sentido figurado, que, para o autor,

- A) a forma e o conteúdo são indissociáveis em qualquer mensagem.
- B) a forma é um acessório do conteúdo, que é o essencial.
- C) o conteúdo prescinde de qualquer forma para se apresentar.
- D) a forma perfeita é condição indispensável para o sentido exato do conteúdo.
- E) o conteúdo é impreciso, se a forma apresenta alguma imperfeição.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem)

Querô

DELEGADO – Então desce ele. Vê o que arrancam desse sacana.

SARARÁ – Só que tem um porém. Ele é menor.

DELEGADO – Então vai com jeito. Depois a gente entrega pro juiz.

(Luz apaga no delegado e acende no repórter, que se dirige ao público.)

REPÓRTER – E o Querô foi espremido, empilhado, esmagado de corpo e alma num cubículo imundo, com outros meninos. Meninos todos espremidos, empilhados, esmagados de corpo e alma, alucinados pelos seus desesperos, cegados por muitas aflições. Muitos meninos, com seus desesperos e seus ódios, empilhados, espremidos, esmagados de corpo e alma no imundo cubículo do reformatório. E foi lá que o Querô cresceu.

MARCOS, P. *Melhor teatro*. São Paulo: Global, 2003. [Fragmento]

No discurso do repórter, a repetição causa um efeito de sentido de intensificação, construindo a ideia de

- A) opressão física e moral, que gera rancor nos meninos.
- B) repressão policial e social, que gera apatia nos meninos.
- C) polêmica judicial e midiática, que gera confusão entre os meninos.
- D) concepção educacional e carcerária, que gera comoção nos meninos.
- E) informação crítica e jornalística, que gera indignação entre os meninos.

02. (Enem)

Capítulo LIV – A pêndula

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tique-taque soturno, vagaroso e seco parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida.

Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

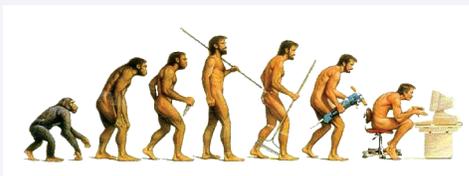
O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre. Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhos.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. [Fragmento]

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque

- A) o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- B) como "defunto autor", Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- C) na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- D) o relógio representa a materialização do tempo e redireciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- E) o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

- 03.** (Enem) O argumento presente na charge consiste em uma metáfora relativa à teoria evolucionista e ao desenvolvimento tecnológico. Considerando o contexto apresentado, verifica-se que o impacto tecnológico pode ocasionar



Disponível em: <<http://www.wordinfo.info>>. Acesso em: 27 abr. 2010.

- A) o surgimento de um homem dependente de um novo modelo tecnológico.
- B) a mudança do homem em razão dos novos inventos que destroem sua realidade.
- C) a problemática social de grande exclusão digital a partir da interferência da máquina.
- D) a invenção de equipamentos que dificultam o trabalho do homem, em sua esfera social.
- E) o retrocesso do desenvolvimento do homem em face da criação de ferramentas como lança, máquina e computador.

- 04.** (Enem) Oximoro, ou paradoxismo, é uma figura de retórica em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão.

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

Considerando a definição apresentada, o fragmento poético da obra *Cantares*, de Hilda Hilst, publicada em 2004, em que pode ser encontrada a referida figura de retórica é:

- A) "Dos dois contemplo rigor e fixidez. Passado e sentimento me contemplam" (p. 91).
- B) "De sol e lua De fogo e vento Te enlaço" (p. 101).
- C) "Areia, vou sorvendo A água do teu rio" (p. 93).
- D) "Ritualiza a matança de quem só te deu vida. E me deixa viver nessa que morre" (p. 62).
- E) "O bisturi e o verso. Dois instrumentos entre as minhas mãos" (p. 95).

- 05.** (Enem)

Cidade grande

Carlos Drummond de Andrade

Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.

Entre os recursos expressivos empregados no texto, destaca-se a

- A) metalinguagem, que consiste em fazer a linguagem referir-se à própria linguagem.
- B) intertextualidade, na qual o texto retoma e reelabora outros textos.
- C) ironia, que consiste em se dizer o contrário do que se pensa, com intenção crítica.
- D) denotação, caracterizada pelo uso das palavras em seu sentido próprio e objetivo.
- E) prosopopeia, que consiste em personificar coisas inanimadas, atribuindo-lhes vida.

06. (Enem) Ferreira Gullar, um dos grandes poetas brasileiros da atualidade, é autor de “Bicho urbano”, poema sobre a sua relação com as pequenas e grandes cidades.

Bicho urbano

Se disser que prefiro morar em Pirapemas
ou em outra qualquer pequena cidade do país
estou mentindo
ainda que lá se possa de manhã
lavar o rosto no orvalho
e o pão preserve aquele branco
sabor de alvorada.

.....
A natureza me assusta.

Com seus matos sombrios suas águas
suas aves que são como aparições
me assusta quase tanto quanto
esse abismo
de gases e de estrelas
aberto sob minha cabeça.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*.

Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.

Embora não opte por viver numa pequena cidade, o poeta reconhece elementos de valor no cotidiano das pequenas comunidades. Para expressar a relação do homem com alguns desses elementos, ele recorre à sinestesia, construção de linguagem em que se mesclam impressões sensoriais diversas. Assinale a opção em que se observa esse recurso.

- A) “e o pão preserve aquele branco / sabor de alvorada.”
- B) “ainda que lá se possa de manhã / lavar o rosto no orvalho”
- C) “A natureza me assusta. / Com seus matos sombrios suas águas”
- D) “suas aves que são como aparições / me assusta quase tanto quanto”
- E) “me assusta quase tanto quanto / esse abismo / de gases e de estrelas”

- 02. A figura sintática mais evidente nos dois primeiros versos é a inversão (hipérbato ou, mais precisamente, anástrofe), que ocorre nos trechos “da alface a verde pétala” e “da cenoura as hóstias desbotadas”. Já a figura semântica é a metáfora, que se verifica em “pétala” (em lugar de “folha”) e “hóstias” (em lugar de “fatias” ou “rodela”).

O efeito de sentido é poetizar elementos tradicionalmente não poéticos, no caso, “alface” e “cenouras”, ao transformar o primeiro numa flor e o segundo num símbolo religioso, para, ironicamente, valorizar o que o eu lírico recusa, em contraste com o que ele prefere.

Obs.: Serão aceitas também as indicações de elipse (zeugma) e ironia.

- 03. As duas paisagens retratadas no poema guardam entre si semelhanças e diferenças, percebidas pelo eu lírico como resultado de um processo de ensino e aprendizado. No primeiro poema, “O mar e o canal”, a ênfase está no processo de aprendizagem, diz-se do que mar e canal aprendem ou não aprendem um com o outro. Já no segundo poema, “O canal e o mar”, o enfoque está no processo de ensino. Diz-se do que mar e canal ensinam ou não ensinam ao outro. O que pode ser ensinado e / ou aprendido é o que o mar e o canal compartilham: a elocução horizontal do canal (que o mar aprende) e o avançar em linha reta do mar (que o canal aprende). Outras características não podem ser ensinadas ou aprendidas porque são muito próprias.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
- 02. E
- 03. D
- 04. B
- 05. B
- 06. C
- 07. A
- 08. A
- 09. D
- 10. B

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
- 02. D
- 03. A
- 04. D
- 05. C
- 06. A



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01.
- A) A alusão é uma figura de linguagem que faz referência a um fato exterior. Assim, pode-se dizer que o título do poema faz alusão ao ano de 1944, uma referência à Segunda Guerra Mundial. Essa afirmação é comprovada ao longo do próprio poema, no qual há vários elementos que aludem à guerra, por exemplo: “passagem dos soldados”, “tanques e granadas”.
 - B) A antítese é uma figura de linguagem que associa ideias contrárias. Portanto, as expressões “beijo cancelado” e “produção de tanques e granadas” contrastam as ideias de carinho e afeição, relacionadas culturalmente à condição feminina, com o cenário de guerra.

Os Gêneros Literários

Na Antiguidade Clássica, Aristóteles tentou organizar os gêneros literários de acordo com o conteúdo e a forma. No Renascimento, essa divisão foi reconhecida e continua sendo usada até hoje. No entanto, essas formas se renovam, atualizam-se e são também questionadas, já que são tênues as fronteiras nas classificações de manifestações artísticas.

A partir de agora, você aprenderá as principais características dos gêneros **lírico**, **épico** e **dramático**, além das espécies mais clássicas de cada um deles. Preste atenção nas particularidades existentes, pois em muitos textos os traços distintivos se encontrarão mesclados. Diante de tal confluência, o leitor deve distinguir o que é típico de cada gênero para entender a intencionalidade do texto ao apresentá-los em diálogo.

GÊNERO LÍRICO

No início de sua existência, a poesia era composta para ser declamada ao som da lira, o que legitimou o nome dessa produção textual. Contrapondo-se ao gênero dramático e ao épico, na maioria das vezes, as obras líricas não têm o objetivo de representar o mundo exterior, mas de criar e dar vazão ao mundo interior e subjetivo do Eu. Esse caráter intimista, típico da poesia lírica, está presente até nos possíveis trechos narrativos nela inseridos. Extremamente alusiva e metafórica, a poesia lírica possibilita diversas interpretações, o que lhe garante um caráter **polissêmico**: um único significante propicia vários significados.

Entre as principais espécies do gênero lírico, destacam-se:

Soneto

Poema dotado de uma regularidade métrica: constitui-se de dois quartetos e dois tercetos, com versos decassílabos ou alexandrinos (doze sílabas poéticas). Além disso, outra característica marcante dos sonetos é a musicalidade, que se manifesta não só pelo ritmo, mas também pelas rimas, quase sempre empregadas. Vinicius de Moraes foi um dos poetas brasileiros modernos que mais utilizou essa forma.

Observe, agora, um exemplo do poeta Bocage, um dos principais nomes do Arcadismo português.

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem beleza, e sem brandura,
Urdidos pela mão da Desventura,
Pela baça Tristeza envenenados:

Vede a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura;
Se os ditosos vos lerem sem ternura,
Ler-vos-ão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, ó versos, cobardia
Da sátira mordaz o furor louco,
Da maldizente voz a tirania:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco;
Que não pode cantar com melodia
Um peito, de gemer cansado e rouco.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000059.pdf>>.
Acesso em: 11 ago. 2018.

Elegia

Poema de tom funesto, macabro, melancólico e pessimista. Tamanha descrença presente nas elegias pode aparecer associada a uma questão particular (uma decepção amorosa) ou social, política, econômica (retratação de temáticas como a seca nordestina, as guerras mundiais, as perseguições durante os períodos ditatoriais, a dizimação da cultura indígena, a preocupação com o futuro da humanidade diante do crescimento descomedido e da modernização).

Observe o poema a seguir, de Lêdo Ivo. Nele, o tom melancólico da elegia é construído por meio da imagem de destinos tristes e solitários dos tipos retratados.

Elegia didática

Pensa nas moças mortas, que entregam à terra um
[segredo ardentemente ambicionado pelos homens,
e nos colegiais que amam com a maior pureza as jovens
[vizinhas que os namorados levam para os grandes escuros
da cidade.
Pensa nas crianças que jamais tomaram banho de mar e
[sonham sempre com afogamentos,
e nas prostitutas pobres que, após a saída de seus homens,
correm para o fundo dos quintais e se entregam quase
[nuas ao inefável.
Pensa em todos os que se foram, guiados pelas estrelas,
e nos que morreram longe das famílias que os detestavam.
Pensa nos que se entregaram à morte certos de que
[nenhuma lágrima
resplandeceria na fulgurante unidade dos rostos amados.

IVO, Lêdo. *Antologia poética*. Organização de Walimir Ayala.
2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 35.

Ode

Poema construído com o objetivo de elogiar alguém ou algo. Por isso apresenta uma linguagem grandiloquente, exaltatória, entusiasta. Entretanto, alguns poetas empregam o termo “ode” de maneira irônica. O conteúdo do poema, nesse caso, será paródico e sarcástico. Tente observar como, na seguinte ode, aparece um louvor ao progresso urbano e tecnológico do início do século XX:

Ode triunfal

Álvaro de Campos – Heterônimo de Fernando Pessoa

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo / Escrevo rangendo os dentes [...]

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!

[...] Ah, poder exprimir-me todo como um motor se
[exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último
[modelo!

[...] Eu podia morrer triturado por um motor

Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher
[possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas! / Metam-me debaixo
[dos comboios!

Espanquem-me a bordo de navios! / Masoquismo através
[de maquinismos!

Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho ! / Eh-lá,
[eh-lá, eh-lá, catedrais!

Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas
[esquinas,

E ser levantado da rua cheio de sangue / Sem ninguém
[saber quem eu sou!

[...] hilla! hilla-hô! / Dai-me gargalhadas em plena cara,
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,

Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das
[ruas [...]

Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de
[tudo isto!

Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de
[dinheiro,

As dissensões domésticas, os deboches que não se
[suspeitam,

Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu
[quarto

E os gestos que faz quando ninguém pode ver!

Observe o seguinte poema dele traduzido.

primeiro dia de primavera
fico pensando sobre
o fim de outono

Autor: Mestre Basho. Tradução: Rosa Clement.

Perceba que, no poema anterior, os versos não apresentam a forma fixa comum do gênero. Isso ocorreu justamente devido ao processo de tradução. Inclusive, vale ressaltar aqui que, no Brasil, o haikai passou a ser escrito principalmente a partir do século XX, e, no que se refere ao aspecto formal, adquiriu variações métricas. Os modernistas encontraram no haikai, assim como no **epigrama**, um modelo de produção adequado para a elaboração de uma poética sucinta, telegráfica e cinematográfica.

Entretanto, à linguagem concisa e dinâmica do *haikai* e do epigrama, os modernistas acrescentaram a ironia e a sátira. Por isso, os poemas breves dos modernistas passaram a ser chamados de **poema-piada** ou **poema-minuto**. Alguns poemas de Oswald de Andrade, presentes em seu livro *Pau-Brasil*, exemplificam essa influência do *haikai* no Modernismo brasileiro.

GÊNERO ÉPICO

As primeiras manifestações literárias de que se tem notícia, no campo dos estudos literários, pertencem ao gênero épico, como exemplificam as epopeias *Odisseia* e *Ilíada*, de Homero. Vinda dos gregos e, posteriormente, passando por outras culturas, a poesia épica narrou os grandes acontecimentos da história da humanidade. A *Eneida*, de Virgílio, *A Divina Comédia*, de Dante, *o Paraíso Perdido*, de Milton, e *Os Lusíadas*, de Camões, são o retrato de um povo e de uma cultura, narrado, simultaneamente, com elementos reais, históricos e míticos.

As epopeias são geralmente recitadas por um narrador na terceira pessoa (denominado de *aedo*), que, inspirado pelas musas, relata os grandes feitos e martírios de um herói. Isso significa que há um distanciamento entre quem conta a história (narrador) e quem a vivencia (herói) – situação diferente do que se passa no gênero lírico, em que o eu poético na primeira pessoa expressa seus sentimentos íntimos e subjetivos.

O herói, na literatura épica, representa toda a coragem e a grandiosidade de seu povo e de sua pátria. Ainda que mortais, os heróis, escolhidos e ajudados pelos deuses do Olimpo, são modelos a serem seguidos pelos homens comuns. Extremamente fortes, corajosos e destemidos, os heróis partem em uma errância pelo mundo para, posteriormente, retornarem à terra natal com riquezas e glórias.

Haikai

O haikai, em sua origem oriental, apresenta uma forma fixa (formado por três versos: o primeiro com cinco sílabas, o segundo com sete e o terceiro com cinco). Geralmente, retrata cenas da natureza, principalmente as estações do ano. O poeta Bashô é o mestre dessa forma lírica.

Esse é o caso do herói Vasco da Gama, de *Os Lusíadas*, que sai de Portugal para conquistar os “mares nunca dantes navegados” e as terras do oriente. É importante ressaltar que, muito mais que o próprio Vasco da Gama, Camões, em sua epopeia, procurou cantar e exaltar o próprio povo português.

A exaltação da pátria e do povo que a constitui é um dos principais elementos na formação de um texto épico, além de indispensável recurso para se forjar um sentimento e uma ideia de nacionalidade. No Brasil, por exemplo, vários textos como *O Uruguai*, de Basílio da Gama, *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e tantos outros de tonalidade épica como *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, *Cobra Norato*, de Raul Bopp, e *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo, demonstram como a construção de uma nação está diretamente interligada a uma literatura épica. Muitos autores modernistas parodiaram os textos épicos por meio de uma narrativa anedótica, cômica e caricatural, como exemplificam os livros *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *História do Brasil*, de Murilo Mendes.

Entre as principais variações do gênero épico, merecem destaque as epopeias e, entre os textos em prosa, a fábula, a novela, o conto, a crônica, o diário, entre outros.

Epopeia

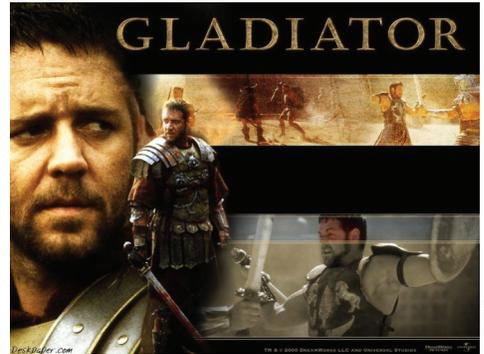
Texto narrativo (ainda que escrito em versos) que se constitui de cinco partes: proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo. A primeira parte evidencia a proposta do autor, o tema que será apresentado; a segunda se estrutura a partir de um clamor às musas (especialmente a *mnemosine*, a musa da memória) para que elas ajudem o poeta / *aedo* a se lembrar dos feitos para cantá-los com toda a glória necessária; a terceira corresponde a um agradecimento e a uma dedicatória que se destinam, na maioria das vezes, aos mecenas que financiaram a composição da obra. Depois de todas essas partes introdutórias é que se inicia a quarta etapa, na qual realmente ocorre a narrativa das andanças e das façanhas do herói. Na quinta e última parte, há o epílogo, trecho em que o narrador retoma, sucintamente, todo o enredo da epopeia e retrata o desfecho. No famoso trecho a seguir, retirado do “Canto I”, de *Os Lusíadas*, Camões explicita qual a sua proposição ao escrever essa epopeia: exaltar as armas e os barões assinalados, ou seja, louvar a coragem e o poderio bélico dos portugueses durante o período do Expansionismo Marítimo nos séculos XV e XVI:

Os Lusíadas (excerto do Canto I)

As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

O filme *Gladiator* (*Gladiator*), dirigido por Ridley Scott e lançado em 2000, é um bom exemplo de epopeia. Não confundindo os gêneros cinematográficos com os literários, é possível verificar no filme a presença de um herói (uma das condições para se caracterizar o gênero épico) que retrata a condição humana, com suas qualidades e fraquezas, e é defensor das virtudes, tais como lealdade, firmeza de caráter e honestidade.



Literatura de cordel

Também é um texto narrativo produzido em versos, o que o aproxima das antigas epopeias. Amplamente divulgada no Nordeste do Brasil, a literatura de cordel é uma manifestação literária produzida pelo povo e para o povo, o que legitima o seu intuito didático, moralizante e lúdico. O cordelista é um poeta popular que se vê no direito e no dever de alertar, conscientizar e instigar a população contra os desmandos do mundo: quer seja sobre as questões políticas, quer seja a respeito do êxodo para os grandes centros urbanos. Mas, juntamente com essa retratação da dura realidade miserável do sertanejo, que é martirizado pela seca ou pela injusta política, o cordel também procura diverti-lo, idolatrando-o nas histórias de aventuras ou ridicularizando-o como um “corno”, nas narrativas sobre traição. Além disso, destaca-se a função do cordel de ser uma “história” em versos que retrata heróis do sertão, como Lampião, Maria Bonita, Antônio Silvino, Padre Cícero e Antônio Conselheiro. Outra riqueza da literatura de cordel encontra-se nas ilustrações dos folhetos, feitas pelos próprios autores, na maioria das vezes, com o emprego da xilogravura. Veja a capa e os primeiros versos produzidos por Abraão Batista em seu cordel “Luta de um homem com um lobisomem”:



BATISTA, Abraão. Luta de um homem com um lobisomem.
Xilogravura. In: _____. *Literatura de Cordel*: antologia.
São Paulo: Global, 1976. v. 2, p. 102-103.

Luta de um homem com um lobisomem

Agora que eu andei
pelas florestas do além
penetrei no inconsciente
íntimo que cada um tem,
sinto-me autorizado
para escrever o que vem.

Fui aos céus pra ver Jesus
e no inferno eu vi Caifaz;
nestes cantos eu tive a luz
que na terra ninguém faz,
meus pensamentos aqui pus
descrevendo uma luta assaz.

Presenciei por sete tempos
a luta de um certo homem
na mais cruenta das lutas
com o mais cruel lobisomem;
lá nesta peleja eu vi
miolo, coração, abdômen.
[...]

BATISTA, Abraão. *Literatura de Cordel*: antologia.
São Paulo: Global, 1976. v. 2, p. 102-103.

Novela

Desde a Idade Média, a novela já existia e era lida pelos integrantes da nobreza e do clero. Pode ser estruturada com um número variável de personagens, que aparecem e desaparecem dentro da narrativa, ainda que mantendo a continuidade do enredo. A novela atrai o público especialmente pelo seu dinamismo. É mais extensa do que o conto e menor que o romance. Entre as mais famosas novelas de todos os tempos, estão *Satiricon*, escrita por Petronius no século I, e *Decameron*, de Boccaccio, escrita no século XIV. No Brasil, merecem destaque as novelas *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, e *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar.

É importante que não se confunda a novela com a *telenovela*, que é uma das mais recentes espécies do gênero dramático.

Leia, a seguir, o primeiro capítulo de *Um copo de cólera*, novela de Raduan Nassar que já é considerada um clássico contemporâneo. Observe que o fluxo do pensamento comanda a narrativa, prevalecendo os diálogos interiores. Perceba, ainda, a ausência de descrições elaboradas e poucos personagens. Já de início, é estabelecido o conflito que será desenvolvido nos capítulos posteriores.

A chegada

E quando cheguei à tarde na minha casa lá no 27, ela já me aguardava andando pelo gramado, veio me abrir o portão pra que eu entrasse com o carro, e logo que saí da garagem subimos juntos a escada pro terraço, e assim que entramos nele abri as cortinas do centro e nos sentamos nas cadeiras de vime, ficando com nossos olhos voltados pro alto do lado oposto, lá onde o sol ia se pondo, e estávamos os dois em silêncio quando ela me perguntou "que que você tem?", mas eu, muito disperso, continuei distante e quieto,

o pensamento solto na vermelhidão lá do poente, e só foi mesmo pela insistência da pergunta que respondi "você já juntou?" e como ela dissesse "mais tarde" eu então me levantei e fui sem pressa pra cozinha (ela veio atrás), tirei um tomate da geladeira, fui até a pia e passei uma água nele, depois fui pegar o saleiro do armário me sentando em seguida ali na mesa (ela do outro lado acompanhava cada movimento que eu fazia, embora eu displicente fingisse que não percebia), e foi sempre na mira dos olhos dela que comecei a comer o tomate, salgando pouco a pouco o que ia me restando na mão, fazendo um empenho simulado na mordida pra mostrar meus dentes fortes como os dentes de um cavalo, sabendo que seus olhos não desgrudavam da minha boca, e sabendo que por baixo do seu silêncio ela se contorcia de impaciência, e sabendo acima de tudo que mais eu lhe apetecia quanto mais indiferente eu lhe parecesse, eu só sei que quando acabei de comer o tomate eu a deixei ali na cozinha e fui pegar o rádio que estava na estante lá da sala, e sem voltar pra cozinha a gente se encontrou de novo no corredor, e sem dizer uma palavra entramos quase juntos na penumbra do quarto.

NASSAR, Raduan. *Um copo de cólera*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 9-11. [Fragmento]

Romance

O surgimento e a divulgação do romance estão relacionados com a ascensão da burguesia no século XIX e com a invenção da imprensa. Inicialmente, o romance foi divulgado nos jornais da época por meio de folhetins que lançavam os capítulos com uma certa periodicidade, prendendo a atenção do novo público que se formava. Somente depois, os romances foram lançados em formato de livro. Nas obras de Machado de Assis, o autor ridiculariza a atração do público, principalmente o feminino, em busca dos romances românticos, tão recorrentes na sociedade oitocentista. Diferentemente da novela, que se constitui apenas de um núcleo narrativo, a estrutura do romance apresenta vários agrupamentos épicos: o enredo principal (construído pelos protagonistas) e as cenas secundárias, além das micronarrativas, que formam o segundo plano da obra.

Crônica

Como o nome evidencia, o tempo utilizado nessa espécie do gênero épico é o cronológico, linear. Isso significa que os episódios são relatados em uma ordem sequencial, progressiva, como o arrastar das horas, dos dias, dos meses ou das estações do ano na realidade. Essa proximidade com o tempo real, bem como a intenção de retratar cenas do cotidiano, faz com que uma das principais características da crônica seja a verossimilhança. No Brasil, destaca-se o nome de Rubem Braga como um dos maiores cronistas de todos os tempos.

Conto

O conto é uma narrativa concisa, centrada apenas em um núcleo. Em razão disso, há poucas personagens; tempo e espaço restritos; poucas ações, concentrando-se, normalmente, em apenas uma intriga; e descrições superficiais. As personagens, muitas vezes, nem mesmo recebem nomes. São tratados apenas como "a mulher do professor", "o médico", "o vizinho", "a filha do jornalista", "o mendigo", etc.

Os fatores que diferenciam o conto da crônica, por exemplo, são: a temática (o conto é mais lúdico enquanto a crônica é mais verossímil) e a linguagem empregada (o conto utiliza expressões mais metafóricas, enquanto a crônica trabalha com um vocabulário mais literal). Os contos têm origem na cultura oral.

Edgar Allan Poe, Jorge Luis Borges e Murilo Rubião são autores consagrados de contos e estão associados aos contos fantásticos (ou maravilhosos), isto é, narrativas que contêm mistérios, fantasias e elementos inexplicáveis. Por sua vez, há também os contos que retratam o cotidiano de maneira poética e subjetiva. Nessa concepção, destacam-se Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Caio Fernando Abreu, entre outros.

Fábula

A fábula é uma narrativa de cunho didático-pedagógico, em que as personagens (animais personificados) encenam uma "moral da história". Ela é, portanto, um texto produzido para conscientizar e educar os leitores. Os mais clássicos autores de fábulas de todos os tempos são: Esopo e La Fontaine.

Uma das mais famosas fábulas que certamente você já leu na infância é a clássica história *A cigarra e a formiga*, cuja autoria é atribuída a Esopo, mas que foi recontada por La Fontaine.

Leia:

A cigarra e as formigas

Num belo dia de inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de trigo. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado completamente molhados. De repente, apareceu uma cigarra:

– Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de trigo! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer.

As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, e perguntaram:

– Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

– Para falar a verdade, não tive tempo – respondeu a cigarra. – Passei o verão cantando!

– Bom. Se você passou o verão cantando, que tal passar o inverno dançando? – disseram as formigas, e voltaram para o trabalho dando risada.

A moral da história se refere a trabalho, planejamento, precaução e prevenção; entretanto, de modo mais aprofundado, o texto propõe também uma reflexão sobre a oposição existente entre força de trabalho / acúmulo de capital e expressão artística / ócio criativo.

GÊNERO DRAMÁTICO

A palavra *drama*, em sua etimologia, significa *ação*, por isso, nas espécies do gênero dramático, há o privilégio da ação sobre a narração, o emprego do tempo presente e a estruturação textual feita a partir de diálogos.

Ao eliminar a figura do narrador, o texto dramático, em vez de contar um fato, descrevendo-o, opta por encená-lo diante do público, por vivenciá-lo cenicamente.

As principais espécies do gênero dramático são:

Tragédia

Teve seu ápice no século V a.C., na Grécia. É a mais antiga espécie do gênero dramático, que buscou representar, de modo catastrófico, acontecimentos que causavam ao público não só terror, mas também compaixão. Sempre pressionado por forças antagônicas, o herói da tragédia tem, na maioria das vezes, de se sacrificar, ou sacrificar a própria família, para proteger ou salvar a sociedade como um todo. Essa atitude é que o torna um herói, livre do egoísmo humano, que privilegia o individual em detrimento do coletivo. Diante da atitude nobre do herói e de sua vida trágica, os homens reconhecem como o destino é algo dado, ao qual todo ser deve se resignar. Assistir à dor do outro, aos sacrifícios aos quais o herói é submetido, faz com que as tragédias tenham um caráter catártico. Entre as principais tragédias, destacam-se: *Édipo Rei* e *Antígona*, de Sófocles; *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo; e *Medeia*, de Eurípedes.

Comédia

Assim como a tragédia, a comédia também apresenta um aspecto educativo, pedagógico e moralizante. Entretanto, ela ensina ao público o que ele deve ou não fazer por meio do riso sarcástico. Em vez de moralizar pela repreensão e pelo sofrimento, a comédia ensina através do humor grotesco. Enquanto na tragédia as personagens são figuras superiores aos homens normais, na comédia, as personagens são caricatas, picarescas, pois correspondem ao que o homem tem de mais ridículo e sórdido, tanto no aspecto moral quanto no aspecto físico. Por isso, o herói da comédia é denominado *clown* ou bufão. Entre os autores clássicos de comédia, estão Molière, Plauto, Aristófanes e Shakespeare.

Molière, no prefácio de sua obra *Le Tartuffe*, afirma que

[...] nada repreende melhor a maioria dos homens que a pintura de seus defeitos. Expor os vícios às risadas de todo o mundo representa um golpe para eles. Toleram-se facilmente as repreensões, mas não se tolera a zombaria. A gente aceita ser malvado, mas não aceita ser ridículo.

MOLIÈRE. O Tartufo. In: KANGUSSU, Imaculada et al. (Org.). *O cômico e o trágico*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 17.

Drama

Assim como o surgimento do romance, no século XIX, esteve diretamente vinculado à burguesia emergente, o mesmo ocorre no gênero dramático em relação ao drama. Esse formato também se encontra associado a uma nova classe social que aparece na Modernidade, bem como aos novos interesses do homem. Diferentemente do que ocorre na comédia e na tragédia, no drama, as personagens assemelham-se às pessoas do cotidiano. Além disso, as ideias de destino, estagnação e manutenção de normas são substituídas pela força de vontade e pela liberdade.

A mudança se fez não só no aspecto temático, mas também no estrutural, propiciando a confluência de tempos, espaços, ações e vozes na construção teatral. Isso proporcionou uma enriquecedora modificação no gênero dramático, que, utilizando-se dessas técnicas, encontra-se cada vez mais consagrado na arte contemporânea, originando frutos como as produções de Dias Gomes, Millôr Fernandes, Flávio Rangel, Chico Buarque, Paulo Pontes, Nelson Rodrigues e tantos outros.

Auto

Essa espécie dramática, muito comum desde a Idade Média, esteve inicialmente vinculada aos interesses religiosos do cristianismo. Por isso, o que caracteriza um auto é o fato de suas cenas e personagens serem bíblicas.

No caso brasileiro, o trabalho de catequização realizado pelo Padre Anchieta foi o marco do teatro na historiografia nacional, o que comprova como os autos estiveram a serviço da Igreja e diretamente vinculados a um "projeto civilizatório". Anchieta construía peças, mesclando os deuses indígenas ao Deus cristão, à Virgem Maria e aos santos. Por meio de um processo gradual, os índios encenavam a nova fé que deveriam assimilar e cultivar.

Entretanto, os autos mais contemporâneos rompem e até ridicularizam os moralismos hipócritas dos representantes da fé católica, ainda que permaneçam sustentando o caráter moralizante desse gênero, como exemplifica o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Mas esse moralismo aparece conciliado ao riso, ao humor educativo e edificante. O riso no *Auto da Compadecida* propõe-se, portanto, a ferir a sociedade, desmascarando as vilezas do clero, satirizando o egoísmo da burguesia, hiperbolizando a arrogância dos coronéis para que, assim, se possa ceder lugar ao discurso da minoria, aos inúmeros Joões, Chicós e Severinos que buscam, cada um a seu modo, pelo riso ou pela dor, se incluir na misericórdia dos homens e dos santos. É nisso que reside o sentimento cristão na obra de Suassuna: levar a caridade e a misericórdia aos ouvidos e aos olhos dos homens por meio de um teatro cômico. Misto de auto e comédia, *Auto da Compadecida* mostra-se como uma obra de cunho social, moralizante e pedagógico. Por isso, nela, o riso é instrumento que educa, conscientiza, sensibiliza e leva os seres humanos a saírem dos estados de alienação e indiferença impostos pela lógica burguesa.

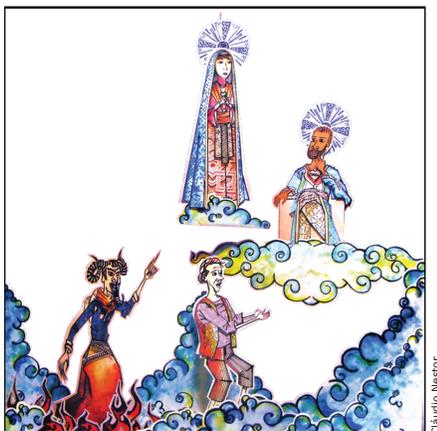


Ilustração de uma cena do Auto da Compadecida.

Na literatura brasileira, também merece destaque o trabalho *Morte e vida severina: auto de natal pernambucano*, de autoria de João Cabral de Melo Neto – um texto dramático que funde aspectos dos gêneros épico (pela presença da narração em vários trechos) e lírico (pois é escrito em versos). Nesse auto, o nascimento de "Cristo" é encenado por meio de um novo nordestino (Severino) que surge no mundo. O autor constrói, no cenário do sertão, uma encenação da bíblia a partir da dura realidade nordestina.

Observe um trecho do início desse poema:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).



Assista a uma animação baseada no poema de João Cabral de Melo Neto em: <<https://www.youtube.com/watch?v=clKnAG2Ygyw>>.

Além dessas espécies do teatro, o surgimento do cinema, do rádio e da televisão fez com que novos formatos dramáticos fossem construídos, tais como os **filmes**, as **novelas de rádio**, as **telenovelas**, as **séries**, as **minisséries** e os **seriados**.

CONFLUÊNCIA DOS GÊNEROS LITERÁRIOS



É possível que em um único texto ocorra o emprego de características dos vários gêneros literários. Nesse caso, o leitor deverá identificar os elementos típicos do lírico, do épico e do dramático, além de conseguir visualizar como o autor promove a mescla dos gêneros. Veja alguns casos frequentes:

- 1º) Um poema (portanto, espécie do gênero lírico) que tenha em sua estrutura elementos típicos do gênero épico, como enredo, narrador, personagens, tempo e espaço, pode ser classificado como uma **poética-prosaica**. Veja:

O bombeiro

Os vespertinos de hoje divulgam rapidamente a morte

[do bombeiro João Cristóvão da Silva

ocorrida durante o violento incêndio de ontem.

Nunca mais o veremos em seu carro vermelho

junto a escadas que subiam para o céu e para o fogo.

No Méier, alguém chorará o companheiro morto.

[...]

IVO, Lêdo. *Antologia poética*. Organização de Walmir Ayala. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 21. [Fragmento]

O poeta Lêdo Ivo, ao relatar em versos subjetivos a história do bombeiro João Cristóvão, constrói uma poética-prosaica. Esse recurso também é amplamente empregado na música. Tente lembrar-se de alguns exemplos.

- 2º) Um texto narrativo (portanto vinculado ao gênero épico) que utiliza uma linguagem subjetiva, conotativa e sonora (aspectos característicos do gênero lírico) pode ser considerado uma **prosa-poética**. Identifique, no fragmento a seguir, da obra *A obscena senhora D*, como a autora Hilda Hilst construiu uma prosa dotada de aspectos não só líricos, mas também dramáticos, confluindo os três gêneros literários em seu discurso. Observe:

É uma sapa velha. Viu a pele pintada? É sarda. Ainda tem umas boas tetas. Credo, teta de sapa. Podemos botar fogo na casa durante a lua nova. Com as casas quase coladas? Dá-se um jeito, fogaréu que vai dar gosto. O Nonô metido a demo, a polícia, tu sabe que vive enfiando prego no cu do gato, pois é, pois o Nonô se mijô quando viu a caretona dela na janela. Casa da porca. Olhe, eu tive um porco que era um outro, era um porco de bem, macio, gordo como poucos, atendia pelo nome de Nhenhen, foi ficando tão gordo tão macio tão delicadeza, que foi servido só de sobremesa. Olha, eu comi outro dia uma carne, o sangue na tigela era sangue grosso, uma beleza, a Lazinha se lambuzava toda, passava até no rosto, ficou corada como imagem da virgem, uma que tinha lá na minha cidade, comemos

tanto que o umbigo ficou esticado, depois foi duro pra durmi, tive que durmi de lado, e pra metê, meu chapa, nem se fala, eu e a Lazinha, dois bumbo se batendo, sabe Antonão, a vida é tão cheia de tranquera, porca sapa velha, que se a gente não enche o bucho e não dá uns mergulho nos buraco das mulhé, vezenquando uns murro numas gente, cuspidas escarradas, uma paulada no cachorro, esses descanso, se a gente não faz isso Antonão, a vida fica triste é, tá certo, isso de comer e de meter faz muito gosto, que coisa que tem mais na vida? que coisa? depois da morte os bicho, nem fumo pra pito, nem meteção nem nada, depois da morte aquela fome, aquela escuridão, tu acredita em alma de defunto seu Tunico? besteira, o mundo tá muito voluído, não tem mais disso não e Deus? olhe, isso é assunto de padre, de ministro, de político, é Deus todo dia dentro da boca, de dia Deus, de noite a teta de uma, a pomba de outra, eles é que se regaleiam, viu?

Miudez, quentura, gosto. Mover-se pouco. Não dizer. As mãos na parede. No corpo. Pensar o corpo, tentar nitidez. Hillé menina tateia EHUD menino. Dedos dos pés. Se a gente mastigasse a carne um do outro, que gosto? e uma sopa de tornozelo? E uma sopa de pés? Na comida não se põe de porco? Por que tudo deve morrer hen EHUD? Por que matam os animais hen? Pra gente comer. É horrível comer, não? Tudo vai descendo pelo tubo, depois vira massa, depois vira bosta. Fecha os olhos e tenta pensar no teu corpo lá dentro. Sangue, mexeção. Pega o microscópio. Ah, eu não. Que coisa a gente, a carne, unha e cabelo, que cores aqui por dentro, violeta vermelho. Te olha. Onde você está agora? Tô olhando a barriga. É horrível EHUD. E você? Tô olhando o pulmão. Estufa e espreme. Tudo entra dentro de mim, tudo sai. Não tem nada que só entra? Não. E Deus? Deus entra e sai, EHUD? Isso não sei. O padre diz que Deus está dentro do coração. Então espia o teu, vê se ele tá lá dentro. Tô espiando. Tá? Não. Deixa eu escutar o teu coração. Nossa, tá batendo. Claro, o teu também, deixa eu escutar. Sabe, Hillé, você tem cheiro diferente do meu, tem cheiro de leite. Imagine. Tem sim. Te cheira. O pai tem cheiro bom, a mãe também. Eles usam perfume. Por quê? Não é bom a gente cheirar o cheiro da gente? Não sei. Por que a gente se veste? É feio ficar pelado? Eles dizem que é. Por quê? Olha a lagarta, ela tá pelada, coitada. EHUD, escuta: você já viu Deus? Eu não, Deus me livre. Por quê? Ah, sei lá, a gente não conhece. EHUD, escuta: você também vai morrer? Eu não. Como é que você sabe? Só gente velha é que morre. Você vai ficar velho também. Eu não.

HILST, Hilda. *A obscena senhora D*. São Paulo: Globo, 2001. [Fragmento]



Nessa videoaula, você vai conhecer um pouco mais sobre a classificação das obras literárias em gêneros e ver alguns exemplos.

3NGY

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (Unicamp-SP-2017) Leia o seguinte trecho do conto "Amor", de Clarice Lispector.

Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento de mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 21-22.

- A) Em textos de Clarice Lispector, é comum que um acontecimento banal se transforme em um momento perturbador na vida das personagens. Considerando o contexto do conto "Amor", indique que tipo de inquietações o acontecimento narrado anteriormente acarreta na vida da personagem.
- B) A frase "olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê" sugere uma maneira pouco comum de olhar para as coisas. Explique o sentido que tem esse olhar profundo, a partir dali, na caracterização da personagem Ana.
- 02.** (UFOP-MG) Em *A Educação pela pedra*, na dedicatória de João Cabral de Melo Neto a Manuel Bandeira, o poeta refere-se à obra como "antilira" – uma alusão à sua poética de oposição à tradição lírica. Explique o termo "antilira" empregado pelo autor, tendo como base argumentativa os aspectos temáticos e formais do poema transcrito a seguir:

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e, se lecionasse, não ensinaria nada;

lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

MELO NETO, J. C. de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Alfaguara. 2008. p. 207.

- 03.** (UFOP-MG) Oh como és parva. Uma perda! Decho que praga, tão bom homem parece ele e tu, uma frouxa, rebugenta, pé-de-ferro, regateira baça, demoninhada, pardeus, forte birra é esta que tomas contigo, ora vai-te, eramá, como te amofinas, mexeriqueira e sonsa, que rosto de mau pesar para casarem contigo, tinhosa, que cheiras a raposa, rasto de burra, torta defumada. E d'arrancada deu com uma vara. Disse de mim o padre tantos males que hei vergonha de os pensar em altas vozes, que eu era sem palavra, sem promessa e sem coração. No sacrário me fez rezar em joelhos por perdão de minha rebeldia, me deu pancadas nas mãos até ver sangue, que não doe tanto e foi murmurar mais castigos com outros padres.

MIRANDA, Ana. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 57.

Mesmo que se aceite que o modo narrativo é o que prevalece em *Desmundo*, é possível detectar a presença de um modo dramático na construção do texto. Considerando o trecho anterior, comente a presença desses dois modos, estabelecendo as diferenças entre ambos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



- 01.** (UFU-MG) Relacione as espécies literárias com suas respectivas características dispostas a seguir e assinale a alternativa correta.
- I. Modalidade de texto literário que oferece uma amostra da vida através de um episódio, um flagrante ou instantâneo, um momento singular e representativo; possui economia de meios narrativos e densidade na construção das personagens.
- II. À intensidade expressiva desse tipo de texto literário, à sua concentração e ao seu caráter imediato, associa-se, como traço estético importante, o uso do ritmo e da musicalidade.
- III. Essa modalidade de texto literário prende-se a uma vasta área de vivência, faz-se geralmente de uma história longa e apresenta uma estrutura complexa.
- IV. Nos textos do gênero, o narrador parece estar ausente da obra, ainda que, muitas vezes, se revele nas rubricas ou nos diálogos; neles impõe-se rigoroso encadeamento causal.
- V. Espécie narrativa entre literatura e jornalismo, subjetiva, breve e leve, na qual muitas vezes autor, narrador e protagonista se identificam.
- | | |
|-------------------|---------------------------|
| () Poema lírico | A) II – I – V – III e IV. |
| () Conto | B) II – I – V – IV e III. |
| () Crônica | C) II – I – III – V e IV. |
| () Romance | D) I – II – V – III e IV. |
| () Texto teatral | E) I – IV – II – V e III. |

02. (UFU-MG) Leia o poema transcrito a seguir:

A vida é uma viagem
Pena eu estar
Só de passagem.

LEMINSKI, Paulo. *La vie em close*.

Assinale a alternativa correta.

- A) O texto pode ser considerado um haikai, pois celebra a relação harmoniosa e equilibrada entre o homem e a natureza.
- B) O eu poético não se manifesta neste poema, uma vez que se trata de um haikai, gênero literário constituído de 17 sílabas poéticas.
- C) Há uma tentativa do eu poético de refletir sobre a rápida passagem do tempo, preocupação comum a todo haikai contemporâneo.
- D) Este texto pode ser considerado um haikai, mesmo não seguindo de forma tradicional as regras antigas da poética oriental.

03. (UFU-MG) Leia o poema a seguir, de José Paulo Paes, e faça o que se pede.**A casa**

Vendam logo esta casa, ela está cheia de fantasmas.

Na livraria, há um avô que faz cartões de boas-festas com corações de purpurina.

Na tipografia, um tio que imprime avisos fúnebres e programas de circo.

Na sala de visitas, um pai que lê romances policiais até o fim dos tempos.

No quarto, uma mãe que está sempre parindo a última filha.

Na sala de jantar, uma tia que lustra cuidadosamente o seu próprio caixão.

Na copa, uma prima que passa a ferro todas as mortalhas da família.

Na cozinha, uma avó que conta noite e dia histórias do outro mundo.

No quintal, um preto velho que morreu na Guerra do Paraguai rachando lenha.

E no telhado um menino medroso que espia todos eles; só que está vivo: trouxe-o até ali o pássaro dos sonhos.

Deixem o menino dormir, mas vendam a casa, vendam-na depressa.

Antes que ele acorde e se descubra também morto.

PAES, José Paulo. *Prosas seguidas de odes mínimas*.

Assinale a alternativa incorreta.

- A) A atitude fundamental da lírica é a recordação, o que pode resultar numa sobreposição temporal. Desta forma, o tempo se embaralha e presente e passado se fundem. No poema, são os fatos e não os verbos que determinam essa fusão temporal.
- B) O texto é uma fusão de características da épica e da lírica. No que diz respeito à lírica, sobressaem a repetição, a concisão, a fusão entre sujeito e mundo evocado. E, sobre a épica, destacam-se a presença de personagens, uma história que se conta.

C) A atmosfera onírica que percorre o texto confere um caráter sobrenatural aos acontecimentos, permitindo que coisas impossíveis se realizem, tais como "lustra cuidadosamente seu próprio caixão" e "No quintal, um preto velho que morreu na Guerra do Paraguai rachando lenha".

D) Este poema em prosa narra em primeira pessoa a história de um menino assombrado pela presença dos mortos de sua família. Tendo em vista o clima onírico em que os acontecimentos se desenrolam, não é possível saber quem é esse "menino medroso que espia todos eles".

04. (UEM-PR) Tendo em vista os gêneros literários, assinale o que for correto.

01. Uma das principais características do gênero lírico é a tendência à objetividade, encontrada na expressão do mundo exterior por parte de um eu lírico que dele não participa.

02. No gênero épico, verifica-se um distanciamento entre sujeito e objeto, e o mundo representado é trabalhado por meio de categorias como tempo, espaço, personagem, foco narrativo e enredo.

04. Uma vez que "drama" equivale à "ação", o gênero dramático caracteriza-se por obras feitas para serem encenadas (no caso, a encenação das ações das personagens no palco), de modo que o espetáculo é um dos elementos fundamentais desse gênero.

08. O soneto, cuja composição pressupõe o acompanhamento musical e a participação do coro, é um dos elementos expressivos do espetáculo teatral.

16. Apesar de cada gênero literário possuir características próprias, de modo que seja possível separá-los, essa separação não é precisa, havendo obras em que são notados elementos de mais de um gênero.

Soma ()

05. (UEM-PR) Assinale o que for correto sobre o gênero lírico.

01. O gênero lírico, em comparação com o gênero épico ou narrativo, mostra-se marcado por um filtro subjetivo que favorece a expressão individual, bem como a intensificação de sentimentos e emoções.

02. Embora marcado por grande liberdade temática, o gênero lírico é bastante rigoroso no tocante às formas fixas, de modo que se manifesta apenas em sonetos, odes, elegias, contos e novelas.

04. Em contraste com a presença de um narrador no gênero épico, na lírica nota-se a presença de um eu lírico, que tanto permite a expressão de um mundo interior quanto serve de filtro para a realidade externa.

08. Uma das principais subdivisões do gênero lírico encontra-se no par "comédia" e "tragédia" que, presente desde as primeiras manifestações do gênero, deu origem, já no fim do século XVIII, à "tragicomédia", com a utilização de versos livres e brancos.

16. Recursos formais como a rima, a métrica e o ritmo, embora possam ser verificados em outros gêneros literários, encontram-se especialmente ligados ao gênero lírico, favorecendo sua sonoridade e sua expressividade.

Soma ()

Alguns meses decorridos, os seus passeios obedeciam ainda a uma regularidade constante. Sim, invariável era o trajeto seguido por Cris, não obstante a aparente falta de rumo com que caminhava. Atingia a zona suburbana da cidade, onde os prédios eram raros e sujos. Somente estacava ao deparar uma casa de armário, em cuja vitrina, forrada de papel crepom, encontrava-se permanentemente exposta uma pobre boneca. Tinha os olhos azuis e um sorriso de massa.

Uma noite – já me acostumara ao negro da noite – constatei, ligeiramente surpreendido, que os seus passos não nos conduziram pelo itinerário da véspera. (Havia algo que ainda não amadurecera o suficiente para sofrer tão súbita ruptura.)

Nesse dia, o andar firme, seguiu em linha reta. Atravessou o centro urbano, deixou para trás a avenida em que se localizava o comércio atacadista. Apenas se demorou uma vez – assim mesmo momentaneamente – defronte a um cinema, no qual meninos de outros tempos assistiam filmes em série. Fez menção de comprar entrada, o que deveras me alarmou. Contudo, sua indecisão foi breve e prosseguiu a caminhada. Enfiou-se pela rua do meretrício, parando a espaços, diante dos portões, espiando pelas janelas, quase todas muito próximas do solo.

Em frente a uma casa baixa, a única da cidade que aparecia iluminada, estacionou hesitante. Tive a impressão de que aquele seria o instante preciso, pois, se Cris retrocedesse, não lograria outra oportunidade. Corri para seu lado e, sacando do punhal, mergulhei-o nas suas costas. Sem um gemido e o mais leve estertor, caiu no chão. Do seu corpo magro saiu a lua. Uma meretriz que passava, talvez movida por impensado gesto, agarrou-a nas mãos, enquanto uma garoa de prata cobria a roupa do morto. A mulher, vendo o que sustinha entre os dedos, se desfez num pranto convulsivo. Abandonando a lua, que foi varando o espaço, ela escondeu a face no meu ombro. Afastei-a de mim. E, abaixando-me, contemplei o rosto de Cris. Um rosto infantil, os olhos azuis. O sorriso de massa.

RUBIÃO, Murilo. *Contos reunidos*. p. 133-135.

09. (UECE) Faz parte da teoria do conto a ideia de que esse tipo de narrativa não permite os excessos; se aparecer um detalhe aparentemente sem importância, ele terá uma função em algum momento do texto. Por exemplo: se uma espingarda aparecer encostada a um canto, pode-se ter certeza de que ela vai disparar. No conto em pauta, essa teoria se confirma por meio do aparecimento do(s) / da
- A) objetos colhidos na rua por Cris.
B) boneca vista na vitrine do armário.
C) prédios raros e sujos do subúrbio.
D) cinema onde Cris parou.
10. (UECE) Observe o que se diz sobre a técnica da narrativa em foco.
- I. A narrativa é feita em primeira pessoa, por um narrador que, sendo também personagem, narra somente de sua perspectiva. A narrativa em primeira pessoa é apropriada ao conto fantástico porque quem narra é a mesma pessoa que viveu o episódio narrado. Não o ouviu de terceiros.

- II. A narrativa é feita por um narrador-personagem onisciente, que penetra no interior das outras personagens e consegue ler seus pensamentos. Essa técnica narrativa não é apropriada ao conto fantástico, uma vez que o narrador, sendo consciente de tudo, sabe qual o mistério que dá sustentação ao sobrenatural.
- III. A narração é feita da perspectiva da personagem não-narradora. Essa personagem, participando dos acontecimentos, segue as outras personagens e pode narrar tudo o que elas fazem e até prever o que estão escondendo e guardando para ser revelado somente no final, o que aumenta a sensação do mistério.

Está correto o que se diz somente em

- A) I.
B) I e III.
C) II e III.
D) II.

SEÇÃO ENEM



01. (Enem-2017)
FZJK

O mundo revivido

Sobre esta casa e as árvores que o tempo esqueceu de levar. Sobre o curral de pedra e paz e de outras vacas tristes chorando a lua e a noite sem bezerros.

Sobre a parede larga deste açude onde outras cobras verdes se arrastavam, e pondo o sol nos seus olhos parados iam colhendo sua safra de sapos.

Sob as constelações do sul que a noite armava e desarmava: as Três Marias, o Cruzeiro distante e o Sete-Estrela.

Sobre este mundo revivido em vão, a lembrança de primos, de cavalos, de silêncio perdido para sempre.

DOBAL, H. *A província deserta*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

No processo de reconstituição do tempo vivido, o eu lírico projeta um conjunto de imagens cujo lirismo se fundamenta no

- A) inventário das memórias evocadas afetivamente.
B) reflexo da saudade no desejo de voltar à infância.
C) sentimento de inadequação com o presente vivido.
D) ressentimento com as perdas materiais e humanas.
E) lapso no fluxo temporal dos eventos trazidos à cena.

- 02.** (Enem–2015) Em junho de 1913, embarquei para a Europa a fim de me tratar num sanatório suíço. Escolhi o de Clavadel, perto de Davos-Platz, porque a respeito dele me falara João Luso, que ali passara um inverno com a senhora. Mais tarde vim a saber que antes de existir no lugar um sanatório, lá estivera por algum tempo Antônio Nobre. “Ao cair das folhas”, um de seus mais belos sonetos, talvez o meu predileto, está datado de “Clavadel, outubro, 1895”. Fiquei na Suíça até outubro de 1914.

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

No relato de memórias do autor, entre os recursos usados para organizar a sequência dos eventos narrados, destaca-se a

- A) construção de frases curtas a fim de conferir dinamicidade ao texto.
- B) presença de advérbios de lugar para indicar a progressão dos fatos.
- C) alternância de tempos do pretérito para ordenar os acontecimentos.
- D) inclusão de enunciados com comentários e avaliações pessoais.
- E) alusão a pessoas marcantes na trajetória de vida do escritor.

- 03.** (Enem)

O negócio

Grande sorriso do canino de ouro, o velho Abílio propõe às donas que se abastecem de pão e banana:

– Como é o negócio?

De cada três dá certo com uma. Ela sorri, não responde ou é uma promessa a recusa:

– Deus me livre, não! Hoje não...

Abílio interpelou a velha:

– Como é o negócio?

Ela concordou e, o que foi melhor, a filha também aceitou o trato. Com a dona Julietinha foi assim. Ele se chegou:

– Como é o negócio?

Ela sorriu, olhinho baixo. Abílio espreitou o cometa partir. Manhã cedinho saltou a cerca. Sinal combinado, duas batidas na porta da cozinha. A dona saiu para o quintal, cuidadosa de não acordar os filhos. Ele trazia a capa de viagem, estendida na grama orvalhada.

O vizinho espionou os dois, aprendeu o sinal. Decidiu imitar a proeza. No crepúsculo, pum-pum, duas pancadas fortes na porta. O marido em viagem, mas não era dia do Abílio. Desconfiada, a moça surgiu à janela e o vizinho repetiu:

– Como é o negócio?

Diante da recusa, ele ameaçou:

– Então você quer o velho e não quer o moço? Olhe que eu conto!

TREVISAN, D. *Mistérios de Curitiba*.
Rio de Janeiro: Record, 1979. [Fragmento]

Quanto à abordagem do tema e aos recursos expressivos, essa crônica tem um caráter

- A) filosófico, pois reflete sobre as mazelas sofridas pelos vizinhos.
- B) lírico, pois relata com nostalgia o relacionamento da vizinhança.
- C) irônico, pois apresenta com malícia a convivência entre vizinhos.
- D) crítico, pois deprecia o que acontece nas relações de vizinhança.
- E) didático, pois expõe uma conduta a ser evitada na relação entre vizinhos.

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

01.

- A) A personagem Ana do conto de Clarice Lispector depara-se com um cego que mascava chicletes tranquilamente. Diante dessa realidade, ela experimenta sensações perturbadoras e reflexões sobre a existência que desestabilizam a normalidade da sua vida.
- B) A frase “olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê” sugere a nova forma com que a personagem Ana sente e percebe a vida por meio de algo tão corriqueiro.

- 02. A antilira, como o nome sugere, se caracteriza por uma oposição ao lirismo. Assim, a antilira de João Cabral se verifica na construção de uma poética áspera, objetiva, concisa, desprovida de sentimentalismo, marcada pela precisão vocabular. Essas características de sua poética são bem representadas pela metáfora da pedra, recorrente em sua obra, que diz respeito à vida dura no sertão, mas que também evoca, metalinguisticamente, as características de sua poética: dura, compacta, prosaica.

- 03. No trecho citado, verifica-se a presença de um narrador de primeira pessoa, que conta uma história. Pode-se dizer, portanto, que o trecho apresenta características do gênero narrativo. A presença do discurso direto do padre, no entanto, que dinamiza o relato, constitui uma marca do gênero dramático.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
- 02. D
- 03. D
- 04. Soma = 22
- 05. Soma = 21
- 06. C
- 07. B
- 08. A
- 09. B
- 10. A

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
- 02. C
- 03. C



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Trovadorismo, Humanismo e Classicismo

TROVADORISMO

A luz da Idade Média

Entender o passado nos faz refletir sobre o presente, afirma Jacques Le Goff, historiador francês especialista em Idade Média. Ao contrário do que se difundiu equivocadamente, a Idade Média não foi um período de trevas, tampouco de escassa produção literária. No entanto, essa produção esteve, durante um bom tempo, restrita aos mosteiros e bibliotecas eclesiásticas, além de ser escrita em latim, idioma limitado também a esses ambientes.

O Trovadorismo, fenômeno literário que, na Península Ibérica, marca essa época, é também conhecido como Primeira Época Medieval e abrange o período de 1189 a 1434. Esse estilo reflete uma sociedade dominada pelo clero católico, pelo movimento das Cruzadas em direção ao Oriente e pela luta contra os mouros¹ na Península Ibérica. O Feudalismo, sistema político vigente, orientava também a vida social, dando origem ao que se conhece como vassalagem amorosa, característica marcante das principais produções literárias dessa época: as cantigas.

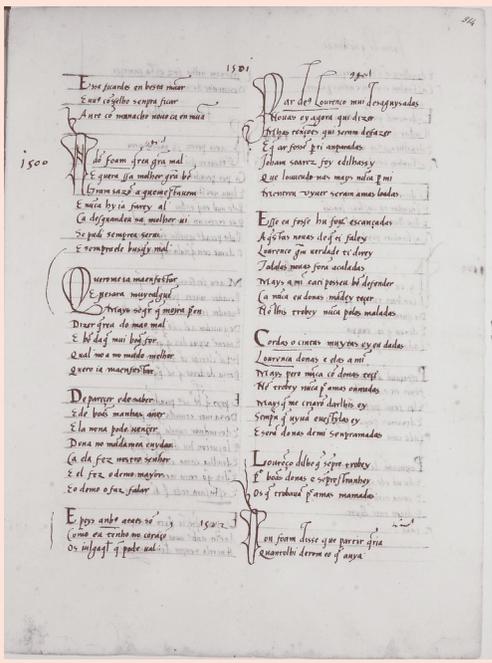
Os preceitos do Trovadorismo são observados em diversas manifestações artísticas e literárias no decorrer do tempo, mesmo em produções contemporâneas, pois, ainda que de maneira inconsciente, os artistas se apropriaram dessas fontes, remodelando-as e reatualizando-as de acordo com as novas tendências. Portanto, torna-se necessário conhecê-las.

As cantigas

A sociedade medieval se reunia nos castelos, onde ocorriam festas em que se declamavam poesias acompanhadas por músicos e bailarinas profissionais, as *soldadeiras*, que trabalhavam para receber o “soldo”, espécie de salário, daí a denominação. As poesias eram compostas pelos trovadores e executadas pelos jograis, artistas que tocavam instrumentos e cantavam nessas festas. Alguns importantes trovadores do período pertenciam à alta nobreza e muitos jograis eram clérigos, sendo que alguns eram errantes.

Tendo em vista que a maioria da população não sabia ler nem escrever, a oralidade foi o traço marcante dessa literatura, ajudando a difundir-la por toda a Europa. Nesse sentido, destaca-se a importância linguística das cantigas, que consolidaram, em solo lusitano, a língua popular, em detrimento do latim, já que eram escritas no idioma local, o galego-português. Era o nascimento da literatura portuguesa e também da língua portuguesa. Vale ressaltar que a literatura produzida na região de Portugal foi fortemente influenciada pela literatura provençal, oriunda da região correspondente ao sul da França. Essas cantigas foram compiladas em cancioneiros medievais, manuscritos preservados e guardados pelas maiores bibliotecas do mundo.

A poesia seguia o código de cortesia e a lírica dividia-se em cantigas de amor e de amigo, cujos temas eram o amor não correspondido e o sofrimento advindo dessa coita amorosa. Outras cantigas são do gênero satírico – escárnio e maldizer –, que ridicularizavam nobres ou costumes da sociedade.



Biblioteca Nacional

É importante ressaltar a importância dos copistas na Idade Média. Foram eles os responsáveis pelos manuscritos que até hoje nos chegam contendo os textos literários daquela época e da Antiguidade, como a *Bíblia* e textos gregos.

¹ Povos muçulmanos oriundos do Norte da África.

Cantigas de amor

O amor não correspondido era o tema dessas cantigas. Geralmente a dama não era identificada, o que fazia parte do código de amor cortês. A vassalagem amorosa, copiada do modelo feudal, exigia que o eu lírico expressasse seu fiel amor e dedicação à grande dama, oferecendo a ela toda a sua obediência e ressaltando as características superiores de seu físico e caráter, se comparada às demais senhoras da corte. O eu lírico é sempre masculino, e sofre da coita amorosa, sofrimento de amor, já que é cativo de sua dama. Geralmente, esse amor não é correspondido, ou é proibido, por ser a dama já casada. Por sua dama, o trovador despreza os títulos, riquezas e posses, prometendo-lhe fidelidade extrema. No texto, a amada é denominada com o uso de senhal, espécie de pseudônimo, que tem a finalidade de resguardá-la. Nesse tipo de composição, o mundo interior do poeta era colocado em evidência.

Observe este fragmento de uma canção de amor composta por Martim Soares, trovador português da primeira metade do século XIII:

Senhor fremosa, pois me non queredes
creer a cuita 'n que me ten amor,
por meu mal é que tan bem parecedes
e por meu mal vos filhei por senhor,
e por meu mal tan muito bem ou
dizer de vós, e por meu mal vos vi,
pois meu mal é quanto bem vós avedes.

CANCIONEIRO da Vaticana, 46. In: SPINA, Segismundo.
A lírica trovadoresca. São Paulo: Editora Grifo USP, 1972. p. 46.

Formosa senhora, não queres, pois
acreditar na coita [sofrimento] que Amor me dá,
para meu mal é que te pareces tão bela
e, para meu mal, tu és minha senhora
e para meu mal maior ouço dizer bem de ti
e para meu mal te vi,
pois meu mal é que tu és muito boa.

(Tradução do autor)

Cantigas de amigo

O ambiente campestre é retratado nessas cantigas, cujo tema central é a saudade do namorado, chamado de amigo, cantada por um eu lírico feminino, ainda que a composição tenha sido feita por um homem. Alguns estudiosos dividem as cantigas de amigo de acordo com a temática paralela apresentada nelas.

Apesar disso, muitas podem ser consideradas como gêneros independentes, como as cantigas de alba, que lamentavam o amanhecer anunciado por um pássaro, ou mesmo um vigia (gaita), logo após uma noite de amor; as cantigas de romaria, cujo eu lírico convida à romaria, louvando os santos ou os milagres feitos por eles, tais como as louvações à virgem Maria, nas cantigas de Santa Maria, ou, ainda, convocando a todos para ir aos bailados nos pátios das igrejas; e as cantigas marinhas ou de barcarola, em que as súplicas são dirigidas ao mar, confidenciando a ele a saudade que a dama sente do seu amado.

É importante perceber a relevância dessas composições literárias, as quais, muitas vezes, descrevem o cenário medieval, caracterizando os ambientes e trazendo para as gerações futuras preciosas informações sobre a época, como a constante luta, na Península Ibérica, contra os mouros, que obrigavam os amados a ir para a guerra, e, ainda, o potencial explorador desses povos, que estavam sempre partindo para alguma viagem.

As cantigas de amigo possuem refrão e estruturas paralelísticas, com pequenas modificações, fáceis de serem memorizadas e lembradas.

Veja a seguir uma cantiga alba, de Nuno Fernandes Torneol, que retrata o amanhecer:

Levad', amigo que dormide'las manhanas frias

Levad', amigo, que dormides as manhanas frias
tôdalas aves do mundo d'amor dizia[m]:
leda m'and'eu.

Levad', amigo que dormide'las frias manhanas
tôdalas aves do mundo d'amor cantavam:
leda m'and'eu.

Tôdalas aves do mundo d'amor diziam,
do meu amor e do voss[o] em ment'haviam:
leda m'and'eu.

Tôdalas aves do mundo d'amor cantavam,
do meu amor e do voss[o] i enmentavam:
leda m'and'eu.

Do meu amor e do voss[o] em ment'haviam
vós lhi tolhestes os ramos em que siám:
leda m'and'eu.

Do meu amor e do voss[o] i enmentavam
vós lhi tolhestes os ramos em que pousavam:
leda m'and'eu.

Vós lhi tolhestes os ramos em que síam
e lhis secastes as fontes em que beviã;
leda m'and'eu.

Vós lhi tolhestes os ramos em que pousavam
e lhis secastes as fontes u se banhavam;
leda m'and'eu.

TORNEOL, Nuno Fernandes. Levad', amigo que dormide'las
manhanas frias. *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*
[base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos
Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=662&pv=sim>>.
Acesso em: 03 out. 2018.

Ergue-te amigo que dormes nas manhãs frias!

Ergue-te amigo que dormes nas manhãs frias!/ Todas as aves
do mundo, de amor, diziam:/ alegre eu ando.

Ergue-te amigo que dormes nas manhãs claras!/ Todas as
aves do mundo, de amor, cantavam:/ alegre eu ando.

Todas as aves do mundo, de amor, diziam;/ do meu amor e
do teu se lembrariam:/ alegre eu ando.

Todas as aves do mundo, de amor, cantavam;/ do meu amor
e do teu se recordavam:/ alegre eu ando.

Do meu amor e do teu se lembrariam;/ tu lhes tolheste os
ramos em que eu as via:/ alegre eu ando.

Do meu amor e do teu se recordavam;/ tu lhes tolheste os
ramos em que pousavam:/ alegre eu ando.

Tu lhes tolheste os ramos em que eu as via;/ e lhes secaste
as fontes em que bebiã:/ alegre eu ando.

Tu lhes tolheste os ramos em que pousavam;/ e lhes secaste
as fontes que as refrescavam:/ alegre eu ando.

(Tradução do autor)

Quero-me já maenfestar,
e pesará muit'[a] alguém,
mais, sequer que moira por en,
dizer quer'eu do mao mal
e bem da que mui bõa for,
qual nom há no mundo melhor,
quero-[o] já maenfestar.
[...]

GUILHADE, João Garcia de. A Dom Foam quer'eu gram mal.
Cantigas Medievais Galego-Portuguesas [base de dados
online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/
NOVA. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1533&pv=sim>>. Acesso em: 03 out. 2018.

*A Dom Foam eu quero grande mal
e quero à sua mulher grande bem
grande paixão que por ela me vem
e nunca a ela farei algum mal;
Desde quando sua mulher eu vi,
se pude, sempre a servi
e sempre a ele desejei mal.*

Quero me manifestar já
e isso pesará muito a alguém
mas, se querem que eu morra por
dizer querer eu do meu mal
e bem da que [a mulher] muito boa for
qual não há no mundo outra melhor
quero já manifestar.

(Tradução do autor)

Cantigas de escárnio e de maldizer

Diferentemente das cantigas líricas, a sátira trovadoresca critica os costumes dos nobres e da sociedade medieval. Geralmente falava-se mal de damas que não correspondiam ao amor do trovador, de senhores mesquinhos, ou mesmo dos maridos dessas damas, conforme pode ser observado na cantiga transcrita a seguir, que une o elogio de uma dona com o ataque ao seu marido, mostrando os bastidores do amor cortês.

A Dom Foam quer'eu gram mal
e quer'a sa molher gram bem;
gram sazom há que m'est'avém
e nunca i já farei al;
ca, des quand'eu sa molher vi,
se púdi, sempre a servi
e sempr'a ele busquei mal.

Novelas de cavalaria

Surgidas no século XII, as novelas de cavalaria são as primeiras narrativas em prosa. A visão e os valores medievais também foram transmitidos por meio dessas composições literárias, que acompanharam o declínio da poesia trovadoresca. Destacam-se as do Ciclo Clássico, narrativas da guerra de Troia e das aventuras de Alexandre, o Grande; e as do Ciclo Arturiano ou Bretão, que envolve as histórias do rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda. Essas novelas serviram de inspiração a romances contemporâneos, jogos (RPG), séries televisivas e filmes, como o Cruzada (Kingdom of Heaven), dirigido por Ridley Scott, que narra a jornada do jovem Bailan, que se torna um cavaleiro e parte para Jerusalém, a fim de conquistar uma provável paz entre judeus, cristãos e muçulmanos na terra santa.

Os principais valores de um cavaleiro medieval são: honrar o seu rei, defender as donzelas, ser puro e temente a Deus. Uma das mais famosas novelas de Cavalaria é *A demanda do Santo Graal*, que inspirou filmes e livros contemporâneos. O imaginário medieval é fortemente retratado nela.

Leia a seguir um trecho da introdução de *A demanda do Santo Graal*.

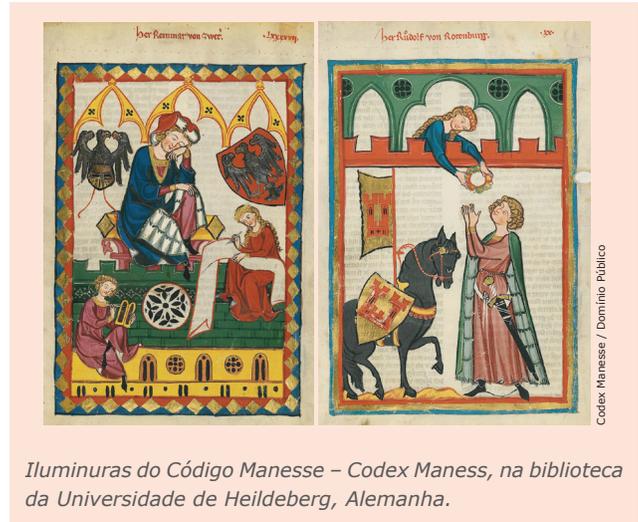
A Demanda do Santo Graal [...] insere-se num ciclo vasto e tardio da literatura arturiana designado por Pseudo-Boron ou, mais recentemente, por Post-Vulgata. Composta entre 1230 e 1240 a Post-Vulgata integra elementos de proveniência diversa, tais como o tema do Graal, a lenda arturiana, os amores de Lancelot e Guenièvre e a história de Tristão e Palamedes, articulados entre si no sentido de formar um conjunto unificado e totalizante.

[...] O tema do Graal surge pela primeira vez em Chrétien de Troyes no seu romance *Perceval le Gallois ou le Conte du Graal* e é apresentado como um objeto maravilhoso de origem desconhecida guardado pelo rei mutilado de um reino estéril. Perceval, o herói, falha a sua missão de libertador por todos esperado pois, por ignorância e discrição, guarda o silêncio na presença do Graal em lugar de formular a pergunta que levantaria a maldição. O conto de Chrétien de Troyes interrompe-se sem que Perceval volte a encontrar o castelo do Graal. Os seus numerosos continuadores modificam-lhe o espírito. A lenda, eivada de paganismo, é cristianizada. O Graal, recipiente grato, caldeirão mágico, vaso ou prato, nunca claramente definido em Chrétien, é agora o Santo Vaso da Última Ceia onde é recolhido o sangue de Cristo.

Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/34647/mod_page/content/17/52341123-Demanda-Santo-Graal.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2017. [Fragmento]

Iluminuras

As iluminuras eram decorações comuns em manuscritos da Idade Média. Elas consistem em desenhos e pinturas feitas com tintas obtidas em processos naturais, tais como gema de ovo, cascas de árvores e pigmentos feitos com pó de pedras. Para dar o acabamento, o artista incluía detalhes a ouro. As ilustrações podiam ser letras capitulares, as que iniciam o texto, ornadas com detalhes e arabescos, e também desenhos que retratavam cenas da vida cotidiana. Hoje vários exemplos podem ser encontrados em profusão na Internet. Repare a seguir os desenhos encontrados no Código Manesse, que reúne cantigas medievais alemãs. Algumas das atividades mais comuns nesse período eram a ida à fonte, os trabalhos manuais, os serviços religiosos e de guerra e as festas nobres.



Iluminuras do Código Manesse – Codex Maness, na biblioteca da Universidade de Heilberg, Alemanha.

HUMANISMO

Situado entre os séculos XIV e XV, o Humanismo fez a transição entre a Era Medieval e o Renascimento. Nesse período, o teocentrismo entra em declínio e emerge a valorização do homem. A literatura possui o mesmo papel que tinha na Primeira Época Medieval: divertir o público do palácio feudal. A novidade é que, com o advento da imprensa, criada por Gutenberg, a produção aumenta e é difundida de forma diferente da anterior, que era oral. Assim como o nobre, o burguês passa a ter acesso à produção literária e também a financiá-la, pois é a nova classe social emergente. É durante o Humanismo que surge a poesia palaciana, cujas composições coletivas são apresentadas nas festas e saraus, afastando-se do esquema musical do Trovadorismo e apresentando maior elaboração do que as cantigas medievais.

O teatro vicentino

Gil Vicente é o principal nome do período. Suas peças, escritas para serem encenadas em igrejas, são até hoje inspiradoras para escritores como Ariano Suassuna (1927-2014), autor do *Auto da Compadecida*, texto de grande sucesso não só no teatro, mas também em filme, tendo se tornado leitura obrigatória nas escolas.

Ainda que influenciado pela religião, o teatro vicentino não é teocêntrico, ao contrário, preocupa-se em criticar os maus costumes e demonstrar as fragilidades humanas diante do controle da igreja e da sociedade. Aliando o cômico ao poético, Gil Vicente tenta retratar, em suas peças, personagens comuns à sociedade da época, como o burguês, a alcoviteira, o médico incompetente, o padre, o curandeiro, o soldado e outros tipos peculiares.

Em sua rica produção, destacam-se os autos, o teatro romanesco e as fantasias alegóricas, além das farsas, gênero mais famoso. Entre as suas principais obras estão *Farsa de Inês Pereira*, *O velho da horta*, *Auto da Índia*, *Auto da barca do inferno*, *Farsa dos físicos* e *Romagem dos agravados*.

Leia a seguir o fragmento do *Auto da barca do inferno*, um dos mais famosos de Gil Vicente. A peça retrata o dia do juízo final, caricaturando personagens ilustres e simples da sociedade. No Auto, dois barqueiros, representados pelo anjo, o barqueiro do paraíso, e pelo diabo, o barqueiro do inferno, decidirão o destino das personagens e a cada uma será dado segundo as suas obras, ou seja, elas serão julgadas de acordo com seus atos. Observe:

Vem um Frade com ùa Moça pela mão, e um broquel e ùa espada na outra, e um casco debaixo do capelo; e, ele mesmo fazendo a baixa, começou de dançar, dizendo:

FRADE – Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã; ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã: tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huhá!

DIABO – Que é isso, padre?! Que vai lá?

FRADE – Deo gratias! Som cortesão.

DIABO – Sabês também o tordião?

FRADE – Porque não? Como ora sei!

DIABO – Pois entrai! Eu tangerei e faremos um serão. Essa dama é ela vossa?

FRADE – Por minha la tenho eu, e sempre a tive de meu,

DIABO – Fezestes bem, que é fermosa! E não vos punham lá grosa no vosso convento santo?

FRADE – E eles fazem outro tanto!

DIABO – Que cousa tão preciosa... Entrai, padre reverendo!

FRADE – Para onde levais gente?

DIABO – Pera aquele fogo ardente que nom temestes vivendo.

FRADE – Juro a Deus que nom t'entendo! E este hábito no me val?

DIABO – Gentil padre mundanal, a Berzebu vos encomendo!

FRADE – Corpo de Deus consagrado! Pela fé de Jesu Cristo, que eu nom posso entender isto! Eu hei-de ser condenado?!... Um padre tão namorado e tanto dado à virtude? Assi Deus me dê saúde, que eu estou maravilhado!

DIABO – Não curês de mais detença. Embarcai e partiremos: tomareis um par de ramos.

FRADE – Nom ficou isso n'avença.

DIABO – Pois dada está já a sentença!

VICENTE, GIL. *Auto da barca do inferno*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000107.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2017. [Fragmento]

CLASSICISMO

Os princípios e valores da Antiguidade Clássica definem o Renascimento na Europa do século XV. O teocentrismo medieval dá lugar ao Humanismo, conforme já se viu no tópico anterior. A vontade de promover novas reflexões e renovação, tanto na arte quanto na filosofia, ou mesmo na política, leva o homem daquela época a buscar nos padrões da Grécia e da Roma antiga os valores para a sustentação dessa nova forma de pensar, daí o nome Classicismo. O termo designa o retorno aos valores clássicos da Antiguidade e batiza o movimento ou escola literária de Renascimento. Nele valorizam-se as realizações humanas e há o abandono das manifestações divinas. A razão é agora o principal parâmetro para se observar e interpretar a realidade e transpô-la para a arte.

A ascensão da burguesia promove os artistas nascidos no seio dessas famílias, os quais não tinham títulos de nobreza e tentavam se sobressair por meio dos estudos. Se no Trovadorismo eram os nobres os agentes do discurso, no Classicismo surge a figura dos mecenas, ricos comerciantes que financiavam artistas e poetas. A cultura passa a ser considerada um bem precioso e, assim, surgem universidades e mais bibliotecas, dessa vez desvinculadas dos mosteiros e igrejas. O advento da imprensa facilita a publicação e a popularização da escrita. O corpo humano torna-se o principal tema dos escultores e pintores.

Em Portugal, o Classicismo se inicia com o retorno do poeta Francisco Sá de Miranda de uma viagem à Itália, onde conheceu a poesia de Petrarca, poeta renascentista. Como bagagem, Sá de Miranda, influenciado pelos poetas italianos, precursores do novo estilo, trouxe uma espécie de renovação das regras poéticas, bem como dos temas abordados. Dessa maneira, o Renascimento chega ao país luso. O principal expoente do Classicismo em Portugal é Luís Vaz de Camões, cujo poema épico *Os Lusíadas*, com 1 102 estrofes e mais de 8 000 versos, celebra os feitos dos portugueses.

Camões

Luís de Camões provavelmente nasceu em Lisboa no ano de 1524, ingressou no Exército da Coroa de Portugal e, em 1547, embarcou para a África, onde combateu como soldado em Ceuta, no Marrocos. Durante o combate perde o olho direito. Morre completamente pobre em 1580.

A própria vida de Camões, segundo as biografias que circulam, teria sido uma verdadeira epopeia. Viajou e serviu como soldado, tendo participado de expedições militares. Sobre ele, circula a lenda de que teria sofrido naufrágio e se salvado nadando com uma só mão, pois com a outra segurava o manuscrito de *Os Lusíadas*, publicado posteriormente com o patrocínio de D. Sebastião, rei de Portugal.

Sua poesia é composta de sonetos e redondilhas (versos com 5 ou 7 sílabas poéticas), demonstrando perfeição e preocupação com a forma. Sua inspiração vem das cantigas e trovas medievais, porém os temas são mais profundos, existenciais ou amorosos, retratando as preocupações do seu próprio tempo.

Camões lírico

Baseada no pensamento de Platão, cujo teor se resume na contraposição entre o mundo sensível (real) e o mundo das ideias (ideal), a lírica camoniana propõe que sábias são as pessoas que submetem o sensível ao inteligível. A poesia lírica de Camões reflete também o conflito entre dois tipos de amor: o espiritualizado, que não visa à consumação dos desejos, e o carnal. Leia a seguir.

De vós me aparto, ó vida! Em tal mudança,
sinto vivo da morte o sentimento.
Não sei para que é ter contentamento,
se mais há de perder quem mais alcança.

Mas dou vos esta firme segurança que,
posto que me mate meu tormento,
pelas águas do eterno esquecimento
segura passará minha lembrança.

Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
que com qualquer cous' outra se contentem;
antes os esqueçais, que vos esqueçam.

Antes nesta lembrança se atormentem,
que com esquecimento desmereçam
a glória que em sofrer tal pena sentem.

CAMÕES, Luís Vaz de. Soneto 057. 1595. *Sonetos*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

Repare, no soneto anterior, os jogos antitéticos promovidos pelos termos “vivo” e “morte”, “esquecimento” e “lembrança”, “entristeçam” e “contentam”. Neles percebemos a oposição contida no platonismo, valorizando o mundo das ideias, que no poema se traduz pela importância da memória em face do esquecimento natural, tão comum ao ser humano. A exaltação do sofrimento na lembrança em detrimento do saudável esquecimento, ou seja, o lembrar-se sempre da amada, é considerada o ideal pelo eu lírico, que prefere isso em vez de “tocar” a vida em frente. Existe também um certo sabor em sofrer.

O lirismo presente na obra de Camões não se resume a determinada época, uma vez que exprime sentimentos humanos universais, identificados em qualquer época e lugar da História. A essa característica, denomina-se Universalismo.

Leia agora o trecho de uma letra de música contemporânea, de autoria de Djavan e Caetano Veloso.

Esse imenso, desmedido amor
Vai além de seja o que for
Vai além de onde eu vou
Do que sou, minha dor
Minha Linha do Equador

Mas é doce morrer nesse mar de lembrar
E nunca esquecer
Se eu tivesse mais alma pra dar, eu daria
Isso pra mim é viver

Nos versos “Mas é doce morrer nesse mar de lembrar e nunca esquecer/ Se eu tivesse mais alma pra dar, eu daria/ Isso pra mim é viver”, pode-se afirmar que o sentimento do eu lírico se aproxima muito dos sentimentos demonstrados na composição camoniana. A voz poética clama a alegria em viver de amor e, seguramente, ainda é capaz de oferecer “mais alma” à amada. Amar e sofrer é melhor que não amar e não sofrer. Se é inerente o sofrimento no amor, ele é preferível ao esquecimento, à indiferença, ao viver solitário. Verifica-se também a mesma temática da memória, das lembranças constantes do ser amado. No Classicismo, a essa característica, que idealiza o objeto amado, dá-se o nome de neoplatonismo.

Observe, a seguir, uma obra que retrata os dois tipos de amor comuns no Classicismo.



VECELLIO, Tiziano. *Amor sacro e amor profano*. 1515. Óleo sobre tela, 118 × 279 cm. Roma.

A tela, também chamada de *Vênus e a donzela*, apresenta uma cena com três figuras: duas mulheres e uma criança em redor de uma fonte de pedra ricamente decorada. A paisagem é iluminada por um raio de Sol. As mulheres, de beleza renascentista, possuem características similares, indicando se tratar da mesma pessoa. O quadro foi um pedido de Nicolo Aurélio, nobre de Veneza, cujo escudo de armas aparece na fonte, ou sarcófago, no centro da imagem. A encomenda coincide com o seu matrimônio com a jovem viúva Laura Bagarotto, o que nos leva a crer ter sido um presente de casamento.

A cena representa uma donzela vestida luxuosamente de noiva, sentada junto a Cupido e sendo assistida pela deusa Vênus. A figura vestida traz nas suas mãos uma vasilha cheia de ouro e gemas, que simboliza “a efêmera felicidade da Terra” (analogia para o amor carnal, de posses e cobiça), e a deusa, nua, sustém uma lanterna com a chama ardente de Deus, a qual simboliza “a felicidade eterna do Céu” (representando o amor ideal, sagrado). É uma cena alegórica influenciada pela concepção neoplatônica renascentista, segundo a qual a beleza terrena é um reflexo da beleza celestial e a sua contemplação é um prelúdio da sua realização ultraterrena. Não significaria, pois, a contraposição de duas formas de amar, mas o diálogo entre elas, possivelmente a fusão entre duas concepções amorosas que não se excluem, mas se fundem. O elemento que promoveria essa fusão, retratado no quadro, é a figura da criança, que representa Cupido, o deus do amor.

Camões épico

Com certo pioneirismo, Portugal saiu à frente dos demais países europeus nas grandes navegações. Vários historiadores do passado defendiam a existência de uma possível Escola de Sagres, fundada pelo Infante Dom Henrique, de onde emanaria todo o conhecimento necessário às expedições ultramarinas. No entanto, hoje essa tese é amplamente refutada. Tal desenvolvimento e ufanismo inspirou o poeta Camões em seu mais famoso poema épico, *Os Lusíadas*, que significa “os portugueses”.

Ao relatar os feitos heroicos do povo português, Camões retrata os princípios do Humanismo, em voga no período. Esses princípios, conforme já visto neste capítulo, valorizam a razão e a ação do homem no mundo e podem ser amplamente percebidos nos versos do poema.

Em *Os Lusíadas*, Camões narra a viagem de Vasco da Gama às Índias e a descoberta da rota marítima que levaria àquelas terras. Fatos verídicos da história portuguesa são mesclados a episódios fantásticos, envolvendo deuses pagãos, anjos e ilhas perdidas. Esses deuses ora ajudam ora atrapalham a expedição. Na época, o poema enfrentou problemas com a inquisição, por misturar temas sacros a temas profanos próprios da mitologia grega. No entanto, entendeu-se que eram apenas recursos poéticos, e não ideologia do artista, dessa forma, o poema foi publicado e permanece até hoje como um dos épicos mais famosos da literatura portuguesa e mundial.

É interessante notar que o poeta critica a cobiça dos governantes e da burguesia, interessados nos lucros advindos das novas descobertas em contraposição à situação dos navegantes, gente do povo que morria nas expedições.

O autor divide o poema em dez cantos, organizados em proposição, na qual se identifica o motivo e o herói; invocação, em que o poeta invoca proteção às musas; dedicatória, feita a D. Sebastião, rei de Portugal; narração, em que se dá o desenvolvimento dos relatos e da viagem; e epílogo, em que o poeta confessa sua desilusão com a cobiça dos homens e com a pátria.

Canto I

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.

CAMÕES, Luís Vaz de. Canto I. In: _____. *Os Lusíadas*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2018.

É fácil reparar, nessas estrofes, que Camões quer exaltar a sua pátria, vangloriando-a e afirmando valer mais o que agora os portugueses farão do que já valeu o que os gregos e troianos fizeram por suas pátrias. As vitórias lusitanas tornam-se, nesse momento, superiores às de seus antecessores. *Os Lusíadas* é uma epopeia grandiosa, em termos literários, assim como *A Odisseia*, que narra o retorno de Ulisses a Ítaca, sua pátria, após a guerra de Troia. Vale ressaltar, mais uma vez, que a literatura vai se apropriando e retomando épocas anteriores, reformulando-as. Por esse motivo, é fundamental conhecer e reconhecer estilos anteriores para poder compará-los. Nesse diálogo é que se constitui o estudo e o entendimento da matéria literária.

O episódio a seguir, do Velho do Restelo, demonstra que também o poeta deu voz a personagens contrários à grandiloquente viagem de Vasco da Gama.

“Mas um velho d’aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C’um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

— “Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atija
C’uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2018.

Esse episódio relata o momento em que os navios de Vasco da Gama saíam do porto. A fala de um velho, segundo algumas análises, poderia ser interpretada como a oposição à expedição. Essa oposição seria vista como conservadorismo, proveniente da mentalidade feudal, que questionava os novos valores burgueses e expansionistas. A oposição passado e presente toma corpo na fala do ancião. É possível, ainda, analisar o episódio de uma perspectiva racional, tomando a opinião daquele personagem como a “voz da razão”, como se ele chamasse o leitor a refletir sobre o absurdo daquela viagem, na qual muitos morreriam e poucos seriam favorecidos. Naquele momento, sua fala apontava para a lucidez de quem já viveu o bastante para identificar os arroubos de juventude que poderiam levar à morte ou ao declínio, ou mesmo levar o país a um futuro sombrio. Esse pessimismo também será visto nas últimas estrofes do poema, com a decepção do eu lírico sobre o empreendimento.

Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2018.

ARTE RENASCENTISTA

Recapitulando, autores como Camões, em Portugal, ou Petrarca e Dante Alighieri, na Itália, ou o inglês William Shakespeare, carinhosamente chamado de “O bardo”, são alguns dos expoentes da arte literária do Classicismo, ocorrido na Europa durante o Renascimento. Esses nomes são importantes, pois até hoje influenciam as artes no mundo inteiro. As peças de Shakespeare já foram encenadas incontáveis vezes e os seus consagrados diálogos continuam atuais, porque tratam de temas universais. Neste tópico, no entanto, vamos tratar um pouco mais do panorama artístico no velho continente durante o Renascimento, a fim de compreender o contexto que serviu de estímulo aos mestres da literatura classicista.

É necessário entender um pouco mais sobre as diversas manifestações da arte no período renascentista, pois essa época foi um marco na história da humanidade. Conforme já foi mencionado, o Renascimento no continente europeu foi marcado pela retomada de conceitos e modelos da Grécia e da Roma Antiga. Os artistas, desde o século XV, escolheram temas voltados às realizações humanas, aos estudos científicos e à vida burguesa. Diferentemente do período medieval, em que o teocentrismo foi a base filosófica para a arte, no Renascimento, a exaltação clássica dos modelos gregos e romanos lançou um olhar desfavorável à arte e à cultura produzidas na Idade Média. Isso ofuscou o enorme progresso ocorrido naquela época, que passou a ser ignorado por causa do desenvolvimento científico, filosófico, artístico e cultural alardeado pelo Renascimento.

Entretanto, diferentemente da ciência, a arte caminha de forma peculiar. Os experimentos científicos buscam uma espécie de evolução, abandonando alguns princípios utilizados anteriormente e encontrando novos caminhos. Na arte, embora haja renovação, não se abandonam simplesmente os princípios anteriores, mas criam-se novas formas e novas soluções para as representações. Normalmente, as contraposições de estilos servem de estímulo para novas experimentações e releituras. Se compararmos duas pinturas, uma medieval e outra renascentista, percebemos que a primeira é disposta de maneira a combinar os elementos da forma como o artista queria, ou seja, não obedecia a princípios de profundidade ou de perspectiva, caso da segunda. Isso não faz da arte medieval uma arte menor, pelo contrário, leva-nos a crer que o pintor medieval teve que encontrar saídas factíveis para a disposição das figuras em um quadro. De outra maneira, o estudo da perspectiva e das técnicas que permitiam que ela aparecesse em uma obra de arte criou outros problemas para os artistas renascentistas.

Ao encontrar uma solução para esses problemas, a arte renascentista italiana alcançou a glória, porque o homem descobriu que podia ir muito além daquilo que ele havia feito em arte.

No norte europeu, o belga Jan van Eyck destaca-se como fundador da escola flamenga de pintura, precursora do estilo renascentista. Sua busca pelo realismo foi meticulosa, ao retratar detalhes com exatidão e pintar com riqueza de detalhes. É citado pelos historiadores da arte como o criador da pintura a óleo, já que buscou novas experiências com pigmentos coloridos e os inseriu no seu ofício.

Leia, a seguir, o que o historiador da arte Eric Gombrich analisa em uma de suas mais famosas obras de arte, *O casal Arnolfini*. É interessante perceber, por meio do comentário do estudioso, como a vida cotidiana e a felicidade terrena tornaram-se temas artísticos, revelando a ascensão da nova classe, a burguesia, e definindo a produção estética do período.



EYCK, van Jan. *O casal Arnolfini*. 1434. Óleo sobre madeira, 81,8 × 59,5 cm. National Gallery, Londres.

Um dos seus mais famosos retratos é [O casal Arnolfini], o qual representa um mercador italiano, Giovanni Arnolfini, que tinha ido aos Países Baixos em viagem de negócios, na companhia de sua noiva, Jeanne de Chenany. À sua maneira, era uma obra tão nova e revolucionária quanto a de Donatello ou Masaccio na Itália. Um simples recanto do mundo real tinha sido subitamente fixado num painel como por mágica.

Não lhe faltava nada: o tapete e os chinelos, o rosário na parede, a pequena escova ao lado do leito e as frutas no parapeito da janela e sobre a arca. Era como se pudéssemos fazer uma visita aos Arnolfini em sua residência. O quadro representa provavelmente um momento solene na vida do casal: os seus esposais. A jovem acaba de colocar sua mão direita sobre a esquerda de Arnolfini e este parece estar prestes a colocar sua própria mão direita na dela, como símbolo solene de sua união. Provavelmente o pintor foi chamado a registrar esse importante momento como testemunha, tal como um notário poderia ser chamado para declarar que esteve presente num ato solene idêntico. Isso explicaria por que o mestre após seu nome numa posição de destaque no quadro, com as palavras latinas "Johannes de eyck fuit hic" (Jan van Eyck esteve presente). No espelho ao fundo do quarto vemos toda a cena refletida por trás e aí, ao que parece, também vemos a imagem do pintor e testemunha. Ignoramos se foi o mercador italiano ou o artista setentrional quem concebeu a ideia de fazer tal uso do novo gênero de pintura, o qual pode ser comparado ao uso legal de uma fotografia, adequadamente endossada por uma testemunha idônea.

GOMBRICH, E. *A história da arte*. Disponível em: <http://www.artevisualeinsino.com.br/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=268&Itemid=19>. Acesso em: 31 ago. 2017.

Desviando nossa atenção do norte europeu para o sul, temos, na Itália, uma verdadeira explosão artística ainda no século XV. A diferença entre as regiões é claramente notada na arquitetura. Enquanto o norte demorou-se na arte gótica, a Itália, com o arquiteto Brunelleschi, despontou com suas construções baseadas na arte clássica ou greco-romana. Ao abandonar o legado gótico e adotar a técnica de reprodução plana dos objetos em três dimensões, o resultado são quadros e obras nos quais existe a ilusão da profundidade, revolucionando a forma como as artes plásticas seriam feitas dali por diante. Sua construção mais significativa foi a elaboração da abóbada da catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença, o Duomo Chapel, construída entre 1404 e 1420. Nela, o artista e arquiteto colocou em prática a sua teoria sobre a tridimensionalidade. Repare, na imagem a seguir, como a abóbada se destaca no conjunto arquitetônico. Esse elemento faz parte de inúmeras catedrais europeias. De qualquer ponto da cidade de Florença, ao se avistar a catedral, percebe-se a imponência do Duomo.



Ferdinando Castiglione / Creative Commons

Vista do Duomo, Catedral Santa Maria del Fiori, em Florença.

Pioneiro na utilização de pórticos típicos do Renascimento, compostos por colunas e arcos em estilo coríntio, futuramente batizados como florentinos, Brunelleschi foi seguido por outros artistas e suas ideias encontram-se em vários edifícios italianos da época.

Outros importantes nomes de artistas merecem ser lembrados, entre eles destacam-se Leonardo da Vinci, Michelangelo, Giotto, Sandro Botticelli, Rafael Sanzio.

O gênio: Leonardo da Vinci

Nascido em 1452, o italiano Leonardo da Vinci destacou-se em diversas áreas, como anatomia, medicina, artes, engenharia e botânica, e pode ser considerado precursor de todas elas. Aprendiz em uma oficina, o jovem Leonardo aprende técnicas de fundição, de desenho e de escultura. Com o passar dos anos, seus interesses vão se ampliando. Ele pesquisa tanto sobre o movimento do Sol e dos planetas quanto deseja saber como se desenvolve um bebê no ventre materno. Era incompreendido na sua época, uma vez que muitas obras contratadas com ele ficavam inacabadas. Como era canhoto e tinha medo de que suas descobertas fossem consideradas heréticas, muitos dos seus escritos eram feitos da direita para a esquerda e só podem ser lidos através de um espelho. A maioria de suas obras foi encontrada em péssimo estado de conservação.

A sua famosa *Santa ceia* foi pintada em tamanho natural, na parede de um mosteiro, de modo bastante inovador para a época. Nela, os apóstolos não são meros coadjuvantes da figura de Jesus Cristo, mas todos expressam emoções, diferentemente de outras representações feitas anteriormente. Nisso reside a excelência e o estilo da pintura: retratar os sentimentos humanos em figuras sacralizadas. Certamente um outro olhar foi inaugurado sobre esse acontecimento cristão a partir da obra de Leonardo.



DA VINCI, Leonardo. *A última ceia*. 1495-1498. Óleo e têmpera sobre gesso, 460 x 880 cm. Mural no refeitório do Mosteiro de Santa Maria delle Grazie. Milão, Itália.

Percebem-se, na pintura, drama e excitação. Segundo o historiador Gombrich, Leonardo, assim como o artista Giotto antes dele, pesquisara as escrituras e buscou expressar como teria sido a cena quando o Cristo disse: “Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá”. E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-Lhe: ‘Porventura sou eu, Senhor?’” (Mateus. XXVI, 21-2). Segundo, ainda, o mesmo autor, “devemos admirar a profunda intuição de Leonardo sobre a natureza íntima do comportamento e das reações dos homens, e o poder de imaginação que o capacitou a colocar a cena ante os nossos olhos” (GOMBRICH, p. 202).

Outra importante obra do mesmo artista é a famosa *Mona Lisa*, que, de tão reproduzida em postais e propagandas, tornou-se muito conhecida. Nela, toda a genialidade do artista está presente. Repare na paisagem ao fundo, como é descontínua. Os lábios e os cantos dos olhos. Detenha-se alguns instantes nas dobras das vestes e nas mãos. A seguir, leia o box sobre a técnica criada por Da Vinci: o *sfumato*.



DA VINCI, Leonardo. *Mona Lisa*. 1502. Óleo sobre madeira, 77 x 53 cm. Museu do Louvre, Paris.

O pintor deve deixar ao espectador algo para adivinhar. Se os contornos não são desenhados com a maior firmeza de traço, se a forma é deixada um pouco indefinida, como desaparecendo numa sombra, essa impressão de secura e rigidez será evitada.

Essa é a famosa invenção de Leonardo a que os italianos chamam *sfumato* – um lineamento esbatido e cores adoçadas que permitem a uma forma fundir-se com outra e deixar sempre algo para alimentar a nossa imaginação. Se voltarmos agora à *Mona Lisa*, poderemos entender algo de seu misterioso efeito. Vemos que Leonardo empregou o seu *sfumato* com suprema deliberação. Quem tiver alguma vez tentado desenhar ou rabiscar um rosto sabe que aquilo a que chamamos expressão repousa principalmente em duas características: os cantos da boca e os cantos dos olhos. Ora, foram justamente essas partes as que Leonardo deixou deliberadamente indistintas, fazendo com que se esfumassem num sombreado suave. Por isso é que nunca estamos muito certos quanto ao estado de espírito realmente refletido na expressão com que a *Mona Lisa* nos olha. Sua expressão parece ser sempre esquivada.

GOMBRICH, E. *A história da arte*. Disponível em: <http://www.artevisualeinsino.com.br/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=268&Itemid=19> Acesso em: 31 ago. 2017.

A alma da pedra: Michelangelo

Michelangelo foi contemporâneo de Leonardo da Vinci, embora 23 anos mais jovem e tendo vivido mais 45 anos depois da morte de Da Vinci. Sua técnica sólida de pintura de afrescos e o completo domínio da arte de desenhar foram aprendidos no ateliê de outro grande artista, o pintor italiano Domenico Ghirlandaio (1449-1494). Depois de passar um tempo com o artista, o jovem se cansou e buscou o estudo dos mestres do passado, como Giotto, Masaccio, Donatello, e dos escultores gregos e romanos que eram exibidos nas coleções dos Medici, importante família de mecenas de Florença.

Assim como Da Vinci, realizou pesquisas em anatomia e dissecou cadáveres até dominar por completo a representação da figura humana. Um de seus grandes e magníficos trabalhos foi a pintura do teto da Capela Sistina, assim chamada porque fora construída pelo Papa Sisto IV. As paredes dessa capela tinham sido decoradas pelos mais famosos pintores da geração anterior, como Botticelli e Ghirlandaio. O papa da época sugeriu a Michelangelo que a pintasse novamente, um pouco a contragosto do próprio artista. Contrataram-se pintores e ajudantes, mas quem efetuou e concluiu sozinho a obra foi o próprio Michelangelo, que pintava deitado em andaimes, durante quatro anos. A capela se parece com uma sala cuja abóbada é rasa. Na parte superior das paredes, há uma série de pinturas que retratam a história de Moisés e de Jesus Cristo de forma tradicional, de acordo com a pintura vigente. Entretanto, ao olhar para o teto, vê-se algo totalmente diferente, cercado de aura sobrenatural. O artista pintou gigantescos profetas do Antigo

Testamento que previram a vinda do Messias e alternou com imagens das Sibilas, que teriam profetizado o nascimento de Jesus para os pagãos. Em toda a sua pujança, esses homens e mulheres foram retratados em postura de meditação, falando e agindo como se escutassem um chamado interno. Há a história da criação e de Noé. Esse foi um dos grandes trabalhos executados pelo mestre florentino.



SIMONI, Michelangelo di Lodovico Buonarroti. Teto da Capela Sistina no Vaticano. 1508-1512. Afresco. Itália. [Detalhe]

Mas o material de predileção do artista era o mármore. Com ele, Michelangelo esculpiu Davi, estátua de 5,17 metros de altura que foi exposta no dia 8 de setembro de 1504 ao público e até hoje desafia quem a contempla. Segundo a *Bíblia*, o jovem Davi teria derrotado o gigante Golias. Diferentemente de outras representações da personagem, o Davi de Michelangelo não está segurando a cabeça do gigante. Ele não é um jovem indefeso, mas tem traços vigorosos, é um homem comum, cuja força interior é reconhecida no primeiro olhar do espectador para a grande figura exposta hoje no Museu de Belas Artes de Florença. A mão colossal e os traços da face revelam sua origem: Davi é o homem do Renascimento, que enfrenta não apenas uma batalha contra o gigante Golias, mas também a vida humana, com todas as suas intempéries. Observe:



DA VINCI, Leonardo. *Davi*. 1501-1504. Escultura, 517 × 199 cm. Galeria da Academia de Belas Artes de Florença, Itália.



Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico e as obras do Classicismo no Brasil.

QXKZ

EXERCÍCIOS APRENDIZAGEM

01. (FUVEST-SP)

Quando da bela vista e doce riso,
tomando estão meus olhos mantimento,¹
tão enlevado sinto o pensamento
que me faz ver na terra o Paraíso.

Tanto do bem humano estou diviso,²
que qualquer outro bem julgo por vento;
assi, que em caso tal, segundo sento,³
assaz de pouco faz quem perde o siso.

Em vos louvar, Senhora, não me fundo,⁴
porque quem vossas cousas claro sente,
sentirá que não pode merecê-las.

Que de tanta estranheza sois ao mundo,
que não é d'estrinhar, Dama excelente,
que quem vos fez, fizesse Céu e estrelas.

CAMÕES. In: PIMPÃO, A. J. da Costa.

¹ Tomando mantimento – tomando consciência.

² Estou diviso – estou separado, apartado.

³ Sento – sinto.

⁴ Não me fundo – não me empenho.

- A) Caracterize brevemente a concepção de mulher que este soneto apresenta.
- B) Aponte duas características desse soneto que o filiam ao Classicismo, explicando-as sucintamente.

02. (Unicamp-SP) Na seguinte cena do *Auto da Barca do Inferno*, o Corregedor e o Procurador dirigem-se à Barca da Glória, depois de se recusarem a entrar na Barca do Inferno:

Corregedor Ó arrais dos gloriosos,
passai-nos neste batel!

Anjo Ó pragas pera papel,
pera as almas odiosos!

Como vindes preciosos,
sendo filhos da ciência!

Corregedor Ó! habeatis clemência
e passai-nos como vossos!

Joane (Parvo) Hou, homens dos breviairos,
rapinastis coelhorum
et pernix perdigitorum
e mijais nos campanairos!

Corregedor Ó! Não nos sejais contrairos,

Pois nom temos outra ponte!

Joane (Parvo) Beleguinis ubi sunt?

Ego latinus macairos.

pera: para

habeatis: tende

homens dos breviairos: homens de leis

Rapinastis coelhorum/Et pernix perdigitorum: Recebem coelhos e pernas de perdiz como suborno

Beleguinis ubi sunt?: Onde estão os oficiais de justiça?

Ego latinus macairos: Eu falo latim macarrônico

- A) De que pecado o Parvo acusa o homem de leis (Corregedor)? Este é o único pecado de que ele é acusado na Peça?
- B) Com que propósito o latim é empregado pelo Corregedor? E pelo Parvo?

03. (Unesp-2017) Leia o soneto "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades" do poeta português Luís Vaz de Camões (1525?-1580).

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança¹;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem – se algum houve –, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
que já coberto foi de neve fria,
e enfim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
outra mudança faz de mor² espanto:
que não se muda já como soía³.

SONETOS. 2001.

¹ esperança: esperado.

² mor: maior.

³ soer: costumar (soía: costumava).

Considere as seguintes citações:

- I. "Não podemos entrar duas vezes no mesmo rio: suas águas não são nunca as mesmas e nós não somos nunca os mesmos." – Heráclito (550 a.C.-480 a.C.)
- II. "A breve duração da vida não nos permite alimentar longas esperanças." – Horácio (65 a.C.-8 a.C.)
- III. "O melhor para o homem é viver com o máximo de alegria e o mínimo de tristeza, o que acontece quando não se procura o prazer em coisas perecíveis." – Demócrito (460 a.C.-370 a.C.)
- IV. "Toda e qualquer coisa tem seu vaivém e se transforma no contrário ao capricho tirânico da fortuna." – Sêneca (4 a.C.-65 d.C.)
- V. "Uma vez que a vida é um tormento, a morte acaba sendo para o homem o refúgio mais desejável." – Heródoto (484 a.C.-430 a.C.)

Quais das citações aproximam-se tematicamente do soneto camoniano? Justifique sua resposta.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



- 01.** (EsPCEEx-SP) É correto afirmar sobre o Trovadorismo que
- os poemas são produzidos para ser encenados.
 - as cantigas de escárnio e maldizer têm temáticas amorosas.
 - nas cantigas de amigo, o eu lírico é sempre feminino.
 - as cantigas de amigo têm estrutura poética complicada.
 - as cantigas de amor são de origem nitidamente popular.
- 02.** (IFSP-2017) Inspiradas na poesia provençal, as cantigas trovadorescas são consideradas as primeiras manifestações literárias portuguesas. O movimento literário em que elas surgiram ficou conhecido como Trovadorismo. Sobre o Trovadorismo, assinale a alternativa correta.
- As cantigas trovadorescas foram transmitidas apenas em cópias e recolhidas somente em duas importantes antologias, denominadas Cancioneiros, únicos documentos que restam para o conhecimento do Trovadorismo: Cancioneiro da Ajuda e Cancioneiro da Biblioteca Nacional.
 - O Trovadorismo foi um movimento artístico literário que predominou no século XVII, na Europa. Esse estilo surgiu em Roma, na Itália, se expandiu por outros países da Europa, como Portugal, logo após seu surgimento, mas foi na Espanha que ele se tornou vigoroso.
 - Em Portugal, as cantigas trovadorescas são classificadas em cantigas líricas (cantigas de amor e cantigas de amigo) e cantigas satíricas (cantigas de escárnio e cantigas de maldizer).
 - No Trovadorismo, o pensamento religioso, espiritualista, predominante na época, numa visão teocentrista (em que Deus, do grego *Theos*, está no centro das preocupações humanas), dá lugar a uma visão antropocentrista (em que o homem, do grego *anthropos*, está no centro das realizações do universo humano).
 - As características formais e temáticas das cantigas de amigo eram: influência das cantigas provençais, originárias do sul da França; eu lírico masculino que evoca a mulher amada usando a forma de tratamento "Minha senhora" ("Mia senhor", "Mia dona"); exaltação das virtudes da beleza da amada inatingível; e predomínio do sentimento amoroso.

- 03.** (PUC Minas)
- Se eu pudesse forçar meu coração,
obrigá-lo, senhora, a vos dizer
quanta amargura me fazeis sofrer,
posso jurar – dê-me Deus seu perdão! –
que sentiríeis compaixão de mim.

Pois, senhora, conquanto apenas dor
e nenhuma alegria me causeis,
se soubésseis o mal que me fazeis,
posso jurar – perdoa-me. Senhor! –
que sentiríeis compaixão de mim.

Não me querendo nenhum bem, embora,
se soubésseis a pena que dais,
e quanta dor há nos meus tristes ais,
posso jurar – de boa-fé, senhora! –
que sentiríeis compaixão de mim.

E mal seria, se não fosse assim.

D. DINIS. In: BERARDINELLI, Cleonice.
Cantigas de trovadores medievais em português moderno.
Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953. p. 21.

A cantiga de D. Dinis é representativa do trovadorismo português e, como ocorre em outras produções literárias do período, enfatiza:

- o conflito entre pecado e religião.
- a necessidade de perdão da mulher amada.
- o sentimento de culpa pelo amor perdido.
- o sofrimento amoroso do eu lírico.

- 04.** (IFSP-2016) Assinale a alternativa correta no que se refere às cantigas de amor trovadorescas.
- Nas cantigas de amor, o eu lírico masculino lamenta a ausência da mulher amada, que lhe é indiferente e que, por mais que seja vista por ele como superior, pertence às classes populares.
 - Nas cantigas de amor, o eu lírico masculino manifesta insistentemente a coita, isto é, o sofrimento de amor, repleto de impulsos eróticos que lhe laceram o corpo e que conferem aos poemas uma aura sardônica.
 - Nas cantigas de amor, o eu lírico feminino manifesta a falta que sente do amigo – isto é, do homem amado – invocando-o por meio de composições de matriz popular que se caracterizam por construções paralelísticas.
 - Nas cantigas de amor, o eu lírico masculino confessa a coita, isto é, o sofrimento amoroso por uma dama que lhe é inacessível devido à diferença social que existe entre ele e ela.
 - Nas cantigas de amor, a distância social existente entre o eu lírico masculino e a mulher amada a quem ele se dirige permite entrever que já grassava na sociedade portuguesa a ascensão social pelo trabalho.

05. (PUC RS–2015) Leia o excerto do texto dramático *O auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

MANUEL — Sim, é Manuel, o Leão de Judá, o Filho de Davi. Levantem-se todos pois vão ser julgados.

JOÃO GRILO — Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto que estou diante de uma grande figura. Não quero faltar com o respeito a uma pessoa tão importante, mas, se não me engano, aquele sujeito acaba de chamar o senhor de Manuel.

MANUEL — Foi isso mesmo, João. Esse é um dos meus nomes, mas você pode me chamar também de Jesus, de Senhor, de Deus... Ele gosta de me chamar de Manuel ou Emanuel, porque assim quer se persuadir de que sou somente homem. Mas você, se quiser, pode me chamar de Jesus.

JOÃO GRILO — Jesus?

MANUEL — Sim.

JOÃO GRILO — Mas espere, o senhor é que é Jesus?

MANUEL —Sou.

JOÃO GRILO — Aquele a quem chamavam Cristo?

JESUS — A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

JOÃO GRILO — Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado. [...] A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto. [...]

MANUEL — Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceito de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que ia despertar comentários. Que vergonha! Eu, Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim tanto faz um branco ou um preto. Você pensa que sou americano para ter preconceito de raça?

Com base no diálogo e na obra literária de Ariano Suassuna, analise as afirmativas.

- I. João Grilo mostra-se desrespeitoso diante de um Jesus negro, que não corresponde às suas expectativas.
- II. Na sua fala, Manuel demonstra que o valor das pessoas independe da cor da pele.
- III. O companheiro inseparável de João Grilo, Chicó, é um contador de estórias que se caracteriza como uma espécie de mentiroso ingênuo.
- IV. A obra dramática de Ariano Suassuna mostra-se alinhada a uma tradição literária Ibérica que apresenta obras fundacionais, como o *Auto da barca do Inferno*, de Gil Vicente.

Estão corretas as afirmativas

- | | |
|-------------------------|--------------------------|
| A) I e II, apenas. | D) II, III e IV, apenas. |
| B) III e IV, apenas. | E) I, II, III, IV. |
| C) I, II e III, apenas. | |

06. (UFRGS-RS) Assinale a alternativa incorreta sobre a obra de Gil Vicente.

- A) Gil Vicente tem suas raízes na Idade Média, mas volta-se para o Renascimento, aliando o humanismo religioso à atitude crítica diante dos problemas sociais.
- B) Variada na forma, a obra vicentina desvenda os costumes do século XVI, satirizando a sociedade feudal sem perder o caráter moralista e resguardando o sentido de intervenção social.
- C) Embora critique o clero, a nobreza e seu séquito ocioso, o teatro vicentino faz a exaltação heroica dos reis, atitude comum na Idade Média.
- D) Ao mesmo tempo que desenvolve a sátira social, a produção vicentina aponta para a necessidade de reforma da Igreja, devido aos abusos do clero.
- E) Trabalhando com uma verdadeira galeria de tipos, Gil Vicente adapta o uso da linguagem coloquial ao estilo e à condição social de cada um deles.

07. (Unicamp-SP–2018)

Transforma-se o amador na coisa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois com ele tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim como a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.

CAMÕES, Luís de. *Lírica*: redondilhas e sonetos. Rio de Janeiro: Ediouro / São Paulo: Publifolha, 1997. p. 85.

Um dos aspectos mais importantes da lírica de Camões é a retomada renascentista de ideias do filósofo grego Platão. Considerando o soneto citado, pode-se dizer que o chamado “neoplatonismo” camoniano

- A) é afirmado nos dois primeiros quartetos, uma vez que a união entre amador e pessoa amada resulta em uma alma única e perfeita.
- B) é confirmado nos dois últimos tercetos, uma vez que a beleza e a pureza reúnem-se finalmente na matéria simples que deseja.
- C) é negado nos dois primeiros quartetos, uma vez que a consequência da união entre amador e coisa amada é a ausência de desejo.
- D) é contrariado nos dois últimos tercetos, uma vez que a pureza e a beleza mantêm-se em harmonia na sua condição de ideia.

Instrução: Texto para as questões de **08 a 10**.

[...] o professor e escritor português Helder Macedo, que, no ensaio *Camões e a viagem iniciática*, irá contestar a teoria da castidade do poeta Camões, argumentando que o autor Luís de Camões, à frente do seu tempo, teria, na verdade, procurado e desenvolvido uma nova filosofia na qual os valores até então inconciliáveis do homem (o corpo e a alma) pudessem, na sua poesia, finalmente se combinar.

Ora, Camões estava, sim, inserido numa Europa quinhentista, que ainda apresentava como grandes ícones poéticos os renascentistas italianos Dante e Petrarca, que, como dissemos, eram defensores do amor não carnal e em cujos versos a figura feminina era via de regra vista como símbolo de pureza. Entretanto, se estes dois poetas aprovisionam o seu fazer poético de um caráter platônico indubitável (e não o fazem apenas na arte, mas também na vida, haja vista as biográficas paixões inalcançáveis que estes nutriam pelas mulheres que se tornariam as suas respectivas musas poéticas: Beatriz e Laura), a mesma certeza não se pode ter em relação ao poeta português. Isto porque viver na Europa quinhentista não faz necessariamente de Luís de Camões um quinhentista genuíno, no sentido ideológico e não temporal da palavra, não insere obrigatoriamente Camões no pensamento do seu tempo, a coadunar, parcial ou totalmente, com a visão de mundo vigente. E serão estas duas possibilidades, estes inegociáveis estar e não estar camonianos em sua época, que provocarão as dubiedades semânticas que podemos observar com frequência nas leituras críticas de sua poesia.

SOARES, Marcelo Pacheco. *Camões & Camões ou Pede o desejo, Camões, que vos leia*. Disponível em: <http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/46/01_Vo12_VOOS2009_CL20>.

08. (ESPM-SP-2017) Baseando-se no texto, pode-se afirmar que:

- A) o professor e escritor português citado discorda de uma teoria filosófica nova desenvolvida por Camões.
- B) a mulher, no quinhentismo, era vista, contrariando a regra, como um ser idealizado, puro, inalcançável.
- C) Camões produziu obras biográficas cujas fontes de inspirações poéticas eram as figuras femininas.
- D) Camões não seguiu rigidamente os cânones renascentistas da época: o platonismo e o petrarquismo.
- E) paira uma incerteza sobre a genuína influência da filosofia platônica nos clássicos renascentistas Dante e Petrarca.

09. (ESPM-SP-2017) Ainda segundo o texto:

- A) Camões não se enquadra cronologicamente no quinhentismo, mas sim ideologicamente.
- B) alvos da crítica literária, as contradições semânticas são frequentes na produção poética camonianiana.

- C) Camões produziu uma teoria da castidade, ao defender o amor puro, não material, não carnal.
- D) a busca da conciliação entre matéria e espírito, corpo e alma, é um traço típico da lírica camonianiana.
- E) a consciência das tensões entre corpo e alma, “estar” e “não estar”, faz de Camões um poeta à frente de seu tempo.

10. (ESPM-SP-2017) Baseando-se estritamente no ponto de vista teorizado no texto acima (e não no sentido amplo da obra camonianiana), Camões poderia ser vinculado a uma das definições abaixo, que caracterizam períodos da História da Literatura.

Assinale-a:

- A) “Obediente a estritas normas de cortesia – o ‘amor cortês’ rendia vassalagem absoluta à dama, prometia servi-la e respeitá-la fielmente, ser discreto embora ciumento, empalidecer na sua presença...”
- B) “visão de mundo centrada na ideia do valor essencial e supremo do Homem, em oposição às teorias que privilegiam a Natureza, a realidade física ou concreta.”
- C) “Entendido ora como liame entre a Renascença e o Barroco, ora como uma tendência autônoma e diferenciada... E marcado pela contradição e o conflito e assumiu na vasta área em que se manifestou variadas feições.”
- D) “A envolvente estesia verbal ... ‘Distraía’ a consciência do pecado ou do erro, simbolizado na prática de uma vida não cristã e não católica.”
- E) “... pregavam. Na esteira de Horácio, a ‘áurea mediocridade’, ou seja, a dourada mediania existencial, transcorrida sem sobressaltos, sem paixões ou desejos.”

SEÇÃO ENEM

01. (Enem) Com o texto eletrônico, enfim, parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos um sonho muito antigo da humanidade, que se poderia resumir em duas palavras, universalidade e interatividade. As luzes, que pensavam que Gutenberg tinha propiciado aos homens uma promessa universal, cultivavam um modo de utopia. Elas imaginavam poder, a partir das práticas privadas de cada um, construir um espaço de intercâmbio crítico das ideias e opiniões. O sonho de Kant era que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem, e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação dos impressos encontra hoje um suporte poderoso com o texto eletrônico.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Unesp, 1998.

No trecho apresentado, o sociólogo Roger Chartier caracteriza o texto eletrônico como um poderoso suporte que coloca ao alcance da humanidade o antigo sonho de universalidade e interatividade, uma vez que cada um passa a ser, nesse espaço de interação social, leitor e autor ao mesmo tempo. A universalidade e a interatividade que o texto eletrônico possibilita estão diretamente relacionadas à função social da Internet de

- A) propiciar o livre e imediato acesso às informações e ao intercâmbio de julgamentos.
- B) globalizar a rede de informações e democratizar o acesso aos saberes.
- C) expandir as relações interpessoais e dar visibilidade aos interesses pessoais.
- D) propiciar entretenimento e acesso a produtos e serviços.
- E) expandir os canais de publicidade e o espaço mercadológico.

02. (Enem)

Amor é fogo que arde sem se ver;
 é ferida que dói e não se sente;
 é um contentamento descontente;
 é dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
 é solitário andar por entre a gente;
 é nunca contentar-se de contente;
 é cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
 é servir a quem vence, o vencedor;
 é ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
 nos corações humanos amizade,
 se tão contrário a si é o mesmo Amor?

CAMÕES, Luís de.

O poema tem, como característica, a figura de linguagem denominada antítese, relação de oposição de palavras ou ideias. Assinale a opção em que essa oposição se faz claramente presente.

- A) "Amor é fogo que arde sem se ver."
- B) "É um contentamento descontente."
- C) "É servir a quem se vence, o vencedor."
- D) "Mas como causar pode seu favor."
- E) "Se tão contrário a si é o mesmo Amor?"

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

01.

- A) A mulher, assinalada pela beleza, atua como uma força que "sublima e apura a alma do poeta", que a contempla. Assim, "a aura de beleza, de encantamento e perfeição" que assinala a mulher reforça-lhe a natureza divinizada.
- B) A própria forma fixa do soneto pode ser percebida como indício de Classicismo. Também o verso decassílabo e o esquema de rimas aí se enquadram. Nesse texto, são notáveis a busca de equilíbrio entre forma e conteúdo, a harmonia, a clareza, a concisão, a simplicidade – todas elas marcas classicistas. O mesmo vale, também, para a seleção dos vocábulos, para a riqueza da sintaxe, etc.

02.

- A) A peça de Gil Vicente, de cunho moralizante, apresenta o julgamento dos vícios mundanos, na tentativa de corrigir os homens pelo exemplo. No excerto, o Corregedor é acusado de se deixar subornar por meio de ofertas e presentes como coelhos e pernas de perdizes; e também de desrespeito da personagem em relação aos mortos, pois mijara nos campanários.
- B) De um lado, o corregedor emprega o latim, arrogantemente, como clara sinalização e instrumento de autoridade e superioridade. Do outro lado, o Parvo utiliza termos latinos para ironizar e criticar a posição do Corregedor; ridicularizando-o.
- 03. O soneto camoniano fala de mudanças e transformações, o que pode ser constatado também nas citações I e IV. Na primeira, de autoria de Heráclito, fala-se da mudança contínua pela qual passam os homens e a natureza. Na quarta citação, Sêneca fala da transformação das coisas em seus opostos. Nesses versos, percebe-se a transfiguração de uma coisa em outra.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. C 04. D 07. A 10. C
- 02. C 05. D 08. D
- 03. D 06. C 09. E

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
- 02. B



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Acentuação e Ortografia

A principal e mais original forma de manifestação de uma língua é a oralidade. A escrita, que surgiu apenas no século IV a.C., é uma forma de representar graficamente diversas sequências de sons que falantes reconhecem como significantes, ou seja, a parte material, sonora de um signo linguístico. Segundo o linguista Ferdinand de Saussure, um **signo linguístico** é formado pela associação que se faz entre um **significante** e um **significado**, ou seja, um conceito que pode aludir a coisas, ações, qualidades, circunstâncias, etc. Observe:

$$\text{Signo linguístico} = \frac{\text{Significado}}{\text{Significante}} = \frac{\text{Árvore}}{/ \text{'ahvorI} /}$$


No esquema, usa-se a transcrição fonética / 'ahvorI /, e não a sua forma escrita "árvore", porque um significante deve ser entendido como uma sequência de sons; a forma escrita "árvore", por sua vez, é a representação gráfica dessa sequência sonora, feita segundo as normas de ortografia da Língua Portuguesa.

É preciso observar, também, que a relação entre significante e significado em um signo linguístico não é motivada, e sim convencionalizada. Tanto é assim que um mesmo significado – como o conceito de "árvore" identificado no esquema – é associado a diferentes significantes, dependendo do idioma em que é expresso. Esses diferentes significantes serão representados na escrita também de modos distintos. Além disso, na grafia das palavras, ainda incidem outras variantes, como o tipo de alfabeto utilizado, certas regras fonológicas e normas de ortografia. Observe o quadro a seguir, que mostra como as palavras "árvore", "casa" e "galinha" são representadas de modos distintos em diferentes idiomas.

Significados	Representação gráfica dos significantes em diferentes línguas							
	Português	Inglês	Espanhol	Francês	Alemão	Russo	Árabe	Chinês
	árvore	tree	árbol	arbre	Baum	дерево	جر قش	樹
	casa	house	casa	maison	Haus	дом	بيت	房子
	galinha	chicken	gallina	poulet	Huhn	цыпленок	دجاجة	小雞

As traduções do russo, do árabe e do chinês foram feitas por meio do Google Tradutor e são apenas ilustrativas.

A escrita é uma forma de representação gráfica dos significantes e, tal como outras formas de representação, é não mais que uma convenção. Essa convenção é determinada por uma série de regras ortográficas – as quais se encontram listadas em gramáticas normativas.

Neste módulo, serão lembradas algumas das regras para se representarem palavras na Língua Portuguesa. Não todas, porque isso seria exaustivo e pouco prático. Na verdade, serão retomadas as regras de acentuação e, no que diz respeito à ortografia, serão focadas algumas especificidades do português, como o uso do hífen e de algumas expressões.

A ortografia de cada idioma possui suas especificidades e dificuldades. A partir do momento em que o falante aprende a ler e a escrever, vai se familiarizando cada vez mais com a forma como a língua oral é representada na escrita. Para que você domine cada vez melhor a ortografia, procure ler bastante e escrever também; sempre que errar, reveja seu erro e memorize a ortografia correta.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica

Na Língua Portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três posições diferentes; conseqüentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:

- **Oxítonas:** são aquelas cuja sílaba tônica é a última: *você, café, jiló, alguém, ninguém, ruim, carcará, vatapá, anzol, condor.*
- **Paroxítonas:** são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima: *gente, planeta, homem, alto, âmbar, éter, dólar, pedra, caminho, amável, táxi, álbum.*
- **Proparoxítonas:** são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima: *lágrima, trânsito, xícara, úmido, mágico, lâmpada, ótimo, médico, fanático.*

Nossa língua não contém palavras com acento na pré-antepenúltima sílaba, isto é, palavras bisesdrúxulas. Somente algumas formas verbais seguidas de pronome oblíquo são bisesdrúxulas: **faziamo-lo, amávamo-la**, etc.

Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. As palavras de apenas uma sílaba são chamadas **monossílabos**.

Quando tais palavras apresentam tonicidade, como nos casos de **má, pó e fé**, são consideradas **monossílabos tônicos**. Quando não apresentam tonicidade, como **de, por, mas**, são denominadas **monossílabos átonos**.

As regras básicas

Na Língua Portuguesa, temos as vogais **a, e, i, o, u**. Entre essas vogais, o **i** e o **u** são vogais tônicas, fortes, ou seja, tendem a tornar tônica a sílaba em que aparecem.

Por exemplo, na palavra **caqui**, a simples presença do **i** na última sílaba torna a palavra uma oxítona, não sendo necessário o uso de um acento agudo para indicar a tonicidade. Por outro lado, em **táxi**, é necessária a

utilização de um acento agudo na penúltima sílaba para que a palavra seja lida como paroxítona. Se não houvesse esse acento, os falantes tenderiam a ler a palavra como oxítona, tal como ocorre em **caqui**.

Se se analisarem as palavras **tatu** e **vírus**, será possível observar que ocorre o mesmo em relação ao **u**.

Saber disso é muito útil, pois ajuda a entender algumas regras básicas de acentuação das palavras oxítonas, paroxítonas e dos monossílabos. Observe, a seguir, como as regras são coerentes com o que foi descrito:

A) Monossílabos tônicos: são acentuados os terminados em:

- **a, as:** *pá, vá, gás, Brás;*
- **e, es:** *pé, fé, mês, três;*
- **o, os:** *só, xô, nós, pós.*

Os monossílabos que contêm **i** ou **u**, como **ti** e **tu**, não precisam receber acento, pois já são tônicos.

B) Oxítonas: são acentuadas as que terminam em:

- **a, as:** *Pará, vatapá, estás, irás;*
- **e, es:** *você, café, Urupês, jacarés;*
- **o, os:** *jiló, avô, retrós, supôs;*
- **em, ens:** *alguém, armazéns, parabéns.*

As oxítonas terminadas em **i** e **u**, como **tatu, aqui, Aracaju, Araguari**, não precisam ser acentuadas, pois a presença dessas vogais na última sílaba de cada uma delas já torna a palavra uma oxítona.

C) Paroxítonas: são acentuadas as que terminam em:

- **i, is:** *táxi, beribéri, lápis, grátis;*
- **us, um, uns:** *vírus, bônus, álbum, parabélum (arma de fogo), álbuns, parabéluns.*

Caso essas palavras não recebessem acento, seriam lidas como oxítonas, dada a presença do **i** e do **u** na última sílaba.

Acentuam-se, ainda, as paroxítonas terminadas em:

- **l, n, r, x:** *incrível, útil, próton, elétron, éter, mártir, tórax, ônix;* para guardar melhor essa regra, observe que **l, n, r e x** são as consoantes da palavra **rouxinol**.
- **ps:** *bíceps, fórceps.*
- **ã, ãs, ão, ãos:** *ímã, órfã, ímãs, bênção, órgão, órfãos, sótãos.*
- **ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de "s":** *água, árduo, pônei, vôlei, cáries, mágoas, pôneis, jóqueis.*

Para simplificar, pode-se dizer: "Acentuam-se todas as paroxítonas, exceto as terminadas em **a, e, o, am e em**, seguidos ou não de **s**": *palha, deixa, peixe, entre, caldo, desenvolvimento, falaram, vieram, vertigem, voltagem*, etc.

D) Proparoxítonas: são todas acentuadas: *lâmpada, Júpiter, ótimo, flácido, relâmpago, trôpego, lúcido*, etc.

As regras especiais

A) Hiatos

- Quando a segunda vogal do hiato for **i** ou **u**, tônicos, acompanhados ou não de **s**, haverá acento: *saída, proíbo, faísca, caíste, carnaúba, viúva, balaústre, país, aí, baú, Jaú*.

Se depois do "i" ou do "u" vier "nh", o acento não ocorrerá. É o caso de *rainha, moinho, unha, tainha, campainha*. Também não haverá acento se a vogal "i" ou a vogal "u" se repetirem, o que ocorre em poucas palavras: *vadiice, sucuuba, mandriice, xiita*.

- Não se acentuam **i** e **u** tônicos em paroxítonas quando são precedidos de ditongo: *baiuca, feiura, feiume*.

B) Ditongos

- Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos **éu, éi** e **ói** desde que sejam **abertos** e que se encontrem na **última sílaba** da palavra ou em **monossílabos**: *céu, chapéu, réu, véu, troféu, anéis, aluguéis, coronéis, dói, constrói, destrói*.

C) Acento diferencial

- pôr** (verbo) e **por** (preposição);
- pôde** (pretérito perfeito) e **pode** (presente do indicativo);
- que** (conjunção, pronome) e **quê** (substantivo ou pronome em fim de frase);
- porque** (conjunção) e **porquê** (substantivo).

ORTOGRAFIA

Ortografia é o sistema correto de representar, na escrita, os fonemas e as formas da língua. Ele trata da representação escrita dos sons que formam os vocábulos, por meio dos símbolos denominados letras.

Com a Reforma Ortográfica, foram incorporadas as letras "k", "w" e "y" ao nosso alfabeto, que passa a ter 26 letras: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y e z.

Uso de K, W e Y

Essas letras são usadas em siglas, símbolos, nomes próprios, palavras estrangeiras e seus derivados.

Exemplos: **km** (quilômetro), **K** (potássio), **Kr** (criptônio), **kg** (quilograma), **kw** (quilowatt), **kwh** (quilowatt-hora), **watt**, **kantismo**, **kepleriano**, **byroniano**, **taylorista**, etc.

RELAÇÕES ENTRE FORMA E SIGNIFICADO

Há palavras cuja pronúncia e / ou grafia são idênticas, mas que possuem diferentes significados; do mesmo modo, em alguns casos, atribuímos um mesmo significado a termos distintos. Tendo isso em vista, as palavras podem ser:

Sinônimas

São palavras de sentido igual ou aproximado.

Exemplos:

- *solilóquio* e *monólogo*;
- *suposição* e *hipótese*;
- *modelo* e *protótipo*.

Antônimas

São palavras de significação oposta.

Exemplos:

- *calmo* e *agitado*;
- *extrovertido* e *introvertido*;
- *defender* e *atacar*.

Homônimas

São palavras que têm, às vezes, a mesma pronúncia e, às vezes, a mesma grafia, mas significação diferente. Nesse caso, é o contexto que determina a significação dos homônimos. Palavras homônimas podem ser:

Homógrafas heterofônicas

Iguais na escrita, mas diferentes na pronúncia.

Exemplos:

- *colher* (forma verbal) e *colher* (substantivo);
- *jogo* (forma verbal) e *jogo* (substantivo).

Homófonas heterográficas

Iguais na pronúncia e diferentes na escrita.

Exemplos:

- *ascender* (subir) e *acender* (pôr fogo);
- *cela* (prisão) e *sela* (forma verbal).

Homófonas homográficas

Iguais na escrita e na pronúncia.

Exemplos:

- *cedo* (forma verbal) e *cedo* (advérbio);
- *manga* (fruta) e *manga* (parte de uma blusa, paletó ou vestido).

Parônimas

Semelhantes na escrita e na pronúncia.

Exemplos:

- *degredado* (exilado) e *degradado* (estragado);
- *infligir* (aplicar castigo) e *infringir* (transgredir).

As principais palavras parônimas e homônimas são estas:

Palavras homônimas e parônimas	Significado	Palavras homônimas e parônimas	Significado	Palavras homônimas e parônimas	Significado
absolver absorver	inocentar, perdoar sorver, consumir	censo senso	recenseamento raciocínio, juízo, tino	édito edito	ordem judicial decreto, lei
acender ascender	pôr fogo, alumiar subir	cerração serração	nevoeiro denso ato de serrar, cortar	emergir imergir	vir à tona mergulhar
acento assento	tom de voz, sinal gráfico lugar de sentar-se	cerrar serrar	fechar cortar	emigrar imigrar	sair da pátria entrar num país
acerca de cerca de há cerca de	sobre, a respeito de aproximadamente faz aproximadamente	cessão seção ou secção sessão	ato de ceder corte, divisão reunião	eminente iminente	notável, célebre, elevado prestes a acontecer
acostumar costumar	contrair hábito ter por hábito	cesto sexto	balaio ordinal de seis	entender intender	compreender superintender
acurado apurado	feito cuidadosamente seleto, fino, refinado	chá xá	bebida título do ex-soberano do Irã	esbaforido espavorido	ofegante, cansado apavorado, assustado
aferir auferir	conferir, comparar colher, obter	cheque xequê	ordem de pagamento lance no xadrez, perigo	esperto experto	ativo, inteligente, vivo perito, entendido
afim de a fim de	semelhante a (parente de) para, com a finalidade de	cidra sidra	ruto vinho de maçã	espiar expiar	observar, espionar sofrer castigo
amoral imoral	indiferente à moral contra a moral, devasso	comprimento cumprimento	extensão saudação, execução	estada estadia	permanência da pessoa permanência de veículo
aprender apreender	instruir-se assimilar	concerto conserto	sessão musical, acordo reparo	estádio estágio	fase, período preparação, etapa
arrear arriar	pôr arreios abaixar, descer	conjetura conjuntura	suposição, hipótese situação, circunstância	estático extático	firme, imóvel admirado, pasmado
assoar assuar	limpar o nariz vaia, apupar	coser cozer	costurar cozinhar	estrato extrato	tipo de nuvem, camada, resumo, essência
bucho buxo	estômago arbusto	deferir diferir	atender, conceder distinguir-se, adiar	flagrante fragrante	evidente perfumado
caçar cassar	perseguir animais anular	degredado degradado	desterrado, exilado estragado	fluir fruir	correr gozar, desfrutar
calção caução	calças curtas fiança, garantia	delatar dilatar	denunciar alargar, ampliar	fuzil fusível	carabina, espingarda interruptor de circuito
calda cauda	xarope rabo	descargo desencargo	alívio desobrigar de um encargo	genitor progenitor	pai avô
cavaleiro cavalheiro	que sabe andar a cavalo homem educado	discriminar discriminar	inocentar distinguir	história estória	narrativa de fatos reais narrativa de ficção
cela sela	pequeno cômodo arreio	despercebido desapercebido	não notado desprovido	incidente acidente	episódio acontecimento grave
incipiente insipiente	principiante ignorante, ignaro	locador locatário	proprietário inquilino	peão pião	aquele que anda a pé brinquedo
inflação infração	alta dos preços, expansão violação, transgressão	lustre lustró	candelabro, brilho período de cinco anos	ratificar retificar	confirmar corrigir
infligir infringir	aplicar pena ou castigo transgredir, violar	mal mau	antônimo de bem antônimo de bom	sesta sesta	hora do descanso redução de sexta-feira; hora canônica; intervalo musical

Palavras homônimas e parônimas	Significado	Palavras homônimas e parônimas	Significado	Palavras homônimas e parônimas	Significado
intemerato intimorato	puro, íntegro destemido, corajoso	mandado mandato	ordem judicial período de missão política	tráfego tráfico	trânsito negócio ilícito
intercessão interseção	ato de interceder ato de cortar	moradia ¹ morada	ato de morar lugar onde se mora, lar	viagem viajem	jornada do verbo viajar
laço lasso	nó frouxo, gasto, cansado	ótico óptico	relativo à orelha ou visão relativo à visão	vultoso vultuoso	volumoso inchado
lista listra	relação, rol linha, risco	paço passo	palácio passada	zumbido zunido	sussurro de insetos alados som agudo do vento

¹ Atualmente, "moradia" e "morada" são consideradas sinônimas por alguns dicionaristas. Deve-se observar, entretanto, que há contextos em que essa sinonímia não procede. Por exemplo, na frase "Qual é o tempo de moradia nesta residência?", não seria possível substituir "moradia" por "morada".

HÍFEN

Uso de hífen em geral

- Na divisão silábica e para separar palavras no fim da linha: *es-tre-la, ca-sa-co, ma-re-mo-to, a-ces-so*.
- Nos nomes dos dias da semana: *segunda-feira, terça-feira, quarta-feira*.
- Na separação verbo-pronome: *pô-lo, vendê-lo-ias, comprá-lo, ir-se, far-lhe-ei*.
- Com as palavras *eis-me, ei-lo, ei-vos, ei-la*.

Uso de hífen com prefixos

- Em palavras formadas por prefixos terminados em "r" + palavra iniciada por "r" ou "h".

Exemplos:

hiper-	hiper-real, hiper-raro, hiper-requintado
inter-	inter-racial, inter-regional, inter-relacional
super-	super-racional, super-realista, super-resistente, super-homem

- Em palavras formadas por prefixos "ex", "vice", "soto".

Exemplos:

ex-	ex-marido, ex-presidente, ex-namorada
vice-	vice-presidente, vice-reitor, vice-prefeito
soto-	soto-mestre

- Em palavras formadas por prefixos "circum" e "pan" + palavras iniciadas com vogal, com "m" ou com "n".

Exemplos:

pan-	pan-americano
circum-	circum-navegação, circum-ambiente

- Em palavras formadas por prefixos "pré", "pró" e "pós" + palavras que têm significado próprio.

Exemplos:

pré-	pré-natal
pró-	pró-desarmamento
pós-	pós-graduação

- Em palavras formadas por prefixos terminados em vogais + palavra iniciada pela mesma vogal.

Exemplos:

anti-	anti-ibérico, anti-inflamatório, anti-imperialista
arqui-	arqui-inimigo, arqui-irmandade
micro-	micro-ondas, micro-ônibus, micro-orgânico
ultra-	ultra-atualizado
contra-	contra-americanização

Uma exceção a essa regra é o prefixo **co-**. Com esse prefixo, não se usa hífen, ainda que a palavra seguinte se inicie com a vogal **o** ⇒ **co**operação, **co**ordenação.

- Em palavras formadas por prefixos terminados em vogais + palavra iniciada por "h".

Exemplos:

auto-	auto-hemoterapia
contra-	contra-harmonia
extra-	extra-humano
infra-	infra-hepático
intra-	intra-histórico
neo-	neo-hegelianista
pseudo-	pseudo-herói
semi-	semi-humano
supra-	supra-hepático
ultra-	ultra-humano

Não se deve usar o hífen quando ocorrer um prefixo terminado em vogal + palavras iniciadas por "r" ou "s". Nesse caso, o "r" ou o "s" devem ser dobrados.

Exemplos:

ante-	antessala, antessacristia
auto-	autorretrato, autossugestão
anti-	antirugas, antissocial
arqui-	arquirrômico, arquirrivalidade
contra-	contrassenso, contrarregra
extra-	extrarregimento, extrasseco
infra-	infrassom, infrasseção
semi-	semirreal, semissintético
supra-	suprarrenal, suprassensível

Da mesma forma, não se deve usar o hífen quando ocorrer um prefixo terminado em vogal + palavras iniciadas por uma vogal distinta.

Exemplos:

auto-	autoajuda, autoestrada, autoinstrução
anti-	antiamericano, antiaéreo
contra-	contraindicação, contraordem
extra-	extraescolar, extraoficial
infra-	infraestrutura
intra-	intraocular, intrauterino
neo-	neoexpressionista, neoimperialista
semi-	semiaberto, semiautomático, semiárido
sócio-	socioeconômico
supra-	supraocular
ultra-	ultraelevado

Uso de hífen com sufixos

Deve-se usar o hífen em palavras terminadas pelos sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como **-açu**, **-guaçu** e **-mirim**, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica entre ambos.

Exemplos:

-guaçu	amoré-guaçu, Embu-Guaçu
-açu	manacá-açu, jacaré-açu, tamanduá-açu
-mirim	Ceará-Mirim, guarda-mirim, paraná-mirim

Uso de hífen em substantivos compostos

1. Em palavras formadas pelos elementos "além", "aquém", "recém", "sem".

Exemplos:

além	além-mar, além-vida, além-morte
aquém	aquém-oceano, aquém-terra
recém	recém-nascidos, recém-casados
sem	sem-número, sem-teto

2. Em topônimos iniciados pelos adjetivos "grão" e "grã" ou por forma verbal ou por elementos que incluam um artigo.

Exemplos:

- Grã-Bretanha
- Santa Rita do Passa-Quatro
- Baía de Todos-os-Santos

3. Em compostos que constituem uma unidade sintagmática e semântica e são formados pelos advérbios "mal" ou "bem" + palavra iniciada por vogal ou "h".

Exemplos:

bem	bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado
mal	mal-estar, mal-humorado

Compostos formados com o advérbio "bem" devem ter os dois elementos separados por hífen, quando o segundo iniciar-se por uma consoante.

Exemplos: bem-nascido, bem-criado, bem-visto.

Com o advérbio "mal" isso não ocorre. Ainda que o segundo elemento se inicie por uma consoante, não se deve usar o hífen.

Exemplos: malnascido, malcriado, malvisto.

4. Em compostos que não contêm elemento de ligação e constituem unidade sintagmática e semântica. Nesse caso, mantêm-se os acentos gráficos próprios de cada um dos elementos que compõem o termo.

Exemplos:

ano-luz	azul-escuro
conta-gotas	guarda-chuva
médico-cirurgião	tenente-coronel

5. Em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas.

Exemplos:

beija-flor	bem-te-vi
couve-flor	erva-doce
mal-me-quer	sabiá-laranjeira



Nessa videoaula, vamos discutir o uso do hífen.

SU7H

OS PORQUÊS

Por que (separado e sem acento)

É usado em quatro casos:

- Em interrogações diretas, nas quais o **que** equivale a **qual motivo**.
 - Por que** regressamos? (Por qual motivo regressamos?)
 - Por que** não vieram os computadores? (Por qual motivo não vieram?)
- Em interrogações indiretas, nas quais o **que** equivale a **qual razão** ou **qual motivo**.
 - Perguntei-lhe **por que** faltara à aula. (por qual motivo)
 - Não sabemos **por que** ele faleceu. (por qual razão)
- Quando for equivalente a **pelo qual**, **pela qual**, **pelos quais** e **pelas quais**.
 - Ignoro o motivo **por que** ele se demitiu. (pelo qual)
 - Eis as causas **por que** não venceremos. (pelas quais)
 - Estranhei a forma **por que** o estudante reagiu. (pela qual)
- Quando for equivalente a **motivo pelo qual** ou **razão pela qual**.
 - Não há **por que** chorar. (motivo pelo qual)
 - Viajamos sem roteiro: eis **por que** nos atrasamos. (a razão pela qual)

Por quê (separado e com acento)

É usado em dois casos:

- Como pronome interrogativo, quando colocado no fim de oração.
 - Não gostaste do almoço **por quê?**
 - O arquiteto não concordou, e nós perguntamos **por quê?**
 - Não sei **por quê**, mas ela estava sorrindo feito uma boba.
- Quando isolado, numa frase interrogativa.
 - Por quê?**

Porque (em uma só palavra, sem acento)

É usado nos seguintes casos:

- Como conjunção coordenativa explicativa, quando equivale a **pois**, **porquanto**, **uma vez que**.
 - Compre agora, **porque** há poucas peças.
 - Não chore, **porque** os olhos ficam vermelhos.
 - Convém agir com inteligência e discrição, **porque** as pessoas envolvidas são muito desconfiadas.

- Como conjunção subordinativa causal, substituível por **pela causa**, **razão de que** ou **pelo fato**, **motivo de que**.
 - Não fui a Santos **porque** estava acamado.
 - Você não ganhou **porque** se antecipou.
 - O governador vetou **porque** tinha razões políticas.

- Como conjunção subordinativa final, em orações com verbo no subjuntivo, equivalente a **para que**.
 - Virá ali o Samorim, **porque** em pessoa veja a batalha.
 - Mas não julgamos, **porque** não venhamos a ser julgados.

Porquê (em uma só palavra, com acento)

É usado no seguinte caso:

- Como substantivo, com o sentido de **causa**, **razão** ou **motivo**, admitindo pluralização (porquês).
 - Ninguém atinava com o **porquê** daquela afirmação.
 - Os jovens querem saber o **porquê** de tudo.
 - Procuremos respostas aos nossos **porquês**.
 - É uma criança cheia de **porquês**.

CASOS ORTOGRÁFICOS ESPECIAIS

Uso de “HÁ” (verbo) e “A” (preposição) na indicação de tempo

Usa-se **há** quando é possível fazer a substituição por **faz**.

- Há** tempos não vejo Cristina. (**Há** = faz)
- Cobramos a nota promissória **há** 30 dias. (**há** = faz)
- Há** muito não viajo. (**Há** = faz)
- Há** muito venho insistindo nisso. (**Há** = faz)

Nos dois últimos exemplos, como se percebe, a palavra “tempo” vem subentendida.

Usa-se **a** em todos os demais casos, ou seja, quando a referida substituição não é possível.

- Daqui **a** pouco serão dez horas.
- O meu marido chegará daqui **a** três dias.
- O Cruzeiro marcou o seu gol **a** dois minutos do final do jogo.
- Cobramos a nota promissória **a** 30 dias do seu vencimento.

Uso de “se não” (em duas palavras) e “senão” (em uma só palavra)

Se não (em duas palavras) é uma conjunção subordinativa condicional, seguida por um advérbio de negação. Nesse caso, é possível substituir a expressão por **caso não** ou, então, por **ou**.

- **Se não** vierem todos, como será? (**Se não** = Caso não venham)
- *Todo artigo precede o substantivo. **Se não**, vejamos: a xérox, o guaraná, etc. (**Se não** = Caso não seja assim)*
- *Marcos é rico, **se não** riquíssimo. (**se não** = ou)*
- *Deu dois milhões a cada filho, **se não** mais. (**se não** = ou)*

Nos dois últimos exemplos, o verbo da segunda oração fica subentendido. Podemos dizer que ainda, nesse caso, **se não** equivale a **caso não**.

Senão (em uma só palavra) pode ser uma conjunção – caso em que equivale a “de outro modo”, “do contrário”, “mas sim”, “mas”, “porém”; uma preposição – caso em que significa “exceto”, “salvo”, “a não ser”; ou um substantivo – caso em que tem como sinônimos “defeito”, “erro”, “mácula”. Sendo assim, deve-se usar **senão** (em uma só palavra) em todos esses casos.

- *Tomara que chova, **senão** estaremos arruinados. (**senão** = do contrário)*
- *Não grite, **senão** você apanha! (**senão** = do contrário)*
- *Não fiz isso com a intenção de magoá-lo, **senão** de adverti-lo. (**senão** = mas sim)*
- *Elisa não diz duas palavras **senão** cometa dois erros. (**senão** = sem que)*
- *Marisa jamais amou outra pessoa, **senão** a mim. (**senão** = exceto)*
- *De minha parte, não há nenhum **senão**. (**senão** = defeito)*

Uso de “onde” e “aonde”

Onde se usa com qualquer tipo de verbo, menos com os dinâmicos, isto é, os que indicam movimento, deslocamento físico de um lugar para outro. Só pode ser usado como relativo a lugar físico (quando não for relativo a lugar, deve-se usar **em que**).

- *Você está **onde**?*
- ***Onde** você mora?*
- ***Onde** vocês me viram ontem?*
- *Ninguém quer estar **onde** você sempre está.*

Aonde é combinação da preposição a + onde e tem classificação diversa, conforme sua utilização na frase. Usa-se com verbos dinâmicos e com nomes derivados desses verbos.

- *Você vai **aonde**?*
- *Os seguranças acompanharam sua ida **aonde**?*
- *Ninguém quer voltar **aonde** eles estão.*
- *Chegamos **aonde** eles estavam.*

- Os verbos **entrar** e **buscar**, embora deem ideia de movimento, não se usam com a preposição **a**: daí o fato de rejeitarem a combinação **aonde**.
- O uso de **aonde** implica a não existência de qualquer outra preposição antes de tal combinação. Assim, usamos, ainda que o verbo seja dinâmico: **Para onde** você vai?, **Por onde** vocês vieram?, **De onde** chegou ela?
- Usa-se corretamente **até onde** ou **até aonde**, com verbos dinâmicos: **Até onde** foram vocês?, **Até aonde** foram vocês?

Uso de “mau” e “mal”

Mau é um adjetivo, antônimo de **bom**. Usa-se como uma qualificação.

- *O **mau** tempo acabou com a temporada.*
- *Vivia **maus** momentos, por isso andava irritada.*

Mal pode ser usado:

1. Como conjunção temporal, equivalente a *assim que*, *logo que*, *quando*.
 - ***Mal** começou a andar, já brincava pela casa inteira.*
 - ***Mal** foi eleito, começou a adotar medidas impopulares.*
2. Como advérbio de modo, antônimo de **bem**.
 - *Os atores atuaram muito **mal** no espetáculo.*
 - *Cuidado com ela: sempre está **mal**-humorada.*
3. Como substantivo, podendo estar precedido de artigo ou pronome e ser usado no plural.
 - *Um **mal** terrível abateu-se sobre este país!*
 - *Há **males** que vêm para bem.*

Uso de “cessão”, “sessão”, “secção” e “seção”

Cessão significa “ceder”, “conceder”, “oferecer”, “dar”.

- *Fizeram a **cessão** de todos os bens ao chefe da casa.*
- *Finalmente o governo resolveu fazer a **cessão** dos prédios aos menores.*

Sessão significa “intervalo de duração”.

- *A Câmara dos Deputados reuniu-se em **sessão** extraordinária.*
- *Última **sessão** de cinema.*

Secção ou **seção** significa “parte”, “segmento”, “subdivisão”.

- *Você já leu a **seção** de economia?*
- *Dirija-se à **seção** de cobrança.*
- *Ninguém atende na **seção** de informações.*

Uso de “mas” e “mais”

Mas é uma conjunção coordenativa adversativa, equivale a **entretanto, porém, contudo** (dá ideia de oposição).

- Sabíamos de tudo, **mas** não queríamos falar.
- Todos nós queríamos muito viajar, **mas** não tínhamos dinheiro.

Mais é advérbio de intensidade (é o oposto de **menos**).

- A moça de branco foi quem **mais** perguntou.
- Estava **mais** cansado ainda do que ontem.

Uso de “a par” e “ao par”

A par tem o sentido de “bem informado”, “ciente”.

- Mantenha-me **a par** de tudo o que acontecer.
- É muito importante manter-se **a par** das decisões parlamentares.

Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais).

- As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente **ao par**.

Uso de “ao encontro de” e “de encontro a”

Ao encontro de significa “ser favorável a”, “aproximar-se”. Observe os exemplos:

- Ainda bem que sua opinião veio **ao encontro** da minha. Podemos, assim, unir nossas reivindicações.
- Quando a viu, foi rapidamente **ao seu encontro** e a abraçou afetuosamente.

De encontro a significa “oposição”, “choque”, “colisão”.

Veja:

- Como você queria que o ajudasse se as suas opiniões sempre vieram **de encontro às** minhas?
- O caminhão foi **de encontro ao** muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.

Uso de “na medida em que” e “à medida que”

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a “porque”, “já que”, “uma vez que”, “tendo em vista que”.

- **Na medida em que** não há como provar sua inocência, é melhor fazer um acordo com a vítima.
- Esses procedimentos são válidos, **na medida em que** atendem a todas as recomendações da banca.

À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a **à proporção que**.

- Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros **à medida que** as investigações iam obtendo resultados.
- A ansiedade aumentava **à medida que** o prazo fixado ia chegando ao fim.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (UNIFENAS-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras de acentuação.
- A) até, réu, êle
B) réu, pôde, já
C) prêto, aquêle, capêta
D) até, já, dôido
E) êle, só, ninguém
- 02.** (ITA-SP) Os sinônimos de “ignorante”, “iniciante”, “sensatez”, “confirmar” são, respectivamente,
- A) incipiente, insipiente, descrição, retificar.
B) incipiente, insipiente, discríção, ratificar.
C) insipiente, incipiente, descrição, ratificar.
D) insipiente, incipiente, discríção, ratificar.
E) incipiente, insipiente, descrição, ratificar.
- 03.** (Insper-SP) Levando em conta as informações do primeiro quadrinho, identifique a alternativa que apresenta a palavra que também sofreu alterações na acentuação gráfica devido à regra mencionada.



Disponível em: <http://blogdoorlandel.zip.net/arch2009-01-11_2009-01-17.html>.

- A) plateia
B) heroico
C) gratuito
D) baiuca
E) caiu
- 04.** (UniFOA-RJ) Assinale a alternativa em que uma das palavras não foi grafada de acordo com o sistema ortográfico vigente.
- A) transmissor – assessor – professor
B) tachado – rachado – enfaixado
C) impugnar – advertir – advinhar
D) terrível – maleável – incansável
E) cafezinho – chazinho – lapisinho

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



- 01.** (UNIFESP-2015)



Ciência explica _____.

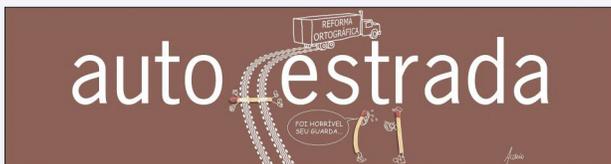
Testes mostram que _____ de Leonardo da Vinci está sumindo.

Disponível em: <www.uol.com.br>. 05 jun. 2014 (Adaptação).

Em conformidade com a norma-padrão da Língua Portuguesa e com o Novo Acordo Ortográfico, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com

- A) por que – auto-retrato.
B) porque – auto-retrato.
C) porquê – autorretrato.
D) por que – auto retrato.
E) por quê – autorretrato.

02. (Insper-SP)
CW14



Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/album/tiras_reforma_album.jhtm#fotoNav=15>.

Na imagem anterior, o cartunista brinca com a reforma ortográfica. Com relação ao emprego do hífen, todas as palavras estão de acordo com as novas regras, exceto

- A) Mega-empresa
- B) Autorretrato
- C) Autoajuda
- D) Micro-ondas
- E) Anti-inflamatório

03. (IFSC-2015)
507Z

Texto I

Livro

Eu me livro daquele garoto chato
Com um livro enfiado no meu nariz
Fingindo achar a história feliz.

MARIA, Selma. *Isso isso*. São Paulo: Peirópolis, 2010. [s.p.]

Texto II



Disponível em: <<http://cantinhodebrincar-neidinha.blogspot.com.br/2011/06/tirinhas-de-hq-diversas.html>>.
Acesso em: 10 ago. 2014.

Considerando a posição da sílaba tônica e as regras de acentuação das palavras, assinale a alternativa correta.

- A) As palavras "garoto", "história", "feliz" e "nariz", do texto I, são palavras proparoxítonas, e "livro", "dicionário", "terminar" e "nunca", do texto II, são palavras oxítonas.

- B) As palavras "história", do texto I, e "dicionário", do texto II, não deveriam estar acentuadas porque os acentos agudos não fazem mais parte do português brasileiro.
- C) A palavra "história", do texto I, é uma palavra proparoxítona e está corretamente acentuada; e "você", do texto II, é uma palavra oxítona e deve ser acentuada da mesma forma que "café", "dendê".
- D) As palavras "história", do texto I, e "dicionário", do texto II, foram acentuadas corretamente, mas possuem regras de acentuação diferentes porque a primeira é considerada proparoxítona e, a segunda, proparoxítona.
- E) As palavras "nariz" e "feliz", do texto I, deveriam estar acentuadas assim como as palavras "terminar", "ler", "grosso" e "nunca", do texto II, que deveriam receber acento circunflexo.

04. (IFSC-SC)



Sobre o texto apresentado na tirinha é correto afirmar que

- A) o pronome "vocês", no primeiro quadrinho, é acentuado por ser uma palavra proparoxítona terminada em "s".
- B) a forma verbal "é", que aparece no segundo e quinto quadrinhos, é acentuada com base na regra que manda acentuar as palavras monossílabas tônicas terminadas em "e". (no quarto quadrinho não tem "é").
- C) o substantivo "país", no segundo quadrinho, recebe acento porque é uma palavra oxítona terminada em "is".
- D) o substantivo "país", no segundo quadrinho, recebe acento diferencial para não ser confundido com o adjetivo "pais".
- E) a regra que justifica o acento no pronome "ninguém", que aparece no segundo e terceiro quadrinhos, também justifica que se acentue o advérbio "ontem", opcionalmente.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **05 a 07**.

Tendências

A palavra “jeito”, aliás, mostra que ninguém fala de qualquer jeito (ao contrário do que se diz). Vejamos: é cada vez mais comum a eliminação de ditongos. Melhor, de certos ditongos: diz-se [pexe], [caxa], [dexa], [otro], [ficô], etc.

Observe-se que há uma regra comandando a variação: é sempre a semivogal que cai; a vogal não cai nunca. Fixemo-nos em [pexe], variável de “peixe”, que contém o ditongo [ey]. Pode-se dizer sem medo de errar que a maioria das pessoas fala [pexe] na maioria das vezes em que pede esse alimento no mercado ou informa que comeu... [pexe]. Alguém poderia arriscar a generalização, dizendo que a língua está mudando e um exemplo dessa mudança é que ninguém mais diz o ditongo [ey]. Mas quem dissesse isso cometeria grave erro de observação, pois, se é verdade que quase todos dizem [pexe], [dexe] etc., ninguém diz [jeto] por “jeito” nem [peto] por “peito”. A consoante que segue o ditongo tem papel decisivo para deixar ou não deixar cair a semivogal. E os falantes seguem essa regra, que nunca estudaram...

POSSENTI, Sírio. *Língua Portuguesa*, São Paulo, ano 5, n. 60, p. 26-27, 2010 (Adaptação).

05. (PUC Minas) “A palavra ‘jeito’, aliás, mostra que ninguém fala de qualquer jeito (ao contrário do que se diz).” No trecho em destaque, a argumentação desenvolvida pelo linguista visa defender que

- A) sempre se segue uma regra gramatical para usar a língua.
- B) as pessoas muitas vezes escrevem “jeito” de forma errada.
- C) ninguém fala sem prestar atenção ao que vai falar.
- D) é cada vez mais comum entre as pessoas do povo a eliminação dos ditongos.

06. (PUC Minas) Assinale a alternativa correta, com base nas informações do texto.

- A) A forma como muitas pessoas pronunciam as palavras *peito* e *feito* indica que a língua está mudando.
- B) A pronúncia que muitas pessoas dão à palavra *jeito* indica que a língua pode estar em processo de mudança.
- C) A consoante que segue a palavra *direito* tem papel decisivo para deixar cair a semivogal no ditongo [ey].
- D) A pronúncia de *peixe* mais comum no português atual se dá com a eliminação do ditongo [ey].

07. (PUC Minas) A discussão desenvolvida pelo autor somente não ajudaria a explicar a pronúncia indicada em:

- A) [oro], para ouro.
- B) [elete], para eleito.
- C) [etinocêntrico], para etnocêntrico.
- D) [adevogado], para advogado.

08. (Unicamp-SP) É sabido que as histórias de Chico Bento são situadas no universo rural brasileiro.



Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6966

Mauricio de Sousa Produções Ltda

A) Explique o recurso utilizado para caracterizar o modo de falar das personagens na tira.

B) É possível afirmar que esse modo de falar caracterizado na tira é exclusivo do universo rural brasileiro? Justifique.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2017) Pode um idioma considerado extinto e pouco documentado ser novamente parte ativa do patrimônio linguístico? A melhor maneira de saber como ocorre uma revitalização linguística é examinando um marco na luta indígena: a recuperação da língua pataxó. Eni Orlandi, da Universidade Estadual de Campinas, esteve na equipe que coletou e analisou evidências linguísticas que ajudaram a reconstituir a variante do pataxó falada mais ao norte da região de Porto Seguro (BA), a *hãhãhã*.

“Os pataxós viveram perseguições e movimentos de dispersão. A partir dos anos 1980, entretanto, conseguiram criar um espaço em que reivindicaram seu direito ao território tradicional que haviam perdido. Outras perdas acompanharam essa. Entre os bens perdidos, estava a língua. A posse da língua significa para eles o seu desejo de ser índio, em um momento de ameaça de extermínio”, diz a pesquisadora.

“A pesquisa foi feita em condições difíceis: uma só informante, Baheta, muito idosa, sem interlocutores reais (só os da memória, imaginados), e dificuldades de lembrar; em condições de guerra à sua cultura; uma parte da identidade estigmatizada, já voltada ao esquecimento”, diz Orlandi no livro *Terra à vista*. Graças às reminiscências de Baheta, foram coletados Dados suficientes para comparar as listas de palavras que já se possuía e estabelecer paralelos com línguas próximas.

Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br>>. Acesso em: 28 jul. 2012 (Adaptação).

O processo de busca de dados sobre a língua pataxó evidencia a importância da pesquisa voltada para a

- A) reconstituição da língua de um povo, por meio de dados históricos.
- B) preservação da cultura de um povo, por meio do resgate de sua história oral.
- C) comparação de línguas consideradas “mortas”, por meio de registros escritos.
- D) catalogação do léxico de uma língua, por meio da recuperação de documentos.
- E) valorização dos povos indígenas, por meio da tentativa de unificação de línguas próximas.

02. (Enem)

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtísica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, lombrigas [...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, p. 1 184.

O texto anterior está escrito em linguagem de uma época passada. Observe uma outra versão, em linguagem atual.

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, vermes [...]

Comparando-se esses dois textos, verifica-se que, na segunda versão, houve mudanças relativas a

- A) vocabulário.
- B) construções sintáticas.
- C) pontuação.
- D) fonética.
- E) regência verbal.

03. (Enem) Diante da visão de um prédio com uma placa indicando SAPATARIA PAPALIA, um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra PAPALIA?



Levado o problema à sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras de acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia de palavras.

Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram as seguintes conclusões a respeito da palavra PAPALIA:

- I. Se a sílaba tônica for o segundo PA, a escrita deveria ser PAPÁLIA, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.
- II. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALÍA, pois “i” e “a” estariam formando hiato.
- III. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALIA, pois não haveria razão para o uso de acento gráfico.

A conclusão está correta apenas em

- A) I.
- B) II.
- C) III.
- D) I e II.
- E) I e III.

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. D
- 03. D
- 04. C

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. E
- 02. A
- 03. C
- 04. B
- 05. A
- 06. D
- 07. B

08.

- A) O recurso utilizado é a transgressão da ortografia ou, dito de outra forma, o uso da grafia como transcrição literal da fala; ou seja, a tira apresenta uma forma de escrita que tenta reproduzir a fala das personagens. Esse recurso pode ser exemplificado de três maneiras: pela troca da consoante “l” por “r” (como em “prantando”); pela supressão da vogal na proparoxítona (como em “árv[o]re”), processo muito comum na fala; e pela troca da vogal “e” por “i” (como em “di” e “isperança”).
- B) Não. Os fenômenos representados na tira encontram-se também em regiões urbanas e não refletem, necessariamente, escolaridade ou classe social do falante. Por exemplo, a troca da consoante “l” por “r” é um processo bastante recorrente nas regiões urbanas. A supressão da vogal em palavras proparoxítonas (xícara, abóbora, etc.) faz parte de um processo fonológico amplamente presente no português brasileiro, de forma geral. Finalmente, a elevação da vogal átona (de “e” para “i”) é uma marca de diferenciação regional e não de oposição rural / urbano.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. B
- 02. A
- 03. E



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

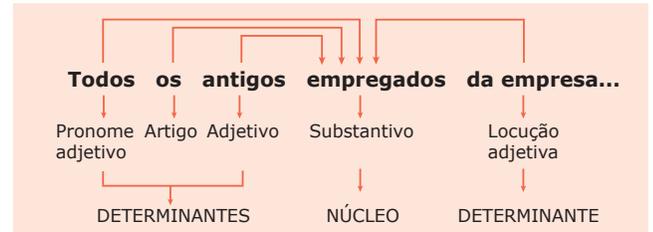
Classes de Palavras

CLASSES DE PALAVRAS

As palavras da Língua Portuguesa distribuem-se em dez classes gramaticais.

Considerando, sobretudo, o **critério sintático**, podemos fazer, a seguir, o estudo dessas classes gramaticais.

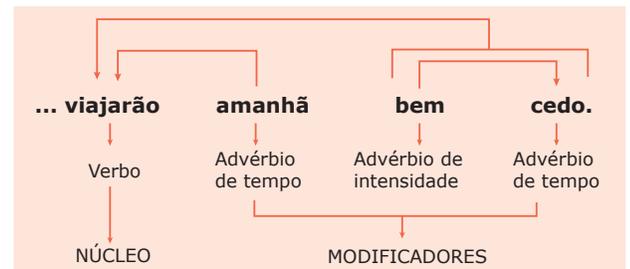
VARIÁVEIS	01. Substantivo	Classes do Nome
	02. Artigo	
	03. Adjetivo	
	04. Numeral	
	05. Pronome	
INVARIÁVEIS	06. Verbo	Classes do Verbo
	07. Advérbio	
	08. Preposição	Classes Relacionais
	09. Conjunção	
	10. Interjeição	Classe Independente



Repare que, no exemplo anterior, o substantivo “empregados” está no plural. Com ele estão concordando (masculino plural) as palavras “todos”, “os” e “antigos”. Se o nome “empregados” estivesse no singular, todos os outros termos teriam de ficar no singular. A esse fenômeno é que se nomeia **concordância nominal**, pois todas as palavras acompanham o nome (substantivo).

Em um **grupo verbal**, o **núcleo** é um **verbo**. As palavras e expressões de natureza adverbial são **modificadores** dos verbos.

Não se pode afirmar que as **palavras e expressões de natureza adverbial** são determinantes de verbos, uma vez que **são invariáveis**.



As **palavras de natureza adverbial** também são modificadores de **adjetivos** e de **orações** e **períodos**, e as que expressam intensidade também modificam outros **advérbios**.

DETERMINANTES E DETERMINADOS – GRUPOS NOMINAL E VERBAL

O contexto em que a palavra é empregada é fundamental para a identificação de sua classe gramatical. Desse modo, perceber a relação que as palavras mantêm entre si, dentro da frase, é o caminho mais curto para a correta análise gramatical.

A frase se organiza em pequenos **grupos**.

Em cada grupo, existe sempre uma palavra mais importante, que é o **núcleo** do grupo. O núcleo é o termo **determinado**, elemento modificado por outras palavras.

As palavras que acompanham o núcleo são chamadas de **determinantes** e modificam-no, acrescentando-lhe informações, especificando seu sentido.

Em um **grupo nominal**, o **núcleo** é um termo de **natureza substantiva** (substantivos, pronomes substantivos, numerais substantivos e termos substantivados). O núcleo exige a concordância de seus **determinantes** que, por sua vez, têm **natureza adjetiva** (artigo, adjetivo, locução adjetiva, pronome adjetivo, numeral adjetivo).

RELAÇÃO ENTRE AS CLASSES DE PALAVRAS

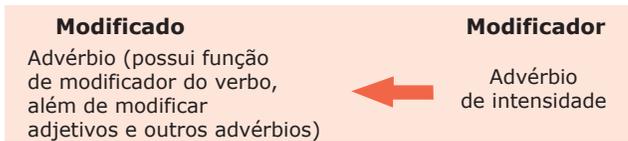
O substantivo e seus determinantes

Determinado	Determinantes
Substantivo (pronome substantivo / numeral substantivo)	<ul style="list-style-type: none"> • Artigo • Adjetivo • Locução adjetiva • Pronome adjetivo • Numeral adjetivo

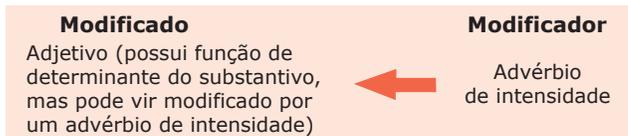
O verbo e seus modificadores



O advérbio e seu modificador



O adjetivo e seu modificador



Dependendo de qual termo uma palavra modifique, ela poderá assumir valores diferentes: substantivo, adjetivo ou advérbio.

Valor substantivo

Possui **valor substantivo** qualquer termo que ocupe o lugar do substantivo (nome) ou que venha determinado por um artigo (pronomes ou numeral de valor adjetivo). Tal qual o substantivo, a palavra que assume o seu valor varia livremente. Veja os exemplos seguintes:

- **Ela** decidiu sair cedo. (pronomes substantivo)
- As **cinco** esperavam o resultado do exame. (numeral substantivo)
- Seu **olhar** melhora o meu. (substantivo)

Valor adjetivo

Qualquer palavra que modifique (determine) um substantivo ou termo equivalente (de valor substantivo) terá **valor adjetivo** e concordará com o substantivo.

- **Minha** prima mora em Salvador. (pronomes adjetivo)
- As **cinco** ondas atingiram o litoral brasileiro. (numeral adjetivo)
- **Triste** sina era a de Juvenal. (adjetivo)

Cumpra observar que, quando o advérbio modificar o substantivo¹, ele se transformará num pronomes indefinido e terá, por isso mesmo, **valor adjetivo**.

- **Muitas** pessoas saíram cedo. (pronomes indefinido: valor adjetivo)
- **Todas** as garotas ficaram com medo. (pronomes indefinido: valor adjetivo)
- **Poucos** alunos assistem ao último horário. (pronomes indefinido: valor adjetivo)

¹ Com exceção dos advérbios **menos, alerta, abaixo, pseudo, salvo e tirante**.

Valor adverbial

Já vimos que o advérbio é invariável e que modifica o adjetivo, o próprio advérbio, o verbo e, em alguns casos, o substantivo. Confira os exemplos:

- Joana ficou **muito** perturbada. (modifica um adjetivo: invariável)
- Maria estava **todo** triste. (modifica um adjetivo: invariável)
- Fernanda ficou **meio** cansada. (modifica um adjetivo: invariável)
- Eles cantavam **mal**. (modifica um verbo: invariável)
- Descansaram **bastante**. (modifica um verbo: invariável)
- Elas gritavam **muito**. (modifica um verbo: invariável)
- Eles cantavam **muito mal**. (modifica um advérbio: invariável)
- Descansaram **bastante pouco**. (modifica um advérbio: invariável)
- Elas gritavam **muito alto**. (modifica um advérbio: invariável)

CLASSES DO NOME

Conforme explicitado anteriormente, o grupo nominal tem como núcleo um termo substantivo, ao qual se relacionam, como determinantes, os adjetivos, os artigos, os numerais e os pronomes. Veja a seguir as definições das classes de palavras pertencentes ao grupo nominal.

Substantivo

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Dá nome aos seres em geral.	loja, amor, aflição, bruxa
Morfológico	• Varia em gênero, número e grau.	menino / menina meninos / meninas menininho / menininha
Sintático	• É o núcleo de um grupo nominal.	Preciso de sua ajuda . Vamos tomar café quente.

Plural dos substantivos compostos

Regra geral	
Variam	Não variam
Substantivo Adjetivo Numeral	Prefixo Advérbio Verbo

1. Flexionam-se os dois elementos quando o substantivo é formado por:

- **substantivo + substantivo:**
cirurgião-dentista → cirurgiões-dentistas
- **substantivo + adjetivo:**
amor-perfeito → amores-perfeitos
- **adjetivo + substantivo:**
livre-pensador → livres-pensadores

- **numeral + substantivo:**
meio-termo → meios-termos
 - **substantivo + pronome:**
padre-nosso → padres-nossos
2. Flexiona-se apenas o segundo elemento quando o substantivo é formado por:
- **verbo + substantivo:**
o guarda-chuva → os guarda-chuvas
 - **advérbio + adjetivo:**
o alto-falante → os alto-falantes
 - **adjetivo + adjetivo:**
o latino-americano → os latino-americanos
 - **palavra invariável + substantivo:**
o vice-presidente → os vice-presidentes
3. Flexiona-se somente o primeiro elemento quando o substantivo é formado por:
- **substantivo + de + substantivo:**
pé de moleque → pés de moleque
 - **substantivo + substantivo, e o segundo elemento determina o primeiro elemento:**
caneta-tinteiro → canetas-tinteiro

Quando o composto for uma **onomatopeia**, só varia o segundo elemento: *tico-ticos*, *pingue-pongues*, *reco-recos*, *au-aus*.

Quando o composto for formado por verbos repetidos, variam os dois elementos (*piscas-piscas*) ou apenas o segundo (*pisca-piscas*).

Compostos formados pela palavra "Guarda"

- Quando a palavra "guarda" for um substantivo, o composto varia livremente: guardas-noturnos.
- Quando a palavra "guarda" for um verbo, ela não sofrerá variação, como se pode ver em: guarda-comidas.
- A exceção é o vocábulo "guarda-marinha", que admite dois plurais: guardas-marinhas ou guardas-marinha.

Adjetivo

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Indica característica dos seres.	 cavalos fogosos conforto espiritual
Morfológico	• Varia em gênero, número e grau.	lindo / linda lindos / lindas lindíssimo bom / melhor
Sintático	• É uma palavra determinante do núcleo de um grupo nominal.	 lindo dia Sua voz é linda .

Plural dos adjetivos compostos

Regra geral

Varia o segundo elemento, concordando com o substantivo.
Exemplos: emissoras todo-poderosas, bolsas azul-escuras.

1. Varia somente o segundo elemento nos adjetivos compostos, quando os dois são adjetivos.
encontros **latino-americanos**
cortinas **branco-acinzentadas**
sapatos **verde-escuros**
olhos **azul-claros**
torcidas **rubro-negras**
2. Quando o nome de cor é originário de um substantivo, fica invariável, quer se trate de palavra simples ou composta.
tons **pastel**
vestidos **vinho**
sapatos **areia**
colchas **rosa**
blusas **verde-musgo**
tintas **vermelho-rubi**
camisas **amarelo-âmbar**
olhos **cor de mel**

Exceções:

São invariáveis: *bege*, *azul-marinho*, *azul-celeste* e *furta-cor*.

Variam os dois elementos do adjetivo: *surdo-mudo*.

Substantivos empregados com valor adjetivo são invariáveis: homens *monstro*, gravatas *cinza*, blusas *laranja*.

Artigo

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Determina ou indetermina os seres.	 O aluno saiu. Um aluno saiu.
Morfológico	• Varia em gênero e número.	o / a, os / as um / uma, uns / umas
Sintático	• É uma palavra determinante do núcleo de um grupo nominal.	Ele encontrou as irmãs.

Os artigos são palavras que se relacionam exclusivamente com o substantivo, com a função de especificá-lo ou generalizá-lo. Daí a existência de dois tipos de artigos: os **definidos** e os **indefinidos**.

Observando-se o enunciado: "Os países descobrem na ajuda às vítimas do *tsunami* uma causa planetária comum", percebe-se o mesmo na relação entre "os" e "países": a notícia não tratará de países em sentido amplo e geral. Ao ler a reportagem, o leitor será com certeza informado sobre que países são esses a que a manchete se refere.

Algo diferente ocorre com a relação entre as palavras "uma" e "causa". O artigo "uma" é indefinido. Por trás dessa escolha, existe uma intenção do locutor: ele pretende não particularizar a causa, mas generalizá-la, incluindo-a entre um conjunto de outras causas.

A distinção entre *o, a, os, as* (definidos) e *um e uma* (indefinidos) evidencia que, sob o ponto de vista da flexão, os artigos aceitam as variações de gênero e número. Quanto à função, exercem sempre papel de adjunto adnominal, já que só determinam, como vimos, os substantivos.

Quando diante de um substantivo comum de dois gêneros, é também do artigo a responsabilidade de indicar se a palavra é masculina ou feminina. É o que ocorre, por exemplo, com "o estudante" e "a estudante".

Numeral

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	Indica: <ul style="list-style-type: none"> o número; a ordem; a multiplicação ou a divisão dos seres vivos. 	dois alunos, o dobro dos alunos, segundo aluno, um terço da classe.
Morfológico	Varia em gênero e número.	dois / duas terceiro / terceira
Sintático	Os numerais adjetivos são determinantes do núcleo do grupo nominal. Os numerais substantivos são núcleos do grupo nominal.	Dez alunos faltaram. Os dez faltaram.

Pronome

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	Refere-se aos seres, indicando-os como pessoas do discurso.	Ele saiu ontem. Você saiu ontem? Eu saí ontem.
Morfológico	Pode variar em gênero, número e pessoa.	ele / ela você / vocês eu / tu
Sintático	Os pronomes adjetivos são palavras determinantes do núcleo do grupo nominal. Os pronomes substantivos são núcleos do grupo nominal.	Este dia é especial. Tudo foi especial.

O estudo dos pronomes será aprofundado posteriormente.

CLASSES DO VERBO

No grupo verbal, conforme já foi visto, o núcleo é um verbo que tem como modificadores advérbios e locuções adverbiais. Observe a seguir as definições das classes de palavras pertencentes a esse grupo.

Verbo

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	Indica ação, processo, intenção, estado ou fenômeno da natureza.	Ele saiu . Ela era inteligente. Choveu bastante ontem. Queremos voltar cedo.
Morfológico	Varia em pessoa, número, tempo e modo.	falo / fala falo / falamos farei / falo / falarei falei / falasse
Sintático	É o núcleo do grupo verbal nos predicados verbal e verbo-nominal.	Ela voltou . Ela voltou cansada.

O estudo dos verbos será aprofundado posteriormente.

Advérbio

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	Informa uma circunstância (tempo, modo, lugar, causa, etc.).	Chegamos ontem . Chegamos aqui .
Morfológico	Não varia. Obs.: Alguns variam somente em grau.	aqui, lá, ali, cedo, cedinho.
Sintático	É uma palavra modificadora do grupo verbal.	Dormia tranquilamente .

CLASSES RELACIONAIS

As palavras, dentro de um grupo nominal ou verbal, podem se relacionar. Para estabelecer um relacionamento entre palavras ou orações, há duas classes de palavras: **preposição** e **conjunção**.

Preposição

Critério	Definição	Exemplos
Morfológico	Não varia.	a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, perante, sem, sob, sobre, trás.
Sintático	Liga palavras , estabelecendo relação de dependência. Não exerce função sintática.	Homem de fé.

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos; nessa relação, um termo completa ou explica o sentido do outro.

As preposições são uma espécie de conectivo. Sua função, portanto, é estabelecer a ligação entre palavras e termos (cada qual com sua função sintática específica), relacionando-os sintática e semanticamente.

Consideremos os dois enunciados seguintes:

- A)** A ajuda **de** um país é essencial **para** a nova geopolítica mundial.
B) A ajuda **a** um país é essencial **para** a nova geopolítica mundial.

Tanto em "A" quanto em "B", a ligação do termo "ajuda" (núcleo do sujeito) ao termo "país" (núcleo do adjunto adnominal e do complemento nominal, respectivamente) faz estabelecer entre eles uma relação de dependência, primeiramente sintática. Afinal, o leitor é conhecedor intuitivo do idioma e saberá que "de um país" e "a um país" são estruturas que só podem estar relacionadas ao termo "ajuda". Qualquer alteração nesse relacionamento trará como consequência imediata a dissolução do enunciado tal como o apresentamos e a criação de outro. Mas a dependência é também semântica. Para provar isso, basta que percebamos a diferença de sentido provocada pela troca efetuada entre "de" e "a". Enquanto em "A", o país é o agente da ação de ajudar, em "B" ele é alvo da ação feita por outrem. O mesmo se pode dizer para o relacionamento entre "essencial" e "nova geopolítica mundial": só será possível alcançar o objetivo de se construir uma nova ordem mundial caso os países se conscientizem de que é preciso concentrar esforços para a adoção de políticas mais eficientes de ajuda humanitária.

Palavras como "a", "de", "para" são usadas nos atos comunicativos para cumprir esse papel. São as preposições.

Preposições essenciais: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Preposições acidentais: são palavras que, embora pertençam a outras classes gramaticais, podem exercer o papel de preposição: como, conforme, consoante, durante, exceto, salvo, segundo.

Quando as preposições se ligam a artigo, pronome ou advérbio, sem perda de elementos fonéticos, temos o que se chama de *combinação*. É o caso de a + o (ao), a + onde (aonde), de + esse (desse), etc. Se essa ligação produz perda fonética, temos a *contração*. É o caso de em + o (no), de + aí (daí), por + as (pelas), em + aquelas (naquelas), a + as (às), etc.

Se duas ou mais palavras se unem com o valor de preposição, temos as chamadas locuções prepositivas: abaixo de, a respeito de, em cima de, junto a, por cima de, acerca de, de acordo com, em frente a, junto de, por trás de, acima de, dentro de, em redor de, perto de, ao lado de, graças a, por causa de.

Locução prepositiva	Locução adverbial
<ul style="list-style-type: none"> • Termina sempre por preposição, sendo de a mais comum. - <i>Não quero você perto de nós.</i> - <i>Agju de acordo com seus princípios.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Não termina por preposição - <i>"De longe em longe, sinto-me fatigado."</i> - <i>Às vezes, sinto-me cansada.</i> - <i>Ele estava perto de nós.</i>

Termo	+	Preposição	+	Termo regido
brisa		de		verão
precisar		de		você

Tipos de relação

A relação que as preposições estabelecem entre dois termos é chamada de regência.

- A)** **Ausência, falta:** Uma vida **sem** alegrias é mais difícil.
B) **Assunto:** Mostram-se indecisos **acerca do** propósito da reunião.
C) **Causa ou motivo:** O velho morreu **de** fome.
D) **Companhia:** Sempre estudava **com** eles.
E) **Concessão:** **Com** apenas dois anos, já sabia ler.
F) **Conformidade:** Era capaz de viver **conforme** seus objetivos.
G) **Direção:** Dirigiu-se **para** o centro da cidade.
H) **Especialidade:** É perito **em** casos de homicídio.
I) **Estado ou qualidade:** Prédio **em** decadência.
J) **Finalidade:** Parou **para** descansar.
K) **Instrumento:** Prenderam-no **com** algemas.
L) **Lugar:** Passei a viver **em** Curitiba.
M) **Matéria:** Bebi suco **de** laranja.
N) **Meio:** Assistiu ao comício **pela** televisão.
O) **Oposição:** Gostaria de levantar um protesto **contra** a poluição do ar.
P) **Origem:** O poder emana **do** povo.
Q) **Posse:** Os livros **do** professor estão sobre a mesa.
R) **Tempo:** Nasci **em** 1960.

Conjunção

Critério	Definição	Exemplos
Morfológico	• Não varia.	e, mas, portanto, porque, quando, embora, se, que, etc.
Sintático	<ul style="list-style-type: none"> • Liga palavras ou orações, coordenando ou subordinando uma à outra. • Não exerce função sintática. 	Lúcia e Paulo saíram. Eu disse que eles saíram.

O bom relacionamento entre as orações de um texto garante a perfeita estruturação de suas frases e parágrafos. Interagindo com palavras de outras classes gramaticais essenciais ao inter-relacionamento das partes de frases e textos, as conjunções fazem parte daquilo que se pode chamar "arquitetura textual": um conjunto de relações que garantem a coesão do enunciado. O sucesso desse conjunto de relações depende muitas vezes do valor relacional das conjunções.

Nos textos dissertativos, elas evidenciam, muitas vezes, a linha expositiva ou argumentativa adotada – é o caso, por exemplo, das exposições e argumentações construídas por meio de contrastes e oposições que conduzem ao uso de adversativas e concessivas.

As conjunções são classificadas em **coordenativas** ou **subordinativas**, de acordo com a relação que estabelecem entre as frases que relacionam. Entretanto, não se deve memorizar tal classificação, mas descobri-la a partir das relações semânticas de enunciados reais, ou seja, a partir do efetivo emprego dessas palavras em frases da língua.

Nos textos narrativos, as conjunções estão muitas vezes ligadas à expressão de circunstâncias fundamentais à conclusão da história, como noções de tempo, finalidade, causa e consequência.

Quadro de conjunções coordenativas		
Tipo	Ideia	Exemplo
Aditiva	adição, acréscimo, sucessividade	e, nem, (não só) mas também, como, como também, (tanto) como, quanto
Adversativa	oposição, contraste, ressalva, adversidade, advertência	mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante
Alternativa	exprime alternância, ligando pensamentos que se excluem	ou, ou... ou, ora... ora, já... já, umas vezes, outras vezes, talvez... talvez
Conclusiva	conclusão	logo, portanto, por isso, então, assim, por conseguinte, pois (depois do verbo)
Explicativa	explicação	porque, pois, que

Quadro de conjunções subordinativas		
Tipo	Ideia	Exemplo
Integrante	integração	que (para afirmação certa) se (para afirmação incerta)
Causal	causa, motivo	porque, que, porquanto, pois, visto que, já que, uma vez que, como (no início da oração = já que), se (= já que)
Comparativa	comparação	que, do que, qual, como, quanto
Concessiva	concessão	embora, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, conquanto, apesar de que, por ... que
Condicional	condição, hipótese	se, caso, contanto que, salvo se, exceto se, desde que (com verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que
Conformativa	acordo, concordância, conformidade	conforme, consoante, segundo, como (= conforme), que (conforme)
Consecutiva	consequência, efeito	que (após tal, tanto, tão, tamanho), sem que, de modo que, de forma que
Temporal	tempo	quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, enquanto, mal, apenas
Final	finalidade	para que, a fim de que, que (= para que), de modo que, de forma que
Proporcional	concomitância, simultaneidade, proporção	à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais, quanto maior, quanto melhor

Causa X Explicação

Conjunções explicativas	Conjunções causais
que, pois, porque	que, pois, porque, uma vez que, já que, com o (= já que), visto que
Aparecem após orações com o verbo no modo imperativo. – Não grite, pois estou escutando bem.	Aparecem em orações que indicam fato anterior a outro.
Aparecem em orações que indicam fato posterior a outro. – A menina chorou / porque seus olhos estão vermelhos.	– Os olhos da menina estão vermelhos / porque ela chorou.
↓	↓
fato posterior	fato anterior

- “Pois” conclusivo

Deve ser colocado após o verbo da oração em que aparece.

– Ganhou muito dinheiro; comprou, **pois**, a casa.

CLASSE INDEPENDENTE

As interjeições são palavras que não se relacionam diretamente com nenhuma outra dentro da frase, nem estabelecem relação entre orações, por isso pertencem a uma classe considerada independente.

Interjeição

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Exprime emoções.	Ai! Oba! Oh!
Morfológico	• Não varia.	
Sintático	• Não exerce função sintática.	Oh! Ele chegou!

PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, serão classificadas à parte certas palavras e locuções – outrora consideradas advérbios – que não se enquadram em nenhuma das dez classes conhecidas. Tais palavras e locuções, chamadas “denotativas”, exprimem:

Ideia	Palavras / locuções	Exemplos
Afetividade	felizmente, infelizmente, ainda bem	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Felizmente</i> não me machuquei. • <i>Ainda bem</i> que o orador foi breve!
Designação ou indicação	eis	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Eis</i> o anel que perdi. Ei-lo!
Exclusão	exclusive, menos, exceto, fora, salvo, tirante, senão, sequer	<ul style="list-style-type: none"> • Voltaram todos, <i>menos</i> (ou <i>exceto, salvo, fora</i>) André. • Não me descontou <i>sequer</i> um real. • Ninguém, <i>senão</i> Deus, poderia salvá-lo.
Inclusão	inclusive, também, mesmo, ainda, até, ademais, além disso, de mais a mais	<ul style="list-style-type: none"> • Eu <i>também</i> vou. • Levou-me para sua casa e <i>ainda</i> me deu roupa e dinheiro. • Aqui falta tudo, <i>até</i> água.
Limitação	apenas, somente, só, unicamente	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Só</i> Deus é perfeito. • <i>Apenas</i> um aluno teve nota boa.
Realce	cá, lá, só, é que, sobretudo, mesmo, embora	<ul style="list-style-type: none"> • Eu <i>cá</i> me arranjo. • Você <i>é que</i> não se mexe! • É isso <i>mesmo</i>! • Veja <i>só</i>! • <i>Vá embora</i>! • Eu sei <i>lá</i> o que ele pretende?
Retificação	aliás, ou melhor, isto é, ou antes	<ul style="list-style-type: none"> • Venha ao meio-dia, <i>ou melhor</i>, venha já. • Aquele casal era japonês, <i>aliás</i>, descendente de japoneses. • Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, <i>isto é</i>, recolheu o movimento do rabo.
Explicação	isto é, a saber, por exemplo	<ul style="list-style-type: none"> • Os elementos do mundo físico são quatro, <i>a saber</i>: terra, fogo, água e ar.
Situação	afinal, agora, então, mas	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Afinal</i>, quem tem razão? • Posso mostrar-lhes o sítio; <i>agora</i>, vender eu não vendo. • <i>Então</i>, que achou do filme? • <i>Mas</i> você fez isso, meu filho?

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (UFOP-MG) Nas expressões: "Hoje, não é preciso saber escrever pra votar. Hoje, não é preciso saber escrever.", pode-se acrescentar, sem prejuízo do significado, o intensificador:
- A) Hoje, não é preciso saber escrever pra votar. Hoje, não é preciso sequer saber escrever.
- B) Hoje, não é preciso saber escrever pra votar. Hoje, somente não é preciso saber escrever.
- C) Hoje, não é preciso somente saber escrever pra votar. Hoje, não é preciso saber escrever.
- D) Hoje, não é preciso saber escrever pra votar. Hoje, ao menos, não é preciso saber escrever.
- 02.** (PUC-SP) Há, em Língua Portuguesa, algumas palavras que admitem ou não flexão de número (singular / plural), dependendo de seu valor morfológico.
- No texto em questão, aparece uma dessas palavras:
- "[...] BASTANTE experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança..."
- Considerando a possibilidade de flexão ou não da palavra, em função de seus diferentes empregos, assinale a alternativa incorreta.
- A) Bastantes verdades experimentei anos depois do aviso que meu pai me deu.
- B) Meu pai me falou bastante sobre verdades que eu encontraria anos depois.
- C) Bastante tempo depois, eu encontraria muitas das verdades anunciadas no aviso de meu pai.
- D) Bastantes anos depois, eu experimentaria as verdades do aviso de meu pai.
- E) Anos depois, bastantes verdadeiros se tornaram também outros avisos de meu pai.
- 03.** (UFJF-MG) Considerando-se o fragmento "[...] nessa questão de engenharia genética, que promete ser a questão do próximo milênio", o artigo definido "a" indica que
- A) a questão da engenharia genética será apenas uma das questões do novo milênio.
- B) a questão da engenharia genética apresenta ironias implícitas.
- C) a questão da engenharia genética será a principal questão do novo milênio.
- D) a questão da engenharia genética é a única questão do novo milênio.
- 04.** (Unifor-CE)

Paráfrase de Ronsard

Foi para vós que ontem colhi, senhora,
Este ramo de flores que ora envio.
Não no houvesse colhido e o vento e o frio
Tê-las-iam crestado antes da aurora.

Meditai nesse exemplo, que se agora
Não sei mais do que o vosso outro macio
Rosto nem boca de melhor feitio,
A tudo a idade afeia sem demora.

Senhora, o tempo foge... o tempo foge...
Com pouco morreremos e amanhã
Já não seremos o que somos hoje...
Por que é que o vosso coração hesita?
O tempo foge... A vida é tão breve e é vã...
Por isso, amai-me... enquanto sois bonita.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*: poesias reunidas. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

O vocábulo "ora", empregado no segundo verso, se classifica como

- A) conjunção subordinativa.
B) conjunção coordenativa.
C) advérbio de tempo.
D) preposição.
E) verbo "orar" (pres. do indicativo).
- 05.** (Unesp)

O enterrado vivo

É sempre no passado aquele orgasmo,
é sempre no presente aquele duplo,
é sempre no futuro aquele pânico.
É sempre no meu peito aquela garra.
É sempre no meu tédio aquele aceno.
É sempre no meu sono aquela guerra.
É sempre no meu trato o amplo distrato.
Sempre na minha firma a antiga fúria.
Sempre no mesmo engano outro retrato.
É sempre nos meus pulos o limite.
É sempre nos meus lábios a estampilha.
É sempre no meu não aquele trauma.
Sempre no meu amor a noite rompe.
Sempre dentro de mim meu inimigo.
E sempre no meu sempre a mesma ausência.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967. p. 81.

A palavra "sempre", no último verso do poema de Drummond, é repetida, porém manifestada em classes gramaticais diferentes.

- A) Quais são essas classes gramaticais?
B) Que efeito de sentido essa diferença de classe gramatical provoca no poema?

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: As questões de **01** a **04** referem-se ao texto a seguir ou tomam-no como ponto de partida. Leia-o.

A garagem de casa

Com o portão enquiçado, e num convite a ladrões de livros, a garagem de casa lembra uma biblioteca pública permanentemente aberta para a rua. Mas não são adeptos de literatura os indivíduos que ali se abrigam da chuva ou do sol a pino de verão.

Esses desocupados matam o tempo jogando porrinha, ou lendo os jornais velhos que mamãe amontoa num canto, sentados nos degraus do escadote com que ela alcança as prateleiras altas. Já quando fazem o

10 obséquo de me liberar o espaço, de tempos em tempos entro para olhar as estantes onde há de tudo um pouco, em boa parte remessas de editores estrangeiros que têm apreço pelo meu pai. Num reduto de literatura tão sortida, como bem sabem os *habitués* de sebos, fascina

15 a perspectiva de por puro acaso dar com um livro bom. Ou *by serendipity*, como dizem os ingleses quando na caça a um tesouro se tem a felicidade de deparar com outro bem, mais precioso ainda. Hoje revejo na mesma prateleira velhos conhecidos, algumas dezenas

20 de livros turcos, ou búlgaros ou húngaros, que papai é capaz de um dia querer destrinchar. Também continua em evidência o livro do poeta romeno Eminescu, que papai ao menos tentou ler, como é fácil inferir das folhas cortadas a espátula. Há uma edição em alfabeto

25 árabe das *Mil e Uma Noites* que ele não leu, mas cujas ilustrações admirou longamente, como denunciam os filetes de cinzas na junção das suas páginas coloridas. Hoje tenho experiência para saber quantas vezes meu pai leu um mesmo livro, posso quase medir quantos

30 minutos ele se deteve em cada página. E não costumo perder tempo com livros que ele nem sequer abriu, entre os quais uns poucos eleitos que mamãe teve o capricho de empilhar numa ponta de prateleira, confiando numa futura redenção. Muitas vezes a vi

35 de manhãzinha compadecida dos livros estatelados no escritório, com especial carinho pelos que trazem a foto do autor na capa e que papai despreza: parece disco de cantor de rádio.

BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 60-61 (Adaptação).

01. (UECE–2015) “Mas não são adeptos de literatura os indivíduos que ali se abrigam da chuva ou do sol a pino de verão.” (linhas 4-5) O “mas” que inicia o período introduz uma oposição
- A) à ideia, explicitada na superfície textual, de que o portão da garagem estava enguçado.
- B) à ideia implícita de que os frequentadores de uma biblioteca são adeptos da literatura.
- C) à expressão “ladrões de livros” (linha 1-2).
- D) à ideia implícita de que os frequentadores de uma biblioteca não são ladrões de livros.
02. (UECE–2015) Considere a expressão “a garagem de casa” (linha 2) e o que se diz sobre ela.
- I. O emprego do vocábulo “casa” sem a determinação do artigo definido, como acontece no texto, indica que a casa é da pessoa que fala.
- II. A introdução do artigo definido antes do substantivo “casa” – garagem da casa – indicaria não só que o falante não é o proprietário da casa, ou pelo menos não a habita, mas também que o referente “casa”, representado no texto pelo vocábulo “casa”, já aparecera no texto, portanto não seria novo para o leitor.

III. A introdução do artigo indefinido “um” antes do substantivo “casa” – garagem de uma casa – indicaria que o referente “casa”, representado pelo vocábulo “casa”, ainda não aparecera no texto, portanto seria novo para o leitor.

Está correto o que se diz em

- A) I e II apenas. C) I e III apenas.
B) I, II e III. D) II apenas.

03. (UECE–2015) Atente ao enunciado: “Mas não são adeptos de literatura os indivíduos que ali se abrigam da chuva ou do sol a pino de verão”. (linhas 4-5) Indique a opção correta em relação ao enunciado.
- A) No enunciado, o advérbio “ali” aponta para os sintagmas nominais “a garagem de casa” e “uma biblioteca pública”.
- B) O advérbio “ali”, no enunciado em pauta, retoma somente o sintagma “uma biblioteca pública”.
- C) O “ali” refere-se a um lugar imaginário ideal, que só existe na mente do enunciador.
- D) O “ali” é um elemento de coesão no texto em estudo, como o é também o pronome relativo “que”.
04. (UECE–2015) Entre as linhas 9 e 11, lê-se “Já quando fazem o obséquo de me liberar o espaço, de tempos em tempos entro para olhar as estantes onde há de tudo um pouco”. Atente ao que se diz sobre a expressão “Já quando”.
- I. Essa expressão dá, à oração que inicia, o valor semântico de tempo.
- II. “Já” acrescenta à oração um caráter de comparação, cujo elemento comparado vem implícito no texto: (Os desocupados enchem o recinto de tal maneira que me impedem de aproximar-me das estantes). “**Já quando** fazem o obséquo de me liberar o espaço, de tempos em tempos entro para olhar as estantes onde há de tudo um pouco”. Comparam-se duas situações: o que acontece quando os desocupados não dão espaço para o enunciador passar, e o que acontece quando lhe dão esse espaço. Quando não dão, ele não se aproxima das estantes; quando dão, ele entra “para olhar as estantes”.
- III. Omitindo-se o “Já”, a oração nada perderia: nem no plano semântico nem no plano estilístico-expressivo.
- Está correto o que se diz em
- A) I e III apenas. C) I, II e III.
B) I e II apenas. D) II e III apenas.
05. (UERJ)
- A namorada**
- Havia um muro alto entre nossas casas.
Difícil de mandar recado para ela.
Não havia *e-mail*.
O pai era uma onça.
- 5 A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por um cordão
E pinchava a pedra no quintal da casa dela.
Se a namorada respondesse pela mesma pedra
Era uma glória!
- 10 Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira

E então era agonia.
No tempo do onça era assim.

BARROS, Manoel de.
Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.

“Difícil de mandar recado para ela.
Não havia e-mail.

O pai era uma onça.” (v. 2-4)

O primeiro verso estabelece mesma relação de sentido com cada um dos dois outros versos.

Um conectivo que expressa essa relação é

- A) porém.
- B) porque.
- C) embora.
- D) portanto.

06. (UERJ)



O sentido da charge se constrói a partir da ambigüidade de determinado termo.

O termo em questão é

- A) fora.
- B) agora.
- C) sistema.
- D) protestar.

07. (UEMA-2015) Leia o poema a seguir extraído da obra *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, em que o autor descreve o cotidiano familiar.

Família

Três meninos e duas meninas,
sendo uma ainda de colo.
A cozinheira preta, a copeira mulata,
o papagaio, o gato, o cachorro,
as galinhas gordas no palmo de horta
e a mulher que trata de tudo.
A espreguiçadeira, a cama, a gangorra,
o cigarro, o trabalho, a reza,
a goiabada na sobremesa de domingo,
o palito nos dentes contentes,
o gramofone rouco toda noite
e a mulher que trata de tudo.
O agiota, o leiteiro, o turco,
o médico uma vez por mês,
o bilhete todas as semanas
branco! mas a esperança sempre verde.
A mulher que trata de tudo
e a felicidade.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Considerando os aspectos linguísticos no referido texto, verifica-se que,

- A) em “o médico **uma** vez por mês” (última estrofe), o vocábulo destacado classifica-se como artigo por acrescentar uma noção particular ao substantivo a que está associado.

- B) no verso “e a mulher que trata de tudo”, há uma oração que pode ser substituída pelo adjetivo “tratante”, sem provocar alteração no sentido do texto.
- C) no segundo verso “sendo uma ainda de colo.”, a forma verbal introduz uma explicação que caracteriza o cotidiano familiar.
- D) do ponto de vista semântico, utilizou-se um processo de enumeração, ao longo do poema, no qual predomina uma classe de palavras cuja função primordial é designar.
- E) no verso “o bilhete todas as semanas” (terceira estrofe), “todas” está adverbializado pela presença do artigo.

08. (UnB) 6YUH



Banco dos réus no Tribunal Militar Internacional de Nurembergue, em 1945-46. Primeira fileira, de cima para baixo: Herman Göring, Rudolf Heß, Jachim von Ribbentrop, Wilhelm Keitel. Segunda fileira de cima para baixo: Karl Dönitz, Erich Raeder, Baldur von Schirach, Fritz Sauckel.

O privilégio de iniciar o primeiro julgamento da história por crimes contra a paz no mundo impõe uma grave responsabilidade. Os crimes que procuraremos condenar e punir foram tão premeditados, tão maléficos e devastadores, ¹que o mundo civilizado não pode tolerar que sejam ignorados, ²uma vez que este não seria capaz de sobreviver à repetição daqueles. Que quatro grandes nações, arrebatadas pela vitória e ainda ofendidas pela injúria, optem por evitar a vingança e entreguem voluntariamente à lei os seus inimigos capturados é um dos mais significativos tributos já pagos pelo Poder à Razão. O senso comum da humanidade exige que a lei não se restrinja a punir os pequenos crimes da gente miúda. A lei deve atingir também aqueles que detenham grandes poderes e que os usem de forma deliberada e articulada para pôr em ação males os quais não deixam ileso nenhum lar deste mundo. É um caso dessa magnitude que as Nações Unidas apresentarão a Vossas Excelências.

JACKSON, Robert H. Opening address for the United States. *Office of United States chief counsel for prosecution of axis criminality. Nazi conspiracy and aggression*. Washington: United States Government Printing Office, 1946. p. 114 (Tradução com adaptações).

A partir do texto, extraído do discurso proferido na abertura do Tribunal Internacional de Nurembergue, em 1945, julgue os itens.

- A) No segundo período do texto, há uma sequência de relação de causa e efeito, como indicam a oração que expressa consequência, introduzida pela conjunção “que” (ref.1), e a oração que expressa causa, introduzida pela locução “uma vez que” (ref.2).

- B) Está presente no texto a ideia de que os países que compuseram o Tribunal de Nürembergue, na condição de vitoriosos na Segunda Guerra, poderiam ter adotado procedimentos de vingança.

09.
W17L (UERJ)

Natal

Jesus nasceu! Na abóbada infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro daquela pobre estrebaria...

Não houve sedas, nem cetins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesus...
Mas os pobres trouxeram oferendas
Para quem tinha de morrer na Cruz.

Sobre a palha, risonho, e iluminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vede o Menino-Deus, que está cercado
Dos animais da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz deste lugar,
Assim que abriu os olhos inocentes,
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No entanto, os reis da terra, pecadores,
Seguindo a estrela que ao presepe os guia,
Vêm cobrir de perfumes e de flores
O chão daquela pobre estrebaria.

Sobem hinos de amor ao céu profundo;
Homens, Jesus nasceu! Natal! Natal!
Sobre esta palha está quem salva o mundo,
Quem ama os fracos, quem perdoa o Mal!

Natal! Natal! Em toda Natureza
Há sorrisos e cantos, neste dia...
Salve, Deus da Humildade e da Pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria!

BILAC, Olavo. In: BUENO, Alexei (Org.). *Olavo Bilac*: obra reunida. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Observe os seguintes empregos da preposição "de": "Dos animais" (v. 12) e "de flores" (v. 19). Em cada caso, ela indica uma relação de sentido diferente.

Cite os valores semânticos dessa preposição nos exemplos citados. Reescreva, ainda, cada construção, substituindo o "de" por outra preposição de sentido equivalente.

- 10.** (Unicamp-SP) Há notícias que são de interesse público e há notícias que são de interesse do público. Se a celebridade "x" está saindo com o ator "y", isso não tem nenhum interesse público. Mas, dependendo de quem sejam "x" e "y", é de enorme interesse do público, ou de um certo público (numeroso), pelo menos.

As decisões do Banco Central para conter a inflação têm óbvio interesse público. Mas quase não despertam interesse, a não ser dos entendidos.

O jornalismo transita entre essas duas exigências, desafiado a atender às demandas de uma sociedade ao mesmo tempo massificada e segmentada, de um leitor que gravita cada vez mais apenas em torno de seus interesses particulares.

SILVA, Fernando Barros e. O jornalista e o assassino. *Folha de S. Paulo on-line*, 18 abr. 2011. Acesso em: 20 dez. 2011.

- A) A palavra "público" é empregada no texto ora como substantivo, ora como adjetivo. Exemplifique cada um desses empregos com passagens do próprio texto e apresente o critério que você utilizou para fazer a distinção.
- B) Qual é, no texto, a diferença entre o que é chamado de "interesse público" e o que é chamado de "interesse do público"?

SEÇÃO ENEM

01. (Enem)

Tarefa

Morder o fruto amargo e não cuspir
Mas avisar aos outros quanto é amargo
Cumprir o trato injusto e não falhar
Mas avisar aos outros quanto é injusto
Sofrer o esquema falso e não ceder
Mas avisar aos outros quanto é falso
Dizer também que são coisas mutáveis...
E quando em muitos a noção pulsar
– do amargo e injusto e falso por mudar –
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, G. *Tarefa*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Na organização do poema, os empregos da conjunção "mas" articulam, para além de sua função sintática,

- A) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.
B) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.
C) a introdução do argumento mais forte de uma sequência.
D) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.
E) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.

02. (Enem)

Entre ideia e tecnologia

O grande conceito por trás do Museu da Língua é apresentar o idioma como algo vivo e fundamental para o entendimento do que é ser brasileiro. Se nada nos define com clareza, a forma como falamos o português nas mais diversas situações cotidianas é talvez a melhor expressão da brasilidade.

SCARDOVELI, E. *Revista Língua Portuguesa*.
São Paulo: Segmento. Ano II, n. 6, 2006.

O texto propõe uma reflexão acerca da Língua Portuguesa, ressaltando para o leitor a

- A) inauguração do museu e o grande investimento em cultura no país.
B) importância da língua para a construção da identidade nacional.
C) afetividade tão comum ao brasileiro, retratada através da língua.
D) relação entre o idioma e as políticas públicas na área de cultura.
E) diversidade étnica e linguística existente no território nacional.

03. (Enem)



XAVIER, C. *Quadrinho quadrado*. Disponível em: <<http://www.releituras.com>>. Acesso em: 05 jul. 2009.

Tendo em vista a segunda fala do personagem entrevistado, constata-se que

- A) o entrevistado deseja convencer o jornalista a não publicar um livro.
- B) o principal objetivo do entrevistado é explicar o significado da palavra motivação.
- C) são utilizados diversos recursos da linguagem literária, tais como a metáfora e a metonímia.
- D) o entrevistado deseja informar de modo objetivo o jornalista sobre as etapas de produção de um livro.
- E) o principal objetivo do entrevistado é evidenciar seu sentimento com relação ao processo de produção de um livro.

04. (Enem) A crônica muitas vezes constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora. Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão. [...] Na verdade não existem meninos DE rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê.

COLASANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

No terceiro parágrafo em “[...] não existem meninos De rua. Existem meninos NA “rua”, a troca de “De” pelo “Na” determina que a relação de sentido entre menino e rua seja

- A) de localização e não de qualidade.
- B) de origem e não de posse.
- C) de origem e não de localização.
- D) de qualidade e não de origem.
- E) de posse e não de localização.

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. A 02. E 03. C 04. C
- 05.
- A) Advérbio e substantivo (no meu SEMPRE).
- B) A circunstância transforma-se em substância, reforçando a perenidade da ausência.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. B 03. D 05. B 07. D
- 02. B 04. B 06. C
- 08.
- A) Correto
- B) Correto
- 09. Em “Dos animais”: agente
Em “de flores”: matéria
Construções reescritas:
 - Pelos animais
 - com flores
- 10.
- A) Espera-se que se apresente uma passagem em que “público” é um substantivo (como em “há notícias que são de interesse do público”) e uma passagem em que “público” é um adjetivo (como em “[...] têm óbvio interesse público”).
- B) Deve-se explicitar o critério linguístico empregado para distinguir um caso do outro. Esse critério pode ser de base sintática ou morfossintática (por exemplo, o emprego do artigo antes de “público” em sua ocorrência como substantivo; a função sintática assumida pelo termo – núcleo de um sintagma nominal quando substantivo e modificador / adjunto adnominal quando adjetivo; concordância de “público” com “interesse” quando o primeiro funciona como um substantivo, mas não como um adjetivo) ou, ainda, de base semântica (por exemplo, no caso em que é empregado para designar ou nomear, “público” é um substantivo; quando é empregado para caracterizar ou qualificar, “público” é um adjetivo). Também se espera que se diga qual é a diferença, no texto, entre “interesse público” e “interesse do público”: o primeiro diz respeito a fatos que devem ser, de direito e dever, do conhecimento de toda a sociedade, independentemente do fato de as pessoas estarem ou não interessadas em conhecer esse fato; já o segundo diz respeito a fatos sobre os quais as pessoas procuram se informar em função de interesses particulares, independentemente de tais fatos afetarem ou não a sociedade como um todo.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C 02. B 03. E 04. A

Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Pronomes Pessoais

Os pronomes pessoais, classe que será estudada neste módulo, são grandes aliados para estabelecer coesão em um texto. São, normalmente, pronomes **anafóricos**, porque **retomam e substituem termos já mencionados** – em oposição aos **catafóricos**, que **introduzem termos novos**. Além de conhecermos esses pronomes, vamos aprender a empregá-los corretamente segundo suas funções e a posicioná-los corretamente na estrutura frasal.

PRONOMES PESSOAIS

Indicam, explicitamente, as três pessoas do discurso.

1ª pessoa: quem fala

2ª pessoa: com quem se fala

3ª pessoa: de quem / que se fala

Singular			
Pessoas do discurso	Retos	Oblíquos Átonos	Oblíquos Tônicos
1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	eu tu ele, ela	me te o, a, lhe, se	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural			
Pessoas do discurso	Retos	Oblíquos Átonos	Oblíquos Tônicos
1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	nós vós eles, elas	nos vos os, as, lhes, se	nós, conosco vós, con- vosco si, consigo, eles, elas

Os pronomes pessoais participam da construção da coesão textual de duas maneiras:

- Relacionam o enunciado à enunciação, distribuindo os papéis de falante (quem fala), ouvinte (com quem se fala) e assunto (de quem / que se fala).
- Substituem nomes já mencionados na frase ou no texto.

Leia, a seguir, um fragmento do romance *A carne*, publicado pelo escritor naturalista Júlio Ribeiro em 1888. Essa obra chocou a sociedade da época por tratar de temas quase nunca abordados, como o divórcio, o amor livre e o papel da mulher na sociedade.

Aos quatorze anos Helena ou Lenita, como **a** chamavam, era uma rapariga desenvolvida, forte, de caráter formado e instrução acima do vulgar.

[...]

Começou a aparecer, a distinguir-se na sociedade.

E não tinha nada de pretensiosa, *bas-bleu* modesta, retraída mesmo, nos bailes, nas reuniões em que não de raro se achava, **ela** sabia rodear-se de uma como aura de simpatia, escondendo com arte infinita a sua imensa superioridade.

Quando, porém, algum bacharel formado de fresco, algum *touriste* recém-vindo de Paris, ou de New York queria campar de sábio, queria fazer de oráculo em sua presença, então é que era vê-**la**. Com uma candura adoravelmente simulada, com um sorriso de desdenhosa bondade, **ela** enlaçava o pedante em uma rede de perguntas pérfidas, ia-**o** pouco a pouco estreitando em um círculo de ferro e, por fim, com o ar mais natural do mundo, obrigava-**o** a contradizer-**se**, reduzia-**o** ao mais vergonhoso silêncio.

Os pedidos de casamento sucediam-se: Lopes Matoso consultava a filha.

– *Ei-**los** despedindo, meu pai, respondia **ela**. Escusa que **me** consulte. Já sabe, **eu** não **me** quero casar.*

– *Mas, filha, olha que mais cedo ou mais tarde é preciso que **o** faças.*

– *Algum dia talvez, por enquanto não.*

– *Sabes que mais? estou quase convencido de que errei e muito na tua educação: dei-**te** conhecimentos acima da bitola comum e o resultado é ver-**te** isolada nas alturas a que **te** levantei. O homem fez-**se** para a mulher, e a mulher para o homem. O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica. Não achas, de certo, homem algum digno de **ti**?*

– Não é por isso, é porque ainda não sinto a tal necessidade do casamento. Se **eu** a sentisse casar-**me**-ia.

– Mesmo com um homem medíocre?

– De preferência com um homem medíocre. Os grandes homens em geral não são bons maridos. Demais, se os tais senhores grandes homens escolhem quase sempre abaixo de **si**, por que **eu** que, na opinião de papai, sou mulher superior, não faria como **eles**, escolhendo marido que **me** fosse inferior?

– Sim, para teres uns filhos palermas...

– Os filhos puxariam por **mim**: a filosofia genésica ensina que a hereditariedade direta do gênio e do talento é mais comum da mãe para o filho.

RIBEIRO, Júlio. *A carne*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/br000112.pdf>>.

[Fragmento]

Nesse trecho do romance, o narrador utiliza pronomes de terceira pessoa para se referir às personagens (“a” e “ela”, para se referir a Helena, a protagonista; “o” para se referir aos pretendentes de Helena). No diálogo entre pai e filha, esta utiliza pronomes de primeira pessoa (“eu”, “me” e “mim” para se referir a si mesma; e de terceira pessoa – “los”, “si” e “eles” – para se referir aos homens), enquanto o pai utiliza pronomes de segunda pessoa (“te” e “ti”) para se referir a Helena. Ao permitirem sucessivas remissões, os pronomes pessoais contribuem para a coesão do texto, evitando repetições lexicais excessivas: “a” e “ela”, usados pelo narrador, retomam Helena, e “o” retoma “algum bacharel formado de fresco”; “me” retoma “eu” nas falas de Helena.

O jogo eu-tu-ele determina a escolha dos pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa. No trecho, o narrador utiliza os pronomes “ela” e “a” para fazer referência a Helena, personagem que será apresentada, o assunto do texto. As duas formas se diferem de acordo com a função que elas desempenham na frase: a forma “ela”, caso reto, é empregada sem preposição na função de sujeito (“ela sabia”, “ela enlaçava”, “respondia ela”); já a forma oblíqua átona “a” (assim como “o” e “los”) é específica da função de objeto direto. Observe, por outro lado, que a personagem Lopes Matoso utiliza diferentes pronomes de segunda pessoa para dialogar com a filha: a forma “te” funciona ora como objeto direto, ora como indireto; e a forma “ti” aparece preposicionada e funciona como objeto direto. Como é possível perceber, o uso adequado das formas dos pronomes pessoais depende da função sintática que esses termos desempenham na frase.

Vale observar que, no português brasileiro, não é comum que os falantes tratem seus interlocutores em segunda pessoa. Ainda que em algumas regiões do país seja corriqueiro ouvir os pronomes “tu”, “ti”, “contigo”, não é comum que os falantes conjuguem os verbos nessa pessoa. Há, sim, uma mistura entre pronomes de segunda pessoa e formas verbais de terceira pessoa. Entretanto, essa mistura deve restringir-se à modalidade oral, em que são aceitáveis desvios. Na língua escrita, deve-se atentar para a coerência entre os pronomes e as formas verbais para garantir a clareza e a uniformidade de tratamento, evitando-se possíveis ambiguidades.

EMPREGO DOS PRONOMES PESSOAIS



	PRONOMES	RETOS	OBLÍQUOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
S I N G U L A R	1ª pessoa	EU	ME	MIM, COMIGO
	2ª pessoa	TU	TE	TI, CONTIGO
	3ª pessoa	ELE	O, A, LHE, SE	SI, ELE, ELA, CONSIGO
P L U R A L	1ª pessoa	NÓS	NOS	NÓS, CONOSCO
	2ª pessoa	VÓS	VOS	VÓS, CONVOSCO
	3ª pessoa	ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, ELES, ELAS, CONSIGO

- Funcionam como sujeito e, às vezes, como predicativo.
- Funcionam como objetos diretos ou como sujeitos do infinitivo.
- Funcionam como objetos indiretos, adjuntos adnominais indicando posse ou complementos nominais.
- Funcionam como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade do verbo, ou como adjuntos adnominais indicando posse, ou o sujeito do infinitivo.
- Funcionam como objetos indiretos ou complementos nominais ou agentes da passiva ou adjuntos adverbiais e aparecem sempre preposicionados.
- Funcionam como adjuntos adverbiais e nunca aparecem preposicionados, pois já são uma contração entre a preposição “com” e os pronomes arcaicos “migo”, “tigo”, “sigo”, “nosco” e “vosco”.
- Funcionam como objetos diretos, indiretos ou como sujeitos do infinitivo.

Emprego dos pronomes pessoais

1. Os **pronomes pessoais do caso reto** são usados como **sujeito** e, algumas vezes, como **predicativo do sujeito**.

– **Nós** ouvíamos a exposição atentamente.

↓
sujeito

– **Eu** não sou **ela**.

↓ ↓
sujeito predicativo do sujeito

– **Eu** não sou **eu** quando estou a seu lado.

↓ ↓
sujeito predicativo do sujeito

Quando precedidos de preposição, os pronomes retos (exceto “eu” e “tu”) passam a funcionar como oblíquos, como se vê em: *Deixaram o livro para **ela***.

2. As formas **tu** e **vós** podem exercer a função sintática de **vocativo**.

– **Tu**, mulher amada!

3. Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** exercem a função sintática de **objeto direto**.

– Ela encontrou-**o** exausto naquele dia.

– Nós não **a** ouviremos hoje.

- Quando se colocam os pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as** após verbos terminados em R, S ou Z, ocorre alteração.

– escrever + a → escrevê-la

– vimos + o → vimo-lo

– fez + as → fê-las

- Quando o verbo terminar em som nasal (-m, -ão, -õe), os pronomes **o**, **a**, **os**, **as**, em ênclise, sofrem alteração.

– encontraram + o → encontraram-no

– dão + o → dão-no

4. Os pronomes oblíquos átonos podem exercer, em alguns poucos casos, a função sintática de **sujeito de infinitivo**. Isso ocorre quando, na oração principal, há verbos causativos (*mandar, deixar, fazer*) e sensitivos (*ver, sentir, ouvir, escutar*).

1ª oração 2ª oração

– Deixe **o menino** sair da sala.

↓ ↓ ↓
verbo sujeito verbo no
causativo infinitivo

– Deixe-**o** sair da sala.

↓
sujeito de infinitivo

5. O pronome oblíquo átono **lhe** exerce a função de **objeto indireto**.

– Entreguei-**lhe** o documento.

↓
objeto indireto

O pronome **lhe** só poderá ser empregado como **objeto indireto** quando se referir a pessoa. Ao se referir a **coisa** ou **objeto**, deve ser substituído pelas formas: **a ele, a ela, a eles, a elas**, como se pode ver em: “José obedece **às leis de trânsito**” (= José obedece **a elas**).

6. Os **pronomes oblíquos átonos** podem assumir **valor possessivo**, exercendo a função sintática de **adjunto adnominal**. Isso ocorre quando se puder substituir o pronome oblíquo e o artigo definido posposto a ele pelos pronomes possessivos correspondentes, como se pode ver a seguir.

– Escutei-**lhe** os conselhos. = Escutei os conselhos **dele**.

– Roubaram-**me** o livro. = Roubaram **meu** livro.

7. Os pronomes **se**, **si** e **consigo** assumem valor reflexivo. No Brasil, os dois últimos devem ser empregados unicamente com este valor.

– Ele feriu-**se**.

– Cada um termine por **si** mesmo o exercício.

– O professor levou as provas **consigo**.

8. **Conosco** e **convosco** são utilizados normalmente em sua forma sintética. Caso haja **palavra de reforço**, devem ser substituídos pela **forma analítica** (com nós / com vós).

– Queriam falar **conosco**.

com nós três.

9. **eu / tu x mim / ti**

Quando precedidas de preposição, não se usam as formas retas **eu** e **tu**, mas as formas oblíquas **mim** e **ti**.

– Ninguém irá sem **mim**.

– Nunca houve problemas entre **mim** e **ti**.

Empregam-se as formas retas **eu** e **tu**, mesmo se precedidas de preposição, quando essas formas funcionam como **sujeitos** de um verbo no infinitivo.

Deram o livro para **eu** ler.

eu = sujeito

Deram o livro para **tu** leres.

tu = sujeito

Em frases similares às apresentadas a seguir,

A) Ficou difícil para **mim** estudar biologia.

B) Estava interessante para **mim** sair à noite.

o emprego do pronome oblíquo se justifica porque se trata de **hipérbato** – inversão da ordem natural da frase.

Voltando as frases para a ordem tradicional, teríamos:

A) Estudar biologia ficou difícil para mim.

B) Sair à noite estava interessante para mim.

Para facilitar a compreensão, pode-se afirmar que, **quando aparecer verbo de ligação + predicativo do sujeito, deve-se usar pronome oblíquo**. Sintetizando:

VL + PS = MIM

CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS



Os pronomes oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes* contraem-se com os pronomes átonos *o, a, os, as* da seguinte maneira:

me + o = mo	te + o = to	lhe + o = lho
me + a = ma	te + a = ta	lhe + a = lha
me + os = mos	te + os = tos	lhe + os = lhos
me + as = mas	te + as = tas	lhe + as = lhas
nos + o = no-lo	vos + o = vo-lo	lhes + o = lho
nos + a = no-la	vos + a = vo-la	lhes + a = lha
nos + os = no-los	vos + os = vo-los	lhes + os = lhos
nos + as = no-las	vos + as = vo-las	lhes + as = lhas

Exemplos:

- Recebi os livros e gratifiquei o rapaz que **mos** entregou.
- Se ele pedir a moto, eu **lha** emprestarei.
- *Meu pai, que **mas** impôs inexoravelmente, considerava-as maravilhas.* (Vivaldo Coaraci)
- *Punha a cereja, e a rir **ma** ofertava sem pejo.* (Raimundo Correia)
- *O coração humano tem seus abismos e às vezes **no-los** mostra com crueza.* (Cyro dos Anjos)
- *Comeríamos à mesa, se **no-lo** ordenassem as escrituras.* (Carlos Drummond de Andrade)
- *O que os santos têm de mais sagrado são os pés. Por isso os antigos fiéis **lhos** beijavam.* (Mario Quintana)

O emprego desses conglomerados pronominais restringe-se à língua escrita, nas modalidades literária e científica. Em geral, os autores brasileiros de hoje os evitam, dado o artificialismo de tais contrações.

PRONOMES PESSOAIS DE TRATAMENTO



Entre os pronomes pessoais, incluem-se os pronomes de tratamento, também chamados formas de tratamento, utilizados no trato com as pessoas. Dependendo da pessoa a quem nos dirigimos, do seu cargo, título, idade, dignidade, o tratamento será familiar ou cerimonioso.

Eis os principais pronomes de tratamento, seguidos de suas abreviaturas, que, de modo geral, devem ser evitadas:

Pronome	Abreviatura	Contexto de uso
Você	v.	No tratamento familiar, informal
O senhor A senhora	Sr. Sr. ^a	No tratamento de respeito
A senhorita	Sr. ^{ta}	A moças solteiras
Vossa Senhoria	V.S. ^a	Para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial; para funcionários graduados
Vossa Excelência	V.Ex. ^a	Para altas autoridades
Vossa Reverendíssima	V.Rev. ^{ma}	Para sacerdotes
Vossa Eminência	V.Em. ^a	Para cardeais
Vossa Santidade	V.S.	Para o papa
Vossa Majestade	V.M.	Para reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial	V.M.I.	Para imperadores
Vossa Alteza	V.A.	Para príncipes, princesas e duques

Esses pronomes devem ser usados com as formas verbais e os pronomes possessivos da 3ª pessoa. Veja os exemplos:

- **Vossa Majestade pode** partir tranquilo para a **sua** expedição.
- Gostaria de solicitar a **Vossa Excelência** que **resolva** o impasse entre os deputados de **sua** Câmara.

Quando não se referem ao interlocutor, mas ao assunto da conversa (3ª pessoa), apresentam-se com o possessivo **sua**: Sua Senhoria, Sua Excelência, Sua Majestade, etc.

Exemplos:

- **Sua Excelência** volta hoje para Brasília.
- Certa manhã, **Sua Majestade**, o Rei Marcos I, acordou ao som de tiros.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL



Os pronomes pessoais oblíquos átonos **me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as** podem vir antes, no meio ou depois do verbo.

Observe:

- A) Ela não **te** viu.



antes do verbo = **próclise**

- B) Dir-**lhe**-emos



no meio do verbo = **mesóclise**

- C) Dê-**me** isto.



depois do verbo = **ênclise**

	Próclise	Mesóclise	Ênclise	Exemplos
Com advérbios e expressões negativas	X			Não te conheci.
Com pronomes interrogativos	X			Quem me telefonou?
Com pronomes relativos	X			Eis a praia onde me perdi.
Com pronomes indefinidos	X			Todos o aplaudiram.
Com pronomes demonstrativos (isto, isso, aquilo)	X			Isto me pertence.
Com conjunções subordinativas	X			Quando se encontraram, riram.
Com orações exclamativas e optativas	X			Deus te crie!
Com gerúndio precedido da preposição em	X			Em se lembrando, venha.
Com futuro do presente sem caso de próclise. Quando não há, na frase, um dos elementos acima mencionados.		X		Chamar- nos -ão para o teste.
Com futuro do pretérito sem caso de próclise		X		Dar- lhe -iam o prêmio.
Com orações imperativas afirmativas			X	Traga- me a água.
Com gerúndio (sem preposição)			X	... encontrando- nos .
Com infinitivo impessoal e com preposição			X	... a ouvi- la .
Período iniciado por verbo			X	Disseram- me a verdade.
Período iniciado pela partícula eis			X	Eis- me aqui.
Período iniciado por termo seguido de vírgula e de verbo			X	Meu caro, deram- me muitas esperanças.

O infinitivo anula as regras de próclise obrigatória.
 O problema foi não **o** encontrar.
 O problema foi não encontrá-**lo**.

COLOCAÇÃO DE PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

1. Com verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio

Se não houver fator que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado:

A) Depois do verbo auxiliar.

- Devo-**lhe** mandar o livro hoje.
- Vinha-**se** arrastando pelas ruas.

B) Depois do infinitivo ou gerúndio.

- Devo mandar-**lhe** o livro hoje.
- Vinha arrastando-**se** pelas ruas.

Se houver fator que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado:

A) Antes do verbo auxiliar.

- Nada **lhe** devo contar.
- Todos **nos** estavam esperando.

B) Depois do infinitivo ou gerúndio.

- Nada devo contar-**lhe**.
- Todos estavam esperando-**nos**.

2. Com verbo auxiliar + particípio

Se não houver fator que justifique a próclise, o pronome ficará depois do verbo auxiliar.

- Haviam-**me** oferecido um bom emprego.

Se houver fator que justifique a próclise, o pronome ficará antes do verbo auxiliar.

- Não **me** haviam oferecido nada de bom.

Não se põe pronome átono a particípio.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

Instrução: Leia os quadrinhos para responder às questões de números **01** e **02**.



01. (UFTM-MG) Considere as seguintes frases, formuladas a partir do texto:

- I. Se eu o dissesse que fosse ataca-los, você os atacava?
- II. Distraia-os, que eu o cobrirei.
- III. Estou esperando a fim de ver se você os distraí bem.
- IV. Se caso você, inadvertidamente, os distraem mal, eu não posso atacar.
- V. Você não os está atacando por quê?

Estão redigidas de acordo com a norma culta apenas as frases

- | | |
|-----------------|------------------|
| A) I e III. | D) II, III e IV. |
| B) II e V. | E) II, IV e V. |
| C) I, III e IV. | |

02. (UFTM-MG) Ocorre quebra da uniformidade de tratamento no texto, própria de soluções da língua coloquial,

- A) na escolha do tratamento "você" para referir-se aos dois interlocutores.
- B) na combinação de "-los" (em "distraí-los") com "cobrir você".
- C) no emprego de "vai" associado ao pronome de 3ª pessoa "você".
- D) no emprego indistinto de verbos em 3ª pessoa para os dois interlocutores.
- E) na intercalação de frases declarativas e exclamativas, aleatoriamente.

03. (Fatec-SP) Assinale a alternativa em que a nova colocação do pronome destacado na frase é aceita pela norma culta.

- A) É um capítulo dos mais delicados, para tratar do qual não sinto **me** completamente habilitado.
- B) Quanto mais incompreensível é ela, mais admirado é o escritor que escreve **a**.
- C) Mas todo esse *folk-lore* não tem sido coligido e escrito, de modo que, dele, pouco posso comunicar **lhês**.
- D) Porém, um canto popular que foi narrado **me**.
- E) **Me** lembrei, porém, de que as minhas notícias daquela distante república não seriam completas.

04. Reescreva os trechos a seguir, de modo a torná-los adequados à norma-padrão.

- A) – Professora, deixe eu ir ao banheiro.
- B) Não houve condições para mim resolver todos aqueles problemas.
- C) Aquelas atitudes deixaram-as magoadas.
- D) Entre ela e eu não há divergência que justifique a necessidade de mediação.

- E) Vossa Excelência conhece bem os vossos assessores, não?
- F) Já lhe disse que não o obedeco porque não lhe respeito.
- G) Sabeis Vossa Senhoria de suas responsabilidades neste momento.

05. Complete as lacunas com **eu** e **mim**.

- I. Minha irmã deixou toda a louça para _____ enxugar.
 - II. É muito difícil para _____ acreditar na tua história.
 - III. O amigo não tinha alugado o apartamento para _____ ?
 - IV. Entregou as fotografias para _____ selecionar as melhores.
 - V. É muito incômodo para _____ durante uma hora seguida.
- A) eu – eu – mim – eu – eu
 - B) mim – mim – mim – mim – mim
 - C) eu – eu – mim – mim – mim
 - D) eu – mim – mim – eu – mim
 - E) mim – eu – mim – eu – mim

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (Unesp) "Ou não **lhe** ensinaram, ou ensinaram e **ele** não aprendeu. O certo é que **ele** se formou no curso secundário."

As palavras colocadas em negrito, nesta passagem,

- I. são pronomes pessoais.
- II. são pronomes pessoais do caso reto.
- III. apresentam no contexto o mesmo referente.
- IV. pertencem à terceira pessoa do singular.

As afirmações corretas estão contidas apenas em

- A) I e II.
- B) II e III.
- C) I, II e III.
- D) I, III e IV.
- E) II, III e IV.

02. (CEFET-MG-2015) Considerando-se o que preconiza a norma-padrão, o pronome oblíquo destacado pode ser usado depois do verbo apenas na passagem transcrita em:

- A) "A poesia é uma senhora que **nos** visita ou não."
- B) "Durante uns bons quatro anos, o choque do exílio fez com que essa senhora não **me** visitasse".
- C) "Estava pensando nos estranhamentos do mundo moderno quando **me** deparei com uma pequena nota de jornal."
- D) "Uma espécie de angústia semelhante à incontinência urinária **se** espalha como praga nas relações pessoais e no uso dos espaços público e privado."
- E) "Ele, que procurava a poesia nos pequenos gestos, no cotidiano que **se** desdobrava em surpresas, nos reflexos impensados, jamais empilharia a coleção de sorrisinhos forçados que caracteriza a obsessão pelos *clicks*."

03. (UEPB)

Guardião da brasilidade na América

Na primeira vez em que esteve no Brasil, o historiador Thomas Cohen não estava entendendo nada. Logo ao chegar, tinha um encontro com um renomado professor da história da Universidade de São Paulo. O professor chegou uma hora e meia atrasado e anunciou que precisava viajar em seguida. Convidou o jovem Cohen, então com 25 anos, para acompanhá-lo à cidade de Franca, onde passaria o fim de semana dando palestras. Cohen pensou que o professor fizera o convite apenas para compensá-lo pelo desencontro e, polidamente, recusou. "Só depois descobri que os brasileiros são assim mesmo, disponíveis, espontâneos", diz. Cohen acabou encantando-se com a informalidade dos intelectuais brasileiros, e hoje, passados trinta anos, entende muito do Brasil. Já visitou o país dezenas de vezes, é fluente em português, especialista na obra do padre Antônio Vieira (1608-1697) e guardião de uma preciosidade: a única biblioteca dedicada exclusivamente às coisas do Brasil e de Portugal em solo americano – a The Oliveira Lima Library. [...]

PETRY, André. *Revista Veja*. São Paulo: Abril, ed. 2 317, ano 46, n. 16, p. 93, 17 abr. 2013.

Em "Convidou o jovem Cohen, então com 25 anos, para acompanhá-lo à cidade de Franca, onde passaria o fim de semana dando palestras" (linhas 3-4), pode-se afirmar que

- o uso do pronome indica uma referência ao historiador, que também vai para a cidade de Franca.
- em "acompanhá-lo", o pronome utilizado faz referência ao jovem Cohen, que viajará com o palestrante.
- o pronome oblíquo em "acompanhá-lo" substitui o termo "professor" sem alterar o sentido do texto.
- o sentido do enunciado é construído devido ao emprego do pronome que faz referência ao convite feito pelo professor.
- o pronome oblíquo foi usado para se referir ao convidado do intelectual brasileiro.

04. (Insper-SP-2015)
B011

O ESTADO DE S. PAULO, 19 maio 2009.

Nessa tirinha, Calvin faz uso de uma linguagem coloquial, empregando os pronomes em desacordo com a prescrição da norma gramatical. Essa construção sintática é considerada inadequada ao padrão culto da língua, porque os pronomes

- oblíquos não devem ser usados na função de sujeito.
- possessivos não podem ser pospostos a verbos.
- relativos não devem ser usados na função de sujeito.
- retos não podem exercer função sintática de complemento.
- indefinidos não podem exercer função sintática de objeto direto.

05. (Insper-SP)

O blá-blá-blá das empresas

O que você entende da frase "tal colaborador foi desligado"? Antes de pensar que um consultor de sua empresa se mostra desatento ou que um colega que tem contrato temporário foi dispensado de um projeto, experimente trocar a palavra "colaborador" por "funcionário" e "desligado" por "demitido". Captou a mensagem? Cada vez mais, palavras usadas no discurso das companhias – seja no trato com o funcionário, cliente ou fornecedor – vêm sendo substituídas por outras, capazes de amenizar o que realmente significam.

Apontada por especialistas em recursos humanos (RH) como uma ferramenta aplicada para manter um bom clima organizacional, esse vocabulário também é entendido como um reflexo da falta de transparência, gerando imprecisão. Resumo da ópera: se você faz, bem, mil coisas diferentes ao mesmo tempo no trabalho, não adianta reclamar que está "sobrecarregado". A empresa provavelmente gosta e considera você um funcionário "multifuncional".

O GLOBO, 29 jul. 2009.

10. (FGV-SP) O fragmento a seguir, extraído do conto “Conversão de um Avaro”, de Machado de Assis, é a base para esta questão.

Quando ele apareceu à porta, José Borges esfregou os olhos como para certificar-se que não era sonho, e que efetivamente o colchoeiro ali lhe entrava pela sala. Pois quê! Onde, quando, de que modo, em que circunstâncias Gil Gomes calçara nunca luvas? Trazia um par de luvas, – é verdade que de lã grossa, – mas enfim luvas, que na opinião dele eram inutilidades. Foi a única despesa séria que fez; mas fê-la.

ASSIS, Machado de. Contos fluminenses II. In: *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1957. p. 293.

- A) Classifique morfologicamente o termo destacado em negrito na passagem “que na opinião **dele** eram inutilidades.” e aponte a quem ele se refere. Justifique sua resposta.
- B) Tendo em vista o termo em negrito do trecho “Quando ele apareceu à porta, José Borges esfregou os olhos como para certificar-se que não era sonho, e que efetivamente o colchoeiro ali **lhe** entrava pela sala.”, explique seu uso e seu efeito de sentido.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem)



VERÍSSIMO, L. F. *As cobras em: se Deus existe que eu seja atingido por um raio*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

O humor da tira decorre da reação de uma das cobras com relação ao uso de pronome pessoal reto, em vez de pronome oblíquo. De acordo com a norma-padrão da língua, esse uso é inadequado, pois

- A) contraria o uso previsto para o registro oral da língua.
- B) contraria a marcação das funções sintáticas de sujeito e objeto.
- C) gera inadequação na concordância com o verbo.
- D) gera a ambiguidade na leitura do texto.
- E) apresenta dupla marcação de sujeito.

02. (Enem) Vera, Sílvia e Emília saíram para passear pela chácara com Irene.

– A senhora tem um jardim deslumbrante, dona Irene! – comenta Sílvia, maravilhada diante dos canteiros de rosas e hortênsias.

– Para começar, deixe o “senhora” de lado e esqueça o “dona” também – diz Irene, sorrindo. – Já é um custo aguentar a Vera me chamando de Tia o tempo todo. Meu nome é Irene.

Todos sorriem. Irene prossegue: – Agradeço os elogios para o jardim, só que você vai ter de fazê-los para a Eulália, que é quem cuida das flores. Eu sou um fracasso na jardinagem.

BAGNO, M. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2003 (Adaptação).

Na Língua Portuguesa, a escolha por “você” ou “senhor(a)” denota o grau de liberdade ou de respeito que deve haver entre os interlocutores. No diálogo apresentado, observa-se o emprego dessas formas. A personagem Sílvia emprega a forma “senhora” ao se referir à Irene. Na situação apresentada no texto, o emprego de “senhora” ao se referir à interlocutora ocorre porque Sílvia

- A) pensa que Irene é a jardineira da casa.
- B) acredita que Irene gosta de todos que a visitam.
- C) observa que Irene e Eulália são pessoas que vivem em área rural.
- D) deseja expressar por meio de sua fala o fato de sua família conhecer Irene.
- E) considera que Irene é uma pessoas mais velha, com a qual não tem intimidade.

03. (Enem) Páris, filho do rei de Troia, raptou Helena, mulher de um rei grego. Isso provocou um sangrento conflito de dez anos, entre os séculos XIII e XII a.C. Foi o primeiro choque entre o Ocidente e o Oriente. Mas os gregos conseguiram enganar os troianos. Deixaram à porta de seus muros fortificados um imenso cavalo de madeira. Os troianos, felizes com o presente, puseram-no para dentro. À noite, os soldados gregos, que estavam escondidos no cavalo, saíram e abriram as portas da fortaleza para a invasão. Daí surgiu a expressão “presente de grego”.

DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Em “puseram-no”, a forma pronominal “no” refere-se

- A) ao termo “rei grego”.
- B) ao antecedente “gregos”.
- C) ao antecedente distante “choque”.
- D) à expressão “muros fortificados”.
- E) aos termos “presente” e “cavalo de madeira”.

04. (Enem) O uso do pronome átono no início das frases é destacado por um poeta e por um gramático nos textos adiante.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco
da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

ANDRADE, Oswald de. *Seleção de textos*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita quando se deseja reproduzir a fala dos personagens [...].

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1980.

Comparando a explicação dada pelos autores sobre essa regra, pode-se afirmar que ambos

- A) condenam essa regra gramatical.
- B) acreditam que apenas os esclarecidos sabem essa regra.
- C) criticam a presença de regras na gramática.
- D) afirmam que não há regras para uso de pronomes.
- E) relativizam essa regra gramatical.

05. (Enem)

Aí, galera

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo “estereotipação”? E, no entanto, por que não?

- Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.
- Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.
- Como é?
- Aí, galera.
- Quais são as instruções do técnico?
- Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.
- Ahn?
- É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.
- Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?
- Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?
- Pode.
- Uma saudação para a minha progenitora.
- Como é?
- Alô, mamãe!
- Estou vendo que você é um, um...
- Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?
- Estereotipação?
- Um chato?
- Isso.

CORREIO BRAZILIENSE, 13 mai. 1998.

A expressão “pegá eles sem calça” poderia ser substituída, sem comprometimento de sentido, em língua culta, formal, por

- A) pegá-los na mentira.
- B) pegá-los desprevenidos.
- C) pegá-los em flagrante.
- D) pegá-los rapidamente.
- E) pegá-los momentaneamente.

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. B
- 02. C
- 03. C
- 04.
 - A) – Professora, **deixe-me** ir ao banheiro.
 - B) Não houve condições para **eu** resolver todos aqueles problemas.
 - C) Aquelas atitudes **deixaram-nas** magoadas.
 - D) Entre ela e **mim** não há divergência que justifique a necessidade de mediação.
 - E) Vossa Excelência conhece bem os **seus** assessores, não?
 - F) Já lhe disse que não **lhe** obedeco porque não **o** respeito.
 - G) **Sabem** Vossa Senhoria de suas responsabilidades neste momento.
- 05. D

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. D
- 03. C
- 04. D
- 05. A
- 06. B
- 07. D
- 08. A
- 09.
 - A) [...] **pô-las** em confronto [...] / [...] avaliar melhor o **seu** peso ou avaliar melhor o peso **delas** [...] / que **as vem** regendo ou que vem **regendo-as** ou que vem regendo **a elas**.
 - B) **Assim que** se discutiram as ideias expostas na assembleia [...] ou **Logo que** se discutiram as ideias expostas na assembleia [...]
- 10.
 - A) A contração da preposição “de” e do pronome “ele” se refere a Gil Gomes. Isso se justifica pelo fato de Gil Gomes ser o antecedente mais próximo que o pronome “ele” pode retomar.
 - B) O uso do pronome “lhe” nesta frase dá ideia de posse. Significa dizer: “[...] o colchoeiro entrava pela sua sala”. O termo deve ser classificado, portanto, como adjunto adnominal de “porta”.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. B
- 02. E
- 03. E
- 04. E
- 05. B



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Referências

Página 63

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema de Sete Faces. In: *Alguma Poesia*. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930.

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2011.

BOPP, Raul. *Cobra Norato*. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

BUARQUE, Chico. Cotidiano. In: _____. *A arte de Chico Buarque*. LP. Universal Music Japan, 2004.

MATOS, Gregório de. Inconstância dos bens do mundo. In: _____. *Seleção de Obras Poéticas*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000119.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

MEIRELES, Cecília. Excursão. In: _____. *Viagem*. 1939. Disponível em: <http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=3567>. Acesso em: 16 out. 2017.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão*: Veredas. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SOUZA, Cruz e. *Obra completa: poesia*. Jaraguá do Sul: Avenida, 2008. v. 1, p. 548. Disponível em: <http://fcc.sc.gov.br/cruzesousa/cruzesousa_vol1_poesia.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

VIEIRA, Padre Antônio. *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000031.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

Página 64

BILAC, Olavo. Via-Láctea soneto IX. In: _____. *Poesias (Via-Láctea)*. 1888. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/OlavoBilac/vialactea.htm>>. Acesso em: 16 out. 2017.

DUQUE-ESTRADA, Osório. MANUEL DA SILVA, Francisco. *Hino nacional Brasileiro*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm>. Acesso em: 16 out. 2017.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão*: Veredas. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermões I. In: _____. *Sermão da Sexagésima*. Edições Loyola, 2008.

Página 65

ALVES, Castro. *Vozes d'África*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000010.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000025.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

BANDEIRA, Manuel. Balõesinhos. In: _____. *O ritmo dissoluto*. São Paulo: Global, 2014.

BRAGA, Rubem. A feira. In: _____. *Coisas simples do cotidiano*. São Paulo: Global, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=8sVcBAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 out. 2017.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2018.

DÍAS, Gonçalves. *Canção do Exílio*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000100.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

NABUCO, Joaquim. Passagem pela política. In: _____. *Minha formação*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00137a.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. Disponível em: <https://edmundomonte.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Menino-de-Engenho_Jos%C3%A9-Lins-do-Rego.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

RESENDE, Otto Lara. *O braço direito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1963.

GARRETT, Almeida. *Da educação*. 1. ed. Londres: Sustenance e Stretch, 1829. Disponível em: <http://purl.pt/2/4/l-24848-p_PDF/l-24848-p_PDF_24-C-R0150/l-24848-p_0000_1-314_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

Página 66

MORAES, Vinicius de. Soneto de fidelidade. In: _____. *Poemas, sonetos e baladas*. São Paulo: Edições Gavetas, 1946.

SOUZA, Cruz e. Violões que Choram. In: _____. *Obra completa: poesia*. Jaraguá do Sul: Avenida, 2008. v. 1, p. 454. Disponível em: <http://fcc.sc.gov.br/cruzesousa/cruzesousa_vol1_poesia.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

VELOSO, Caetano; ALBUQUERQUE, Perinho. Clara. In: Caetano Veloso. *Caetano Veloso*. CD. Polygram / Philips, 1990.

Página 67

BALEIRO, Zeca. Vô Imbolá. In: Zeca Baleiro. *Zeca Baleiro: Vô Imbolá*. CD. MZA Music, 1999.

DJAVAN; VELOSO, Caetano. Linha do Equador. In: *Djavan. Coisa de acender*. CD. Sony Music Entertainment, 1991.

Página 79

ESOPO. A cigarra e as formigas. In: LA FONTAINE, Jean de. *A cigarra e a formiga*. São Paulo: Girassol, 2008.

Página 80

MELO NETO, João Cabral de. *Obra Completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 1999.

Página 90

A DEMANDA do Santo Graal. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/34647/mod_page/content/17/52341123-Demanda-Santo-Graal.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

Página 92

DJAVAN; VELOSO, Caetano. Linha do Equador. In: *Djavan. Coisa de acender*. 1991. CD. Sony Music Entertainment, 1991.